

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

FACULDADE DE ECONOMIA

*Sexualidade Lúdica em Contexto Turístico: O Caso da Concentração
Motard de Faro*

Milene Margarida Gonçalves Lança

Mestrado em Sociologia: Mobilidades e Identidades

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia

Documento Definitivo

Faro

2012

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

FACULDADE DE ECONOMIA

*Sexualidade Lúdica em Contexto Turístico: O Caso da Concentração
Motard de Faro*

Milene Margarida Gonçalves Lança

Mestrado em Sociologia: Mobilidades e Identidades

Dissertação orientada por:

Antónia de Jesus Henriques Correia, Professora Auxiliar com Agregação, FEUAlg

Bernardo Marques Soares da Cruz Coelho, Investigador CIES-IUL

Documento Definitivo

Faro

2012

DEDICATÓRIA

Por tudo o que este trabalho de investigação significou para mim, quero dedicá-lo a uma das pessoas mais importantes da minha vida, a minha avó. A ela devo muito daquilo que sou hoje. Mas, porque o destino quis que partisse sem ver a concretização deste objectivo, esta é a simples forma que tenho de lhe agradecer...

Obrigada avó!

ÍNDICE GERAL

| | |
|---|----|
| ÍNDICE DE FIGURAS | 5 |
| ÍNDICE DE TABELAS | 8 |
| AGRADECIMENTOS | 9 |
| RESUMO | 11 |
| ABSTRACT | 12 |
| CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO..... | 13 |
| CAPÍTULO II – REVISÃO DA LITERATURA | 17 |
| 1 – Construção Social do Género: Uma abordagem Sociológica..... | 17 |
| 2 – Género e Sexualidade: Produção e Vivência das Relações de Intimidade..... | 28 |
| 3 – Sexo, Turismo e Turismo Sexual: Em Busca dos Mesmos Prazeres..... | 44 |
| CAPÍTULO III – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO..... | 56 |
| 1 – Modelo Conceptual..... | 58 |
| 2 – Metodologia Quantitativa | 62 |
| 2.1 – Recolha de Dados..... | 65 |
| 2.2 – Tratamento e Análise dos Dados | 67 |
| 3 – Metodologia Qualitativa | 68 |
| 3.1 – Recolha de Dados..... | 71 |
| 3.2 – Tratamento e Análise dos Dados | 73 |
| 4 – Triangulação de Dados | 76 |
| CAPÍTULO IV – CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO EM ANÁLISE E IDENTIFICAÇÃO DE SEGMENTOS | 78 |
| 1– Perfil dos Visitantes da Concentração Motard de Faro | 78 |
| 1.1 – Caracterização Tripográfica dos Visitantes da Concentração Motard de Faro..... | 82 |
| 2 – Motivações de Viagem | 84 |

| | |
|--|-----|
| 2.1 – Segmentos de Mercado | 94 |
| CAPÍTULO V – PERCEPÇÕES SOBRE A SEXUALIDADE..... | 99 |
| CAPÍTULO VI – EXPERIMENTAÇÃO DA SEXUALIDADE NA VIDA QUOTIDIANA..... | 110 |
| CAPÍTULO VII – EXPERIMENTAÇÃO DA SEXUALIDADE EM FÉRIAS | 118 |
| CAPÍTULO VIII – EXPERIMENTAÇÃO DA SEXUALIDADE NA CONCENTRAÇÃO MOTARD DE FARO | 134 |
| CAPÍTULO IX – DESTINO ENQUANTO CENÁRIO ERÓTICO PRODUZIDO: EMERGÊNCIA DE UM NOVO SEGMENTO DE MERCADO | 150 |
| 1 – O Algarve enquanto Destino Turístico: Imagem e Satisfação..... | 151 |
| 2 – A Concentração Motard de Faro: Imagem e Satisfação | 161 |
| 3 – Intenções Futuras dos Visitantes da Concentração Motard de Faro..... | 172 |
| CAPÍTULO X – CONCLUSÕES | 185 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 190 |
| ANEXOS | 198 |
| Anexo I – Inquérito..... | 199 |
| Anexo II – Tabelas de Apoio ao Capítulo IV | 202 |
| Anexo III - Tabelas de Apoio ao Capítulo VI | 211 |
| Anexo IV - Tabelas de Apoio ao Capítulo VII..... | 213 |
| Anexo V - Tabelas de Apoio ao Capítulo VIII..... | 217 |
| Anexo VI - Tabelas de Apoio ao Capítulo IX | 222 |
| Anexo VII – Guião de Entrevista aos Motards..... | 235 |
| Anexo VIII – Sinopses das Entrevistas aos Motards | 239 |
| Anexo IX – Guião de Entrevista aos Membros do Moto Clube Faro..... | 261 |
| Anexo X – Transcrição das Entrevistas aos Membros do Moto Clube Faro..... | 263 |
| Anexo XI – Sinopses das Entrevistas aos Membros do Moto Clube Faro..... | 275 |

ÍNDICE DE FIGURAS

CAPÍTULO III – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Figura 3.1 – Modelo Conceptual61

CAPÍTULO IV – CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO EM ANÁLISE E IDENTIFICAÇÃO DE SEGMENTOS

Figura 4.1 – Caracterização Sócio-demográfica dos Visitantes 79

Figura 4.2 – País de Residência dos Visitantes80

Figura 4.3 – Região de Residência dos Visitantes.....80

Figura 4.4 – Logística da Viagem dos Visitantes.....82

Figura 4.5 – Motivo da Visita.....83

Figura 4.6 – Tipo de Visitante84

Figura 4.7 – Grau de Importância dos Factores Intrínsecos86

Figura 4.8 – Grau de Importância dos Factores Intrínsecos, segundo a Nacionalidade.....88

Figura 4.9 – Grau de Importância dos Factores Intrínsecos, segundo o Género.....89

Figura 4.10 – Grau de Importância dos Atributos do Destino91

Figura 4.11 – Grau de Importância dos Atributos do Destino, segundo a Nacionalidade ..92

Figura 4.12 – Grau de Importância dos Atributos do Destino, segundo o Género93

CAPÍTULO VII – EXPERIMENTAÇÃO DA SEXUALIDADE EM FÉRIAS

Figura 7.1 – Comportamentos em Férias 119

Figura 7.2 – Comportamentos em Férias, segundo a Nacionalidade 122

Figura 7.3 – Comportamentos em Férias, segundo o Género 125

Figura 7.4 – Comportamentos em Férias, por Cluster..... 126

Figura 7.5 – Ocorrência e Valorização de Relações Sexuais em Contexto Turístico 128

Figura 7.6 – Ocorrência de Relações Sexuais em Contexto Turístico, por Cluster 129

Figura 7.7 – Valorização das Relações Sexuais em Contexto Turístico, por Cluster 130

CAPÍTULO VIII – EXPERIMENTAÇÃO DA SEXUALIDADE NA CONCENTRAÇÃO MOTARD DE FARO

| | |
|---|-----|
| Figura 8.1 – Atitudes na Concentração Motard de Faro..... | 136 |
| Figura 8.2 – Atitudes na Concentração Motard de Faro, segundo a Nacionalidade | 138 |
| Figura 8.3 – Atitudes na Concentração Motard de Faro, segundo o Género | 140 |
| Figura 8.4 – Atitudes na Concentração Motard de Faro, por Cluster..... | 148 |

CAPÍTULO IX – DESTINO ENQUANTO CENÁRIO ERÓTICO PRODUZIDO: EMERGÊNCIA DE UM NOVO SEGMENTO DE MERCADO

| | |
|---|-----|
| Figura 9.1 – Imagem do Algarve..... | 152 |
| Figura 9.2 – Imagem do Algarve, segundo a Nacionalidade | 153 |
| Figura 9.3 – Imagem do Algarve, segundo o Género..... | 154 |
| Figura 9.4 – Imagem do Algarve, por Cluster..... | 155 |
| Figura 9.5 – O Algarve está a tornar-se um destino de turismo sexual?..... | 156 |
| Figura 9.6 – Satisfação Global com o Algarve..... | 157 |
| Figura 9.7 – O que gosta mais no Algarve | 158 |
| Figura 9.8 – Satisfação Global com o Algarve, segundo a Nacionalidade | 159 |
| Figura 9.9 – Satisfação Global com o Algarve, segundo o Género..... | 160 |
| Figura 9.10 – Satisfação Global com o Algarve, por Cluster..... | 161 |
| Figura 9.11 – Imagem da Concentração Motard de Faro | 162 |
| Figura 9.12 – Imagem da Concentração Motard de Faro, segundo a Nacionalidade..... | 164 |
| Figura 9.13 – Imagem da Concentração Motard de Faro, segundo o Género..... | 165 |
| Figura 9.14 – Imagem da Concentração Motard de Faro, por Cluster | 166 |
| Figura 9.15 – Satisfação Global com a Concentração Motard de Faro..... | 167 |
| Figura 9.16 – O que gosta mais na Concentração Motard de Faro | 168 |
| Figura 9.17 – Satisfação Global com a Concentração Motard de Faro, segundo a Nacionalidade | 169 |
| Figura 9.18 – Satisfação Global com a Concentração Motard de Faro, segundo o Género | 170 |

| | |
|--|-----|
| Figura 9.19 – Satisfação Global com a Concentração Motard de Faro, por Cluster..... | 171 |
| Figura 9.20 – Intenção de Regressar ao Algarve..... | 173 |
| Figura 9.21 – Intenção de Regressar ao Algarve, segundo a Nacionalidade..... | 174 |
| Figura 9.22 – Intenção de Regressar ao Algarve, segundo o Género..... | 175 |
| Figura 9.23 – Intenção de Regressar ao Algarve, por Cluster..... | 176 |
| Figura 9.24 – Intenção de Regressar ao Algarve dos Mais Satisfeitos..... | 177 |
| Figura 9.25 – Intenção de Regressar à Concentração Motard de Faro..... | 178 |
| Figura 9.26 – Intenção de Regressar à Concentração Motard de Faro, segundo a Nacionalidade | 179 |
| Figura 9.27 – Intenção de Regressar à Concentração Motard de Faro, segundo o Género..... | 180 |
| Figura 9.28 – Intenção de Regressar à Concentração Motard de Faro, por Cluster..... | 181 |
| Figura 9.29 – Intenção de Regressar à Concentração Motard de Faro dos Mais Satisfeitos | 182 |

ÍNDICE DE TABELAS

CAPÍTULO IV – CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO EM ANÁLISE E IDENTIFICAÇÃO DE SEGMENTOS

Tabela 4.1 – Caracterização Sócio-demográfica dos Entrevistados.....81

Tabela 4.2 – Importância dos Factores Endógenos na Escolha de um Destino de Férias...95

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho de investigação só foi possível pela conjugação de esforços e empenho de um conjunto de pessoas a quem não posso deixar de agradecer.

Em primeiro lugar, o meu agradecimento é dirigido aos Membros do Moto Clube de Faro, em especial a José Amaro e Arnaldo Brasa, que prontamente se disponibilizaram para apoiar este estudo, facilitando a recolha de dados no recinto da Concentração e prestando todo apoio logístico necessário à boa prossecução do trabalho.

Em segundo lugar, devo agradecer a todos os motards que colaboraram nesta investigação através do preenchimento do inquérito e da entrevista *on-line*. Falar de questões íntimas como é o caso da sexualidade nem sempre é fácil, pelo que é de louvar a sua disponibilidade para abordar esta temática.

Em terceiro lugar, gostaria de agradecer de forma muito especial aos meus orientadores, Professora Doutora Antónia Correia (FEUAlg) e Dr. Bernardo Coelho (CIES-IUL), a quem muito devo. Os seus pareceres, sugestões, esclarecimento de dúvidas e mesmo o suporte emocional, foram cruciais para o êxito deste trabalho. Sem o seu apoio nada disto teria sido possível.

Depois, gostaria de agradecer particularmente ao Professor Doutor João Filipe Marques, director do Mestrado em Sociologia: Mobilidades e Identidades, da FEUAlg, pelas sugestões, comentários, apoio moral e também pela disponibilização de suporte bibliográfico. A sexualidade e o turismo são temáticas de interesse partilhado, pelo que foram longos e profícuos os diálogos estabelecidos.

Um especial agradecimento deve ser ainda dirigido ao Professor Doutor Guilherme Castela (FEUAlg), ao Professor Doutor Fernando Bessa Ribeiro (UTAD) e ao Professor Doutor Chris Ryan (Waikato University). Ao Professor Doutor Guilherme Castela pelo apoio ao nível da análise quantitativa, e ao Professor Doutor Fernando Bessa Ribeiro e Professor Doutor Chris Ryan pela cedência de suporte bibliográfico e sugestões úteis ao trabalho desenvolvido.

Finalmente, mas não menos importante, aos voluntários da APF (Associação para o Planeamento da Família) que colaboraram na recolha de dados, e aos meus amigos do

coração, Ana Francisca Sousa, Catarina Doutor, Daniel Henriques, Eunice Guerreiro, João Ferradeira, Rui Mascarenhas e Teresa Gonçalves, acima de tudo pelo suporte emocional, mas também no que respeita à recolha de dados e revisão textual. E ainda à minha mãe, Custódia Marreiros, e namorado/amigo de todas as horas, Carlos Calado, pela amizade e apoio incondicionais.

A todos, um sincero obrigado!

RESUMO

O sexo e o romance fazem parte da vida quotidiana, mas tendem a ser mais proeminentes durante as férias. O turismo também faz parte das necessidades humanas e representa uma ruptura com a rotina do dia-a-dia. A relação entre turismo, sexo e romance tem sido estudada ao longo dos anos, permitindo uma maior compreensão do que motiva os turistas. No entanto, um consenso sobre o efeito moderador do sexo e do romance sobre a decisão de viajar ainda não existe. O ambiente também é uma variável importante para activar estes prazeres. Esse é o motivo pelo qual esta pesquisa incide sobre um evento lúdico onde a liberdade e os shows eróticos podem contribuir para atrair turistas, cujas principais motivações são o sexo e o romance. Com efeito, este estudo pretende analisar o tipo de prazeres que os turistas procuram quando decidem participar na Concentração Motard de Faro.

Recorrendo aos *mixing methods*, foi aplicado numa primeira fase um questionário a uma amostra representativa de 449 turistas nacionais e estrangeiros. O questionário tem 26 questões derivadas da literatura sobre motivações e atitudes dos turistas, especialmente focadas nos comportamentos sexuais em férias e durante o evento. Para validar esta recolha de dados, foram realizadas na segunda fase 18 entrevistas em profundidade (16 a motards e duas a informantes privilegiados).

Os resultados desta investigação sugerem que os visitantes da Concentração Motard de Faro não têm os mesmos comportamentos em férias. Distinguem-se dois clusters: um viaja com motivações sexuais/românticas e o outro viaja com motivações de diversão/socialização. Os resultados sugerem também que os comportamentos dos turistas dependem do género, levantando pistas importantes para a análise sociológica, nomeadamente sobre a relação entre género e sexualidade. Além disso, os comportamentos em férias não diferem dos que são adoptados no evento, significando que o sentido de fuga/evasão contribui mais do que o ambiente para a ocorrência de relações sexuais ou românticas. Finalmente, este estudo defende que quem viaja com motivações sexuais/românticas avalia o destino de forma mais positiva e apresenta uma maior intenção de retorno. Além disso, o evento não contribui directamente para melhorar as relações estabelecidas, sendo esta a consequência de um desejo intrínseco.

ABSTRACT

Sex and romance are part of daily life, which tend to be more prominent during the holidays. Tourism is also part of human needs and represents a break in one's normal life. The relationship between tourism, sex and romance has been extensively researched over the years, leading to a comprehensive understanding of what motivates tourists, however, consensus about the moderating effect of sex and romance on the decision to travel is still lacking. The environment is also an important variable to activate these pleasures; this is the reason why this research focuses on an international event where freedom and erotic shows may contribute to attract tourists whose main motivations are sex and romance. This study attempts to depict what kind of pleasures tourists are looking for when they decided to participate in Faro International Bike Meeting.

Mixing quantitative and qualitative methods, it was applied a questionnaire to a representative sample of 449 Portuguese and foreign tourists. The questionnaire has 26 questions derived from the literature about tourists' motivations and behaviors, focusing the sexual behaviors on holidays and during the event. To validate this data collection, 18 in-depth interviews were undertaken (16 to the bikers and two to the experts).

The results suggest that Faro International Bike Meeting visitors do not have the same behaviors on vacation. There are two different clusters: one has sex and romance as travel motivations and the other has fun and socialization. The results suggest also that the tourists' behaviors depend on gender: male and female responses raise many important clues to the sociological analysis, concerning the connection between gender and sexuality. Further, the behavior on holidays is not quite different from the behavior adopted during the meeting, meaning the sense of the escape contributes more than the environment to enact romance and sex relationships. This research also argues that who travels with sexual or romantic motivations evaluates the destination in a more positive way and has a higher intention to return. Further, the meeting is not contributing directly to enhance relationships, being this a consequence of an intrinsic desire.

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

A dissertação que aqui se apresenta insere-se no âmbito do Mestrado em Sociologia: Mobilidades e Identidades, da Faculdade de Economia da Universidade do Algarve, e tem como objectivo primordial perceber a forma como os indivíduos expressam e experimentam a sua sexualidade na vida quotidiana, em destinos turísticos como é o caso do Algarve e, em particular, no *setting* da Concentração Motard de Faro.

O comportamento humano e, mais concretamente, a forma como os indivíduos se relacionam na sua intimidade tem vindo a despertar a curiosidade científica, nomeadamente dos cientistas sociais. Os primeiros estudos sobre sexualidade datam do início do século XIX e foram marcados pelas abordagens essencialistas e biologicistas, que determinam que o comportamento sexual humano deriva de condicionantes biológicas. O mesmo é dizer que o ser humano responde a impulsos sexuais irreprimíveis, sendo que as relações que estabelece têm claramente uma base biológica, na medida em que a reprodução é imperativa à continuidade da espécie.

No mesmo sentido, os estudos de género tiveram na sua origem uma explicação determinista: homens e mulheres comportavam-se de forma divergente em função das características anatómicas que os distinguiam. Em boa verdade, durante muito tempo o género masculino foi naturalizado, como se as sociedades fossem constituídas apenas por homens. As mulheres, por sua vez, eram relegadas para segundo plano, senão mesmo omitidas do pensamento científico.

Com o surgimento da teoria feminista de inspiração neo-marxista, por inícios da década de 70 do século XX, a visão androcêntrica do mundo foi posta em causa. O conceito de género foi adoptado no sentido de enfatizar a construção social da masculinidade e da feminilidade, bem como as relações sociais entre homens e mulheres. A partir de então, as relações de género e as desigualdades que lhes são subjacentes passaram a ser analisadas sob o prisma sociocultural, embora não negligenciando o contributo dos autores clássicos sobre a temática.

A relação entre género e sexualidade é, portanto, muito estreita. Seja em função de determinantes biológicas ou de condicionalismos de ordem sociocultural, o facto é que homens e mulheres expressam e vivem a sexualidade de forma claramente distinta. O duplo padrão sexual, o moralismo social e a dominação masculina continuam a legitimar desigualdades de género face à expressão/experimentação sexuais.

Por outro lado, não menos importante é a relação entre sexo e turismo, na medida em que as viagens turísticas fazem cada vez mais parte dos desígnios dos indivíduos e, sendo o sexo parte integrante da vida, é natural que se envolvam em actividades sexuais também quando viajam. A experimentação sexual não fica em casa, também vai de férias. A propósito, muitos têm sido os estudos realizados nas últimas décadas sobre a relação entre sexo e turismo, pese embora, o foco da análise tenha sido maioritariamente o turismo sexual.

Com efeito, o *setting* turístico apresenta particular relevância nesta investigação. O Algarve é sobejamente reconhecido enquanto destino turístico de excelência e estudos anteriores apontam para que esta região seja cada vez mais visitada por indivíduos que procuram novidade, aventura e diversão. Nesse sentido, importa perceber de que forma os turistas que visitam o Algarve percebem a novidade, a aventura e a diversão, e como é que estas componentes se relacionam com a experimentação sexual.

No cruzamento destes três eixos – género, sexualidade e turismo – importa compreender de que forma os indivíduos se vêem a si e aos outros enquanto sujeitos sexuais, e como experimentam a sua sexualidade na vida quotidiana, mas também em contexto turístico, em particular no Algarve.

Mais ainda, o *setting* da Concentração Motard de Faro surge como forma de materialização da experiência turística no Algarve. A opção por estudar os comportamentos dos visitantes da Concentração decorre de uma necessidade manifesta de romper os estereótipos normalmente associados aos motards e a eventos deste género. Assim, será que num ambiente aparentemente desregrado e disruptor das regras socialmente impostas, os indivíduos apresentam comportamentos promíscuos? Ou, pelo contrário, verifica-se um investimento numa sexualidade mais tradicional e conservadora?

Com efeito, partimos do pressuposto de que toda a sexualidade é lúdica, seja na rotina do dia-a-dia, seja em contexto turístico ou em eventos como a Concentração Motard de Faro onde, aparentemente, as oportunidades de diversão e de busca de uma realidade extraordinária, são superiores. Ainda assim, toda a sexualidade é lúdica desde que vivida voluntariamente e em função do prazer.

Não obstante, cabe ao sociólogo enquanto pesquisador da realidade social, perceber o fenómeno em questão e identificar as suas reais causas. Para o efeito, a investigação que aqui se apresenta suporta-se nos *mixing methods*, através da realização de inquéritos e entrevistas aos motards que visitaram a 29ª Concentração Motard de Faro, em 2010, na tentativa de concretizar os seguintes objectivos específicos:

1 – A dominação masculina e o duplo padrão sexual sugerem discursos e comportamentos sexuais claramente diferenciados de acordo com o género. Assim, importa perceber se em contexto de férias esta diferenciação se mantém;

2 – Por outro lado, a literatura sugere que o comportamento sexual em férias diverge do que é adoptado no quotidiano, pelo que importa perceber se o mesmo se verifica no âmbito desta investigação;

3 – Finalmente, importa perceber quais são os factores que mais contribuem para a experimentação de uma sexualidade lúdica durante as férias e, de forma mais concreta, durante a Concentração Motard de Faro.

De modo a cumprir com os objectivos delineados, a dissertação que aqui se apresenta encontra-se estruturada em dez capítulos, sendo eles: I – Introdução; II – Revisão da Literatura; III – Metodologia de Investigação; IV – Caracterização da População em Análise: Identificação de Segmentos; V – Percepções sobre a Sexualidade; VI – Experimentação da Sexualidade na Vida Quotidiana; VII - Experimentação da Sexualidade em Férias; VIII - Experimentação da Sexualidade na Concentração Motard de Faro; IX – Destino enquanto Cenário Erótico Produzido: Emergência de um Novo Segmento de Mercado; X – Conclusões.

Finalmente, devemos referir que a relevância científica desta investigação deve-se, em primeiro lugar, ao carácter inovador que apresenta: é a primeira vez que se realiza em Portugal um estudo desta natureza, que permite aliar as questões do género, da sexualidade e do turismo. Mais ainda, é a primeira vez que se realiza um estudo sobre as formas de expressão e experimentação da sexualidade de um público com características tão particulares, como é o caso daqueles que partilham o gosto pela cultura motard. Em segundo lugar, a importância deste estudo prende-se com a identificação de sinergias criadas pela Concentração Motard de Faro. De forma mais específica, o evento atrai milhares de visitantes ao Algarve numa base anual, sendo inequívocos os contributos para o sector do turismo e para a economia regional. Com efeito, a identificação de padrões de comportamento dos seus visitantes revela-se extremamente útil no sentido da fidelização e da captação de novos visitantes.

CAPÍTULO II – REVISÃO DE LITERATURA

1 – Construção Social do Género: Uma Abordagem Sociológica

Os estudos do género passaram a fazer parte do léxico sociológico a partir do início dos anos 70 do séc. XX. De facto, nos últimos anos, poucas áreas da Sociologia se desenvolveram tão significativamente ou emergiram com um papel central no seio desta disciplina, como é o caso do estudo das relações de género. Em grande medida, tal é o reflexo das profundas mudanças ocorridas nas sociedades em que, diferenças identificadas ao nível das identidades e dos padrões de comportamento masculinos e femininos, justificam os estudos desenvolvidos cujo foco é o género.

Até à década de 70, a grande maioria dos sociólogos e de outros cientistas neutralizaram o género masculino como se os homens constituíssem toda a sociedade. Ao invés, o papel da mulher foi, até essa altura, sempre relegado para segundo plano, senão mesmo omitido do pensamento sociológico. Sempre que, por qualquer motivo, as mulheres eram objecto de análise, o seu papel na sociedade era visto como algo de “natural”, “predestinado” e que, apesar de fazer parte da realidade social, não era alvo de problematização. Ainda assim, os estudos realizados privilegiavam sobretudo os factores biológicos enquanto elementos diferenciadores dos indivíduos.

De entre os autores clássicos da Sociologia, como é o caso de Marx, Engels, Weber, Durkheim e Simmel – homens, não por acaso – poucos foram aqueles que tiveram em conta questões como o género e a sexualidade. O seu pensamento toma o masculino como uma espécie de neutro, sobre o qual se produz a análise. Nesse sentido, o pensamento dos autores clássicos não escapa àquilo a que Bourdieu (1999), mais tarde, chamaria de “economia simbólica masculina”.

Marx (1976), por exemplo, cujo legado viria a ser tão importante para a corrente feminista¹, teve, ele próprio, pouco a dizer sobre as mulheres e o género. Pelo contrário, ocupou-se do estudo do capitalismo e da luta de classes como se as sociedades fossem compostas apenas por homens (Marx, 1976 *in* Jackson e Scott, 2002). A neutralidade foi assumida em virtude da pouca relevância política que as questões de género apresentavam à data:

“Marx was concerned exclusively with class, with the exploitation of the proletariat (the working class) by the bourgeoisie (the capitalist class). Although, these classes were theoretically asexual, in fact Marx treated both workers and capitalists as men (without seeing their gender as in any way significant). Women were thus, rendered invisible” (Jackson e Scott, 2002:3).

Engels, na sua obra *The Origins of the Family, Private Property and the State*, cuja primeira edição data de 1884, demonstra já alguma preocupação com a participação da mulher na sociedade. Porém, afirma que a condição social da mulher advém de factores biológicos:

“Engels starts from the assumption that, at some time in prehistory, women and men were equal – if different. He assumed that the division of labour between men (breadwinners) and women (domesticated wives and mothers) had always existed (...)” (*Ibidem*:3).

O contributo de Weber (1904 *in* Jackson e Scott, 2002) para o estudo do género deu-se através do conceito de patriarcado. De acordo com o autor, os homens mais velhos detêm

¹ A corrente feminista de inspiração marxista nasce como forma de contestação ao feminismo radical e ao próprio marxismo. Partindo dos conceitos de capitalismo e de luta de classes estudados por Marx, as feministas neo-marxistas introduzem uma análise mais complexa da opressão das mulheres, tendo em conta factores como a produção, a reprodução, a sexualidade, a socialização (Mitchell, 1973 *in* Tavares *et al.*, 2009). “Segundo a corrente feminista neo-marxista, a divisão sexual do trabalho é essencial para a reprodução do capitalismo e para manter a subordinação das mulheres. Contudo, outros factores de dominação são considerados. A discriminação sobre as mulheres surge não apenas na sua relação com o sistema económico, mas com o sistema de uma dominação masculina hegemónica” (Tavares *et al.*, 2009:23).

poder sobre as mulheres, bem como sobre os homens mais novos. Enquanto “facto natural”, esta ascendência por parte dos homens mais velhos justifica a subordinação da mulher:

“Like Marx and Engels, Weber did not question the basic division between men and women. He considered the mother/child unit to be natural and therefore not sociologically significant” (Jackson e Scott, 2002:4).

Durkheim (1964 *in* Jackson e Scott, 2002), por sua vez, sob a égide da corrente funcionalista, aborda a questão do género ao afirmar que, para que a sociedade funcione de forma harmoniosa, todos os seus membros devem ter um papel bem definido. Defensor da coesão e reprodução social, sublinha uma complementaridade de papéis entre homens e mulheres:

“Durkheim saw this sexual difference as fundamental to the conjugal bond, making men and women dependent on each other in a complementary relationship in which one of the sexes takes care of the affective functions [women] and the other of the intellectual functions [men]” (Jackson e Scott, 2002:5).

Finalmente e, à semelhança de Engels, Weber e Durkheim, também Simmel (1911 *in* Jackson e Scott, 2002) abordou a questão do género, afirmando que as diferenças entre homens e mulheres são de ordem natural. Nesse sentido, a masculinidade é perspectivada como sendo a norma e a feminilidade a fuga a essa norma:

“The fact that the male sex is not only considered relatively superior to the female, but that it is taken as the universal human norm (...) is, in many different ways, based on the power position of the male” (Simmel, 1911 *cit in* Jackson e Scott, 2002:6).

Ainda que Simmel mostre as desigualdades simbólicas e objectivas entre homens e mulheres, ele foi o primeiro autor de entre os clássicos da Sociologia preocupado em questionar a cristalização ou naturalização dessas desigualdades. Embora reconheça uma realidade em que a dominação masculina configura a ordem social, Simmel assume uma visão aberta à mudança. Preocupa-se, portanto, em problematizar as possibilidades de mudança no quadro da sua contemporaneidade. Contudo, os seus escritos apresentam problemas de conceptualização e de operacionalização dessas possibilidades de mudança - acaba por ficar fechado numa teia de reprodução simbólica, que tende sempre a reproduzir a dominação masculina:

“Among the most diverse elements of which all the relationships between men and women consist, there is found also a typical animosity emergent from the two sources – that women, as the physically weaker, are always in danger of economic and personal exploitation and absence of rights, and that they, as the objects of the sensual desire of men, must maintain a defensive posture against them” (Simmel, 2009 [1908]:284).

Apesar do contributo relativo destes autores, na medida em o papel masculino foi sobejamente valorizado em detrimento do feminino, a verdade é que o seu legado serviu de base para estudos posteriores, nomeadamente para as correntes feministas neo-marxistas.

Um dos estudos que precede os movimentos feministas pela igualdade de género e, cujas conclusões tiveram profundas implicações nesses movimentos, foi conduzido por Freud (1965, 2000 [1962]). O autor fundou a sua teoria psicanalítica em factores biológicos, de forma a explicar a emergência da identidade de género. Segundo este autor, a aprendizagem das diferenças de género nos bebés e crianças centra-se na posse ou ausência do pénis. No entanto, Freud afirma que a aprendizagem do género não tem na sua essência apenas uma distinção anatómica (apesar desta ser crucial) – a posse ou ausência do pénis são imagens simbólicas da masculinidade e feminilidade. De acordo com esta teoria, os rapazes, por volta dos quatro ou cinco anos de idade, começam a afastar-se da mãe, reprimindo os seus sentimentos eróticos. Ao mesmo tempo, ao aceitarem o pai como um ser superior e agente

de disciplina, identificam-se com ele, tomando consciência da sua identidade masculina. Por oposição, as raparigas supostamente sentem “inveja do pénis” por não possuírem um órgão sexual visível como os rapazes. Nesse sentido, ao identificarem-se com a mãe, a qual também é desprovida de um órgão sexual visível, assumem uma atitude de submissão e inferioridade.

A teoria de Freud, apesar da reconhecida importância no que toca ao desenvolvimento e à aprendizagem do género, e de servir de base a desenvolvimentos teórico-conceituais posteriores, foi alvo de fortes críticas, especialmente por parte de feministas. De Beauvoir, na sua obra *The Second Sex* (1989), assume uma atitude de contestação para com este autor: “Freud never showed much concern with the destiny of woman; it is clear that he simply adapted his account from that of the destiny of man, with slight modifications” (De Beauvoir, 1989:39).

Entre as principais críticas apontadas à teoria de Freud temos o facto de o autor fazer uma correspondência demasiado estreita entre a identidade de género e a “consciência genital”; o facto da sua teoria parecer depender da noção de que o pénis é superior à vagina – que é considerada como uma mera ausência do órgão genital masculino; o facto de o autor considerar o pai como o principal agente disciplinador, quando em muitas culturas é a mãe que exerce essa função; e finalmente o facto de o autor considerar que a aprendizagem do género começa por volta dos quatro ou cinco anos de idade, quando a maioria dos autores contemporâneos realça a importância de uma aprendizagem anterior.

No entanto, as críticas apontadas à teoria psicanalítica de Freud não anulam a importância que esta viria a ter no âmbito das mais recentes teorizações sobre as relações sociais de género. A teoria psicanalítica revelou-se fundamental, por exemplo, para a visão agencialista do género produzida por Butler (1999). Esta autora, apoiando-se nas teorias da performatividade do género, centra a construção das relações de género na capacidade de agência, ou seja, na capacidade que os indivíduos têm para actuar na produção do real. O mesmo será dizer que os indivíduos constroem as relações de género a partir de formas socialmente variáveis de desempenhar um ou vários papéis sexuais.

Outro estudo de singular importância sobre as relações de gênero foi levado a cabo por Parsons (1956), um dos principais mentores da corrente funcionalista. Este autor, em colaboração com Bales (1956), estudou o papel da família nas sociedades industriais americanas, acreditando que a estabilidade e o apoio das famílias eram fundamentais para uma socialização de sucesso nas crianças. A família funcionava de uma forma mais eficaz com a divisão sexual do trabalho bem definida, em que as mulheres desempenhariam papéis expressivos, proporcionando assistência, segurança e apoio emocional às crianças e ao marido, ao passo que os homens desempenhariam papéis instrumentais, sendo a fonte de sustento da família. Para Parsons e Bales (1956), as tendências expressivas e educativas das mulheres deveriam ser utilizadas para a estabilidade e conforto dos homens. Esta divisão complementar de papéis, que resulta mais de uma distinção biológica do que cultural, garantiria a solidariedade da família e a coesão social. Mais tarde Connell (1987) recupera esta ideia, designando por “feminilidade enfatizada” as mulheres que desempenham papéis expressivos e que ocupam a base da hierarquia social, e por “masculinidade hegemónica” os homens que desempenham papéis instrumentais e que ocupam uma posição hierarquicamente superior na sociedade.

Com o surgimento da teoria feminista, por inícios da década de 70, a visão androcêntrica do mundo que prevalecera durante tanto tempo, foi colocada em questão. O conceito de gênero foi adoptado no sentido de enfatizar a construção social da masculinidade e da feminilidade, bem como as relações sociais entre homens e mulheres. Até então, o sexo ou os factores de ordem biológica prevaleceram enquanto elementos diferenciadores dos indivíduos. Acreditava-se, portanto, que as divergências de comportamento entre homens e mulheres provinham de diferenças exclusivamente biológicas. Se os homens eram mais fortes e autoritários, e as mulheres mais frágeis e emotivas, essas diferenças seriam de ordem biológica e inata (note-se, a título de exemplo, os estudos realizados por Freud, 1965, 2000 [1962] e Parsons e Bales, 1956).

O conceito de gênero veio alterar os pressupostos da discussão em torno das relações sociais entre homens e mulheres: as desigualdades sociais e politicamente construídas deixaram de ser naturalizadas como diferenças biológicas ou ontológicas, para passarem a ser designadas enquanto produto cultural. O mesmo será dizer que se os homens são vistos

como mais fortes, agressivos e autoritários, deve-se ao facto de serem socializados enquanto tal. O mesmo acontece em relação às mulheres, vistas como mais dóceis, emotivas e passivas. Ou seja, homens e mulheres, desde tenra idade, são educados para incorporarem determinadas características de género que, desejavelmente devem coincidir com as suas características biológicas: o homem deve ser socializado no género masculino e a mulher no género feminino. Estamos perante aquilo a que Giddens (2000) define como “socialização de género”, ou seja, “uma aprendizagem dos papéis de género através de factores sociais, como a família e os meios de comunicação” (Giddens, 2000:123).

Neste sentido, podemos afirmar que, ao contrário do sexo – que corresponde às diferenças físicas e corporais entre os indivíduos – o género é apreendido social e culturalmente. Nas palavras de Giddens,

“A aprendizagem do género por crianças é, quase de certeza, uma aprendizagem inconsciente. Antes das crianças se poderem, com precisão, auto-rotularem de «menino» ou «menina», recebem uma vasta gama de indicadores pré-verbais. Por exemplo, homens e mulheres adultos tratam normalmente as crianças de maneira diferente. (...) Diferenças sistemáticas no vestuário, penteado e tudo o resto fornecem indicadores visuais para o processo de aprendizagem da criança. (...) [Também] os livros de histórias e programas de televisão com os quais as crianças estão em contacto tendem a realçar as diferenças entre os atributos masculinos e femininos” (Giddens, 2000:124).

O trabalho desenvolvido pela socióloga americana Chodorow (1978, 1989) põe em evidência as relações de género, partindo de um pressuposto sociocultural. Para esta autora, o facto das crianças se identificarem como “meninos” ou “meninas” deriva da sua ligação aos pais nos primeiros anos de vida. Ao contrário de Freud, Chodorow coloca a ênfase na relação com a mãe: “That we are mothered by women, that in all societies women rather than men have primary parenting responsibilities, is an important social and cultural fact (...)” (Chodorow, 1989:6). As crianças têm, portanto, tendência a ficar ligadas emocionalmente à mãe, na medida em que esta é, sem dúvida, a influência dominante na fase inicial das suas vidas. Porém, este apego tem necessariamente de ser quebrado para

que as crianças possam ganhar consciência de si próprias, e este processo de separação ocorre de forma distinta para rapazes e raparigas. No caso das raparigas, não chega a haver uma ruptura radical com a mãe, pois identificam-se com ela. Isto faz com que desenvolvam um sentimento de dependência: primeiro, enquanto crianças, relativamente à mãe, e depois, na idade adulta, relativamente ao homem com quem venham a desenvolver uma relação de intimidade. Os rapazes, por seu turno, ao realizarem uma ruptura mais radical com a mãe, desenvolvem um sentido de individualidade mais forte, forjando o seu entendimento da masculinidade a partir do que não é feminino. Com efeito, não têm muita capacidade para se relacionarem de uma forma íntima com outras pessoas, desenvolvem uma visão mais crítica e analítica do mundo, dão maior ênfase à sua realização pessoal por oposição à sentimental e, nesse sentido, têm pouca capacidade para entender os seus sentimentos e os dos outros.

Chodorow apresenta uma nova leitura da teoria psicanalítica de Freud, invertendo até certo ponto a ideologia do autor: é a masculinidade que é vista como uma perda. A identidade masculina forma-se, portanto, a partir do fim da ligação íntima com a mãe.

Ainda assim, e apesar de centrar a análise do género a partir de factores socioculturais, a sua teoria é também alvo de inúmeras críticas. Sayers (1986), sendo uma das suas principais opositoras, argumenta que Chodorow não fornece uma explicação para a luta de emancipação das mulheres. Ao mesmo tempo, Sayers argumenta que a feminilidade pode esconder sentimentos de agressividade ou de afirmação e que a própria concepção de feminilidade pode variar de cultura para cultura. Finalmente, Chodorow foi ainda criticada pelo facto da sua teoria se basear no modelo de família tradicional branca de classe média. Que identidade desenvolveria, por exemplo, uma criança educada exclusivamente pela figura paterna (no caso das famílias monoparentais, gays, ou em que a mãe tenha falecido)? E o que aconteceria no caso das crianças que são educadas por mais do que um adulto?

No entanto e, apesar das críticas apontadas, a teoria de Chodorow continua a ter valor científico pois, acima de tudo, permite uma melhor percepção acerca da natureza da feminilidade, bem como da chamada “inexpressividade masculina” - dificuldade que os homens parecem ter em revelar ou exprimir os seus sentimentos. Permite ainda traçar um esboço acerca da estratificação social com base no género. O argumento da autora de que o

homem desenvolve uma identidade mais individualista e independente, ao passo que a mulher se torna submissa, é um indício claro das desigualdades de género e da dominação masculina (conceito desenvolvido posteriormente por Bourdieu, 1999).

À semelhança de Chodorow (1978, 1989), outros autores (Connell, 1987, 2005, Jackson e Scott, 2002) argumentam que o conceito de género permite trabalhar teórica e analiticamente as desigualdades entre homens e mulheres. Isto é, o conceito de género tal como é concebido por estes autores, permite perceber como homens e mulheres acedem de forma desigual aos mais diversos recursos (económicos, políticos, educacionais, culturais, etc.). Este conceito tem capacidade de estruturação, organiza e produz ordenamentos de género, que mais não são do que uma estrutura de desigualdades entre homens e mulheres. Nesse sentido, implica uma divisão hierárquica, é negociado quotidianamente e os conceitos de masculinidade e feminilidade variam de sociedade para sociedade:

“Gender as we define it denotes a hierarchical division between women and men embedded in both social institutions and social practices. Gender is thus a social structural phenomenon but is also produced, negotiated and sustained at the level of everyday interaction. The world we inhabit is always already ordered by gender (...). Gender thus encompasses the social division and cultural distinction between women and men as well as the characteristics commonly associated with femininity and masculinity. (...) gender intersects other social divisions and inequalities, such as class, «race» and sexuality, and that the meanings of masculinity and femininity vary within, as well as between, societies” (Jackson e Scott, 2002:1-2).

Giddens (2000) acrescenta um contributo à análise, afirmando que o género é aprendido e reaprendido quotidianamente, sendo evidente a sua importância para a reprodução social. O mesmo será dizer que, o género enquanto forma de estruturação social contribui para reproduzir a sociedade (manutenção dos processos que sustentam as características da estrutura social ao longo do tempo):

“No decorrer de milhares de pequenas acções diárias, reproduzimos socialmente – fazemos e refazemos – o género. Este mesmo processo ajuda-nos a entender o género como uma instituição social, criada e recriada nas nossas interacções com os outros. (...) As diferenças de género são também uma parte importante de outras instituições sociais, como a família, a religião, o trabalho ou a classe social” (Giddens, 2000:128).

Para evidenciar o efeito da estruturação social com base no género, Connell (1987) recorre ao conceito de patriarcado e utiliza as tipologias de “masculinidade hegemónica”, “masculinidade cúmplice”, “masculinidade subordinada”, “feminilidade resistente” e “feminilidade enfatizada”. Partindo de uma representação piramidal, a “masculinidade hegemónica” ocupa o topo e a “feminilidade enfatizada” a base, e a relação que se estabelece entre as diferentes categorias tem origem num único princípio: a dominação masculina.

Segundo Connell (1987), a “masculinidade hegemónica” domina todas as outras masculinidades e feminilidades, pois está associada à heterossexualidade, ao casamento, à autoridade, à força e à resistência física, características que, reunidas, garantem uma supremacia no controlo da vida social; a “masculinidade cúmplice”, por sua vez, beneficia do modelo de “masculinidade hegemónica” mas encontra-se num patamar abaixo, uma vez que não reúne o mesmo conjunto de características; mais abaixo na hierarquia encontra-se a “masculinidade subordinada” que designa, tal como o próprio nome sugere, uma subordinação face à “masculinidade hegemónica”, pois está associada a aspectos como a homossexualidade; descendo mais um patamar na pirâmide, temos a “feminilidade resistente” que designa todas as mulheres que desenvolveram identidades e modos de vida não subordinados, como é o caso das feministas, lésbicas, prostitutas, entre outros; finalmente, na base da pirâmide de Connell temos a “feminilidade enfatizada”, ou seja, as mulheres que procuram conciliar todos os desejos e interesses dos homens, caracterizando-se pela complacência, educação e empatia.

Para esta autora, as masculinidades constituem um elemento crítico na ordem de género e não podem ser entendidas separadamente das feminilidades que as acompanham: “it is the global subordination of women to men that provides an essential basis for differentiation”

(Connell, 1987:183). Neste sentido, é interessante notar como as feminilidades se encontram em posição subalterna face às masculinidades, mesmo face à “masculinidade subordinada”. Para Connell, as mulheres ocupam o patamar mais baixo nas sociedades patriarcais, evidenciando claras desigualdades de gênero. Esta ideia viria mais tarde a ser recuperada por Bourdieu (1999), através do conceito de “economia simbólica masculina”.

Um dos contributos mais importantes da teoria de Connell é, portanto, a sua visão do gênero enquanto dimensão estruturante das sociedades. Isto é, o gênero actua transversalmente em todos os domínios sociais, em todos os contextos. Os efeitos do gênero, as suas formas particulares de ordenamento e as suas normatividades, estruturam diferentes dimensões da realidade social – ou, de outra forma – o gênero estrutura as relações sociais na pluralidade dos contextos em que os indivíduos circulam. Nesse sentido, Connell constrói uma teoria do gênero que articula as dimensões estruturais e agenciais.

Ainda que muito se tenha feito no sentido da busca de uma igualdade de gênero, com os claros contributos dos movimentos e teorias feministas, a igualdade plena é uma realidade utópica. Nos vários domínios da vida em sociedade, quer seja no trabalho ou na família, por exemplo, é evidente a persistência de uma hierarquização com base nas diferenças de gênero. O próprio discurso dos indivíduos, orientado por características como o conservadorismo ou o moralismo social, comporta preconceitos com origem no gênero.

No sub-ponto seguinte, teremos oportunidade de verificar de que forma um ordenamento de gênero produz singularidades nas próprias relações de intimidade entre os indivíduos. O mesmo será dizer que o gênero e as desigualdades que ele comporta estão intimamente relacionados com a sexualidade ou, se quisermos, com a forma como os indivíduos experienciam a sua vida sexual. Ao nível das práticas e dos discursos, os indivíduos produzem e reproduzem as desigualdades de gênero. Nessa medida, as relações sexuais e/ou de intimidade vêm-se espartilhadas pelo moralismo social que, no fundo, não é mais do que a reprodução dessas mesmas desigualdades.

A análise decorrente é, nessa medida, crucial para um melhor entendimento acerca da forma como os indivíduos vivem e expressam a sexualidade nos seus quotidianos e em destinos turísticos, como é o caso do Algarve (*Vide*: ponto 3 deste capítulo).

2 – Género e Sexualidade: Produção e Vivência das Relações de Intimidade

A sexualidade tem claramente uma base biológica, na medida em que a anatomia masculina difere da feminina, bem como a reprodução constitui também um imperativo biológico, de modo a dar continuidade à espécie humana. Partindo destes pressupostos e, à semelhança dos primeiros estudos sobre as relações de género, também os estudos iniciais sobre a sexualidade fundamentaram-se em dados biológicos.

De acordo com a explicação evolucionista ou a visão “essencialista” (Weeks, 1989), homens e mulheres vivem de forma diferente a sua sexualidade. Os homens tendem a ser mais promíscuos do que as mulheres, na medida em que estão biologicamente predispostos a engravidar tantas mulheres quanto possível, para garantir a sua descendência. Por seu lado, as mulheres, nas palavras de Giddens (2000):

“(…) em determinado momento têm apenas um óvulo para ser fertilizado, não partilham este interesse biológico. Pelo contrário, desejam parceiros mais estáveis para proteger a herança biológica investida na protecção dos seus filhos” (Giddens, 2000:131).

Este argumento encontra suporte nos estudos sobre o comportamento animal, os quais pretendem demonstrar que os machos são normalmente mais promíscuos que as fêmeas da mesma espécie. Porém, estudos posteriores vieram demonstrar que a sexualidade é um campo de análise demasiado complexo para que seja atribuível apenas a traços biológicos. Ainda que a materialidade dos corpos seja incontestável, o estudo da sexualidade não pode ficar preso a essa materialidade. A sexualidade e o corpo são, cada vez mais, entendidos como projectos individuais e, nesse sentido, tal como os estudos das relações de género, também devem ser analisados sob o prisma sociocultural.

As atitudes sociais em relação à sexualidade e ao comportamento sexual foram, durante muito tempo, moldadas por factores religiosos. A Igreja Cristã determinou, durante décadas, que as relações sexuais deveriam ter a reprodução como única finalidade, condenando os actos praticados em benefício do prazer.

No início do séc. XIX, as concepções religiosas sobre a sexualidade foram praticamente substituídas pelas de ordem médica. Porém, muitos dos artigos publicados na área da medicina não eram menos austeros que as opiniões da Igreja. Alguns argumentavam mesmo que qualquer tipo de actividade sexual não relacionada com a reprodução conduzia a graves problemas de saúde.

Posteriormente, a época Vitoriana (meados do séc. XIX) caracterizou-se pela existência de uma “hipocrisia sexual”:

“Considerava-se que as mulheres virtuosas eram indiferentes à sexualidade, aceitando unicamente por dever as atenções dos seus maridos. Porém, nas vilas e cidades mais prósperas a prostituição era comum e, muitas vezes, mais ou menos publicamente tolerada; as mulheres de «má fama» eram vistas como pertencendo a uma categoria completamente diferente da das suas respeitáveis irmãs” (Giddens, 2000:133).

Segundo Giddens (2000),

“Muitos homens da época Vitoriana que eram, na aparência, pessoas sóbrias, cidadãos bem comportados e devotados às suas esposas, visitavam regularmente prostitutas ou mantinham amantes. Tal comportamento era tratado com brandura, enquanto «senhoras respeitáveis» que tivessem amantes eram consideradas escandalosas e, se o seu comportamento viesse a público, banidas da «sociedade civilizada»” (Giddens, 2000:134).

Com efeito, durante a época Vitoriana, os comportamentos sexuais dos indivíduos perpassam a necessidade de reprodução. Pela primeira vez na história, o prazer que decorre da prática sexual passou a ser legítimo. Ainda assim, tratava-se de uma legitimidade masculina. A prostituição e o adultério eram aceites porque seria válido o homem libertar as suas fantasias, não com a sua companheira, mas com amantes ou mulheres que se prostituem. De acordo com Sombart (1990),

“Considerava-se de bom-tom que um homem seduzisse uma mulher casada; e o homem que não houvesse conseguido esta sedução era desprezado pelos seus companheiros e era considerado um desgraçado. Isto deu lugar a uma verdadeira febre de aventuras e devaneios galantes por parte da juventude, que obedeciam mais à vontade de satisfazer a vaidade do que à necessidade de apetite sensual” (Sombart, 1990).

A prostituição adquire, à luz da corrente funcionalista, uma função reguladora na sociedade monogâmica e, por isso, é tolerada como um mal necessário. Através da prostituição, o homem liberta as tensões sexuais que a organização social reprime. Na prática, ela responde às necessidades que não são satisfeitas no casamento ou nas uniões estáveis, contribuindo para atenuar os problemas decorrentes das restrições sexuais impostas pela monogamia patriarcal absoluta:

“Dando-lhe um carácter funcional equilibrador de tensões privadas, sendo a prostituição vista como uma forma dos homens libertarem as tensões do dia-a-dia, e como forma de satisfação das suas necessidades e desejos sexuais mais profundos (perceba-se: naturais), coisa que não seria possível concretizarem com as suas legítimas mulheres” (Coelho, 2009a:24).

“A generalidade das aspirações erótico-sexuais que nela [prostituição] se inscrevem poderão, de facto e em boa medida, ser interpretadas à luz dos preceitos ideológicos de uma ordem de género «com dois pesos e duas medidas», que exige a castidade feminina e tolera (e até valoriza) a promiscuidade masculina com base na alegada urgência sexual

irreprimível do homem. Trata-se daquilo a que Jolin designa como «promiscuidade-castidade-desigualdade» (Ribeiro *et al*, 2007:371).

A forma diferente como as actividades sexuais do homem e da mulher eram encaradas deu origem a um “duplo padrão sexual”², que resulta do cruzamento entre género e sexualidade e que, na prática, explica como as normas prescritivas da masculinidade e feminilidade, que determinam o que é ser homem e mulher de forma adequada, prescrevem comportamentos sexuais diferentes para uns e outros. Este “duplo padrão sexual” persistiu durante muito tempo e os seus resíduos ainda se mantêm nos dias de hoje. Por um lado, temos a legitimidade masculina da procura do prazer sexual fora do lar. Por outro, temos a diferenciação entre as mulheres puras e “putas”. De acordo com Carmo e Fráguas (2002),

“As primeiras são o útero, as segundas a vagina. As primeiras são a Mãe, em cujo útero o homem esteve, são a Esposa, em cujo útero estarão os filhos do marido. As segundas são a vagina, ou seja, o prazer. E até parece que por milagre nem as primeiras têm vagina (o máximo de pureza é o filho ter sido colocado directamente no útero, como aconteceu à Virgem Maria), nem as segundas têm útero. E no entanto, puras e ‘putas’, todas são idealizadas como qualquer coisa que se compra. Tudo depende da forma de compra” (Carmo e Fráguas, 2002:313).

O duplo padrão sexual não deriva das diferenças anatómicas ou biológicas dos corpos, mas antes de uma acção política e normativa sobre o controlo dos corpos e da sexualidade. O mesmo será dizer que este duplo padrão é um produto normativo da intersecção do género – enquanto estrutura estruturante – com a sexualidade – enquanto prática relacional.

Todavia, ele apenas se aplica no quadro de uma sexualidade heterossexual ou, se quisermos, de uma heteronormatividade homofóbica. A propósito, note-se que a

² Jackson e Scott (2004), a propósito do “duplo padrão sexual” afirmam que: “women remain concerned with maintaining appropriately feminine sexual respectability, still lack a language of autonomous female desire and pleasure and continue to experience coercive sex” (Jackson e Scott, 2004:240).

heteronormatividade homofóbica é profundamente criticada pela *Queer Theory*, através, por exemplo, dos estudos publicados por Butler (1999).

De acordo com o duplo padrão sexual, a procura do prazer sexual no lar - fruto de uma relação estável - ou fora dele - fruto de relações extra-conjugais, nomeadamente por recurso à prostituição - continua a estar associada mais a uma necessidade masculina do que feminina, necessidade essa que deriva não de instintos inatos, mas sim da relação entre género e sexualidade. Pelo contrário, a busca do prazer pela mulher, ainda que hoje em dia seja aceite como objecto desejável, continua envolta em tabus. Não porque as mulheres não desejem também a obtenção de prazer sexual, mas porque as práticas e os discursos continuam ainda espartilhados pelo moralismo social das sociedades patriarcais.

O duplo padrão sexual coloca as mulheres numa posição particularmente delicada. Limita as suas formas de experimentação e expressão da sexualidade, bem como a sua afirmação enquanto cidadãs sexuais (Coelho, 2009b; Jackson e Scott, 2004). Apesar das lutas travadas pelas feministas no sentido de uma igualdade de género nos diversos domínios, incluindo a sexualidade, as mulheres continuam a ser descritas enquanto “seres emotivos, caprichosos, cujos processos de pensamento não caminham por linhas racionais” (Giddens, 1992:17). Enquanto tal, deverão suprir as necessidades dos maridos, coibindo-se de qualquer tipo de prazer. É como se as mulheres fossem seres “assexuados” e “virtuosos”. A “virtude”, nas palavras de Giddens (1992) designa “a recusa de uma mulher em sucumbir à tentação sexual, recusa esta amparada por várias protecções institucionais, como o namoro com acompanhante, casamentos forçados e assim por diante” (Giddens, 1992:16). Não é legítimo, portanto, que a mulher procure prazer nas relações sexuais que estabelece, comprometendo, em grande medida, as suas práticas e discursos.

Porém, é mais seguro falar sobre os discursos ou valores sociais do que sobre as práticas sexuais efectivas, na medida em que as práticas – pela sua natureza – estão, em grande medida, por documentar.

Um dos primeiros estudos sobre as práticas sexuais efectivas foi levado a cabo por Kinsey, nos EUA, nas décadas de 40 e 50 do séc. XX. Kinsey e os seus colaboradores recolheram relatos da vida sexual de cerca de 18.000 indivíduos, uma amostra representativa da

população americana (Kinsey, 1948, 1953). As pesquisas de Kinsey consubstanciaram-se em dados de natureza biológica e surpreenderam o público em geral. Nesse sentido, foram imediatamente alvo de duras críticas. As suas conclusões causaram choque e escândalo, não só por desafiarem ideias convencionais sobre a sexualidade, mas também porque foram discutidas questões que, até então, eram tabu. O senso comum de que a heterossexualidade e a abstinência constituíam a norma, quer ética, quer estatística, nunca tinha sido alvo de problematização científica.

As principais conclusões do estudo de Kinsey revelaram uma grande diferença entre as expectativas públicas quanto ao comportamento sexual que prevalecia na altura, e a verdadeira conduta sexual. De entre as principais diferenças encontradas podemos destacar o facto de 70,0% dos homens afirmar ter frequentado prostitutas e 84,0% ter tido experiências sexuais pré-conjugais. Por oposição e, de acordo com o “duplo padrão sexual”, 40,0% dos homens esperava que as suas mulheres chegassem virgens ao casamento (Giddens, 2000):

“A diferença entre as atitudes publicamente aceites e o comportamento real demonstrado pelos estudos de Kinsey era provavelmente muito grande durante um determinado período, aquele imediatamente a seguir à Segunda Guerra Mundial. (...) O comportamento sexual mudou provavelmente muito, mas os assuntos referentes à sexualidade não eram então debatidos de forma aberta como são hoje em dia. As pessoas que participavam em actividades sexuais, ainda sujeitas à condenação pública em geral, dissimulavam-nas, não percebendo que outros se dedicavam a práticas semelhantes” (Giddens, 2000:135).

Uma das afirmações mais polémicas de Kinsey foi a de que todos os comportamentos sexuais considerados anómalos são, na verdade, normais, e que ser exclusivamente heterossexual é fruto de inibições culturais e de condicionamentos sociais, contrários à natureza do homem. Para Kinsey, a bissexualidade seria a orientação sexual própria de pessoas normais e desinibidas.

Ainda que nem todos os autores aceitem as teorias de Kinsey, estas estiveram na génese do entendimento do comportamento sexual humano, bem como da chamada “revolução sexual” que surgiu nos anos 60. Algumas das críticas mais proeminentes foram dirigidas por Reisman (2003) na sua obra *Kinsey: Crimes e Consequences*. A autora argumenta a falsidade dos dados dos relatórios de Kinsey, alegando que os mesmos foram conduzidos numa amostra que incluía elevada percentagem de indivíduos com comportamentos desviantes, como é o caso de presidiários, pedófilos e turistas sexuais. A autora alega ainda que a metodologia de trabalho de Kinsey incluía maus tratos e estimulação sexual de crianças por parte de adultos, pois tal como o próprio autor defendia “children are sexual from birth” (Kinsey, 1948).

Segundo Reisman, “Kinsey was interviewing not only homosexuals, but rapists, pedophiles, pederasts, and other criminal types. (...) Kinsey selected men who were not «prone to moral evaluations» in the area of human sexuality” (Reisman, 2003:31). A autora argumenta ainda acerca da sexualidade duvidosa de Kinsey, dada a sua preferência por rapazes:

“As «shy» as he was around women, Kinsey was much at home with young boys. He preferred their company in both outdoor and indoor settings. (...) Evidence from Kinsey’s own writings, however, raised serious questions about his sexual orientation” (Reisman, 2003:6).

A perspectiva de Kinsey de que o sexo é um instinto natural é contrariada por Gagnon e Simon (1970), na sua obra *The Sexual Scene*. Os autores afirmam que o desejo sexual não tem origem nos instintos naturais do ser humano, tal como a orientação sexual não é determinada por factores biológicos. Por oposição, defendem que o comportamento sexual e a sexualidade são completamente regidos por regras sociais. Neste sentido, Gagnon e Simon apresentam uma visão interaccionista da realidade, defendendo uma abordagem sociocultural, em detrimento da visão naturalista que dominou este campo de investigação durante décadas: “The largest bodies of knowledge that have been generated about the

sexual – and how little there still is – still drive from the «natural»” (Gagnon e Simon, 1970:2). Para tal, os autores dão o exemplo dos estudos levados a cabo por Freud (2000 [1962], 1965), Kinsey (1948, 1953) e Masters e Johnson (1966, *in* Gagnon e Simon, 1970): “One need only point out the biological commitments of Freud, the zoological concerns of Kinsey and the medical Framework of Masters and Johnson” (Gagnon e Simon, 1970:2).

A obra de Kinsey foi também criticada em *Sex in America: A Definitive Survey*, de Gagnon *et al.* (1995), na qual os autores afirmam que estudos como os de Kinsey são “many worse than useless”. Um dos argumentos para esta expressão advém, muito provavelmente, do facto de Gagnon ter sido, em jovem, um dos colaboradores mais assíduos de Kinsey. Esta colaboração próxima permitiu-lhe ter uma opinião mais crítica sobre os seus estudos. Nesse sentido, Gagnon *et al.*, (1995) argumentam que os estudos de Kinsey falharam metodologicamente, tornando os seus dados não confiáveis, não interpretáveis, sendo impossível usá-los para compreender o comportamento sexual (Gagnon *et al.*, 1995). Uma das críticas apontadas é precisamente o facto de os estudos de Kinsey se basearem em voluntários. Gagnon *et al.*, (1995) defendem que usar voluntários em determinados estudos não é o mesmo que recorrer a pessoas que não se voluntariam – os dados estão viciados, à partida.

Os estudos de Kinsey sobre a sexualidade são, na verdade, uma espécie de *continuum* da teoria freudiana sobre o comportamento sexual, embora com algumas adaptações. Também Freud defendeu a existência de uma sexualidade infantil, com base no pressuposto de que os indivíduos, quando nascem, desenvolvem imediatamente a sua sexualidade. O conceito de *Complexo de Édipo* sustenta a tendência das crianças para o estabelecimento de uma relação de amor-ódio com os seus progenitores. Neste sentido, a criança tenderá a desenvolver sentimentos de cariz libidinoso com o progenitor do sexo oposto, ao mesmo tempo que mostra repulsa pelo progenitor do mesmo sexo. Estes sentimentos desaparecem quando a criança, por volta dos quatro ou cinco anos de idade, passa a identificar-se com o progenitor do mesmo sexo, em virtude das semelhanças físicas que os unem.

De acordo com a teoria psicanalítica de Freud, que coloca a sexualidade no centro da vida psíquica do indivíduo, a heterossexualidade constitui a norma social. E é precisamente

neste ponto que se afasta da teoria Kinseyana, segundo a qual a heterossexualidade é fruto dos constrangimentos sociais.

Apesar das críticas apontadas, principalmente por parte dos que defendem uma abordagem a partir do *spectrum* sociocultural, não podemos negar a importância dos estudos efectuados por Freud e Kinsey. As suas pesquisas foram fundamentais para traçar os primeiros esboços acerca do comportamento sexual humano, bem como para o desenvolvimento de estudos posteriores.

Até 1960, a maioria dos estudos produzidos sobre a sexualidade foram profundamente influenciados pela psicanálise e, por conseguinte, pelas teorias de Freud (1965, 2000 [1962]). Estes estudos revelaram, portanto, uma grande tensão entre o biológico e o cultural:

“On the one hand, we have a narrative premised on innate sexual drives and the anatomical distinction between the sexes; on the other hand, sexual development is located in a particular social context, that of the family” (Jackson e Scott, 2010:9).

Se, por um lado, é inegável a centralidade destes estudos no foco biológico, por outro, em termos socioculturais, as atenções recaíram exclusivamente sobre a unidade familiar enquanto dimensão de análise. Só mais tarde, os estudiosos entenderam que a sexualidade é demasiado complexa e abrangente para que seja analisada apenas sob o prisma familiar.

Os anos 60 e 70 do séc. XX assinalaram uma profunda mudança na tradição de investigação. Mais do que a nível científico, podemos mesmo afirmar que estas décadas revolucionaram a forma como os indivíduos passaram a experimentar a sua sexualidade. Primeiro com os movimentos *hippie*, e depois com a corrente feminista e o feminismo de inspiração neo-marxista, a sexualidade tornou-se o cerne das sociedades desenvolvidas. Segundo Gagnon e Simon (1970),

“There is a general agreement that there is profound change occurring and that this change will be of major consequence to the society. This experience of change, especially with respect to the mass media and the freedom of discussion of sexual activity, as led to a belief in the existence of a sex revolution” (Gagnon e Simon, 1970:3).

Os estudos realizados a partir de então centraram-se nas determinantes socioculturais da sexualidade. O comportamento sexual dos indivíduos passou a ser entendido enquanto algo que deriva da forma como os indivíduos são socializados e não de predisposições inatas (Bozon, 2004). Nesse sentido, a sexualidade varia também de cultura para cultura:

“(…) from societies in which men were sexual predators to those in which they were sexually timid; from societies where women were active initiators of and participants in sexual encounters, and where they regularly achieved orgasm, to those where they were sexually submissive and did not seem to experience orgasm” (Jackson e Scott, 2010:9).

A Sociologia desempenhou um papel crucial neste novo tipo de abordagem, através de duas perspectivas: o interaccionismo simbólico e a fenomenologia social. Estas duas perspectivas foram posteriormente agrupadas por Berger e Luckmann, na sua obra *A Construção Social da Realidade* (1998). Os autores recorreram à sexualidade para demonstrar a plasticidade da conduta humana, sugerindo que “o homem constrói a sua própria natureza”. Jackson e Scott (2010), referindo-se à obra de Berger e Luckmann (1998), afirmam que,

“Drawing on anthropological evidence on diverse patterns of sexual conduct in different cultures they argue that the empirical relativity of these configurations, their immense variety and luxurious inventiveness, indicate that they are the product of man’s own socio-cultural formations rather than of a biologically fixed human nature” (Jackson e Scott, 2010:12).

O interaccionismo simbólico e a fenomenologia social forneceram as bases conceptuais para as teorias do desvio. O conceito de desvio constrói-se por referência ao conceito de anomia que, na sua essência, significa ausência total de normas. Neste sentido, alguns autores defendem que o desvio surge pela congregação de um grande número de pessoas no mesmo espaço. Tal como nota Xiberras (1993),

“A temática do desvio constrói-se à volta do conceito de anomia e a partir de uma hipótese que se encontra ainda por verificar: quando a densidade social aumenta, a densidade moral decresce. Ora, logo que a densidade moral se desagrega, aparecem, de maneira concomitante, anomia, desvio, marginalidade, etc., ou, por outras palavras, o longo cortejo das desgraças sociais da modernidade.” (Xiberras, 1993: 95-96).

A temática do desvio afigura-se de extrema importância para o estudo da sexualidade, no sentido em que as regras socialmente estabelecidas neste domínio eram frequentemente quebradas e essa quebra tornou-se visível. A homossexualidade, por exemplo, era tida como um desvio à norma (McIntosh, 1968 *cit in* Jackson e Scott, 2010), constituindo-se como produto da modernidade. “O desvio não é uma qualidade de acto que a pessoa pratica, mas sim a consequência da aplicação por outrem de regras e sanções ao transgressor” (Becker, 1997 *in* Coelho, 2009a). É devido à densidade social que o desvio se dá a conhecer. O mesmo será dizer que o acto desviante constrói-se no processo de interacção entre os indivíduos, sendo que os processos de interacção serão tanto mais fortes, quanto maior for a proximidade entre os intervenientes: “becoming and being deviant are conceived as interactional processes, an outcome of labelling” (Becker, 1963 *cit in* Jackson e Scott, 2010:12).

Observam-se, portanto, dois sistemas em acção, que se defrontam nas representações colectivas e nas relações face-a-face. Temos “o olhar da sociedade, que define a categoria

de desvio, e o olhar dos estigmatizados que integra a etiqueta posta pela sociedade, mas que desenvolve o seu próprio estilo de vida” (Xiberras, 1993:116).

O trabalho desenvolvido por Foucault (1994a, 1994b, 1994c) resulta precisamente da contestação das actividades sexuais “menos comuns” enquanto produtos do desvio. Foucault parte do conceito de “hipótese repressiva” para afirmar que, desde a época Vitoriana, o sexo vem sendo reprimido e omitido ao nível discursivo, principalmente no que toca às actividades sexuais ilícitas. A heterossexualidade e a finalidade reprodutiva constituem a norma, ou seja, todos os actos que transcendem o aceitável são tidos como desviantes:

“A sexualidade é então cuidadosamente aferrolhada. Transfere-se. A família conjugal confisca-a e absorve-a inteiramente na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, fez-se silêncio. O casal, legítimo e procriador, é a lei. Impõe-se como modelo, faz valer a norma, detém a verdade, conserva o direito de falar reservando para si o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada casa, há um só lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. O resto terá de esfumar-se; a conveniência das atitudes evita os corpos, a decência das palavras descora os discursos. E o estéril quando insiste e se mostra de mais, transforma-se em anormal: receberá o estatuto de anormal e terá de sofrer as respectivas consequências” (Foucault, 1994a: 9-10).

Porém, tal não significa uma proibição do sexo. Mais do que antes, o sexo é objectivado pela busca do prazer. Qualquer conduta sexual (incluindo a homossexualidade, a bissexualidade, a prostituição, entre outros) é aceitável, desde que oculta do resto da sociedade. Todavia, verifica-se uma repressão na esfera pública. Sempre que alguma destas actividades conhece a luz do dia, é rotulada de desviante e alvo de repressão. Por isso Giddens (2000) fala de uma “hipocrisia sexual” que caracterizou a época Vitoriana mas cujas implicações ainda se mantêm.

Segundo Foucault, a “hipótese repressiva” está directamente relacionada com a noção de poder, na medida em que as sociedades dispõem do poder necessário para reprimir a sexualidade. Porém, a relação que se estabelece entre o poder e a sexualidade tem um significado mais amplo para Foucault. Na referência de Giddens (1992) à *História da Sexualidade I* (Foucault, 1994a) podemos constatar que,

“O poder, por isso, pode ser um instrumento para a produção do prazer: não se coloca apenas em oposição a ele. A sexualidade não deve ser compreendida somente como um impulso que as forças sociais têm de conter. Mais do que isso, ela é um ponto de transferência especialmente denso para as relações de poder, algo que pode ser subordinado como um foco de controle social pela própria energia que, impregnada de poder, ela gera” (Giddens, 1992:28).

No mesmo sentido, Jackson e Scott (2010) referem que “Foucault sees sexuality as an effect of power: sexuality is not, in relation to power, an exterior domain to which power is applied... on the contrary, it is a result and an instrument of power’s designs” (Jackson e Scott, 2010:17).

A relação entre poder e sexualidade adquire portanto, segundo Foucault, dois sentidos distintos que importa perceber: por um lado, esta relação é concebida pela forma como a sociedade usa o poder para reprimir e constranger a sexualidade; e por outro, esta perspectiva relacional determina que os indivíduos produzem formas específicas de relações de poder nos quadros de interacção sexual. Este segundo ponto adquire particular importância uma vez que os indivíduos são vistos como potenciais transformadores dos constrangimentos impostos pela sociedade. Nesse sentido, fazem uma espécie de actuação cínica: produzem ruptura a partir do interior do sistema de dominação, subvertendo o poder imposto pela sociedade e transpondo esse poder para dentro das relações sexuais que estabelecem. No mesmo sentido, Bozon (2004) argumenta sobre o poder masculino no seio das relações matrimoniais: “Quando um parceiro é superior ao outro, como no caso do marido, que tem poder sobre a esposa, a amizade é difícil de ser concebida” (Bozon,

2004:32). O poder, nessa medida, pode ser percebido como um instrumento de prazer para o homem.

O poder, enquanto instrumento de prazer, pode também ser analisado sob a égide da “dominação masculina”, conceito cunhado por Bourdieu. Em *A Dominação Masculina* (1999), o autor defende que,

“Não é o falo (ou a sua ausência) que é o fundamento da visão do mundo, mas é a visão do mundo que, organizando-se segundo a divisão em géneros relacionais, masculino e feminino, pode instituir o falo, constituído em símbolo da virilidade (...). Toda a ordem natural e social é uma construção arbitrária do biológico, e em particular do corpo, masculino e feminino, dos seus usos e das suas funções (...)” (Bourdieu, 1999:20).

Seja em função de determinantes biológicas ou da própria forma como as sociedades se organizam, o homem é dotado das características necessárias para ocupar uma posição hierarquicamente superior à mulher, exercendo sobre ela uma “violência simbólica” e sentido um certo “prazer” com isso:

“A força particular da sociodiceia masculina vem-lhe do facto de acumular e condensar duas operações: legitima uma relação de dominação inscrevendo-a numa natureza biológica que é ela própria uma construção social naturalizada” (*Ibidem*).

Através do conceito de “violência simbólica”, o autor pretende mostrar como as mulheres incorporam de tal forma a superioridade masculina ao nível das relações de poder, que sentem como “natural” a sua posição de dominadas. Tal como afirma o autor:

“As próprias mulheres aplicam a toda a realidade, e, em particular, às relações de poder nas quais se encontram tomadas, esquemas de pensamento que são o produto da incorporação dessas relações de poder e que se exprimem nas oposições fundadoras da ordem simbólica. Segue-se que os seus actos de conhecimento são, por isso mesmo, actos de reconhecimento prático, de adesão dóxica, crença que não tem de se pensar e de se afirmar enquanto tal, e que «faz» de certo modo a violência simbólica que sofre.” (*Ibidem*, 29).

Neste sentido, a violência simbólica institui-se por intermédio da adesão que o dominado concede ao dominante (e portanto à dominação).

A superioridade e poder masculinos evidenciam-se nas várias esferas da vida social, incluindo a sexualidade. Assiste-se, portanto, àquilo a que Bourdieu (1999) apelidou de “economia simbólica masculina”. Esta economia simbólica encontra suporte no moralismo social que continua a legitimar que os homens procurem uma variedade sexual, enquanto uma multiplicidade de experiências não é bem vista relativamente às mulheres. Na obra *A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas* (1992), Giddens afirma que,

“O controle sexual dos homens sobre as mulheres é muito mais do que uma característica incidental da vida social moderna. À medida que esse controle começa a falhar, observamos mais claramente revelado o carácter compulsivo da sexualidade masculina – e este controle em declínio gera também um fluxo crescente da violência masculina sobre as mulheres” (Giddens, 1992:11).

Embora persista nas sociedades uma economia simbólica masculina, Giddens defende a emergência de uma “sexualidade plástica” que está na base da revolução sexual e da transformação da intimidade. Giddens, enquanto autor da individualização, analisa a sexualidade como parte integrante do projecto individual, como forma de auto-construção do *self*. A “sexualidade plástica” designa, portanto, “uma sexualidade descentralizada,

liberta das necessidades de reprodução” (Giddens, 1992:10), cujos contornos derivam da difusão da contracepção moderna e das novas tecnologias reprodutivas. Neste sentido, deixa de existir uma relação causal entre o género feminino e o papel reprodutivo.

A plasticidade da sexualidade está, com efeito, profundamente associada ao *self* e à construção da identidade, na medida em que através de uma “negociação transaccional de vínculos pessoais, estabelecida por iguais” (Giddens, 1992:11), a intimidade implica uma democratização das relações interpessoais, compatível com a democracia existente na esfera pública. A mulher reivindica o direito ao prazer sexual, que outrora fazia parte apenas dos desígnios masculinos, e esta reivindicação tem consequências não só no domínio privado da vida conjugal, como na própria organização das sociedades:

“As mulheres não admitem mais a dominação sexual masculina, e ambos os sexos devem lidar com as implicações deste fenómeno. A vida pessoal tornou-se um projecto aberto, criando novas demandas e novas ansiedades” (Giddens, 1992:18).

“As mulheres esperam tanto receber quanto proporcionar prazer sexual, e muitas começam a considerar uma vida sexual compensadora como um requisito chave para um casamento satisfatório. (...) O padrão duplo ainda existe, mas as mulheres não são mais tolerantes diante da perspectiva de que – enquanto os homens necessitam de variedade e pode-se esperar que se envolvam em aventuras extraconjugais – elas não se comportem do mesmo modo” (Giddens, 1992:21-22).

Os papéis de género e as relações de intimidade entre homens e mulheres não são mais os de outrora. As mulheres reclamam uma igualdade de direitos relativamente aos homens, na tentativa de um equilíbrio harmonioso. Nesse sentido, as sociedades contemporâneas assistem a movimentos alargados de transformação da realidade de dominação simbólica: as mulheres afirmam novas formas de feminilidade, numa atitude provocatória aos preceitos normativos tradicionais ou conservadores. Ainda que este seja um comportamento emergente que, de facto, não configura a regra, a tendência aponta para que cada vez mais mulheres escolham os seus parceiros sexuais, mudem de parceiros de acordo com a sua

vontade e vivam mais activamente a sua sexualidade, uma vez que esta deixou de ser encarada como exclusivamente reprodutiva. No entanto, devemos salientar que as transformações sociais não se dão de uma vez por todas, não acontecem por substituição relativamente aos padrões anteriores. Coexistem, portanto, formas tradicionais e vanguardistas de experimentação e expressão da sexualidade (Coelho, 2009b).

Até que ponto a igualdade de género relativamente à sexualidade está consagrada e de que forma o moralismo social pode condicionar ou condiciona efectivamente as práticas e os discursos, são questões a que importa dar resposta.

Neste sentido, partimos de um pressuposto de análise que conjuga as determinantes biológicas e socioculturais da sexualidade. Se, por um lado, podemos admitir que o sexo ou os impulsos sexuais derivam de fundamentos biológicos, tal como Freud (2000 [1962], 1965) e Kinsey (1948, 1953) defenderam, por outro, não restam dúvidas quanto à influência das características sociais e culturais sobre os comportamentos sexuais (Gagnon *et al.*, 1995; Foucault, 1994a, 1994b, 1994c; Jackson e Scott, 2010; Giddens, 1992).

Muito por força da construção social do género, a relação entre género e comportamento sexual assume perspectivas claramente diferenciadas que importa perceber. Uma análise mais específica sobre a relação entre género e comportamento sexual é detalhada no sub-ponto seguinte. À conjugação entre estes dois elementos será acrescentado um terceiro: o do *setting* turístico.

3 – Sexo, Turismo e Turismo Sexual: Em Busca dos Mesmos Prazeres

Tal como refere Goffman (1993) na sua obra *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*, a vida quotidiana é marcada pelo seu carácter repetitivo, em que os indivíduos são levados a desempenhar diversos papéis em simultâneo, quer estejam eles relacionados com o trabalho, a família e as demais exigências sociais.

No seu dia-a-dia, os indivíduos devem ser capazes de responder aos diversos estímulos da sociedade, procurando, ao mesmo tempo, fazer uma gestão eficaz das impressões que transmitem. Quer isto dizer que, nos diversos papéis que desempenham e, como se de uma peça de teatro se tratasse, os actores sociais procuram mostrar uma boa imagem de si, que corresponda exactamente àquilo que a sociedade espera para cada papel. Trata-se de um *impression management*, na concepção goffmaniana que, no fundo, surge em virtude das normas de conduta impostas por uma sociedade moralista. No *frontstage* os actores sociais representam um *self* que seja aceite pela comunidade de pertença e no *backstage* podem viver de acordo com os seus desígnios, pois estão longe do olhar acusador da sociedade.

Todas as sociedades regem-se por normas: “para cada norma ou sistema de normas estudado, é necessário indicar e definir os actores que contribuíram para a institucionalização da norma” (Xiberras, 1993:121), aos quais Becker (1985 in Xiberras, 1993) chama de *moral makers*. Estes *moral makers* exercem, portanto, um controlo social sobre os indivíduos, fazendo com que estes se conformem às normas estabelecidas.

Para além de um sistema de normas e valores que molda a conduta dos indivíduos, também não é isento o papel da modernidade na espartilha do comportamento: “na era moderna o nível de distanciamento espácio-temporal é muito mais alto do que em qualquer época anterior” (Giddens, 2002:45). A modernidade trouxe consigo a tensão e o *stress* vividos no dia-a-dia, fruto de um contexto laboral cada vez mais exigente, no qual o tempo se tornou um bem demasiado precioso. Os indivíduos vivem divididos entre o local de trabalho e o lar, sendo escasso o tempo para dedicar ao ócio.

Todos estes aspectos, típicos das sociedades modernas, tais como o carácter rotineiro do dia-a-dia, a necessidade de gerir impressões em função dos constrangimentos e das normas sociais, o controlo exercido pelos “fazedores de moral”, a própria sociedade de consumo e a ausência de tempo livre para actividades de lazer, exercem uma enorme pressão sobre os indivíduos. Esta pressão desperta um desejo de evasão do espaço quotidianamente habitado e faz com que se sobrevalorize o tempo enquanto bem escasso.

O tempo e, mais especificamente o tempo livre, manifesta-se na necessidade de consumo do espaço, próprio da era da Globalização, em que o local se torna global e o global

influencia o local. Quer isto dizer que, o tempo livre incita à conquista do espaço, que se consoma especificamente através das oportunidades de viagem, enquanto sinónimo de descoberta de um mundo físico mas também de um património intangível.

As viagens turísticas afiguram-se, portanto, como possibilidades de alienação, no sentido do transporte físico e psicológico para longe da fastidiosa realidade do quotidiano. Tal como referem Bauer e McKercher (2003) “the very nature of tourism as a liminal experience [is to represent] a break from one’s normal life” (Bauer e McKercher, 2003:5). No mesmo sentido, Coelho (2009b) refere a necessidade de ruptura, de vivência de uma realidade extra-ordinária, em que a novidade e mudança desempenham um papel crucial:

“If a sense of routine is frequent in our expression of dissatisfaction with life, then the achievement of novelty is seen as a form of happiness. The search for novelty is often the only way people find to put themselves ahead of reality, to absent themselves from the involvement in routine” (Coelho, 2009b:8).

No destino, o turista tem possibilidade de quebrar a rotina do dia-a-dia, podendo fazer determinadas coisas que não faria no seu quotidiano. Pode exteriorizar o seu verdadeiro *self* que, em situação normal, se encontra reprimido pelos constrangimentos sociais. Como nota Franklin (2003), “viajar proporciona anonimato e evasão face ao controlo, ao dever e à obrigação (...) e também a liberdade para a fantasia, imaginação e aventura” (Franklin, 2003 *cit in* Ribeiro e Sacramento, 2006:10).

Num estudo sobre a tipologia de turistas que visita a Grécia, efectuado por Wickens (2002), uma das entrevistadas refere:

“When I’m on holiday, I try to leave my life behind... In England, one fits into the routines of work, children, and the requirements of domesticity... One of the reasons for coming on holiday on my own is to forget all that... It’s very different when you’re on your own, you’ve got no pressures here. You can please yourself... Also nobody knows

you here... And yes, I think, you behave differently when you're away from home. You can let your hair down. It's partly the atmosphere, the beach, and the sunny weather. Yes, Chalkidiki is very romantic. It has a relaxed atmosphere... The sunshine and the freedom from restraints means that you can relax, and if you give yourself a chance you can find out things about yourself that you didn't know about before..." (Anónima *cit in* Wickens, 2002:839).

Pritchard *et al.* (2000) também defendem que em contexto turístico os indivíduos têm oportunidade de expressar o seu verdadeiro "eu", alienados da preocupação com os olhares e comentários dos outros: "[They] refer to a need for social acceptance and space to be themselves when on holiday" (Pritchard *et al.*, 2000:275).

Esta expressão do *self* tem em conta aspectos relacionados com a própria intimidade do indivíduo, por duas ordens de razões: primeiro porque, em situação de viagem turística o indivíduo sente-se livre para agir da forma que bem entende, uma vez que se encontra longe do olhar acusador da sociedade de pertença – não necessita fingir um *self* que seja aceite por todos. Tal como Pritchard e Morgan (2000) afirmam: "tourism research suggests that an individual's vacation experience is unfettered by social norms (Pritchard e Morgan, 2000:886). Depois, porque a sua intimidade é alvo de repressão no quotidiano. Quer isto dizer que, a própria intimidade ou, mais especificamente, os aspectos de cariz amoroso/sexual se vêm coibidos pelo moralismo social, em virtude do "duplo padrão" que espartilha a experimentação e a expressão da sexualidade, principalmente no caso das mulheres (Giddens, 1992).

Segundo Coelho (2009b), "although sex may become part of the routine of life – the bed at night time –, it is persistently seen as an activity in which we may be ourselves or get away from everyday life" (Coelho, 2009b:7). Com efeito, o autor defende que, se por um lado, o sexo faz parte da rotina quotidiana, por outro, ele é concebido como elemento crucial para a fuga a essa mesma rotina. Por mais controverso que pareça, a verdade é que o sexo e a sexualidade constituem elementos centrais com poder decisivo sobre a auto-estima e o bem-estar dos indivíduos, dado o seu carácter extra-ordinário. Uma vida sexual monótona

ou a própria ausência de sexo conduzem à frustração; por oposição, uma vida sexual activa e plena de sensações contribui para a felicidade e satisfação dos indivíduos.

Qual será então a conexão entre a forma como os indivíduos experienciam a sua sexualidade e a necessidade explícita de consumo do espaço através de viagens turísticas? Segundo Bauer e McKercher (2003), os conceitos de sexo e turismo estão relacionados desde as origens da viagem turística, ou seja, desde que os indivíduos começaram a viajar, essencialmente por motivos de férias e/ou de lazer: “Tourism, romance, love and sexual relations have been inextricably linked since the earliest days of travel. For as long as people have been travelling they have been engaging in romantic and sexual encounters of various types” (Bauer e McKercher, 2003:3).

O sexo e o turismo estão intimamente relacionados por vários motivos. Sem seguir uma ordem hierárquica, podemos apontar alguns deles. Para fugir ao carácter repetitivo da vida quotidiana (que pode envolver aspectos desde a vida sexual até aos mais diversos domínios), os indivíduos vêm no turismo uma oportunidade de escape, de diversão, de lazer, de excitação e de prazer. Os próprios destinos exercem aqui um papel determinante. Ao fazerem uso de técnicas de marketing bem estruturadas, potenciam a materialização dos desígnios dos turistas. Tal como afirmam Ryan e Hall (2001),

“Tourism undoubtedly promote specific representations of gender, sexuality and social relationships - a casual glance at travel brochures for most resorts will show «blue sky» pictures of romantic couples and scantily clad bodies, usually female, around the spa or pool” (Ryan e Hall, 2001:IX).

No mesmo sentido, Carr e Poria (2010) defendem que:

“Consumption of sexual items and experiences is commonly, though not necessarily exclusively, undertaken during leisure time. This consumption is enhanced through the common depiction in marketing campaigns of the holiday destination as a sexualized

environment. Indeed, the use of sexual innuendo, erotic images, and the sexualized – most commonly female – body to ‘promise’ sex has been a common and widespread feature of tourism marketing campaigns” (Carr e Poria, 2010:2).

O conceito de “liminality³” estudado por diversos autores (Ryan e Hall, 2001; Bauer e McKercher, 2003; Selännemi, 2003 *in* Bauer e McKercher, 2003; entre outros) contribui para um melhor entendimento acerca da relação entre o sexo e o turismo. Significando a transição dos papéis e responsabilidades quotidianas para novas vivências que extravasam o comumente estabelecido, a “liminality” explica o sentido dos apelos sexuais em contexto turístico.

Por outro lado e, tal como defendem alguns autores que estudam esta problemática, de entre os quais se destaca Selännemi (2003 *in* Bauer e McKercher, 2003), as condições climatéricas aliadas à oportunidade de escape para determinados destinos turísticos, podem ser determinantes para o desenvolvimento de relações de carácter amoroso/sexual em férias:

“They are sensory transitions such as when one escapes the winter cold North America visiting a warm place in the south. Each of these transitions can make it easier for tourists to devote more time and energy on sex and/or love pursuits than in their regulated everyday lives” (Selännemi *in* Bauer e McKercher, 2003:25).

Um outro motivo que está na base da relação entre sexo e turismo é a própria lei do mercado, numa correspondência estreita entre oferta e procura. Se existe oferta de serviços sexuais nos países de destino é porque existe uma procura declarada desses mesmos serviços; ou vice-versa, se existe procura, a oferta tem necessariamente de se adaptar.

De modo sumário Bauer e McKercher (2003) apontam as dimensões que explicam a relação entre sexo e turismo:

³ Originalmente em Inglês.

“The relationship between tourism and sex can be described conceptually as consisting of three dimensions: the role that sex – and the seeking of romance as perhaps a precursor to sexual activities – play as motivators for travel; the nature of the encounter, and; the role played by tourism as facilitators of romantic and sexual encounters” (Bauer e McKercher, 2003:5).

Os apelos sexuais em contexto turístico podem derivar de factores *push* e/ou *pull*, de acordo com o modelo de motivações criado por Crompton (1979 in Correia *et al.*, 2007b). Tal como referem Correia *et al.* (2007b), baseando-se no modelo de Crompton:

“Perceptions about the destination are a function of internal motivations (push motives) and external motivations (pull motives). Each tourist has his/her own internal and external motivations to travel which lead to different perceptions about a tourist destination” (Crompton, 1979 in Correia *et al.*, 2007b:47).

De acordo com os autores, algumas das principais motivações *push* dos turistas que visitam o Algarve são “to have an adventure” e “to experiment new sensations and feelings”. Ainda que não seja explícito de que forma os turistas percebem a aventura, as sensações e os sentimentos, é muito provável que as mesmas estejam associadas ao sexo. Por outro lado, o modelo desenvolvido mostra que as percepções sobre um determinado destino derivam, não só das funcionalidades do destino, mas também das suas motivações mais intrínsecas. O que significa que o sexo pode ser o principal motivo da viagem, manifestando-se como apelo interno no indivíduo (factor *push*) e/ou pode surgir de modo quase espontâneo, em virtude da oferta ou de um ambiente potenciador no destino (factor *pull*). Importa, portanto, compreender de que forma o sexo motiva os indivíduos na escolha de um determinado destino de férias, bem como as relações de intimidade que se desenvolvem nesse mesmo destino, tendo em conta a pertença de género. A título de exemplo, Pritchard e Morgan

(2000) referem que “all leisure experiences are generally segmented along gender identification lines” (Pritchard e Morgan, 2000:886).

Bauer e McKercher (2003) referem que, sendo o sexo parte integrante da vida, é natural que os indivíduos participem em actividades sexuais quando viajam, à semelhança do comportamento que adoptam em casa. Esse comportamento é, portanto, indistinto para homens e mulheres:

“Sex is a natural part of life. If people participate in sexual activities at home, then certainly one must expect them to participate in sex when they travel. In fact, tourism simply provides another setting for sexual activities” (Bauer e McKercher, 2003:4).

Também Carr e Poria (2010) afirmam que o sexo faz parte da vida quotidiana dos indivíduos, ainda que não exclusivamente em termos de práticas, mas também ao nível das representações e imagens criadas sobre esta temática. Neste sentido, o estudo do sexo e da sexualidade faz sentido no contexto de um quotidiano rotineiro, bem como em contexto turístico (sexualização da cultura):

“The diversity of the sex industry and the myriad ways in which sex and the sexual is utilised and portrayed throughout society means (...) that we live today in a «sex-saturated society». Consequently, it is perhaps not surprising to find that the consumption of and engagement in sex and the sexual has assumed a central place in contemporary societies” (Carr e Poria, 2010:2).

Em contexto de férias, os encontros de cariz sexual/romântico, ao contrário do que se poderia pensar, não estão necessariamente associados a factores como a prostituição e o *escort*, embora estes sejam, na verdade, mais visíveis. Ribeiro e Sacramento (2007), referem-se, por exemplo, à influência que o sexo e, mais concretamente as relações sexuais comerciais, têm exercido em Ponta Negra (Brasil), como forma de dinamização de uma

economia local profundamente carenciada de trabalho assalariado. Actualmente, homens e mulheres viajam com o objectivo de desenvolver relações amorosas e sexuais, embora anteriormente esse tipo de viagens fizesse parte apenas dos desígnios masculinos. Configuram, portanto, aquilo a que vulgarmente se chama de “turismo sexual”.

Porém, e tal como defendem alguns autores (Oppermann, 1998; Bauer e McKercher, 2003; Ryan e Hall, 2001), reduzir o turismo sexual apenas às relações sexuais comerciais em contexto turístico, é “simplificar” o conceito, deixando de fora da análise todas as outras componentes que, na verdade, integram o turismo sexual:

“The reduction of sex tourism to tourism whose main or major motivation is to consummate commercial sexual relations, would mean an oversimplification of the whole concept and (...) an exclusion of the majority of sex tourism cases and settings” (Oppermann, 1998:2).

Também Ribeiro e Sacramento (2006) afirmam que o turismo sexual designa, não apenas as relações sexuais comerciais, como também “o tipo de envolvimento emocional e a questão do poder no contexto das relações de género” (Ribeiro e Sacramento, 2006:4). Nesse sentido, “o turismo sexual constitui uma expressão extrema da ruptura com a previsibilidade e os constrangimentos quotidianos que o turismo de massas ambiciona” (*Ibidem*:10).

O conceito de turismo sexual carrega uma simbologia negativa por, em senso comum, estar associado à vertente mais *dark* do turismo, como a exploração sexual, a prostituição de rua, a prostituição infantil, a pedofilia, o tráfico de seres humanos, entre outros (Michel, 2009). Todavia, e tendo em conta que o turismo sexual apresenta duas dimensões – explorado/voluntário e comercial/não comercial (Ryan e Hall, 2001) - outros autores (Pruitt e LaFont, 1995 *in* Herold *et al.*, 2001), preferem falar de um “romance tourism”:

“They choose this concept because based on their observations, it appeared that (...) the relationships as being focused more on romance and courtship than in sex for money. The actors were seen as being emotionally involved with each other and desirous of a long-term relationship” (Herold *et al.*, 2001:979).

Este “turismo romântico”, sendo uma variante do turismo sexual, pode, de facto, ocorrer entre turistas e locais, mas também pode derivar de uma viagem romântica em casal, como é o caso das luas-de-mel. São vários os autores (Ryan e Kider, 1996; Ryan e Hall, 2001; Oppermann, 1998) que defendem que o turismo sexual não deve ser visto como uma forma de desvio, uma vez que o conceito designa também as relações que se estabelecem entre casais com ligações mais ou menos estáveis:

“Generally, the tourism literature has tended to perceive sex tourism as a form of deviance, but [we argue] that it is not an added component to tourism, but a form of behaviour quite consistent with the motivations that underlie much of tourism. Both activities of tourism and going to a prostitute [or even to be with partner] involve satisfaction of needs of social companionship, fantasy fulfilment, family bonding, the search for something new and opportunities for relaxation. Sex tourism is thus not a deviance, but fully consistent with the norms of tourism” (Ryan e Kinder, 1996:507).

As relações sexuais ou amorosas constituem parte integrante das viagens de turismo/lazer. Sendo consideradas ou não como a principal motivação de viagem, certo é que contribuem para uma relação de afectividade do turista com o destino. Atente-se aos turistas de repetição que, ano após ano, viajam para o mesmo destino porque desenvolveram uma relação de intimidade com o lugar e as suas gentes ou porque - e este é o aspecto que mais nos interessa - mantêm uma relação amorosa/sexual com um autóctone, ou ainda porque o lugar, através da sua dimensão simbólica, permite reviver bons momentos com o/a companheiro/a de sempre. Bauer e McKercher (2003) afirmam que “[many tourists] return each year to the same destination to continue their relationship” (Bauer e McKercher, 2003:9). Também Oppermann (1998) se refere às “«repeat visits» to the same prostitute in

the same destination, which apparently is not too uncommon among sex tourists to Thailand or elsewhere” (Oppermann, 1998:2).

Esta ligação ao destino ou, se quisermos, esta forma de “place attachment” (Gu e Ryan, 2008) tem na sua origem relações de intimidade que se estabelecem entre os turistas e a população local ou mesmo entre os próprios turistas que, por sua vez, determinam a qualidade da experiência turística. Tal como referem Trauer e Ryan (2005), “the quality of the experience is primarily determined by the intimacies that exist between people at that place, specially that existing between visitors” (Trauer e Ryan, 2005:481).

Este “place attachment” traz claros benefícios para o sector do turismo, nomeadamente benefícios económicos. Estratégias de fidelização de clientes são, por vezes, mais acessíveis, económicas e eficazes do que estratégias para captar novos mercados. Nesse sentido, os operadores turísticos empenham-se em desenvolver e acentuar o “place attachment” dos turistas. Apelando às suas emoções e relações de intimidade, eles próprios vendem o sexo como garantia de retorno ao destino:

“More mainstream tourism operators still sell sex, but use quite different synonyms that are more socially acceptable. Destinations such as Paris promote love and romantic escapes and use photographic images to create a sense of heightened sexual anticipation. Niagara Falls, for example, uses the cascades as a backdrop to passion. The commercial accommodation sector equally sells romance, with most hotels now offering adult movies to heighten the mood. Tour companies specializing in travel for single adults strongly promote making new friends, companionship, and the chance to meet new people.” (Bauer e McKercher, 2003:7).

Estudos anteriores sobre o Algarve, ainda que não focalizados nestas formas de turismo, sugerem que a aventura e as novas emoções são um dos principais motes para a viagem para este destino de Sol e Praia. Martins e Correia (2003) revelam que os jogadores de golfe viajam em grupos masculinos, alojam-se em vivendas na Quinta do Lago onde permanecem por cerca de 6 dias, sendo que ao golfe apenas são dispensadas as manhãs.

Também Pimpão *et al.* (2009), num estudo sobre o perfil do turista doméstico, mostram que apesar de nem todos os que visitam o Algarve revelarem níveis de satisfação elevados, o regresso é imperativo para grande parte deles. Um outro estudo sobre novidade e riscos percebidos no Algarve revela que apesar de mais de 60,0% dos turistas estrangeiros serem turistas de repetição, o regresso é mais do que certo, principalmente porque neste destino encontram novidade e aventura (Correia *et al.*, 2007a).

Se é evidente que a aventura e as emoções são determinantes na escolha deste destino, não é menos evidente a proliferação de apelos promocionais para o romance e o amor em contexto de férias. Corpos envolvidos na areia branca, jantares românticos à beira mar e passeios em casal pelas belas praias da região são utilizados indiscriminadamente para promover o destino. O Algarve fomenta claramente a exploração da fuga à rotina quotidiana e a evasão, onde o prazer é indispensável (Correia *et al.*, 2007b).

É a partir destas concepções que nasce a vontade de compreender o prazer e as emoções vividos em férias, mais concretamente de perceber a forma como os indivíduos experienciam a sua sexualidade em destinos turísticos, como é o caso do Algarve, e de forma mais específica, no *setting* da Concentração Motard de Faro. Nesse sentido, as relações entre género, sexualidade e turismo são determinantes para a análise. O próximo capítulo pretende portanto elucidar acerca dos métodos e técnicas utilizados para dar resposta a esta questão.

CAPÍTULO III – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

A investigação ora apresentada assenta na conjugação das metodologias qualitativas e quantitativas.

Alguns autores defendem que quando se pretende estudar um determinado fenómeno a partir do seu interior deve apostar-se numa abordagem qualitativa, tal como refere Dey (1993), citado por Pritchard *et al.* (2000): “Qualitative, exploratory approaches are concerned to investigate meanings which «reside in social practice, and not just in the heads of individual’s and are specially useful in learning the language of particular groups. Unlike quantitative methods, they enable the generation of diverse data encompassing «an enormous, rich spectrum of cultural and social artefacts»” (Dey, 1993 *cit in* Pritchard *et al.*, 2000:272).

Porém, quando o investigador pretende realizar um estudo que terá por base apenas e exclusivamente os métodos qualitativos tem de ter presente que a análise puramente qualitativa padece de subjectividade, preconceitos e juízos de valor que ele próprio, inadvertidamente, fará⁴. O ser humano, por definição, é um ser "pensante" e, ao longo do seu processo de socialização, vai sendo "moldado" pelas próprias experiências e por aquilo que observa. Ora, o experiencialismo acarreta consequências para a sua postura, forma de agir e de pensar. Estas consequências manifestam-se ao nível dos juízos de valor, preconceitos e opiniões pessoais que formula. O investigador é portanto e acima de tudo um ser humano e como tal, o exercício de abstracção e privação desse tipo de formulações é bastante complicado.

⁴ Note-se, a respeito, que as metodologias quantitativas não são necessariamente mais objectivas. A elaboração do questionário, a opção por determinados indicadores, a quantificação dos dados, a escolha das operações estatísticas e as análises formuladas dependem também muito da subjectividade do investigador e da intenção da investigação. Tal como refere Alasuutari *et al.* (2008:2), “(...) quantitative research draws on many kinds of statistical approaches and is not necessarily epistemologically positivistic in orientation”. Ao mesmo tempo, a aplicação do questionário interfere tanto na realidade como a entrevista. Por esse motivo, a maioria dos autores mais recentes propõe o recurso aos “mixing methods” e à triangulação como forma de obviar a subjectividade do investigador (Moreira, 2007; Erickson, 1986 *in* Lessard-Hébert, 1994; Miles e Huberman, 1984 *in* Lessard-Hébert, 1994; Denzin e Lincoln, 1994; Jennings, 2010; Wiederman e Whitley Jr., 2009).

Os resultados de uma investigação qualitativa são sempre uma visão subjectiva que implica necessariamente o investigador com todo o seu *background* pessoal e profissional. Como refere Patton, na pesquisa qualitativa chegamos sempre a uma mesma conclusão, ou seja, que “o factor humano é a sua maior força mas também a sua principal fraqueza” (Patton, 1990:372). A qualidade/riqueza de um estudo qualitativo depende da formação dos conhecimentos e, sobretudo, das capacidades do investigador.

Para ultrapassar as debilidades de uma investigação puramente qualitativa, alguns autores (Moreira, 2007; Erickson, 1986 *in* Lessard-Hébert, 1994; Miles e Huberman, 1984 *in* Lessard-Hébert, 1994; entre outros) defendem a complementaridade dos métodos qualitativo e quantitativo, de forma a garantir um maior rigor científico da análise. Segundo Moreira (2007), a articulação desejada das duas perspectivas pode centrar-se nestas questões:

- Necessidade de redefinir o confronto entre compreensão ou interpretação (no lado qualitativo) e explicação (no lado quantitativo);
- Necessidade de reconsiderar a crítica feita à abordagem qualitativa, segundo a qual esta não pode quantificar nem medir em ciências sociais;
- Necessidade de reconhecer que, em ambas as perspectivas, os conceitos cumprem uma missão mediadora entre teoria e observação: organizam-na, categorizam-na e tornam-na possível;
- Necessidade de assinalar a importância sobre a verificação e produção de teorias em ambas as perspectivas.

Erickson (1986), no seu texto *Qualitative Methods in Research on Teaching*, utiliza a expressão “Investigação Interpretativa” na qual engloba as duas abordagens, pois recusa definir a abordagem qualitativa como “essencialmente não quantitativa”, uma vez que determinadas quantificações também são possíveis no seu âmbito (Erickson, 1986 *cit in* Lessard-Hébert, 1994).

Miles e Huberman (1984) defendem igualmente a tese de um *continuum* entre qualitativo e quantitativo, recordando que metodologias neopositivistas que favoreciam, de início, as

abordagens puramente quantitativas, vieram posteriormente propor investigações que consideram os contextos do objecto e a dimensão interpretativa (Miles e Huberman, 1984 *cit in* Lessard-Hébert, 1994).

Em suma, podemos dizer que a grande maioria dos investigadores recorre a uma “conceptualization of research methods as existing on an interactive continuum rather than as a dichotomy (...). We argue that both qualitative and quantitative strategies are almost always involved to at least some degree in every research study” (Newman e Benz, 1998).

Nesta concepção de *continuum* entre as abordagens, optou-se por uma investigação quantitativa-qualitativa. Mais do que pela identificação de debilidades de cada metodologia utilizada isoladamente, a opção pelos “mixing methods” deriva da natureza do objecto de estudo e da problemática da investigação. Assim, numa primeira fase, a investigação desenvolveu-se por via de um inquérito estruturado com questões abertas e fechadas, com o objectivo de circunscrever e identificar as diferentes dimensões do problema em análise. Numa segunda fase, um conjunto de entrevistas foram realizadas a uma sub-amostra da população em análise, a partir de um guião estruturado. Esta segunda fase pretende aprofundar o problema e conhecer as suas reais causas. Finalmente, para obviar a questão da subjectividade de interpretações foi realizada uma outra entrevista, desta vez semi-estruturada, a informantes privilegiados com o objectivo de validar as conclusões evidenciadas na análise interpretativa.

Nos pontos que se seguem serão explanados o modelo conceptual que esteve na base da elaboração desta investigação, bem como os métodos e as técnicas de recolha e tratamento de dados utilizados.

1 – Modelo Conceptual

O modelo conceptual utilizado nesta investigação (Figura 3.1) inspira-se no modelo criado por Bauer e McKercher (2003) sobre a relação entre sexo e turismo. Com efeito, a obra *Sex and Tourism: journeys of romance, love and lust* foi um suporte fundamental para a

elaboração deste estudo. Até à data, não existiam em Portugal estudos sobre a relação entre sexo e turismo, mais concretamente sobre formas de expressão e experimentação da sexualidade em contexto turístico, pelo que o recurso a estudos realizados no estrangeiro foi necessário e crucial.

Segundo Bauer e McKercher (2003), a relação entre sexo e turismo é marcada essencialmente pelo cruzamento de três eixos. Temos no eixo horizontal o sexo e/ou o romance enquanto motivadores da viagem turística - e aqui não importa se são motivações do tipo *push* ou *pull*, de acordo com o modelo criado por Crompton em 1979 (*in* Correia *et al.*, 2007b) -; no eixo vertical temos as experiências sexuais/românticas dos indivíduos; e temos o cenário ou *setting* turístico que atravessa o cruzamento dos dois eixos principais. O *setting* turístico, no fundo, não é mais do que o prolongamento da vida quotidiana pois, tal como referem Bauer e McKercher (2003) e Carr e Poria (2010), o sexo faz parte integrante da vida dos indivíduos, logo, se se envolvem em actividades sexuais na vida quotidiana, é natural que também as pratiquem durante as férias. A singularidade do *setting* turístico diz apenas respeito a uma maior permissividade na expressão e experimentação sexuais, própria de um ambiente de maior liberdade e relaxamento.

Com efeito, o modelo conceptual aqui apresentado é uma forma de operacionalização do objectivo geral traçado nesta investigação: perceber a forma como os indivíduos expressam e experimentam a sua sexualidade na vida quotidiana, em destinos turísticos como é o caso do Algarve, e em particular no *setting* da Concentração Motard de Faro.

Inspirado no modelo de Bauer e McKercher (2003) que defende que, consoante a importância que o sexo e/ou o romance assumem enquanto motivações de viagem, aliada às experiências sexuais/românticas que podem surgir em maior ou menor quantidade, bem como ser percebidas como tendo maior ou menor qualidade, os indivíduos posicionam-se em diferentes quadrantes.

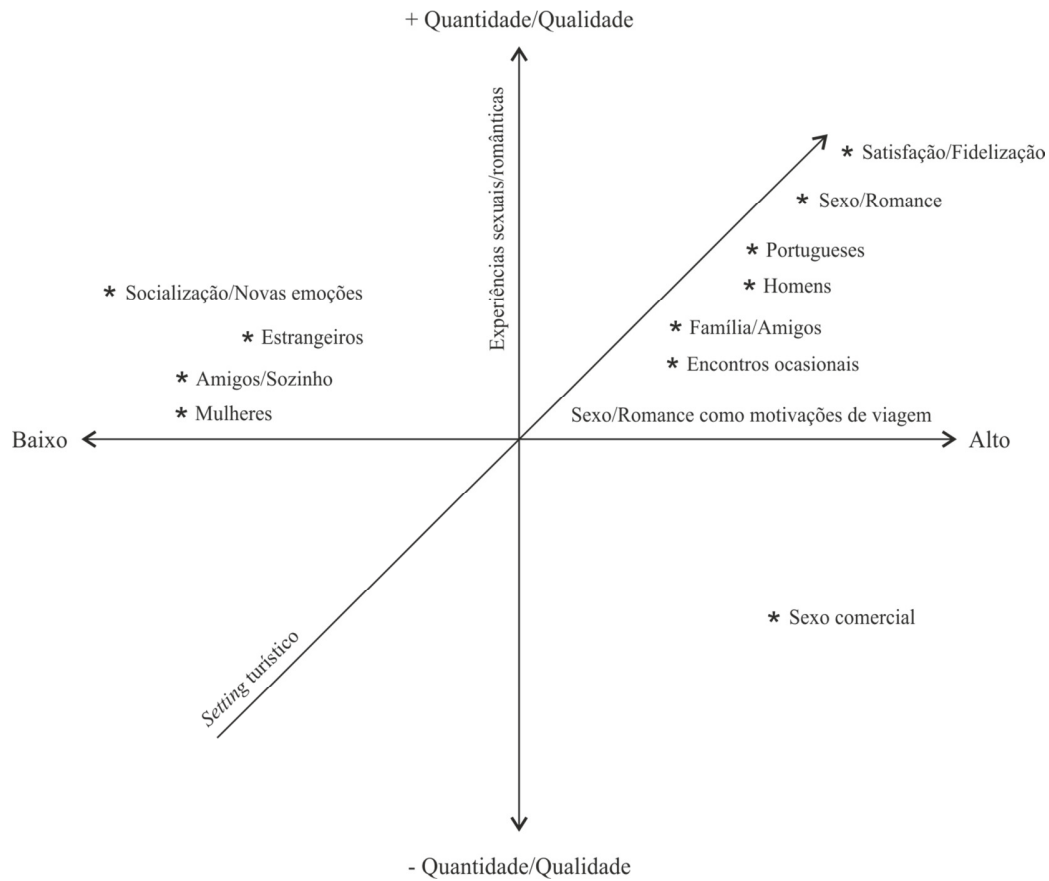
Segundo os autores e, no confronto com os dados resultantes deste estudo, aqueles para quem o sexo e/ou o romance são os principais impulsionadores da viagem turística, são normalmente aqueles que mais experiências sexuais têm no destino, bem como os que melhor avaliam essas experiências. Neste quadrante (superior direito) temos dois grupos de

indivíduos que não são necessariamente excludentes: temos os que viajam com o objectivo de encontrar uma relação ocasional no destino - prefiguram um “turismo sexual” mas que muitas vezes não apresenta a vertente comercial (Oppermann, 1998; Ryan e Hall, 2001; Ryan e Kinder, 1996) -, e aqueles que viajam com o propósito de investir na sexualidade com o/a companheiro/a convencional - e que personificam mais um “turismo romântico” (Pruitt e LaFont, 1995 *cit in* Herold *et al.*, 2001). Neste grupo temos sobretudo homens de nacionalidade portuguesa, que viajam em família ou com os amigos e que procuram sexo e/ou romance no destino. Aparentemente este é o grupo que, por estar mais satisfeito com as experiências desenvolvidas no *setting* turístico, maior fidelização/intenção de retorno manifesta.

No quadrante superior esquerdo temos um grupo de indivíduos que viaja sobretudo com o objectivo de socializar e de viver novas emoções. Por esse motivo, a propensão para se envolver em actividades sexuais no destino é mais diminuta, sobretudo quando comparado com o grupo que procura sexo/romance. Neste grupo incluem-se principalmente as mulheres (embora os homens também sejam representativos), de nacionalidade estrangeira e que viajam sozinhas ou sobretudo na companhia de amigos.

Finalmente, no quadrante inferior direito temos um grupo de indivíduos que apresenta o sexo/romance como principal impulsionador das viagens turísticas que realiza (Ryan e Hall, 2001). Mas, mais do que romance, em boa verdade este grupo procura sexo comercial, normalmente em países conhecidos pela oferta deste tipo de serviços, como é o caso dos países do Sudoeste Asiático e da América Latina (*Idem*). Nesse sentido, o objectivo desta investigação não é conhecer o perfil do turista sexual, já que os dados recolhidos apontam sobretudo para a existência de um grupo de indivíduos que procura investir nas relações sexuais/amorosas convencionais. Assim, as análises efectuadas nos capítulos seguintes terão apenas em conta os padrões identificados nos quadrantes superiores do modelo conceptual.

Figura 3.1 – Modelo Conceptual



Fonte: Adaptado de Bauer e McKercher, 2003.

A partir deste modelo elencaram-se um conjunto de questões, que no fundo correspondem aos objectivos específicos que estruturam todo o trabalho de investigação, nomeadamente:

1 – A dominação masculina (Bourdieu, 1999) e o duplo padrão sexual (Jackson e Scott, 2004) sugerem discursos e comportamentos sexuais claramente diferenciados de acordo com o género. Assim, importa perceber se em contexto de férias esta diferenciação se mantém;

2 – Por outro lado, a literatura sugere que o comportamento sexual em férias diverge do que é adoptado no quotidiano (Coelho, 2009b; Bauer e McKercher, 2003; Ryan e Hall, 2001; Oppermann, 1998), pelo que importa perceber se o mesmo se verifica no âmbito desta investigação;

3 – Finalmente, e seguindo a linha de investigação proposta por Selännemi (*in* Bauer e McKercher, 2003); Ryan e Hall, 2001; Wickens, 2002; Pritchard *et al*, 2000; Carr e Poria, 2010; entre outros, importa perceber quais são os factores que mais contribuem para a experimentação de uma sexualidade lúdica durante as férias e, de forma mais concreta, durante a Concentração Motard de Faro.

No sentido de cumprir com os objectivos geral e específicos que deram mote a este trabalho de investigação e, corroborando a tese do *continuum* entre as metodologias quantitativas e qualitativas, os pontos que se seguem pretendem clarificar de que forma essas metodologias foram aplicadas.

2 – Metodologia Quantitativa

A metodologia quantitativa assenta nos paradigmas pós-positivista e hipotético-dedutivo (Jennings, 2010). De acordo com o autor, a metodologia quantitativa apresenta os seguintes atributos:

- Uma aproximação dedutiva que estabelece a natureza da verdade através de testes de hipóteses;
- Uma visão ontológica que analisa o mundo enquanto produto de relações causais;
- Uma relação objectiva entre o investigador e os participantes;
- É adoptada uma posição axiológica em que se valoriza o conhecimento que contribui para a mudança social (quando se utilizam perspectivas críticas ou pragmáticas);
- O investigador é visto normalmente pelos participantes como um *outsider*;

- O desenho da investigação é estruturado, sistemático e replicável;
- O investigador identifica e testa a relação entre as variáveis;
- O método de amostragem é aleatório, em que todas as pessoas do universo em estudo têm igual hipótese de ser seleccionadas;
- Os dados são representados numericamente;
- A análise dos dados resulta de tratamento estatístico;
- As conclusões resultantes da análise quantitativa possibilitam um conhecimento acerca da amostra em estudo, bem como a elaboração de generalizações sobre o universo (Jennings, 2010).

Esta metodologia de investigação, se por um lado permite uma maior aproximação ao paradigma positivista/pós-positivista, permitindo generalizar os resultados para o universo (quando a amostra é representativa), por outro, revela algumas debilidades tais como a impossibilidade de estudar o tema em profundidade (Sarantakos, 2005), o facto de as respostas serem de carácter passivo (os participantes não verbalizam e o investigador limita-se a estudar o fenómeno através de quantificações) e a falta de reciprocidade por parte do investigador (que na maioria das vezes não dá a conhecer os resultados aos participantes, não se preocupando com a validação dos dados) e dos próprios participantes (que não têm um papel activo no estudo, sendo que o investigador perde muitas vezes características fundamentais para a investigação, tais como gestos, comentários, performances, etc.).

Tendo em conta as limitações da metodologia quantitativa especialmente evidentes quando a intenção do investigador é estudar o comportamento humano (nomeadamente devido à natureza dos objectos de estudo), a maioria dos estudos realizados sobre sexualidade defendem uma abordagem qualitativa (Oppermann, 1998; Pritchard *et al.*, 2000; Ribeiro *et al.*, 2007; Ryan e Kinder, 1996; Wickens, 2002; Herold *et al.*, 2001). Apenas os primeiros estudos que tinham por objectivo explorar o fenómeno e abranger o maior número de participantes, tiveram por base uma metodologia puramente quantitativa (Kinsey, 1948, 1953; Gagnon *et al.*, 1995).

No que se refere aos estudos no âmbito do turismo e, ainda que as primeiras pesquisas (Boorstin, 1964; Cohen, 1972, 1973, 1979; Graburn, 1976 e 1983; MacCannell, 1973, 1976; Smith, 1977 todos citados por Riley e Love, 2000), em meados das décadas de 60 e 70 do século passado, tenham assentado em pressupostos qualitativos, desde finais da década de 70, que a investigação nesta área científica tem estado associada ao paradigma positivista e a análises quantitativas.

Com efeito, os estudos recentes sobre sexualidade privilegiam sobretudo as abordagens qualitativas, enquanto as últimas pesquisas no âmbito do turismo dão especial ênfase às metodologias quantitativas. Tendo em conta que a investigação aqui apresentada se consubstancia nas duas áreas temático-científicas, a opção mais coerente passou por conjugar as duas metodologias de investigação.

No seguimento dos estudos realizados por Kinsey (1948, 1953) e Gagnon *et al.* (1995), a primeira etapa desta investigação teve precisamente como objectivo fazer um estudo exploratório que permitisse uma caracterização dos visitantes da Concentração Motard de Faro, não só ao nível sócio-demográfico, como também no que diz respeito às suas práticas efectivas de cariz amoroso/sexual em contexto de férias e durante o evento. Optou-se, portanto, pela metodologia quantitativa na fase inicial. O estudo exploratório possibilitou um primeiro contacto com a realidade e permitiu formular novas questões que foram posteriormente tratadas no estudo qualitativo desenvolvido ainda no âmbito desta investigação.

2.1 – Recolha de Dados

A primeira fase da investigação suportou-se na aplicação de um inquérito⁵ composto por 26 questões abertas e fechadas (*Vide*: Anexo I), derivadas da literatura sobre sexualidade e turismo (Ilkkaracan e Jolly, 2007; Bauer e McKercher, 2003; Herold *et al.*, 2001; Ryan e Hall, 2001; Pritchard *et al.*, 2000; Oppermann, 1998; Ryan e Kinder, 1996; Gagnon *et al.*, 1995; Giddens, 1992; Kinsey, 1948, 1953) a uma amostra⁶ aleatória de 470 participantes da 29ª Concentração Motard de Faro, em 2010.

Os participantes foram seleccionados ao acaso por uma equipa de inquiridores que se voluntariou para colaborar neste estudo. Podemos considerar a aleatoriedade da amostra tendo em conta que qualquer indivíduo presente no recinto da Concentração tinha igual possibilidade de ser seleccionado por um dos inquiridores. A um outro conjunto de indivíduos, ainda que residual (cerca de 3,0% do total de inquiridos), foi solicitada a colaboração no presente estudo, nomeadamente pela equipa de voluntários da APF (Associação para o Planeamento da Família) que se disponibilizou para apoiar esta recolha de dados. O processo de selecção deste conjunto de indivíduos está associado à deslocação dos mesmos à unidade móvel desta associação (que esteve sediada no recinto da Concentração durante os quatro dias em que decorreu o evento), por motivos que se prendem com pedidos de informação sobre planeamento familiar e despiste de IST's⁷. Tanto a equipa de inquiridores como os voluntários da associação foram devidamente formados para dirigirem a aplicação do inquérito.

Os inquéritos foram auto-administrados com o objectivo de garantir a liberdade de expressão dos inquiridos, bem como a ausência da influência do investigador ao nível das suas respostas (Patton, 1990). De acordo com Ghiglione e Matalon (1997) o inquérito auto-administrado é também aplicado quando as questões são susceptíveis de causar algum embaraço. Os autores reportam-se mesmo ao exemplo de um estudo sobre o comportamento sexual dos franceses, referindo que “mais vale então evitar falar do assunto

⁵ “O inquérito é um dos instrumentos mais amplamente utilizados pelos sociólogos e psicólogos sociais. Desde os estudos de mercado às pesquisas puramente teóricas, passando pelas sondagens de opinião, poucas investigações psicossociológicas ou sociológicas empíricas existem que não se apoiem parcial ou totalmente, em informações recolhidas em inquéritos” (Ghiglione e Matalon, 1997:1).

⁶ A amostra foi calculada por aproximação a uma distribuição normal, num intervalo de confiança de 95,0%.

⁷ Infecções Sexualmente Transmissíveis.

e deixar as pessoas responderem por escrito (...) a discricção em relação ao entrevistador era assim salvaguardada” (Ghiglione e Matalon, 1997:164).

Foram considerados elegíveis todos os inquiridos com 18 ou mais anos de idade, desde que a sua residência habitual não fosse na região do Algarve. Dos 470 inquéritos recolhidos foram validados 449, por apresentarem taxas de não resposta inferiores a 10,0%.

A amostra recolhida representa 1,5% da população, ou seja, do total de visitantes da Concentração Motard de Faro em 2010, que se cifrou em cerca de 30.000 indivíduos. Para que uma amostra seja representativa, os membros da população em análise devem ter a mesma probabilidade de ser seleccionados. Quando se alcança este pressuposto é possível traçar generalidades das observações feitas sobre a amostra para a totalidade da população, ou seja, fazer inferência estatística (Ghiglione e Matalon, 1997; Salant e Dillman, 1994). No caso concreto desta investigação, para que a amostra seja representativa num nível de confiança de 95,0% e com um erro amostral de 5,0% seriam necessários 380 inquéritos válidos. Tendo em conta que foram recolhidos 449 inquéritos válidos, os dados são representativos da população com uma margem de erro que se situa nos 4,6%. Com efeito, podemos afirmar que os resultados quantitativos deste estudo reflectem o comportamento dos visitantes da Concentração Motard de Faro.

Os dados recolhidos no inquérito aos motards pretendem testar um conjunto de hipóteses de investigação, na tentativa de corroborar ou refutar os resultados obtidos em estudos semelhantes realizados fora de Portugal (Carr e Poria, 2010, Bauer e McKercher, 2003; Herold *et al.*, 2001; Ryan e Hall, 2001; Pritchard *et al.*, 2000; Oppermann, 1998; Ryan e Kinder, 1996). Nesse sentido, as hipóteses de investigação traçadas são as seguintes:

H1 - Os comportamentos sexuais em férias são semelhantes aos comportamentos sexuais no evento - esta hipótese decorre da segunda questão que norteou a elaboração deste estudo, tendo como suporte as evidências de que o contexto de férias propicia comportamentos sexuais distintos dos que são adoptados no quotidiano. Sendo a Concentração Motard de Faro um evento de carácter lúdico que proporciona fuga à rotina e diversão (em tudo semelhante àquilo que as viagens turísticas pretendem oferecer aos seus

visitantes), considera-se que os comportamentos adoptados no evento não divergem dos comportamentos tidos em contexto de férias.

H2 - As práticas sexuais e os discursos variam segundo o género – esta hipótese encontra suporte na primeira questão que esteve na base deste estudo, ou seja, de que a dominação masculina (Bourdieu, 1999) e o duplo padrão sexual (Jackson e Scott, 2004) ainda persistem, moldando as práticas e os discursos em torno da sexualidade com claras dissemelhanças de acordo com a pertença de género.

H3 - As práticas sexuais e os discursos variam segundo as motivações de viagem – esta hipótese decorre da terceira questão que mediou a elaboração deste estudo e que pretende compreender quais os factores que mais contribuem para a experimentação de uma sexualidade lúdica durante as férias e no evento. O mesmo será dizer que quem viaja com motivações sexuais/românticas tenderá a experimentar de forma mais “intensa” uma sexualidade lúdica durante as férias e/ou durante a Concentração Motard de Faro, tal como Bauer e McKercher (2003); Ryan e Hall (2001); Wickens (2002); Pritchard *et al.* (2000); Carr e Poria (2010), entre outros já o demonstraram em estudos anteriores.

H4 - Quem viaja com motivações sexuais/românticas apresenta maiores níveis de satisfação – esta hipótese deriva da análise de trabalhos recentes sobre a relação entre sexo e turismo, nomeadamente os trabalhos desenvolvidos por Carr e Poria (2010).

H5 - Quem viaja com motivações sexuais/românticas apresenta maiores níveis de fidelização – esta hipótese deriva da hipótese anterior e encontra suporte nos estudos desenvolvidos por Gu e Ryan (2008) e Evans *et al.* (2006), que concluem que quem sai satisfeito apresenta maiores probabilidades de regresso.

2.2 – Tratamento e Análise dos Dados

No que respeita ao tratamento e análise dos dados, o programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 19, revelou-se uma ferramenta fundamental. Foi criada uma

matriz específica para o efeito, na qual as variáveis do inquérito foram devidamente codificadas. Uma vez introduzida a informação e antes da elaboração de análises estatísticas específicas, foi necessária uma depuração dos dados, que consiste numa primeira validação de forma a evitar incongruências nas respostas. Ultrapassada a etapa de validação, as análises efectuadas suportaram-se na estatística descritiva e em testes não paramétricos, que tiveram como objectivo comprovar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre segmentos (Pestana e Gageiro, 2005). O inquérito utilizado, em que a maioria das variáveis é do tipo categórico ordinal, seguindo uma escala de Likert de cinco pontos⁸ (Gilbert e Hudson, 2000; Gonzalez e Bello, 2002), inviabilizou a realização de análises mais complexas. Todavia, os procedimentos adoptados são garante da validade/fiabilidade do estudo, bem como do cumprimento do objectivo desta primeira etapa: explorar a experimentação da sexualidade com base nos comportamentos descritos pelos participantes da Concentração Motard de Faro.

Ainda assim, muitas questões emergiram na análise dos dados quantitativos que importa clarificar. Se por um lado, as mulheres se refugiaram muitas vezes no “não concordo nem discordo”, escondendo a submissão a um moralismo social que as impede de relatar as suas experiências sexuais, por outro, os homens mais libertos falaram das suas experiências mas tenderam a negar comportamentos mais exuberantes. Estas questões que sugeriam ainda algum constrangimento nas respostas, apesar do inquérito ser anónimo, confidencial e de resposta livre, estruturam a análise qualitativa cujos contornos se apresentam no ponto seguinte.

3 – Metodologia Qualitativa

A metodologia qualitativa encontra os seus fundamentos no paradigma interpretativo ou construtivista e tem origem no século passado, coincidindo com o nascimento da Antropologia e da Sociologia de Chicago. Porém, só na década de 60 os cientistas sociais

⁸ Escalas de importância: 1 – Nada importante; 2 – Pouco importante; 3 – Moderadamente importante; 4 – Muito importante; 5 – Extremamente importante; e escalas de concordância: 1 – Discordo totalmente; 2 – Discordo; 3 – Não concordo nem discordo; 4 – Concordo; 5 – Concordo totalmente.

começaram a demonstrar interesse por abordagens de cariz interpretativo, aparecendo nos EUA os primeiros estudos oficiais que utilizaram este tipo de abordagem. Nas palavras de Coutinho (2011), “tal como o paradigma quantitativo/positivista vai buscar as suas origens ao positivismo de Auguste Comte e ao empirismo de Locke e Stuart Mill, as abordagens interpretativas/qualitativas identificam-se com a perspectiva fenomenológica patente nos trabalhos dos filósofos Edmund Husserl e Alfred Schutz, com o interaccionismo simbólico de Herbert Mead e a etnometodologia de Harold Garfinkel” (Coutinho, 2011:16).

De acordo com a perspectiva fenomenológica, os investigadores tentam compreender o significado que os acontecimentos e as interacções têm para os indivíduos. “Procuram penetrar no mundo conceptual dos seus sujeitos com o objectivo de compreender qual o significado que constroem dos acontecimentos das suas vidas quotidianas sem a presunção de ideias pré-concebidas” (Coutinho, 2011;16).

Já os autores do Interaccionismo Simbólico defendem a ideia de que a experiência humana é mediada pela interpretação: “o significado que as pessoas atribuem às suas experiências, bem como o processo de interpretação, são elementos essenciais e construtivos, não acidentais ou alheios aquilo que é a experiência. Os significados são construídos no jogo das interacções que o sujeito realiza em cada situação da sua vida” (*Idem*).

A Etnometodologia é a corrente sociológica que mais longe levou a ideia de construção social da realidade. De acordo com esta corrente (cuja principal fonte de inspiração foi a obra de Schutz, embora tenha ficado sobejamente conhecida pelo trabalho desenvolvido por Garfinkel), os indivíduos não sofrem passivamente a realidade social. “Sociólogos à sua maneira, eles descrevem e interpretam sem descontinuidades as suas experiências quotidianas a fim de darem um sentido às suas acções e às dos outros. Fazendo isto, reconstituem constantemente a realidade” (Campenhoudt, 2003:104).

Com efeito, a investigação que aqui se apresenta encontra suporte na Fenomenologia, no Interaccionismo Simbólico e na Etnometodologia, na tentativa de compreender e interpretar a forma como os indivíduos expressam e experimentam a sexualidade, a visão que têm de si e dos outros enquanto seres sexuais, e o significado que atribuem às interacções que estabelecem.

Tal como foi referido anteriormente, a metodologia qualitativa apresenta algumas limitações, nomeadamente no que diz respeito à interpretação que o investigador faz dos dados que recolhe. A análise qualitativa é sempre produto da visão subjectiva do investigador, onde o risco de formular juízos de valor e de dar azo a ideias pré-concebidas é elevado. Para ultrapassar essa limitação, há quem defenda uma triangulação de métodos e/ou de dados (Jennings, 2010; Denzin e Lincoln, 1994), (*Vide*: ponto 4 deste capítulo). Através do cruzamento de várias fontes de informação e técnicas de recolha e tratamento de dados, é possível contornar esta visão subjectiva do investigador. Claro está que o conhecimento subjectivo resultante do comportamento humano não é passível de ser transformado em objectivo. Mas ainda assim, uma “fusão de horizontes” pode ser útil. “Consciente das suas ideias pré-concebidas – o seu «horizonte» -, o investigador busca incessantemente o conhecimento abrindo o «seu» a outras perspectivas (outros horizontes) que com ele se fundem, completam e expandem” (Coutinho, 2011:18).

Apesar das limitações reconhecidas, a maior parte dos estudos sobre sexualidade suportam-se em métodos qualitativos, nomeadamente através do recurso a entrevistas presenciais, entrevistas telefónicas, estudos de caso e *focus group* (Oppermann, 1998; Pritchard *et al.*, 2000; Ribeiro *et al.*, 2007; Ryan e Kinder, 1996; Wickens, 2002; Herold *et al.*, 2001, entre outros). De facto, a metodologia qualitativa apresenta a vantagem de permitir estudar um determinado fenómeno a partir do seu interior e em profundidade. No caso concreto da sexualidade e do estudo aqui apresentado, possibilita aprofundar questões de carácter mais intimista, as quais por norma, o indivíduo resguarda do conhecimento comum. Ainda assim, Ghiglione e Matalon (1997) advertem para a necessidade de uma relação não muito próxima, nem muito distante entre o investigador e o entrevistado, para o sucesso das entrevistas sobre temáticas «sensíveis»: “as respostas mais exactas (quando é possível controlar a sua veracidade) não são obtidas nem quando a distância social é mínima, nem quando o contacto entre entrevistador e entrevistado é o melhor. Uma certa distância, ao mesmo tempo social e afectiva, é necessária” (Ghiglione e Matalon, 1997:172).

3.1 – Recolha de Dados

A metodologia qualitativa desta investigação tem por base duas fases distintas de recolha de dados. A primeira fase consistiu numa entrevista *on-line* (Vide: Anexo VII) a 16 motards que, após o preenchimento do inquérito no recinto da Concentração, revelaram disponibilidade para continuar a colaborar no estudo. Aquando do preenchimento do inquérito, foi solicitado o *e-mail* dos participantes no sentido da validação do estudo, bem como forma de prolongamento da investigação. É de realçar que, de entre os 449 inquéritos realizados, foram recolhidos 201 *e-mails* (133 dos quais foram cedidos por homens e 68 por mulheres). Tendo em conta que apenas metade das mulheres disponibilizou o seu *e-mail*, eram esperadas metade das respostas do género feminino. O mesmo será dizer que se 13 homens responderam à entrevista *on-line*, eram esperadas pelo menos seis respostas femininas. Porém, tal não sucedeu, revelando *a priori* que as mulheres mostram maior dificuldade ou inibição para falar sobre a questão da sexualidade. No cômputo geral, foram recolhidas 13 entrevistas do género masculino e apenas três do género feminino.

A opção por realizar a entrevista em formato digital deveu-se fundamentalmente a questões económicas (economia de tempo e financeira). O facto deste estudo se debruçar sobre os participantes da Concentração Motard de Faro que não residem no Algarve (sendo por isso turistas) constituiu-se de algum modo como elemento inibidor da segunda fase de recolha de dados. Muitos dos participantes residem no estrangeiro e noutras regiões de Portugal, dificultando a realização de entrevistas presenciais, ideadas inicialmente como técnica privilegiada. Os limites temporais decorrentes da formalidade do estudo, bem como constrangimentos financeiros impossibilitaram a realização desse tipo de entrevistas. Ainda assim, foram colocadas outras hipóteses, nomeadamente a realização de entrevistas telefónicas, conversas informais pelo *Messenger* ou ainda o envio do formulário da entrevista por correio. Mas rapidamente se constatou a inviabilidade destes métodos: os custos associados são também elevados, particularmente no caso das entrevistas telefónicas, o risco de fracasso na obtenção de respostas era também grande, assim como o tempo necessário para recolher todos os dados. A opção mais viável foi portanto a realização de uma entrevista *on-line*, através do preenchimento de um formulário estruturado.

As entrevistas não presenciais não são a técnica de recolha de dados mais adequada quando se pretende estudar o comportamento humano. A necessidade de utilização de um guião estruturado e a impossibilidade de realizar uma entrevista face-a-face, subentendem perda de informação importante, de outras questões que surgiriam eventualmente ao longo do discurso do entrevistado, de anotações feitas pelo investigador a propósito da postura e tipo de discurso utilizado pelo entrevistado, etc. Todavia, as entrevistas não presenciais apresentam também potencialidades, nomeadamente no caso concreto do estudo aqui apresentado. Tal como referem Ghiglione e Matalon (1997), costuma recorrer-se a inquéritos auto-administrados e a entrevistas não presenciais, quando o objectivo é estudar temas que podem causar algum embaraço aos participantes - falar de sexualidade e relações de intimidade é claramente um exemplo disso.

Pelos motivos acima expostos, optou-se pela realização de entrevistas não presenciais. Num primeiro momento, o *link* da entrevista foi enviado por *e-mail* e, num segundo momento, foi enviado também através da rede social Facebook. Para tal, foi realizado um trabalho de pesquisa de todos os indivíduos que disponibilizaram o seu *e-mail* e que têm conta nesta rede social. Após a aceitação do pedido de amizade por parte dos mesmos, foi enviada uma mensagem com a explicação dos objectivos do estudo, bem como com o *link* da entrevista. Curiosamente, os 16 indivíduos que responderam foram os que tinham sido contactados pelo Facebook. Nenhum indivíduo que foi contactado apenas por *e-mail* respondeu à entrevista, demonstrando a importância da rede social Facebook para a difusão da informação e também enquanto fonte privilegiada na dinamização desta investigação.

A realização das entrevistas foi determinante para o cumprimento dos objectivos desta investigação. Permitiram confirmar e aprofundar os dados recolhidos no inquérito, bem como explorar novas questões associadas à sexualidade e a sua relação com o quotidiano e contextos turísticos. Tiveram como objectivo geral “compreender a forma como os indivíduos percebem e experienciam a sua sexualidade na vida quotidiana, em contexto turístico e na Concentração Motard de Faro”.

A segunda fase de recolha de dados qualitativos teve por base a realização de uma entrevista semi-estruturada (*Vide*: Anexo IX) a dois informantes privilegiados sobre a temática em estudo, nomeadamente ao Presidente e ao Relações Públicas/Secretário-geral

do Moto Clube Faro. Trata-se de uma técnica qualitativa de pesquisa que procura deduzir, refinar e gerar uma opinião final a partir de um grupo de especialistas, sendo também conhecida como técnica ou método Delphi (Jennings, 2010; Denzin e Lincoln, 1994). Através da opinião de especialistas é possível compreender e avaliar melhor os dados recolhidos com informantes isolados. Trata-se, no fundo, de uma técnica de validação que permite perceber se a interpretação que o investigador fez sobre o primeiro conjunto de dados estava ou não correcta.

No caso concreto deste estudo, conhecer a opinião de informantes privilegiados foi fundamental por dois grandes motivos: primeiro, porque os dados recolhidos através do inquérito aos motards, sendo de natureza quantitativa não permitem analisar em profundidade a questão da sexualidade; segundo, porque as entrevistas realizadas, estando condicionadas a um guião estruturado e sendo auto-administradas, podem levar a perdas de informação e interpretações erróneas por parte do investigador. O principal objectivo destas entrevistas foi aferir acerca da opinião dos membros do Moto Clube Faro sobre a Concentração enquanto espaço lúdico de carácter erotizado e do seu contributo para o sector do turismo na região. Importa referir que, para além do conjunto de questões sobre sexualidade que se levantaram ao longo da análise dos dados quantitativos e das primeiras entrevistas, considerou-se ainda fundamental compreender a opinião dos informantes privilegiados sobre a importância da Concentração Motard de Faro para o sector do turismo no Algarve. Esta relação decorre da percepção do evento enquanto atractivo de turistas à região e ainda da relação de causalidade detectada entre o segmento que procura sexo e/ou romance e suas intenções futuras face ao destino.

3.2 – Tratamento e Análise dos Dados

No que se refere à análise e tratamento dos dados decorrentes da metodologia qualitativa, optou-se pela análise de conteúdo, nomeadamente análise interpretativa das entrevistas, de acordo com as recomendações de McCracken (1988), Bardin (1997), Guerra (2010) e Coutinho (2011).

Segundo Guerra (2010), “a análise de conteúdo é uma técnica e não um método, utilizando o procedimento normal da investigação – a saber, o confronto entre um quadro de referência do investigador e o material empírico recolhido. Nesse sentido, a análise de conteúdo tem uma *dimensão descritiva* que visa dar conta do que nos foi narrado e uma *dimensão interpretativa* que decorre das interrogações do analista face a um objecto de estudo, com recurso a um sistema de conceitos teórico-analíticos cuja articulação permite formular as regras de inferência” (Guerra, 2010:62).

A análise de conteúdo constitui portanto uma técnica de tratamento e análise de dados que permite, por um lado, descrever as opiniões dos entrevistados face a um determinado tema e, por outro, fazer inferências válidas e replicáveis sobre os dados analisados. Na opinião de Bardin (1997), existem quatro tipos de análises de conteúdo, a saber: categorial, de avaliação, de enunciação e de expressão. No caso concreto deste estudo, será adoptada uma análise de conteúdo do tipo categorial⁹.

A análise categorial consiste na identificação de variáveis cuja dinâmica é potencialmente explicativa do fenómeno que pretendemos estudar. Com efeito, as categorias de análise são construídas com base nas pesquisas efectuadas (revisão de literatura e análise de dados), e de onde sobressaem as variáveis que mais contribuem para estudar o fenómeno: “na diversidade da lógica interna de construção das categorias (...) apenas se destacam os elementos dominantes e sociologicamente pertinentes para descrever a situação” (Guerra, 2010:81).

Após a análise dos vários elementos do estudo é possível proceder à codificação das categorias. Segundo Bardin (1997), a codificação compreende:

- A escolha de unidades de registo (recorte) – unidades de significação a codificar;
- A selecção de regras de contagem (enumeração).

⁹ Ainda assim, é de referir que as questões número 19, 26 e 36 da entrevista *on-line* realizada na primeira fase de recolha de dados qualitativos (*Vide: Anexo VII*), foram sujeitas a tratamento estatístico. Tendo como objectivo constatar o grau de concordância dos entrevistados face a aspectos relacionados com a experimentação sexual na vida quotidiana, em contexto turístico e durante a Concentração Motard de Faro, a opção mais viável de análise de resultados foi a estatística descritiva. Mais uma vez, seguindo o postulado do *continuum* proposto por Erickson (1986) e Miles e Huberman (1984), *cit in* Lessard-Hébert (1994), a metodologia qualitativa não é excludente da quantitativa e vice-versa.

Cumpridos os pressupostos da escolha das unidades de registo e das regras de contagem, que no fundo correspondem às frases proferidas pelos entrevistados que melhor respondem ao enunciado do problema, é possível organizar sinopses das entrevistas (*Vide*: Anexos VIII e XI), as quais são de extrema utilidade para a análise de conteúdo.

No que diz respeito à interpretação dos dados e, seguindo a indicação de Coutinho (2011), esta só fará sentido através da articulação com a fundamentação teórica. Segundo Bardin (1997) e Esteves (2006) citados por Coutinho (2011), “as interpretações serão sempre no sentido de buscar o que se esconde sobre a aparente realidade, o que significa verdadeiramente o discurso enunciado, o que querem dizer em profundidade certas afirmações/constatações aparentemente superficiais” (Coutinho, 2011:196). Uma revisão de literatura bem estruturada e fundamentada de acordo com o(s) objectivo(s) do estudo, constitui-se portanto como elemento guia da elaboração das categorias de análise e das respectivas interpretações do investigador (*Vide*: Capítulo II).

Finalmente, de acordo com Coutinho (2011) e Ghiglione e Matalon (1997) o investigador deve preocupar-se com a fidelidade e validade da aplicação do método da análise de conteúdo. A fidelidade do instrumento está ligada ao processo de codificação e, por consequência, ao codificador e ao instrumento de codificação de que ele dispõe. Com efeito, a fidelidade estará garantida quando se tornam “claras as categorias e as unidades de registo, definindo-as rigorosamente” e evitando ambiguidades (Ghiglione e Matalon, 1997:195). Já a validade do método é alcançada quando se verifica “uma adequação entre os objectivos e os fins sem distorção dos factos” (*Idem*, 196). De forma a testar a validade, o investigador deve confrontar as suas categorias de análise com as que são identificadas por peritos, no sentido de perceber se estas representam ou não aspectos de uma teoria que pretende testar (Coutinho, 2011).

No que respeita ao estudo aqui apresentado, é possível atestar a fidelidade e validade do mesmo. Um trabalho exaustivo de codificação e de selecção de unidades de registo foi elaborado, sendo que as categorias de análise definidas foram comparadas com as utilizadas em estudos semelhantes (Oppermann, 1998; Pritchard *et al.*, 2000; Ribeiro *et al.*, 2007; Ryan e Kinder, 1996; Wickens, 2002; Herold *et al.*, 2001, entre outros). O mesmo

procedimento foi adoptado na primeira e segunda fases de análise de dados qualitativos, ou seja, nas entrevistas aos motards e aos membros do Moto Clube Faro.

4 – Triangulação de Dados

Corroborando a tese do *continuum* entre as metodologias quantitativa e qualitativa e, de forma a suplantar as debilidades das mesmas quando usadas isoladamente, alguns autores defendem a técnica da triangulação.

Denzin e Lincoln (1994) identificam cinco tipos de triangulação:

- Triangulação de dados: uso de várias fontes de dados no mesmo estudo;
- Triangulação de investigadores: uso de diferentes investigadores ou avaliadores;
- Triangulação teórica: uso de diferentes perspectivas na interpretação de um conjunto de dados;
- Triangulação metodológica: uso de diversos métodos no estudo de um problema;
- Triangulação interdisciplinar: uso de diferentes disciplinas ou áreas científicas no estudo de um fenómeno (Denzin e Lincoln, 1994:214-215).

No presente estudo foram eleitas a triangulação de dados e de métodos. No que se refere à triangulação de dados, recorreu-se aos dados provenientes do inquérito, das entrevistas (aos motards e aos informantes privilegiados) e da fundamentação teórica. Já no que respeita à triangulação metodológica, foram eleitas as metodologias quantitativas e qualitativas. O cruzamento de várias fontes de informação e de diferentes metodologias de análise, ainda que não constituam uma estratégia de validação, são certamente uma alternativa a essa validação (Denzin e Lincoln, 1994). Ao mesmo tempo, constituem uma boa técnica para tentar obviar a subjectividade do investigador.

Os actuais guias de investigação sobre turismo e sexualidade defendem o uso recorrente de diferentes formas de triangulação (Jennings, 2010; Wiederman e Whitley Jr., 2009) com o objectivo de imprimir maior validade às conclusões que se formulam. Nesse sentido e, tendo em conta que esta investigação é transversal às duas áreas temáticas, a opção da triangulação não poderia deixar de ser tomada. Nos capítulos que se seguem serão apresentados e discutidos os dados resultantes das duas metodologias utilizadas, tentando sempre que possível estabelecer um paralelismo entre ambos.

CAPÍTULO IV – CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO EM ANÁLISE E IDENTIFICAÇÃO DE SEGMENTOS

A análise que seguidamente se apresenta decorre da aplicação de um inquérito (*Vide: Anexo I*) na 29ª Concentração Motard de Faro, em 2010, a uma amostra aleatória de 449 indivíduos, e de uma entrevista estruturada (*Vide: Anexo VII*) a 16 motards que após o preenchimento do inquérito revelaram disponibilidade para futuras colaborações no âmbito deste estudo. Os resultados serão analisados de acordo com a nacionalidade (portuguesa e estrangeira), o género (masculino e feminino) e os clusters (“Sexo/Romance” e “Socialização/Novas emoções”), sendo estas as variáveis que se revelaram mais pertinentes para a identificação de padrões de comportamento, bem como as que esboçam as hipóteses que norteiam esta investigação.

1 – Perfil dos Visitantes da Concentração Motard de Faro

A Concentração Motard de Faro é sobretudo um evento homosocial. Tal como a maioria dos desportos lúdicos que envolvem risco e esforço físico, também o motociclismo é tipificado como uma actividade do domínio masculino. Ainda assim e, tal como outros estudos sugerem, a emancipação feminina tem vindo a contribuir para que as mulheres contestem as tradições veiculadas e reivindicuem a participação em actividades tipicamente masculinas, como é o caso do motociclismo (Roster, 2007). Os dados aqui apresentados não constituem excepção: de facto, a grande maioria dos visitantes da Concentração Motard de Faro pertence ao género masculino (67,0%), embora muitas mulheres participem também neste evento (33,0%). Ainda assim, a grande maioria das mulheres faz-se acompanhar pelo seu esposo/companheiro (47,3%), ou pela família (9,5%), legitimando que a presença feminina neste evento se deve muito ao acompanhar dos cônjuges.

Ao nível sócio-demográfico, os inquiridos apresentam uma idade média de 35 anos, sendo que 48,6% tem uma idade que se situa entre os 18 e os 34 anos. Grande parte dos visitantes é de nacionalidade portuguesa (52,1%), embora seja também significativo o número de visitantes de nacionalidade espanhola (22,0%) e britânica (18,0%). A maioria é casada ou vive em união de facto (56,8%), e outros são solteiros (30,7%). Apresentam habilitações literárias ao nível do ensino secundário (49,7%) ou superior (37,9%) e encontram-se empregados (82,4%), (Figura 4.1).

Figura 4.1 – Caracterização Sócio-demográfica dos Visitantes



Fonte: Elaboração Própria.

Vide: Anexo II, Tabela 1.

De acordo com a Figura 4.2 é possível identificar o país de residência dos visitantes da Concentração. Com efeito, 53,0% dos visitantes residem em Portugal, sendo que destes, muitos têm na região da Grande Lisboa (20,1%), no Norte (10,0%) e na região Centro (9,1%), o seu local de residência permanente (Figura 4.3). Por outro lado, 47,0% dos visitantes provêm de outros países, nomeadamente de países europeus (46,4%), (Figura 4.2).

Figura 4.2 – País de Residência dos Visitantes

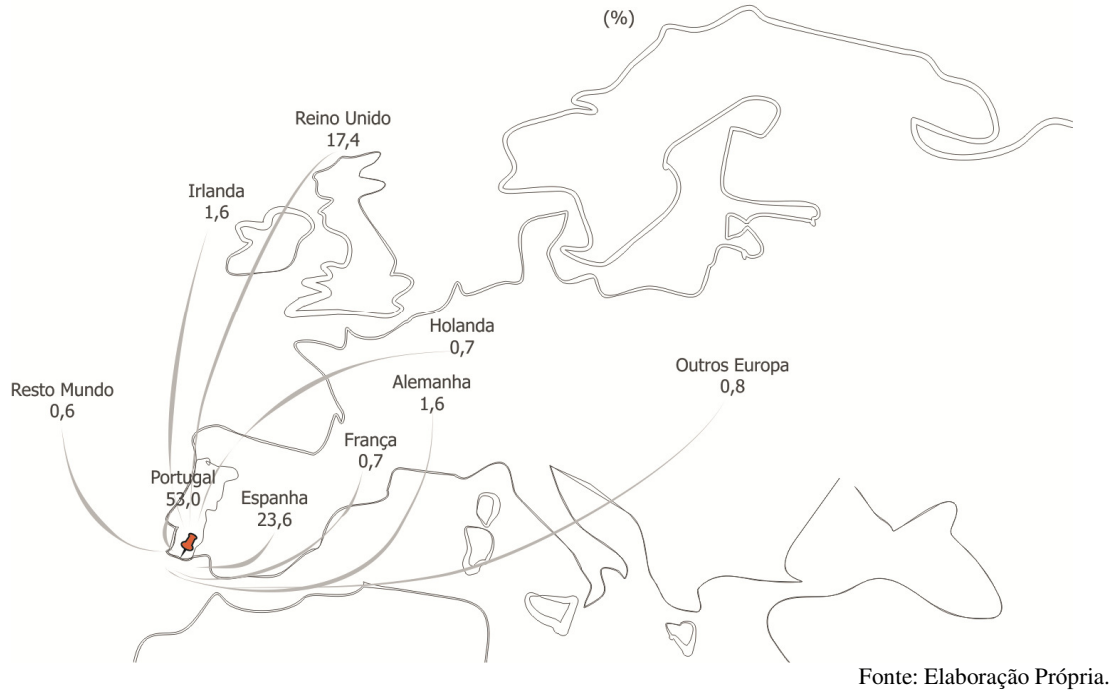


Figura 4.3 – Região de Residência dos Visitantes



Fonte: Elaboração própria.

Já no que respeita ao perfil sócio-demográfico dos entrevistados (Tabela 4.1), a maioria é de nacionalidade portuguesa (dez indivíduos), sendo que alguns são espanhóis (quatro indivíduos), e apenas uma minoria é de nacionalidade francesa ou britânica (um indivíduo, respectivamente). A idade dos entrevistados situa-se entre os 22 e os 43 anos (média de idades: 34 anos). Quanto ao estado civil, seis são solteiros, outros seis são casados ou vivem em união de facto e quatro são divorciados. A maioria apresenta qualificações académicas ao nível do ensino secundário (13 indivíduos); apenas alguns apresentam qualificações ao nível do ensino superior (dois indivíduos) ou básico (um indivíduo). Encontram-se no activo (14 indivíduos), exercendo profissões ligadas ao sector do comércio/vendas, prestação de serviços ou função pública; apenas um indivíduo está desempregado e outro encontra-se ainda a estudar.

Tabela 4.1 – Caracterização Sócio-demográfica dos Entrevistados

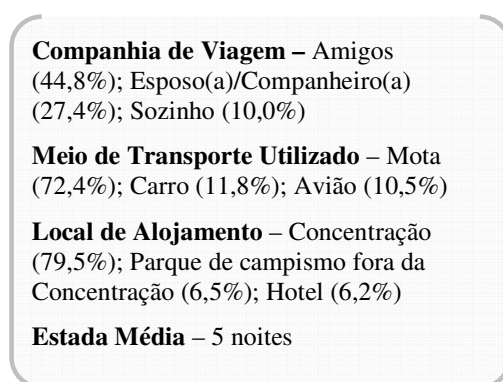
| Nome (fictício) | Idade | Nacionalidade | Estado Civil | Habilitações Literárias | Profissão |
|-----------------|-------|---------------|-----------------------|-------------------------|---------------------|
| João | 22 | Portuguesa | Solteiro | Secundário | Estudante |
| Pedro | 26 | Portuguesa | Solteiro | Secundário | NS/NR |
| André | 34 | Portuguesa | Divorciado | Secundário | Desenhador |
| António | 36 | Portuguesa | Casado/União de facto | Secundário | Militar |
| Jorge | 40 | Portuguesa | Divorciado | Secundário | Comerciante |
| José | 40 | Portuguesa | Casado/União de facto | Secundário | Promotor de vendas |
| Carlos | 41 | Portuguesa | Casado/União de facto | Secundário | Caixa |
| Rui | 43 | Portuguesa | Casado/União de facto | Secundário | Desenhador |
| Juan | 25 | Espanhola | Solteiro | Secundário | Militar |
| Alexandro | 35 | Espanhola | Solteiro | Secundário | Mecânico |
| Michel | 37 | Frnacesa | Divorciado | Básico | Educador Social |
| Ivan | 37 | Espanhola | Solteiro | Superior | Funcionário Público |
| Julio | 42 | Espanhola | Solteiro | Superior | Chefe de Centro |
| Maria | 28 | Portuguesa | Casado/União de facto | Secundário | Gerente de loja |
| Eunice | 32 | Portuguesa | Divorciado | Secundário | Esteticista |
| Susan | 31 | Britânica | Casado/União de facto | Secundário | Vendedora |

Fonte: Elaboração própria.

1.1 – Caracterização Tripográfica dos Visitantes da Concentração Motard de Faro

Para visitar a Concentração Motard de Faro os participantes escolhem a companhia de amigos (44,8%) ou do/a esposo(a)/companheiro(a) (27,4%), embora alguns optem também por ir à Concentração sozinhos (10,0%). Deslocam-se sobretudo de mota (72,4%), ou não fosse este um evento ligado à cultura motard e, uma vez em Faro, optam por se alojar no parque de campismo situado dentro do recinto da Concentração (79,5%). Estes visitantes permanecem, em média, cinco noites no Algarve (Figura 4.4).

Figura 4.4 – Logística da Viagem dos Visitantes

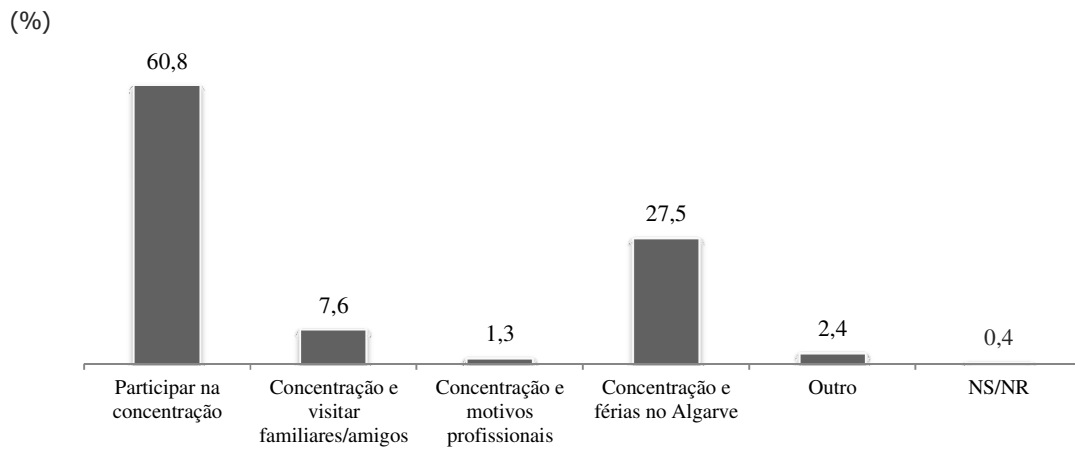


Fonte: Elaboração Própria.

Vide: Anexo II, Tabela 2.

A maioria dos visitantes (60,8%) admite que “participar na Concentração” foi o principal motivo desta vinda ao Algarve. Outros, porém, (27,5%) afirmam que preferem aliar a sua participação no evento a umas férias ou mini-férias na região (Figura 4.5). Este é, portanto, um bom indicador de que o facto deste evento se realizar no Algarve, constitui uma mais-valia para a região, pois atrai não apenas indivíduos movidos pelo “espírito motard”, como também aqueles que não dispensam umas férias na região.

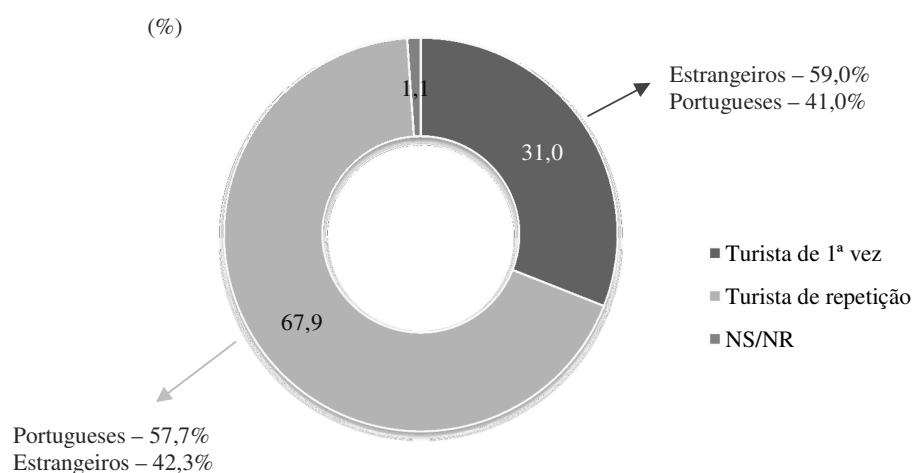
Figura 4.5 – Motivo da Visita



Fonte: Elaboração própria.

Grande parte dos visitantes (67,9%) participa com frequência na Concentração Motard de Faro, sendo por isso considerados turistas de repetição no evento - destes, a maioria é de nacionalidade portuguesa (57,7%). Por oposição, para 31,0% dos visitantes, esta é a primeira vez na Concentração – destes, a maioria é de nacionalidade estrangeira (59,0%), (Figura 4.6). Estes valores revelam, por um lado, a capacidade de fidelização do evento e, por outro, a capacidade de atracção de novos públicos, nacionais ou estrangeiros.

Figura 4.6 – Tipo de Visitante



Fonte: Elaboração própria.

2 – Motivações de Viagem

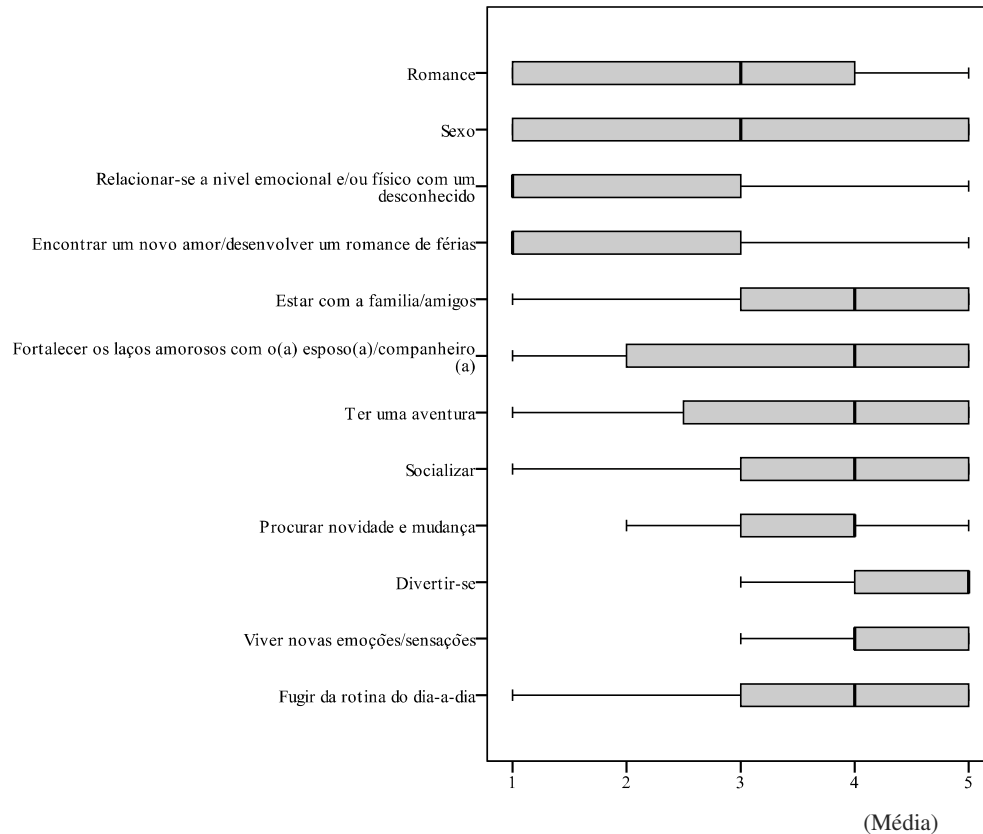
Segundo Crompton (1979, *in* Correia *et al.*, 2007b), os factores que estão na base da escolha de um destino turístico podem ser intrínsecos ao próprio indivíduo (factores *push* que “empurram” o indivíduo para o destino), ou podem derivar dos atributos do destino (factores *pull* que “puxam” o indivíduo para o destino). Com efeito, no que diz respeito aos factores intrínsecos, os visitantes da Concentração procuram sobretudo a oportunidade de diversão, de viver novas emoções/sensações, de estar com a família/amigos, de fugir à rotina quotidiana e de socializar (Figura 4.7).

Relacionar-se emocional e fisicamente com um desconhecido e encontrar um novo amor/ter um romance em férias são os aspectos considerados como menos importantes na escolha de um destino turístico. A moda das respostas a estas variáveis centra-se mesmo no “nada importante” (*Vide*: Tabela 3, Anexo II). Neste sentido, importa referir que os visitantes da Concentração Motard de Faro procuram fugir à rotina, mas essa fuga é, em grande medida, feita na companhia de pessoas que fazem parte do seu quotidiano: família e amigos – um

dos aspectos mais valorizados pelos visitantes da Concentração. Ao mesmo tempo, o sexo e o romance são procurados, ainda que as evidências do inquérito sugiram mais um investimento em relações amorosas já instituídas. Com efeito, relações fortuitas com desconhecidos não parecem despertar o desejo dos indivíduos na escolha de um destino turístico. A menor importância desta variável pode, muito provavelmente, estar associada a uma certa censura na resposta, ainda que o inquérito fosse de livre preenchimento. Na verdade, dos que afirmam não ser este um driver da sua viagem, 6,9% já se envolveram sexualmente com residentes e 7,0% com turistas, ou seja com desconhecidos, durante a Concentração Motard de Faro.

A dispersão das respostas em torno do sexo mostra que esta não é uma motivação consensual: se cerca de 50,0% tende a não considerar o sexo como um motivo importante na escolha de um destino de férias, para os outros 50,0% o sexo constitui um driver da viagem. Curiosamente, o romance apresenta uma distribuição muito semelhante no que se refere à desvalorização deste driver. Uma análise cruzada entre os dois motivos mostra que 32,1% dos que não consideram o romance importante, desvalorizam também o sexo. Já para 33,4% dos que consideram o romance muito ou extremamente importante, o sexo é também uma motivação decisiva. Quer isto dizer que as variáveis sexo e romance estão intimamente relacionadas (*Vide*: Tabela 4, Anexo II), sendo que a negação do envolvimento com desconhecidos surge muito por força dos relacionamentos estáveis em que estes indivíduos estão implicados.

Figura 4.7 – Grau de Importância dos Factores Intrínsecos



Escala de resposta: 1 – Nada importante; 5 – Extremamente importante.

Fonte: Elaboração própria.

Vide: Anexo II, Tabela 3.

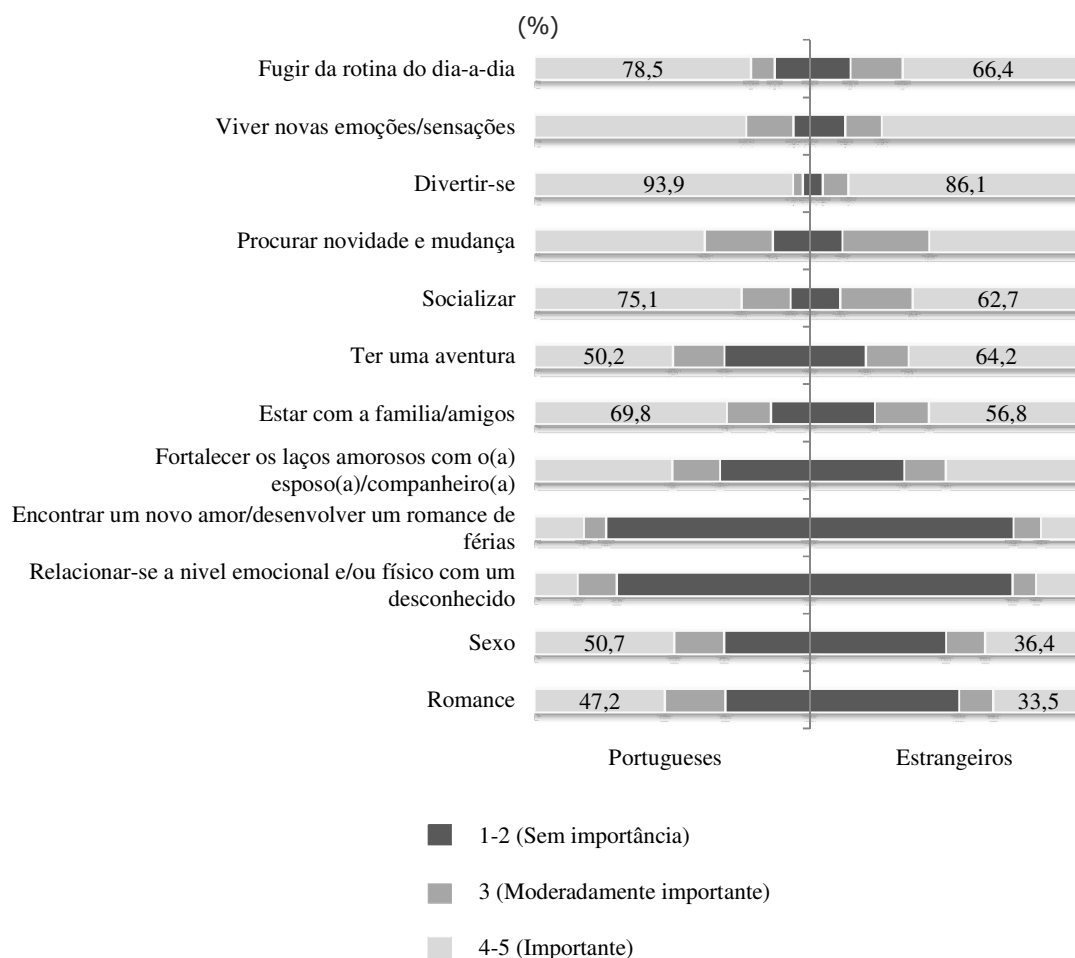
Contrariando os estereótipos associados ao evento, as experiências sexuais e amorosas parecem representar formas de ruptura com as rotinas e repetições do quotidiano, mas ainda assim, essas rupturas associam-se mais ao contexto do que à diversificação de parceiros. Esta evidência corrobora a tese defendida por Bauer e McKercher (2003) de que em contexto de férias as experiências sexuais são mais libertadoras e está bem presente na importância relativa que os indivíduos atribuem à variável “fortalecer os laços amorosos com o(a) esposo(a)/companheiro(a)”, em que a moda das respostas se queda no “extremamente importante” (Vide: Tabela 3, Anexo II).

A falta de consenso que a distribuição das respostas revela, sugere diferenças comportamentais ao nível dos diferentes grupos sociais, que as hipóteses deste estudo já evidenciavam. Por isso mesmo, uma análise por nacionalidade e género é realizada com base num teste não paramétrico (Kruskal-Wallis), de forma a encontrar diferenças motivacionais entre os vários grupos.

Numa análise por nacionalidade evidenciam-se, portanto, algumas diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) que importa destacar (Figura 4.8). Os valores¹⁰ apresentados na Figura 4.8 permitem identificar as variáveis onde as diferenças nas respostas de acordo com a nacionalidade dos inquiridos são estatisticamente significativas. A proximidade de nós entre os valores 1 e 2 e entre os valores 4 e 5 sugeriu uma recategorização das variáveis que, no global, facilitou a leitura dos dados e permitiu evidenciar de forma mais clara as diferenças estatísticas existentes. Assim, de entre os factores intrínsecos que influenciam na escolha de um destino turístico, os portugueses atribuem maior importância à fuga da rotina (78,5%), à diversão (93,9%), à socialização (75,1%), ao facto de poderem estar com a família/amigos (69,8%), ao sexo (50,7%) e ao romance (47,2%). Os estrangeiros, por oposição, atribuem maior importância ao facto de poderem ter uma aventura no destino (64,2%). No global, viver novas emoções/sensações, procurar novidade e mudança e fortalecer os laços amorosos com o(a) esposo(a)/companheiro(a) são os drivers de todos os visitantes. Menos importante é encontrar um novo amor/desenvolver um romance de férias e relacionar-se a nível emocional e/ou físico com um desconhecido.

¹⁰ Em todas as figuras aqui apresentadas, cujo objectivo é fazer uma análise por segmentos, são indicados apenas os valores onde existem diferenças estatisticamente significativas entre as variáveis ($p < 0,05$). Os valores não mencionados podem ser consultados nas tabelas de apoio às respectivas figuras, em anexo.

Figura 4.8 – Grau de Importância dos Factores Intrínsecos, segundo a Nacionalidade



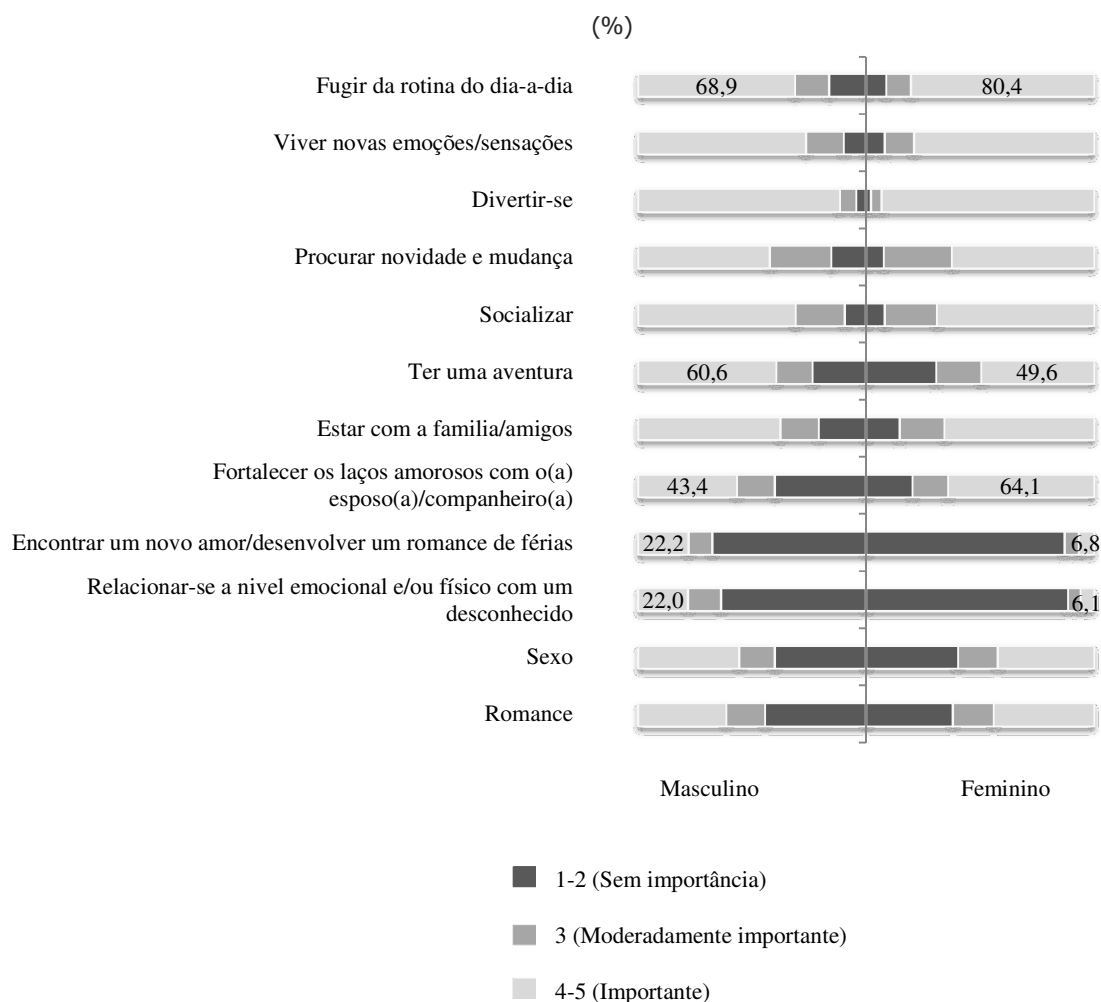
Fonte: Elaboração própria.

Vide: Anexo II, Tabela 5.

Uma análise por género revela também diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) no que toca às motivações intrínsecas de viagem (Figura 4.9). As mulheres atribuem maior importância a aspectos como a fuga à rotina quotidiana (80,4%) e o fortalecimento dos laços amorosos com o esposo/companheiro (64,1%), enquanto os homens valorizam mais o facto de poderem ter uma aventura no destino (60,6%), de poderem encontrar um novo amor/desenvolver um romance de férias (22,2%) ou ainda de se relacionarem emocional ou fisicamente com um(a) desconhecido(a) (22,0%). Note-se, a este respeito, que o sexo e o

romance não apresentam diferenças significativas quando analisados sob o ponto de vista do género ($p>0,05$), verificando-se uma distribuição mais ou menos equitativa entre aqueles que atribuem grande importância a estes aspectos e aqueles para quem não são muito importantes. Não existe portanto uma grande variabilidade de respostas entre homens e mulheres.

Figura 4.9 – Grau de Importância dos Factores Intrínsecos, segundo o Género



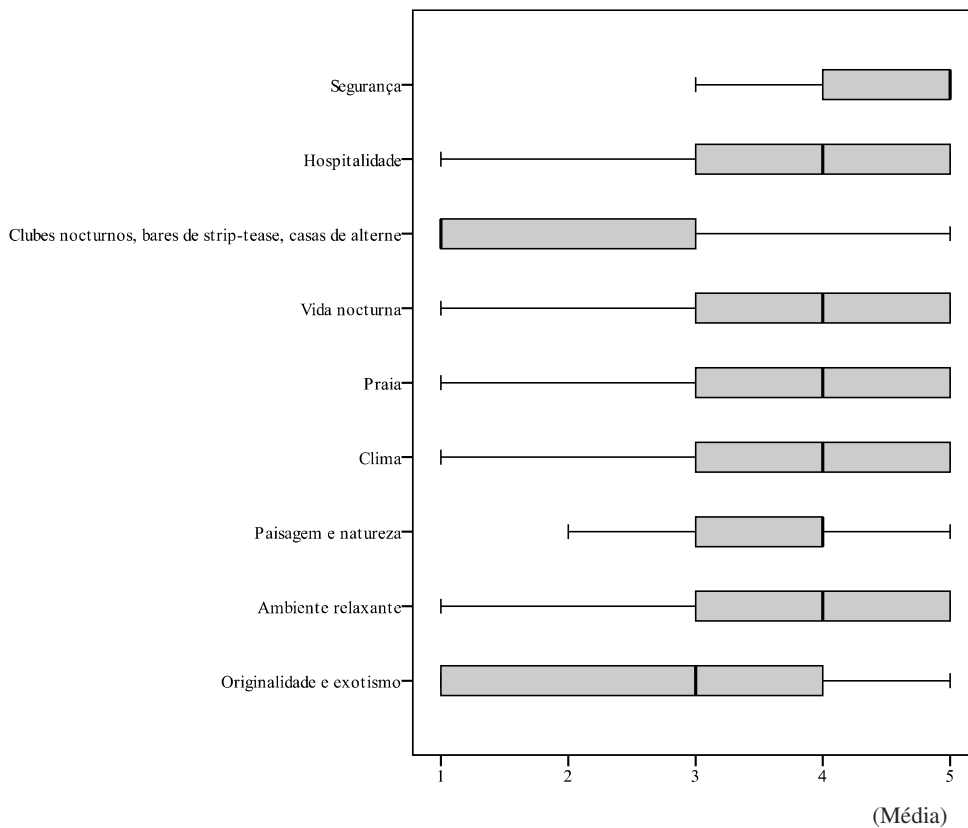
Fonte: Elaboração própria.

Vide: Anexo II, Tabela 6.

No que toca aos atributos do destino, os aspectos mais valorizados pelos visitantes são a segurança, o clima, a hospitalidade, a praia, o ambiente relaxante e a vida nocturna (Figura 4.10). De resto, a moda das respostas dadas à segurança e à hospitalidade queda-se mesmo no “extremamente importante” (*Vide*: Tabela 7, Anexo II).

Os clubes nocturnos, bares de striptease e casas de alterne, bem como a originalidade e exotismo parecem ser os aspectos considerados menos importantes para a escolha de um destino turístico. Note-se, a propósito, que a moda das respostas centra-se no “nada importante” (*Vide*: Tabela 7, Anexo II). Curiosamente, os clubes nocturnos não são valorizados mas a vida nocturna é, pelo que o cruzamento entre as duas variáveis mostra que 46,9% dos que valorizam a vida nocturna desvalorizam os clubes, o que significa que a vida nocturna é mais sinónimo de diversão do que de “sexo pago”.

Figura 4.10 – Grau de Importância dos Atributos do Destino



Escala de resposta: 1 – Nada importante; 5 – Extremamente importante.

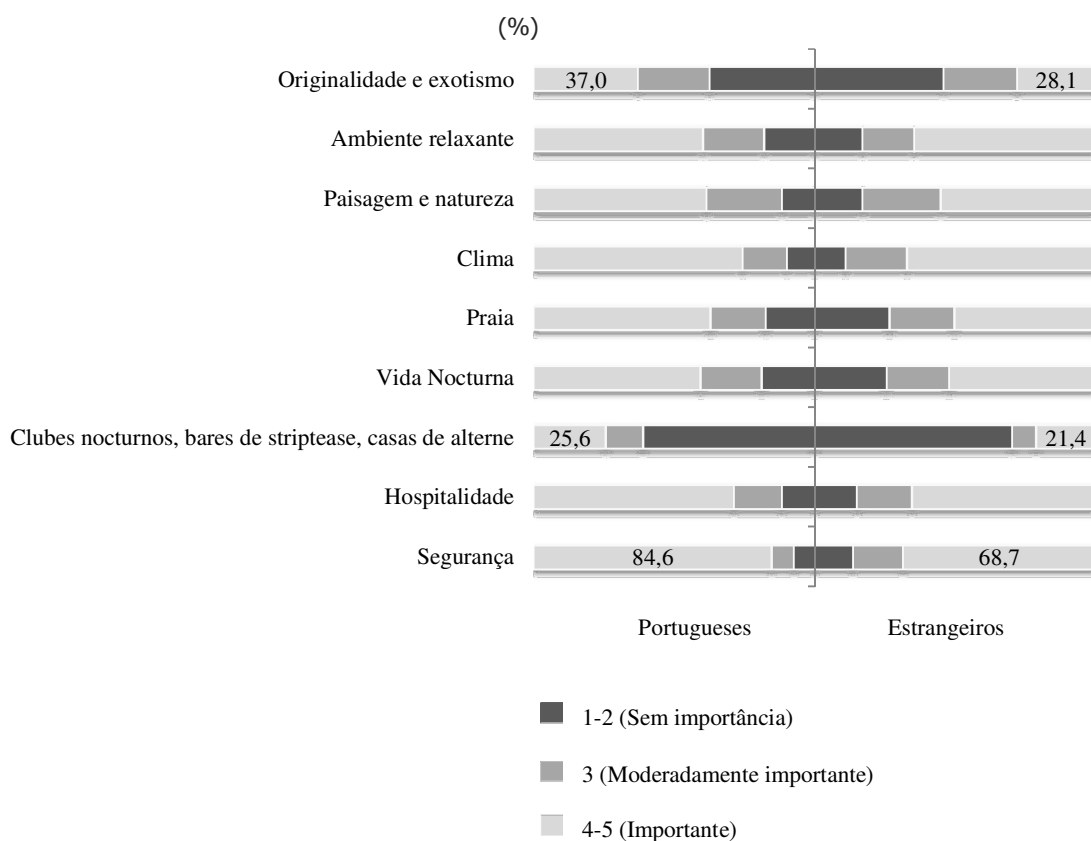
Fonte: Elaboração própria.

Vide: Anexo II, Tabela 7.

Ainda assim, e à semelhança das análises efectuadas para as motivações intrínsecas, importa verificar se no que toca aos atributos do destino existem diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) quando observadas do ponto de vista da nacionalidade e do género. Numa análise por nacionalidade (Figura 4.11), as diferenças encontradas dizem respeito precisamente aos aspectos considerados como menos importantes na escolha de um destino turístico (a originalidade e exotismo, bem como os clubes nocturnos, bares de striptease e casas de alterne) e ainda a segurança. Com efeito, ainda que estes factores sejam os menos

determinantes no momento de optar por um destino de férias (com exceção da segurança), são os portugueses que lhe atribuem maior importância.

Figura 4.11 – Grau de Importância dos Atributos do Destino, segundo a Nacionalidade



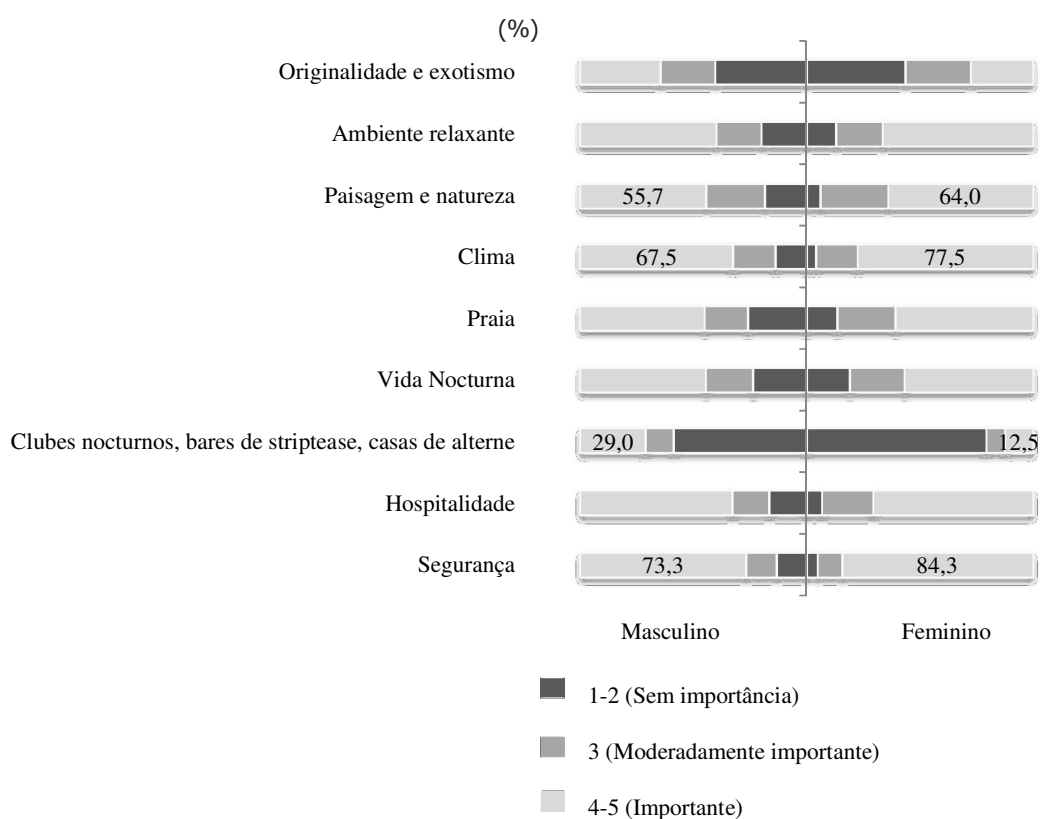
Fonte: Elaboração própria.

Vide: Anexo II, Tabela 8.

Numa análise segundo o género (Figura 4.12) e, tendo em conta as diferenças estatisticamente significativas daí decorrentes ($p < 0,05$), importa realçar que, comparando as respostas dadas por homens e mulheres, as mulheres atribuem maior importância à paisagem e natureza (64,0%), ao clima (77,5%) e à segurança (84,3%) quando escolhem

um destino turístico, enquanto os homens atribuem maior importância aos clubes nocturnos, bares de striptease e casas de alterne (29,0%). A valorização deste último atributo surge, aliás, como prova do “duplo padrão sexual” que ainda existe na nossa sociedade (Jackson e Scott, 2004; Coelho, 2009b). Ainda que a maioria dos inquiridos considere “sem importância” a existência de clubes nocturnos, bares de striptease e casas de alterne, aqueles que valorizam este atributo pertencem sobretudo ao género masculino. As mulheres não atribuem importância a este aspecto no momento de escolher um destino de férias, talvez porque de facto o desvalorizam, ou porque na verdade se sentem coibidas de o admitir.

Figura 4.12 – Grau de Importância dos Atributos do Destino, segundo o Género



Fonte: Elaboração própria.

Vide: Anexo II, Tabela 9.

Esta análise sugere comportamentos heterogéneos quando o enfoque é o género, ainda que a dispersão de respostas, mesmo dentro de cada tipologia, evidencie também diferenças que importa distinguir. Por isso mesmo, o ponto que se segue desenvolve uma segmentação baseada na importância atribuída às motivações de viagem.

2.1 – Segmentos de Mercado

A análise anterior revela motivações de viagem claramente heterogéneas, onde a sexualidade, o romance e a socialização assumem prioridades diferentes, quando o foco da análise é o grupo. Por esse motivo impõe-se uma segmentação de mercado que permita detectar grupos homogéneos nos dados, nomeadamente através de uma análise de clusters. O objectivo da análise de clusters é construir grupos onde a proximidade dos indivíduos que os integram é grande (por oposição ao critério de máxima distância entre grupos), determinante para garantir que efectivamente existem segmentos com comportamentos claramente distintos de acordo com as principais motivações de viagem (Pestana e Gageiro, 2005).

O método de segmentação utilizado foi o K-Means e foram testadas soluções com dois e três grupos, já que os dados sugeriam que as dimensões sexo, romance e socialização constituem *drivers* da decisão priorizados de forma claramente diferenciada. Por outro lado, importa realçar que esta segmentação apenas incide sobre as motivações intrínsecas (factores *push*), uma vez que o objectivo desta análise é estudar a sexualidade em férias e, mais concretamente no evento. A solução mais viável decorre da exclusão das motivações “Fugir da rotina do dia-a-dia”, “Divertir-se” e “Procurar novidade e mudança”, por serem transversais a todos os indivíduos. Na verdade, constituem a base das motivações de todos os que fazem férias fora da sua área de residência habitual (Bauer e McKercher, 2003; Ryan e Kinder, 1996).

De entre as variáveis seleccionadas, a segmentação deu origem a dois clusters distintos, a saber:

Cluster 1 – Viver novas emoções/sensações (4); Socializar (4); Ter uma aventura (4); Fortalecer os laços amorosos com o(a) esposo(a)/companheiro(a) (4); Estar com a família/amigos (4); Sexo (4); Romance (4);

Cluster 2 – Viver novas emoções/sensações (4); Socializar (4).

Através da observação da Tabela 4.2 é possível identificar de forma mais pormenorizada a pontuação atribuída a cada uma das variáveis pelos dois clusters:

Tabela 4.2 – Importância dos Factores Endógenos na Escolha de um Destino de Férias

| | Cluster | |
|---|---------|---|
| | 1 | 2 |
| Viver novas emoções/sensações | 4 | 4 |
| Socializar | 4 | 4 |
| Ter uma aventura | 4 | 3 |
| Fortalecer os laços amorosos com o(a) esposo(a)/companheiro(a) | 4 | 3 |
| Estar com a família/amigos | 4 | 3 |
| Encontrar um novo amor/desenvolver um romance de férias | 3 | 1 |
| Relacionar-se a nível emocional e/ou físico com um desconhecido | 3 | 1 |
| Sexo | 4 | 2 |
| Romance | 4 | 2 |

Escala de resposta: 1 – Nada importante; 2 – Pouco importante; 3 - Moderadamente Importante; 4 – Muito importante; 5 – Extremamente importante.

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados obtidos permitem verificar que o cluster 1 é o grupo que procura “Sexo/Romance/Aventura”, e o cluster 2 é adepto da “Socialização/Novas emoções”, em virtude da importância que estes segmentos atribuem às variáveis em questão.

No sentido de testar a pertinência e validade dos clusters obtidos, optou-se por aplicar um teste de Kruskal-Wallis às motivações intrínsecas de viagem. Através do teste de Kruskal-Wallis conclui-se que as motivações de férias são, de facto, diferentes segundo os grupos em análise. Com efeito, as respostas variam de acordo com os clusters, sendo que essa variabilidade apresenta diferenças estatisticamente significativas ($p=0,000$) em todas as variáveis (*Vide*: Tabela 10, Anexo II).

Através da Tabela 4 (Anexo II), é possível concluir que o cluster 2 está bem classificado, uma vez que o “Socializar” correlaciona-se positivamente com o “Viver nova emoções/sensações” (0,356). Significa isto que, quem viaja com o objectivo de socializar, pretende também viver novas emoções/sensações no destino.

O cluster 1, por seu lado, evidencia uma correlação positiva entre o “Sexo” e o “Romance” (0,276). Porém, estes atributos correlacionam-se de forma negativa com o “Ter uma aventura” (-0,074 e -0,094, respectivamente). Significa isto que, apesar de ser o cluster 1 que mais importância atribui ao ter uma aventura no destino, este aspecto não se relaciona com o sexo ou o romance. Em boa verdade, o ter uma aventura significa diversão e não encontros de cariz amoroso/sexual. Por isso mesmo, “Ter uma aventura” correlaciona-se de forma mais positiva com o “Socializar” (0,346). Nesse sentido, o Cluster 1 foi designado por “Sexo/Romance”. A propósito, Pruitt e LaFont, (1995 *cit in* Herold *et al.*, 2001) apresentam o conceito de “romance tourism” para designar os relacionamentos amorosos estabelecidos em contexto de férias, dos quais não se pode desligar também a componente sexual.

Um destaque particular deve ser dado ainda à correlação entre “Encontrar um novo amor/desenvolver um romance de férias” e “Relacionar-se a nível emocional e/ou físico com um desconhecido”. Estes dois atributos são os que apresentam um nível de correlação mais forte (0,701), sendo que são melhor avaliados pelo cluster 1 (*Vide*: Tabela 4.2). Por outro lado, “Fortalecer os laços amorosos com o(a) esposo(a)/companheiro(a)” correlaciona-se de forma positiva com o “Estar com a família/amigos” (0,278) e com o “Romance” (0,173), sendo também aspectos melhor avaliados pelo cluster 1 (*Vide*: Tabela 4.2). Quer isto dizer que o cluster 1 atribui grande importância ao sexo, mas também ao

romance, fruto de relações fortuitas ou investindo em relacionamentos convencionais (Pruitt e LaFont, 1995 *cit in* Herold *et al.*, 2001).

Através das análises efectuadas, é possível concluir sobre a validade e pertinência dos dois clusters encontrados: Cluster 1 – “Sexo/Romance”; Cluster 2 – “Socialização/Novas emoções”. Estes dois clusters servirão, portanto, de base às análises apresentadas posteriormente.

Em termos de características sócio-demográficas e tripográficas dos clusters, evidenciam-se algumas diferenças importantes (*Vide*: Tabela 11, Anexo II), a saber:

Cluster “Sexo/Romance”: 190 indivíduos (42,3% do total de visitantes da Concentração Motard de Faro); género masculino (69,5%), idade média (33 anos); nacionalidade portuguesa (61,1%); casados/união de facto (53,2%) ou solteiros (34,2%); habilitações literárias ao nível do ensino secundário (53,2%); empregados (86,9%); viajam com amigos (48,9%) ou com o(a) esposo(a)/companheiro(a) (33,2%); para participar na Concentração (66,8%) ou para participar na Concentração e fazer umas mini-férias no Algarve (21,1%); são turistas de repetição (71,6%);

Cluster “Socialização/Novas emoções”: 196 indivíduos (43,7% do total de visitantes da Concentração Motard de Faro); género masculino (63,8%), idade média (37 anos); nacionalidade estrangeira (55,1%); casados/união de facto (61,7%) ou solteiros (26,0%); habilitações literárias ao nível do ensino secundário (46,9%) ou superior (42,9%); empregados (80,1%); viajam com amigos (42,3%) ou com o(a) esposo(a)/companheiro(a) (22,4%); para participar na Concentração (55,1%) ou para participar na Concentração e fazer umas mini-férias no Algarve (32,1%); são turistas de repetição (64,8%).

Se os clusters encontrados revelam uma consistência interessante e enquadrada pela literatura (Pruitt e LaFont, 1995 *cit in* Herold *et al.*, 2001; Oppermann, 1998; Ryan e Hall, 2001; Ryan e Kinder, 1996; Correia *et al.*, 2007a), em que os autores conseguiram também isolar grupos cujas motivações são em tudo coerentes com as que distinguem os dois segmentos encontrados neste estudo, ao nível sócio-demográfico é também evidente que estes dois clusters integram indivíduos com perfis diferenciados. Algumas das diferenças que distinguem os clusters constituem, de facto, diferenças estatisticamente significativas,

nomeadamente a idade, a nacionalidade, as habilitações literárias e o principal objectivo da visita (*Vide*: Tabela 11, Anexo II). Com efeito, o cluster “Sexo/Romance” destaca-se por ser constituído essencialmente por turistas mais jovens, de nacionalidade portuguesa, com habilitações literárias ao nível do ensino secundário e para quem a participação na Concentração Motard de Faro constituiu o objectivo primordial de viagem. Por oposição, o cluster “Socialização/Novas emoções” é formado essencialmente por indivíduos mais velhos, de nacionalidade estrangeira, que apresentam qualificações académicas ao nível do ensino secundário ou superior e que, para além de participar na Concentração Motard de Faro, pretendem passar umas mini-férias na região.

A heterogeneidade de perfis revela-se estruturante da opinião que os indivíduos manifestam sobre as questões do sexo e da sexualidade. Nos capítulos que se seguem serão detalhadas as percepções sobre sexualidade, bem como as experiências sexuais que os indivíduos desenvolvem nas suas vidas quotidianas, em contexto turístico e durante a Concentração Motard de Faro. Sempre que possível, as considerações tecidas terão em conta o género, a nacionalidade e o segmento de pertença¹¹.

¹¹ A idade e o estado civil dos indivíduos também se revelaram estruturantes de alguns comportamentos adoptados. Ainda assim, os resultados obtidos evidenciaram que estes indicadores são úteis sobretudo na análise dos discursos dos entrevistados, já que ao nível do inquérito não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, de acordo com estas variáveis ($p > 0,05$).

CAPÍTULO V – PERCEPÇÕES SOBRE A SEXUALIDADE

As percepções dos indivíduos acerca da sexualidade determinam comportamentos quotidianos e em contexto de lazer. O mesmo é dizer que a forma como os indivíduos percebem a sexualidade e o sexo tem influência directa sobre os seus comportamentos. Senão veja-se a importância que o sexo assume na vida dos entrevistados. Para os 16 indivíduos que colaboraram neste estudo¹², independentemente da pertença de género, o sexo afigura-se como um elemento de extrema importância, que influencia a auto-estima e que tem poder decisivo sobre os outros domínios da vida pessoal e social:

“É muito importante para mim. O sexo comanda a vida.” (João, 22 anos, solteiro)

“Sim, na forma de aliviar tensões do dia-a-dia e ao melhorar a performance, fico com muito mais auto-estima.” (André, 34 anos, divorciado)

“Muito. Das coisas mais importantes da minha vida.” (Rui, 43 anos, casado)

“O sexo é muito importante para mim. Sou infeliz quando não tenho sexo suficiente.”
(Susan, 31 anos, casada)

Nesse sentido, pode concluir-se que a maioria dos entrevistados afirma que o sexo, em quantidade e com qualidade é o elemento chave para a satisfação pessoal e para o sucesso de uma relação, indo ao encontro das teses defendidas por Giddens (1992) sobre a sexualidade plástica e a importância que o sexo assume nas relações amorosas, mas também por Weeks (1989) no que diz respeito ao facto de homens e mulheres experienciam a sua sexualidade de modo distinto:

¹² Note-se, a respeito, que as percepções sobre a sexualidade foram aferidas apenas junto dos indivíduos que responderam à entrevista *on-line*. Esta opção prende-se sobretudo com a intenção de testar a validade dos resultados obtidos no inquérito (*Vide*: Anexo I), nomeadamente os que dizem respeito à experimentação da sexualidade em férias.

“Sim, quando praticamos sexo, sentimo-nos desejados, realizados, excitados, enfim... felizes” (Juan, 25 anos, solteiro)

“Bem-estar, satisfação comum. A necessidade de se divertir e dar prazer ao parceiro. Muito bom para o coração e os neurónios...” (Michel, 37 anos, divorciado)

“Sim, para poder existir um bom equilíbrio entre o casal e ao nível pessoal também.” (Maria, 28 anos, casada)

“Sim é [importante], na medida em que completa uma relação.” (Eunice, 32 anos, divorciada)

No seguimento da ideia defendida por Weeks (1989), importa destacar que embora a importância do sexo seja indistintamente reconhecida por homens e mulheres, os dados deste estudo sugerem motivos diferentes para a atribuição dessa importância segundo o género. Enquanto os homens defendem a importância do sexo essencialmente por motivos relacionados com o prazer físico, as mulheres apontam sobretudo o sexo como elemento crucial para o sucesso de uma relação amorosa.

Ainda que a importância do sexo na vida quotidiana seja sobejamente reconhecida, os resultados não são consensuais no que toca ao sexo enquanto motivador de viagens turísticas, como de resto se comprovou pelos resultados obtidos no inquérito. Se existem aqueles para quem o sexo é pouco ou nada importante enquanto impulsionador da escolha de um destino turístico, para outros tantos constitui mesmo um elemento muito ou extremamente importante. Uma análise mais atenta provou uma relação estreita entre as variáveis sexo e romance, demonstrando que aqueles para quem o sexo constitui um driver da viagem, consideram também o romance como um impulsionador relevante. Quer isto dizer que, para grande parte dos inquiridos, a experimentação da sexualidade significa um investimento em relações amorosas pré-estabelecidas, facto que é consensual com os dados obtidos através das entrevistas. Ainda que alguns dos entrevistados sejam solteiros ou divorciados, já estiveram ou estão implicados em relacionamentos mais ou menos estáveis, e a alusão que fazem às experiências sexuais é em grande medida por referência a essas mesmas relações.

Sendo clara a importância que o sexo assume na vida dos indivíduos, é igualmente importante que não exista rotina neste domínio. A maioria dos entrevistados considera, portanto, que a rotina sexual condena a relação de um casal:

“A rotina destrói o casal. Devemos constantemente seduzir, seduzir e seduzir o/a nosso/a parceiro/a... E mesmo assim, isso não vai impedir que alguns homens procurem sexo fora de casa” (Michel, 37 anos, divorciado)

“Uma vida sexual rotineira vai levar ao desejo de aventuras fora do casal.” (André, 34 anos, divorciado)

“Um possível desinteresse um pelo outro, pois pode haver uma saturação de fazer sempre o mesmo.” (João, 22 anos, solteiro)

Verifica-se, com efeito, uma tendência para os indivíduos perceberem a sexualidade como uma esfera extra-ordinária da vida. O sexo é percebido como uma ferramenta de fuga à rotina, embora seja ele próprio um elemento de rotinização (Coelho, 2009b; Jackson e Scott, 2010). Mas ainda assim, note-se que no caso dos homens, a ausência de rotina não inviabiliza a procura de diversidade, mesmo que esta diversidade implique a existência de relações extra-conjugais. A mesma evidência é reconhecida por Brenot (2011), ao referir que os homens “por muito apaixonados que estejam pela mulher com quem vivem, apenas uma minoria se considera sexualmente saciada” (Brenot *in* Soares, 2011:75). Por isso mesmo, os homens continuam a “pisar mais o risco”, quando comparados com o sexo oposto, tal como revela Matos *et al.* (2011a) num estudo sobre a saúde sexual dos estudantes do ensino superior em Portugal. Segundo os autores, 16,6% dos homens afirmam ter tido experiências sexuais fora da relação, enquanto apenas 3,6% das mulheres revelam o mesmo comportamento; e 57,4% dos homens afirmam ter parceiros sexuais ocasionais, enquanto apenas 21,7% das mulheres declaram essa mesma experiência (Matos *et al.*, 2011a).

A necessidade de diversificação sexual por parte do género masculino deriva, em boa parte, da “hipocrisia sexual” que caracterizou a época Vitoriana (Giddens, 2000), mas cujos

resquícios ainda se fazem sentir. Resulta do “duplo padrão sexual” (Jackson e Scott, 2004) e das justificações essencialistas/biologicistas que determinam as desigualdades de género (Marx, 1976, Engels, 1884, Weber, 1904, Durkheim, 1964 e Simmel, 1911, todos citados por Jackson e Scott, 2002; Kinsey, 1948, 1953; Freud, 2000 [1962]; Sombart, 1990; Weeks, 1989; Giddens, 2000). Nesse sentido, é legítimo que o homem continue a procurar prazer fora de casa, numa tentativa de controlar os seus impulsos sexuais. Mais do que isso, determinantes socioculturais como a indisposição da parceira ou a rotina da relação são circunstâncias que justificam esta busca pela diversidade (Gagnon e Simon, 1970). Neste sentido, a prostituição é encarada como um “mal necessário” (Sombart, 1990; Coelho, 2009a; Ribeiro *et al.*, 2007), pois, tal como refere um dos entrevistados:

“Normalmente quem procura esses serviços são pessoas que têm dificuldade em arranjar mulheres ou homens, ou pessoas que querem satisfazer as suas taras ou prazeres sexuais e que, normalmente, as suas mulheres não aceitam fazer nada mais que o tradicional.”
(Jorge, 40 anos, divorciado)

Destaque-se, a propósito, que no que toca à prostituição as opiniões são unânimes: a maioria aprova o exercício da actividade, bem como o comportamento dos que usufruem dela como forma de quebrar a rotina. Acreditam que cada um é livre de fazer o que entende com o seu corpo, desde que a actividade seja voluntária. É interessante notar que também as mulheres manifestam um olhar cúmplice para com a actividade. Uma das entrevistadas refere mesmo que:

“Quando eu era (muito) mais jovem considerei ser prostituta. Eu gostava da ideia de ser paga para fazer algo que gosto e em que acho que sou boa. Se a prostituição compreende dois adultos predispostos e que dão consentimento às suas acções, não há nada de errado nisso.” (Susan, 31 anos, casada)

Denota-se, neste caso, uma atitude de ruptura com os preceitos de uma feminilidade adequada e a produção de uma atitude provocadora ou transgressiva, concordante com o conceito de “feminilidade resistente” defendido por Connell (1987).

Porém, no que toca ao pagamento por serviços sexuais, as opiniões divergem, evidenciando mais uma vez a persistência e resistência do “duplo padrão sexual” (Jackson e Scott, 2004). As mulheres afirmam que nunca pagaram por serviços sexuais e cerca de metade dos homens declaram já o ter feito, nomeadamente os de nacionalidade estrangeira e com idades acima dos 37 anos. O álcool e as saídas nocturnas com amigos são os principais facilitadores destes encontros. Já de entre os portugueses, aqueles que afirmam ter pago por este tipo de serviços, apontam sobretudo a insatisfação sexual com a companheira e a necessidade de quebrar a rotina enquanto factores motivacionais:

“O que me motivou foi o facto de ir a bares com prostitutas e sentir-me atraído para satisfazer os meus desejos sexuais.” (André, 34 anos, divorciado)

“Porque, além de sair mais barato, no outro dia não telefonam a chatear a cabeça; simplesmente para aliviar as partes, ou seja, dar descanso à nossa mulher que lhe dói a cabeça.” (Jorge, 40 anos, divorciado)

O “duplo padrão sexual” é uma construção social que molda as mentalidades no masculino e no feminino. As mulheres vêm-se espartilhadas pelo moralismo social e por este duplo padrão, não concebendo a ideia de recorrer ao sexo pago como fonte de prazer; os homens, por sua vez, encaram a actividade como forma de quebrar a rotina e também enquanto configuração alternativa de satisfação pessoal. Através do discurso dos entrevistados evidencia-se a construção de uma masculinidade pela hiper-sexualidade heterossexual (Coelho, 2009a). Ao mesmo tempo, sobressai a ideia de uma divisão normativa entre as mulheres puras e “putas”. As primeiras são para casar e as segundas são para a obtenção de prazer (Carmo e Fráguas, 2002).

Ainda assim, é interessante notar que comparativamente com os resultados obtidos no inquérito, existe uma maior permissividade e complacência no que toca à prostituição, de

acordo com as respostas dos entrevistados. De um modo geral, todos os entrevistados aprovam o exercício da actividade e alguns admitem mesmo o recurso ao sexo pago. No entanto, os resultados obtidos no inquérito revelaram que os clubes nocturnos, bares de striptease e casas de alterne - locais onde não raras vezes é possível recorrer a serviços prestados por prostitutas(os) – não são determinantes na escolha de um destino turístico. Significa isto que, embora exista um recurso declarado a esta actividade (nomeadamente pelo público masculino), a mesma não é determinante no momento de escolher um local de férias. Dois motivos podem estar na base desta discrepância de respostas: a maior parte dos indivíduos viaja em família ou com as esposas/companheiras e por isso a propensão para encontros extra-conjugais diminui ou, de facto, existiu uma censura nas respostas dadas ao inquérito.

Retomando a questão da rotina ao nível da sexualidade, para alguns dos entrevistados ela é positiva. Mas, neste caso, a rotina é encarada como a prática sexual diária. Tal como afirmam dois dos entrevistados, é importante que o sexo seja praticado diariamente de forma a reforçar os laços entre o casal:

“Devia ser feito todos os dias, da mesma maneira que acordamos e lavamos os dentes... cabe agora aos casais saber estimular a relação diária para não saturar de fazer sempre o mesmo (...).” (Jorge, 40 anos, divorciado)

“A rotina é boa, o hábito não! (...) Uma vida sexual rotineira contribui para a felicidade numa relação. O sexo é parte integrante de uma relação amorosa.” (Susan, 31 anos, casada)

A prática sexual quotidiana não significa, porém, a monotonia do acto em si. Ainda que com parceiros de relações convencionais, importa que o sexo não seja encarado como uma obrigação. Nesse sentido, os entrevistados recomendam algumas estratégias para quebrar a rotina sexual, tais como a sedução contínua, o conhecer em profundidade o(a) companheiro(a), a vontade de surpreender e de inovar, a procura de novos ambientes/cenários, o recurso a jogos e objectos eróticos, etc.

Quebrar a rotina não implica necessariamente procurar sexo fora da relação, mas no que toca a esta questão, os homens são os menos conservadores. A maioria dos entrevistados refere que os encontros sexuais ocasionais são uma boa forma de romper a monotonia entre o casal. Neste grupo destacam-se sobretudo os homens mais velhos (acima dos 38 anos). Os mais novos não partilham tanto esta opinião. Pelo contrário, evidenciam uma maior preocupação em agradar a parceira convencional:

“(…) havendo essa relação amorosa entregamos tudo à outra pessoa e só assim vejo o sexo com bons olhos.” (António, 36 anos, casado)

“A necessidade de se divertir e dar prazer ao parceiro.” (Michel, 37 anos, divorciado)

Estes resultados surgem em conformidade com estudos recentes, que revelam que “sobretudo as gerações mais jovens procuram sentimentos fortes e uma intimidade partilhada. (...) Há sentimento à mistura no sexo, mas também maior receio de desiludir a parceira.” (Brenot *in* Soares, 2011:74-75). Por outro lado, os dados convergem com a ideia de “amor romântico” defendida por Giddens (1992), segundo a qual o sexo só faz sentido no seio de uma relação conjugal/amorosa e, nesse sentido, contribui de forma extraordinária para o bem-estar físico e psicológico dos indivíduos:

“Desde as suas primeiras origens, o amor romântico suscita a questão da intimidade. Ela é incompatível com a luxúria, não tanto porque o ser amado é idealizado (...), mas porque presume uma comunicação psíquica, um encontro de almas que tem um carácter reparador. O outro, seja quem for, preenche um vazio que o indivíduo sequer necessariamente reconhece - até que a relação de amor seja iniciada. E este vazio tem directamente a ver com a auto-identidade: em certo sentido, o indivíduo fragmentado torna-se inteiro” (Giddens, 1992:56).

Ainda que a maioria dos homens considere o recurso a encontros sexuais ocasionais como uma boa forma de quebrar a rotina, em termos representacionais, posicionam-se mais face a

um comportamento monogâmico. Apontam a monogamia¹³ como prática efectiva – muito por força da censura que as sociedades ocidentais dirigem à poligamia¹⁴ – mas em boa verdade, apresentam comportamentos mais poligâmicos. Os dados apresentados no capítulo VI permitem constatar esse facto.

Entre os que assumem, de facto, ser adeptos da poligamia verifica-se uma relação causal entre esta prática e o estado civil: são os solteiros que demonstram comportamentos mais poligâmicos. Quanto às mulheres, todas se identificam com a monogamia, sendo que a praticam efectivamente (como se pode constatar no capítulo VI desta análise). Esta identificação e prática surgem associadas às relações convencionais em que estão envolvidas. Todavia, admitem que este posicionamento deriva de constrangimentos sociais, uma vez que as sociedades ocidentais recriminam a poligamia:

“Acho que a monogamia é uma ideia irrealista e a maioria das pessoas acha difícil permanecer fiel a uma única pessoa. Eu acho que a sociedade deve mudar a sua visão sobre a poligamia - o mundo seria um lugar melhor se houvesse um pouco mais de liberdade.” (Susan, 31 anos, casada)

No seguimento da controvérsia entre monogamia e poligamia, importa referir que para a maioria dos entrevistados existe uma linha nítida que estabelece a divisão entre o sexo e o amor: “sexo é sexo, amor é amor” (Carlos, 41 anos, casado). Com efeito, o amor surge com a longevidade da relação, enquanto o sexo deriva de impulsos e, por isso, emerge principalmente no seio das relações ocasionais. As relações sexuais, por seu turno, acontecem sempre que os indivíduos sintam essa necessidade, seja numa relação convencional ou fora dela:

¹³ Em sentido lato significa o casamento ou a existência de um único parceiro sexual durante um determinado período de tempo.

¹⁴ Em sentido lato significa o casamento ou o vínculo sexual entre mais de duas pessoas. Neste estudo optou-se por utilizar o termo poligamia para designar não o casamento mas sim o estabelecimento de relações sexuais e/ou amorosas com mais de uma pessoa em simultâneo.

“Sexo é importante e devemos praticá-lo sempre que estejamos «in the mood».” (Rui, 43 anos, casado)

“Adoro sexo por sexo.” (Ivan, 37 anos, solteiro)

“O sexo pode acontecer em qualquer cenário, não tem de ser necessariamente numa relação amorosa.” (Susan, 31 anos, casada)

A este respeito, é interessante notar que as respostas dadas pelas mulheres são semelhantes às dos homens. Esta semelhança de respostas revela alguma evolução de mentalidades ou, se quisermos, uma transformação/ruptura com os preceitos normativos de género em torno da sexualidade feminina (Weeks, 1989; Giddens, 2000; Coelho, 2009b). Para as mulheres, as relações sexuais deixaram de implicar a necessidade de envolvimento num relacionamento estável. Pelo contrário, podem surgir em qualquer circunstância, desde que ambos os intervenientes o desejem. No fundo, a sexualidade plástica de que fala Giddens (1992) contribuiu para uma autêntica revolução sexual. Ao libertar o sexo da necessidade de reprodução, através da emergência da contraceção moderna, permite que os indivíduos vivam de forma mais intensa a sua intimidade. Mais ainda, a plasticidade da sexualidade permite que a mulher reivindique o direito ao prazer, o qual lhe foi durante tanto tempo negado.

Neste contexto, qual será a percepção dos indivíduos relativamente à performance do sexo oposto? A resposta a esta questão evidencia padrões distintos. A maioria dos homens considera que as mulheres são inibidas e recatadas, sobretudo os mais velhos e de nacionalidade portuguesa:

“Depende da nacionalidade... as portuguesas e algumas europeias ainda são muito frias. No fim de casar relevam para último plano a sexualidade.” (José, 40 anos, casado)

Aqueles que consideram as mulheres aventureiras e permissivas são sobretudo os mais novos, de nacionalidade estrangeira. Já as mulheres (de nacionalidade portuguesa)

consideram que não existem diferenças quanto à performance, independentemente do género. Apenas uma (de nacionalidade estrangeira) afirma que os homens, actualmente, são mais inibidos que as mulheres:

“Hoje em dia, os homens sentem-se intimidados pelas mulheres fortes e aventureiras. Eles estavam acostumados a ser os dominadores num relacionamento. Hoje eles assustam-se quando uma mulher tenta conseguir o que quer deles.” (Susan, 31 anos, casada)

As dissemelhanças nas respostas anunciam, por um lado, que os homens ao percepcionarem as mulheres como inibidas e recatadas continuam a legitimar uma dominação masculina no seio das relações que estabelecem (Bourdieu, 1999), e consideram confortável a inscrição no “duplo padrão sexual” (Jackson e Scott, 2004; Coelho, 2009b). Porém, esta dominação parece ser algo que se impõe em virtude da subalternidade feminina: ainda que os homens não se mostrem satisfeitos com esta subalternidade, afirmam que as mulheres estão “sempre à espera do homem para dar o primeiro passo” (André, 34 anos, divorciado). Na opinião dos entrevistados, a mulher continua a personificar uma “feminilidade enfatizada” (Connell, 1987), legitimando dessa forma a dominação masculina.

Por outro lado, a opinião feminina reclama uma igualdade performativa (Coelho, 2009b), sendo que existe também quem defenda uma subalternidade masculina, sobretudo nos dias que correm (como se pode constatar através do discurso anterior de Susan, 31 anos, casada).

Segundo as mulheres, os tempos e as mentalidades estão a mudar, fazendo com que a condição feminina já não seja a de outrora. Com efeito, desaprovam o duplo padrão sexual, segundo o qual o prazer que decorre da actividade sexual constitui um desígnio masculino e reivindicam, também elas, satisfação. Não se sentem submissas ou passivas. Mais, defendem uma igualdade de género a nível da experimentação sexual, cumprindo os princípios da teoria feminista.

As percepções que os indivíduos têm acerca da sexualidade determinam as suas práticas efectivas. Significa isto que a forma como os indivíduos se vêem a si e aos outros enquanto sujeitos sexuais tem influência directa sobre o modo como se relacionam na intimidade. No próximo capítulo serão analisados os discursos dos 16 entrevistados sobre a forma como dizem experimentar a sexualidade no quotidiano. A análise dos resultados é fundamental não só para a validação dos dados obtidos no inquérito, como também para o estabelecimento de conexões entre a experimentação sexual quotidiana e aquela que se desenvolve em contexto de lazer.

CAPÍTULO VI – EXPERIMENTAÇÃO DA SEXUALIDADE NA VIDA QUOTIDIANA

Tal como se notou anteriormente, as percepções sobre a sexualidade influenciam os comportamentos sexuais. Porém, também podemos admitir que a iniciação sexual, enquanto prática efectiva que marca a vida dos indivíduos, exerce influência sobre as percepções e as práticas que lhe sucedem.

A iniciação sexual apresenta algumas discrepâncias de género e também no que toca à nacionalidade dos entrevistados. Ainda que a idade média da iniciação sexual se situe nos 16 anos - congruente com os dados obtidos num estudo recente realizado por Matos *et al.* (2011b) - é possível constatar que os homens apresentam uma maior diversificação de parceiras nesta primeira experiência. A maioria afirma ter perdido a virgindade com a namorada/ex-namorada, embora muitos admitam que tiveram esta experiência com uma amiga ou prostituta. Os portugueses são os mais conservadores, ou, se quisermos, os que mais valorizam a estabilidade de uma relação para a iniciação sexual: a maioria afirma ter perdido a virgindade com a namorada/ex-namorada. Estes resultados surgem em conformidade com os dados publicados num estudo recente em Portugal (Ferreira e Cabral, 2010). Já os estrangeiros admitem ter iniciado a vida sexual sobretudo com uma amiga ou com uma prostituta. As mulheres, por seu lado e independentemente da nacionalidade, apresentam um padrão de comportamento que se assemelha aos homens portugueses: iniciaram a sua vida sexual com o namorado/ex-namorado.

A valoração da primeira experiência sexual revela também diferenças de acordo com a pertença de género. Os homens avaliam de forma mais positiva esta experiência, tal como se pode constatar através da afirmação de um dos entrevistados: “Quando perdi a virgindade tomei-lhe o gosto e fiz com muitas amigas minhas.” (António, 36 anos, casado). As mulheres, por seu turno e, muito por força das consequências físicas decorrentes da iniciação sexual, manifestam um maior desagrado com a primeira experiência: “A minha primeira experiência sexual foi, como julgo que seja para todas as mulheres, má e dolorosa.” (Susan, 31 anos, casada).

As experiências realizadas na adolescência têm impactos, portanto, no percurso amoroso/sexual dos entrevistados. No masculino, a trajetória pauta-se por uma maior diversificação de parceiras, aspecto coincidente com os resultados obtidos no inquérito (em que 28,1% dos homens afirma estar disposto a ter mais de um(a) parceiro(a) sexual em férias, contra 7,6% das mulheres que admitem essa possibilidade, conforme se pode constatar no capítulo VII desta investigação) e também com os dados de um estudo recente sobre a saúde sexual e reprodutiva dos jovens do ensino superior em Portugal (Matos *et al.*, 2011b). Em média, os homens assumem ter tido, pelos menos, duas parceiras sexuais nos últimos 12 meses, embora as respostas variem entre zero e oito parceiras. Um dos entrevistados refere mesmo: “Tive bastantes parceiras até agora e sou sempre muito aberto a tudo o que tenha a ver com sexo.” (João, 22 anos, solteiro). A diversificação de parceiras parece ser, com efeito, uma das maiores fantasias masculinas. Por isso mesmo, os homens afirmam relacionar-se sexualmente com as companheiras habituais, mas também com amigas e desconhecidas, fruto de relações ocasionais, sendo que apontam ainda como experiências sexuais mais radicais e satisfatórias o “threesome”¹⁵, normalmente com duas mulheres. De resto, podemos associar a preferência pelo “threesome” à hiper-sexualidade e à importância que esta prática assume na construção de uma masculinidade hegemónica (Connell, 1987), como se pode comprovar através dos discursos dos entrevistados:

“Sexo com três parceiras dentro de um teleférico no Parque das Nações.” (João, 22 anos, solteiro)

“Passar a noite a ter relações com duas mulheres num motel com piscina, colchão de água, espelhos...” (André, 34 anos, divorciado)

“Foi com duas amigas que conheci no dia e fizemos sexo os três numa tenda...” (Jorge, 40 anos, divorciado)

A aventura, a novidade e mudança e a busca de prazer - que segundo Martins e Correia (2003) e Bauer e McKercher (2003) são os factores que mais motivam os indivíduos na

¹⁵ Em português, significa “sexo a três”.

escolha de um destino turístico e que, segundo Correia *et al.* (2007b) e Coelho (2009b) surgem como forma de quebrar a rotina quotidiana - mas também a insatisfação com o desempenho sexual da companheira habitual justificam a diversificação e, muitas vezes, a infidelidade. São sobretudo os homens de nacionalidade portuguesa que apresentam uma maior diversidade de parceiras sexuais ao longo do último ano, bem como maior propensão para a infidelidade. A sua condição relacional (muitos são solteiros ou divorciados) legitima esta diversificação. Ainda assim, e independentemente da condição relacional, a infidelidade está mais ou menos instituída entre o público masculino. Por esse motivo, os homens demonstram também uma maior preocupação com a utilização do preservativo, não só como forma de experimentação de uma sexualidade livre de compromissos – sexualidade plástica – como também para se protegerem de eventuais IST's. Este aspecto coincide, aliás, com os resultados obtidos no inquérito, em que a maioria dos inquiridos afirma não estar disposto a ter relações sexuais desprotegidas durante as férias (*Vide: Capítulo VII*).

No feminino, por oposição, é privilegiada sobretudo uma maior estabilidade amorosa para a ocorrência de experiências sexuais, estabilidade essa que se reflecte no número de parceiros tidos ao longo dos últimos 12 meses. Com efeito, todas as entrevistadas afirmam que no último ano tiveram apenas um parceiro sexual, que corresponde ao parceiro da relação convencional em que estão envolvidas.

“Desde que comecei a minha vida sexual a seguir ao namorado em que perdi a virgindade, comecei a namorar com a pessoa que me casei. Depois do divórcio tive 4 relacionamentos sem importância, até encontrar a pessoa que estou agora.” (Eunice, 32 anos, divorciada)

As mulheres revelam-se também mais moralistas no que toca à infidelidade. Quando estão envolvidas numa relação amorosa mais ou menos estável não necessitam recorrer a outros parceiros como forma de quebrar a rotina ou para procurar maior satisfação sexual. Os resultados obtidos no inquérito permitiram chegar à mesma conclusão: 81,4% das mulheres discordam sobre a possibilidade de envolvimento sexual com mais de um parceiro durante

as férias (*Vide*: Capítulo VII). Apenas uma das entrevistadas referiu já ter sido infiel, sendo que a sua infidelidade surgiu como forma de constatação à dominação masculina socialmente estabelecida e personificada pelo seu anterior marido:

“Eu era infeliz com o meu anterior marido. Ele era muito mais velho que eu e bastante controlador. Queria ser eu a controlar na cama, por isso traí.” (Susan, 31 anos, casada)

Ainda que não sejam apologistas da infidelidade, as mulheres apontam também como experiências sexuais mais radicais, o recurso a um terceiro parceiro na relação, nomeadamente outra mulher:

“Estar com um homem e mais uma mulher ao mesmo tempo.” (Eunice, 32 anos, divorciada)

“Sexo a três com a minha melhor amiga e o marido dela. Foi uma experiência fantástica.”
(Susan, 31 anos, casada)

Em boa verdade, o “threesome” não implica infidelidade, desde que os parceiros da relação convencional estejam de mútuo acordo. Mas é interessante notar como o “threesome” é composto, quase sempre, por um homem e duas mulheres. Nenhum dos entrevistados, independentemente do género, aponta esta prática por recurso a uma mulher e dois homens. A dominação masculina (Bourdieu, 1999) e a personificação da masculinidade hegemónica (Connell, 1987) podem, de facto, condicionar as opções. Mais, a concretização desta fantasia (impulsionada pela indústria do sexo através da pornografia) pode ser uma forma de reforço dessa masculinidade. Esta constatação é evidente nas palavras de um dos entrevistados: “sou machista e não gosto de repartir o que tenho com outros” (Jorge, 40 anos, divorciado). Nesse sentido, torna-se legítimo trazer dentro da relação conjugal ou sexual uma terceira pessoa, preferencialmente uma mulher.

Com maior ou menor diversificação de parceiros, certo é que o sexo faz parte da vida quotidiana dos indivíduos, tal como defendem Bauer e McKercher (2003) e Carr e Poria (2010). A grande maioria dos entrevistados afirma, com efeito, ter uma vida sexual activa ou muito activa, principalmente os homens:

“Considero-me uma pessoa sexualmente activa e caracterizo a minha vida sexual como boa.” (André, 34 anos, divorciado)

“Muito boa, sou uma pessoa sexualmente bastante activa.” (João, 22 anos, solteiro)

São sobretudo os homens que mais se gabam de uma vida sexual activa, tal como conclui o estudo de Brenot (2011): “o bicho homem continua a manter a tradição, alternando o silêncio com a gabarolice, nas conversas de café, nos balneários e noutros espaços públicos” (Brenot *in* Soares, 2011: 75). Tal facto, leva-nos a considerar que, ainda que na verdade a sua vida sexual possa não ser extremamente activa, os homens por norma não o admitem. Fingem um *self* que seja bem aceite pelos seus pares (Goffman, 1993) - o de “garanhão”, de “predador sexual”, etc. - pondo em prática o poder simbólico que a sociedade lhe confere e legitimando, desta forma, a dominação masculina. Esta constatação encontra suporte no discurso de um dos entrevistados:

“Não falo muito nisso com eles [amigos] pois achamos sempre que os outros vivem com as mesmas «dificuldades» que nós. Mas, como gostamos de nos fazer sentir superiores, dizemos sempre que somos bastante activos.” (António, 36 anos, casado)

As mulheres também se consideram sexualmente activas. Contudo, evidenciam-se dois tipos de posicionamento que importa reter. Uma das entrevistadas afirma que, apesar de se considerar uma pessoa activa, o trabalho e as vicissitudes do quotidiano limitam o seu desempenho: “Podia estar melhor se não fossem os horários que temos e o pouco tempo livre” (Eunice, 32 anos, divorciada). A outra entrevistada afirma que, quando a actividade

sexual escasseia por algum motivo, recorre à masturbação como forma de satisfação pessoal: “Sou sexualmente bastante activa. Quando não tenho sexo suficiente costumo masturbar-me” (Susan, 31 anos, casada). Dos discursos apresentados sobressaem duas assunções: o quotidiano de trabalho limita de facto uma experimentação plena da sexualidade (Giddens, 2002; Bauer e McKercher, 2003); face a esta limitação, são as mulheres de nacionalidade estrangeira que demonstram uma atitude mais pró-activa no sentido de contornar a questão.

Como factores que determinam uma vida sexual activa no quotidiano são apontados sobretudo o ter companheiro(a), haver menor preconceito face ao sexo livre e poder desfrutar de um ambiente relaxante (*Vide*: Tabela 12, Anexo III). Apenas a variável “não ter companheiro(a)” apresenta divergências entre os grupos: são sobretudo os estrangeiros que consideram que não ter companheiro(a) determina uma vida sexual mais activa no quotidiano. Esta evidência encontra suporte na situação conjugal dos indivíduos, uma vez que todos os homens de nacionalidade estrangeira são solteiros ou divorciados. Nesse sentido, existe uma maior disponibilidade para a diversificação de parceiras e/ou mesmo para pagar por serviços sexuais, contribuindo para o aumento da actividade sexual na vida quotidiana destes indivíduos.

A vida sexual dos entrevistados, por comparação com a opinião que têm sobre as experiências dos amigos, apresenta também resultados interessantes. A maioria dos indivíduos do sexo masculino afirma ter uma maior actividade sexual, por comparação com os seus amigos mais próximos, evidenciando uma lógica de competição pela sexualidade ou mesmo uma afirmação tensional e competitiva entre pares (Coelho, 2009a):

“(…) tenho amigos quem nem chegam cá perto, só pensam nisso uma ou duas vezes por semana.” (Jorge, 40 anos, divorciado)

“Se falarmos de amigos casados, a minha vida é francamente melhor e mais activa e em relação aos amigos "singles" não existem grandes diferenças pois frequentamos os mesmos locais.” (André, 34 anos, divorciado)

As mulheres, por oposição, acreditam que a sua vida sexual não difere muito da dos amigos. Ainda assim, é interessante notar a afirmação de uma das entrevistadas:

“Acho que temos a mesma quantidade de sexo que a maioria dos nossos amigos. No entanto, como sou muito aberta em falar sobre sexo e sobre o quanto adoro fazer sexo, as pessoas assumem que eu faço mais do que elas.” (Susan, 31 anos, casada)

Elas são, portanto, mais comedidas não só na avaliação que fazem sobre o desempenho sexual do sexo oposto, como também nas opiniões que tecem sobre a vida sexual dos amigos mais íntimos.

Em sentido contrário, os homens ainda que se empenhem na relação amorosa com as companheiras, são mais críticos quanto à sua performance sexual. Tal como sugere o estudo de Brenot (2011), “a confissão amorosa é ainda vista, no masculino, como sinal de submissão e fraqueza” (Brenot *in* Soares, 2011: 75). No fundo, Brenot recupera a teoria de Chodorow da inexpressividade masculina (Chodorow, 1978; 1989). Por esse motivo, o autor sugere que, por mais apaixonados que possam estar pelas suas companheiras, os homens - sobretudo aqueles que personificam uma masculinidade hegemónica - não admitem estar saciados sexualmente. Na opinião masculina, é necessário que as mulheres sejam mais activas, dinâmicas e idealistas na experimentação da intimidade, contrariando a ideia preconizada por Durkheim (1964 *in* Jackson e Scott, 2002) e Parsons e Bales (1956) de que a mulher deve dedicar-se apenas às tarefas afectivas (cuidado do lar, do marido e dos filhos) para o bom funcionamento da unidade familiar. Actualmente, é exigida às mulheres uma dupla tarefa: mais do que boas esposas e mães, devem ser também boas amantes.

Ainda assim, independentemente da pertença de género, a maioria dos entrevistados afirma que gostaria de modificar alguns aspectos na sua vida sexual. Os homens clamam sobretudo por uma maior diversidade de parceiras e de experiências, enquanto as mulheres apontam a necessidade de mais tempo livre para a partilha da intimidade, bem como uma maior desinibição do parceiro.

No capítulo que se segue serão analisadas as respostas e os discursos sobre a experimentação da sexualidade durante as férias. Sempre que possível serão estabelecidas comparações entre os resultados obtidos no inquérito e na entrevista *on-line*, bem como com a experimentação da sexualidade na vida quotidiana.

CAPÍTULO VII – EXPERIMENTAÇÃO DA SEXUALIDADE EM FÉRIAS

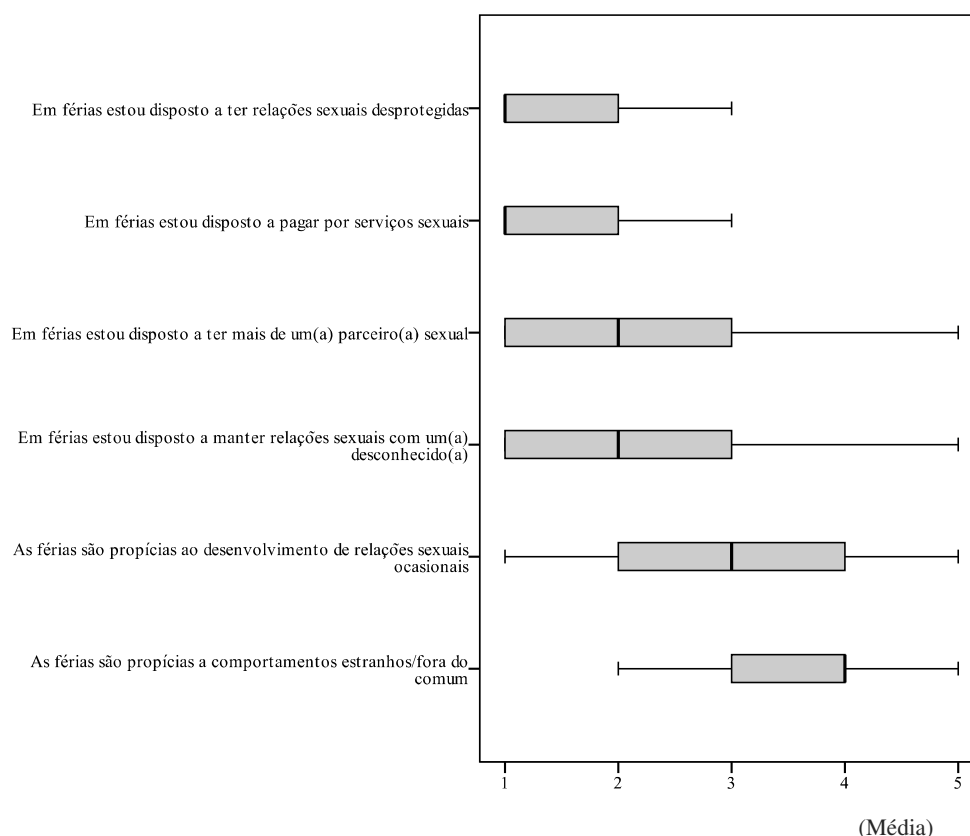
As férias e, mais concretamente, a fuga à realidade quotidiana que se consoma através das viagens turísticas, constituem o *setting* ideal para a experimentação da sexualidade. Quer isto dizer que, sendo o sexo parte integrante da vida dos indivíduos (Bauer e McKercher, 2003), é natural que se dediquem a actividades sexuais também durante os momentos de lazer – a experimentação sexual não fica em casa, também vai de férias. Nesse sentido, importa perceber qual a opinião dos visitantes da Concentração Motard de Faro sobre as férias enquanto elemento impulsionador de condutas atípicas, que quebram as normas socialmente aceites e, mais especificamente, sobre as férias enquanto cenário erótico-sexual.

Através da observação da Figura 7.1 é possível constatar que a maioria dos inquiridos concorda que as férias são propícias ao desenvolvimento de comportamentos estranhos/fora do comum. No mesmo sentido, as opiniões são unânimes no que toca ao desenvolvimento de relações sexuais ocasionais: a moda das respostas a estas variáveis centra-se no “concordo” (*Vide*: Tabela 13, Anexo IV). As férias são, na opinião dos visitantes da Concentração, momentos propícios à ocorrência de relações sexuais fortuitas. Esta evidência surge em conformidade com os estudos levados a cabo por Oppermann (1998), Ryan e Hall (2001) e Ryan e Kinder (1996) no que diz respeito ao turismo sexual, segundo os quais muitos turistas, viajando ou não com esse tipo de motivação, acabam por se envolver sexualmente com autóctones ou com outros turistas.

Porém, quando questionados sobre os seus comportamentos específicos em férias, a maioria afirma que não está disposta a pagar por serviços sexuais ou a ter relações sexuais desprotegidas. Alguns, todavia, são mais propensos no que toca à possibilidade de ter mais de um parceiro sexual ou de ter relações sexuais com um(a) desconhecido(a) durante as férias. Ainda que a moda das respostas a estas variáveis se centre no “discordo totalmente” (*Vide*: Tabela 13, Anexo IV), a observação da Figura 7.1 permite constatar que muitas respostas se situam acima da mediana e mais próximas do “não concordo nem discordo”.

Este tipo de respostas, em boa verdade, significa mais a vontade de não assumir uma posição concreta, do que propriamente uma negação de comportamento.

Figura 7.1 – Comportamentos em Férias



Escala de resposta: 1 – Discordo totalmente; 5 – Concordo totalmente.

Fonte: Elaboração própria.

Vide: Anexo IV, Tabela 13.

As férias parecem ser, portanto, um ambiente possibilitador de relações sexuais/amorosas ocasionais, mas a concretização de tais possibilidades de experimentação sexual é negada

ou “dissimulada” pelos inquiridos, pelo que importa perceber se existem diferenças de acordo com a nacionalidade, a pertença de género, os clusters, ou mesmo se as respostas foram censuradas pelas regras socialmente impostas. No que respeita à hipótese de censura, apenas as entrevistas realizadas permitem chegar a dados mais conclusivos. Com efeito, os discursos dos entrevistados permitem atestar a censura ao inquérito, pelo menos no que toca ao envolvimento com mais de um parceiro sexual durante as férias. A maioria dos entrevistados admite, de facto, o envolvimento com vários parceiros sexuais em contexto turístico:

“Sim, se a parceira não se importar. Caso contrário, sou adepto da monogamia.” (Julio, 42 anos, solteiro)

“Sim, mas eu estou sempre a querer ter mais de um parceiro sexual.” (Susan, 31 anos, casada)

Tal facto converge ainda com a opinião que manifestam face ao “threesome” ou às relações ocasionais. A figura de um terceiro parceiro na relação sexual ou o recurso aos encontros fortuitos como forma de quebrar a rotina, afiguram-se como uma das maiores fantasias principalmente no masculino, não havendo diferenças significativas entre o contexto de férias e a vida quotidiana.

Porém, no que toca ao pagamento por serviços sexuais e, à semelhança dos resultados obtidos no inquérito, também os entrevistados se mostram mais reticentes. Admitem um terceiro parceiro na relação ou o envolvimento ocasional com um desconhecido, desde que de forma voluntária e gratuita, não se mostrando disponíveis para recorrer ao sexo comercial:

“Não, pois não estou disposto a pagar por sexo, nem de férias nem normalmente.”
(António, 36 anos, casado)

“Não, prefiro pensar que a pessoa que está comigo está porque quer e porque quer desfrutar de bons momentos comigo.” (Ivan, 37 anos, solteiro)

Devido à diversificação de parceiros, o uso do preservativo revela-se fundamental para os entrevistados, tal como também se constatou relativamente aos inquiridos. Nesse sentido, a maioria admite recorrer ao preservativo como forma de protecção contra as IST's e como forma de experimentação plena da sexualidade sem compromisso (Giddens, 1992). Na opinião dos entrevistados, o uso do preservativo é uma constante, seja em contexto turístico - onde as oportunidades de encontros ocasionais são maiores - seja no quotidiano. Porém, esta prática surge normalmente associada aos encontros sexuais fora das relações convencionais:

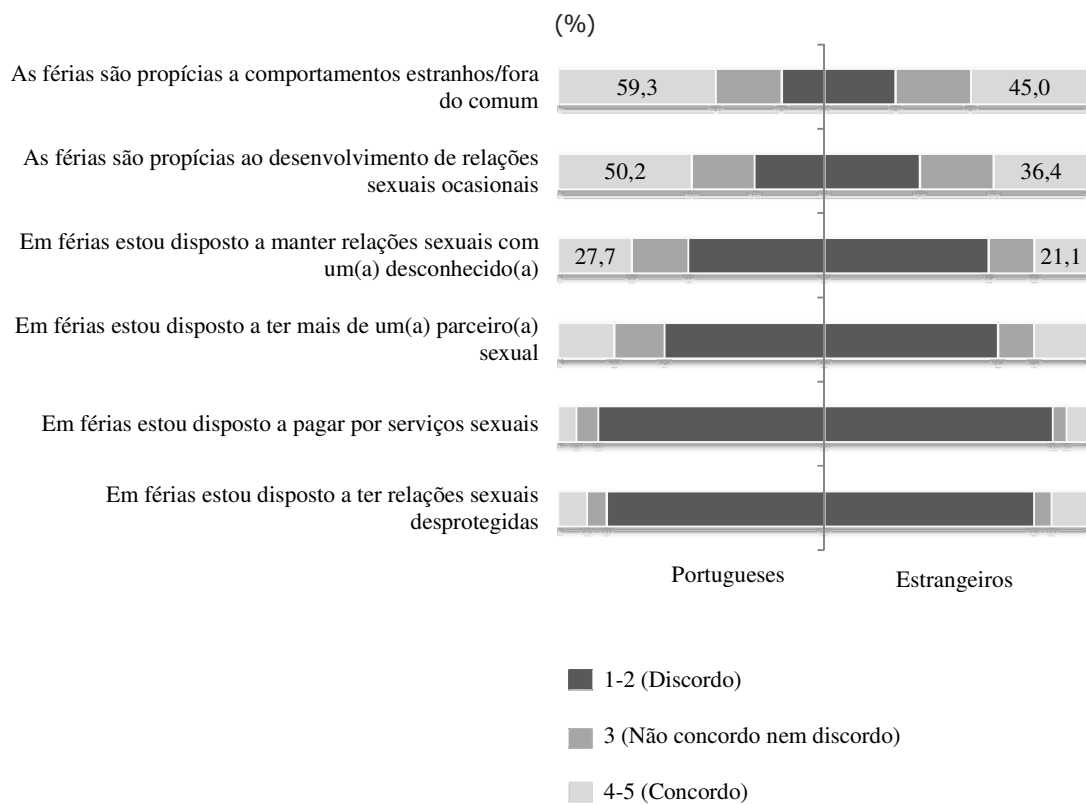
“Só [tenho relações sem preservativo] com a minha companheira. Se for uma relação esporádica uso preservativo.” (Júlio, 42 anos, solteiro)

No sentido de melhor perceber as formas de experimentação da sexualidade em férias descritas pelos intervenientes no estudo, torna-se crucial analisar os dados de acordo com os segmentos de pertença, nomeadamente a nacionalidade, o género e os clusters. A análise destes resultados, em específico daqueles que decorrem da abordagem quantitativa, permite compreender se existem diferenças nas respostas por segmentos.

No que respeita a uma análise por nacionalidade (Figura 7.2) e tendo em conta as diferenças estatisticamente significativas daí resultantes ($p < 0,05$), é possível constatar que as variáveis “As férias são propícias a comportamentos estranhos/fora do comum”, “As férias são propícias ao desenvolvimento de relações sexuais ocasionais” e “Em férias estou disposto a manter relações sexuais com um(a) desconhecido(a) são as que apresentam maiores divergências nas respostas. De facto, são os portugueses que apresentam um maior grau de concordância sobre as férias enquanto ambiente possibilitador de relações sexuais/amorosas ocasionais e de comportamentos mais atípicos. Nesse sentido, são

também os portugueses que demonstram maior propensão para os encontros fortuitos com desconhecidos(as) durante as férias.

Figura 7.2 – Comportamentos em Férias, segundo a Nacionalidade



Fonte: Elaboração própria.

Vide: Anexo IV, Tabela 14.

Numa análise por género (Figura 7.3), verifica-se que os homens tendem a avaliar de forma mais positiva os comportamentos em férias ($p < 0,05$). Esta evidência está em consonância com a literatura sobre a temática (Pritchard e Morgan, 2000). Ainda que as respostas se aproximem da escala de concordância do tipo “não concordo nem discordo” (Figura 7.1), são os homens que manifestam uma maior tendência para ter relações sexuais com um(a)

desconhecido(a) (32,6%) e a ter mais de um(a) parceiro(a) sexual durante as férias (28,1%). Por oposição, as mulheres avaliam de forma negativa todos os atributos relacionados com os seus comportamentos sexuais efectivos, com especial incidência no caso da disposição para estabelecer relações sexuais comerciais (apenas 2,0% das mulheres estão dispostas a pagar por serviços sexuais durante as férias). Esta evidência permite atestar a validade da H2 (as práticas sexuais e os discursos variam segundo o género) e concretizar o primeiro objectivo específico desta investigação (as práticas sexuais e os discursos variam segundo o género, mesmo em contexto de férias). De facto, a questão da moral sexual e das regras socialmente estabelecidas para homens e mulheres - onde domina a economia simbólica masculina (Bourdieu, 1999) e a masculinidade hegemónica (Connell, 1987) - surgem de alguma forma como elementos inibidores de tais possibilidades (Coelho, 2009b; Haeger e Deil-Amen, 2010; Stone e Sharpley, 2008). Uma outra explicação para a negação dos comportamentos sexuais efectivos pelo público feminino pode dever-se ao facto da maioria das mulheres inquiridas ser casada ou viver em união de facto (67,6%) e fazer-se acompanhar pelo seu esposo/companheiro durante a Concentração Motard de Faro (47,3%). A relação conjugal afigura-se, portanto, como elemento constrangedor de possíveis envolvimentos sexuais com desconhecidos ou com mais de um parceiro durante as férias.

Ainda assim, e como se provou anteriormente, importa destacar que a resposta às questões “em férias estou disposto a ter mais de um(a) parceiro(a) sexual” e “em férias estou disposto a manter relações sexuais com um(a) desconhecido(a)” foi alvo de censura no inquérito. O público feminino, em particular, refugiou-se na negação deste tipo de comportamento devido ao moralismo social, sendo que as entrevistas realizadas na segunda fase desta investigação permitiram concluir que também as mulheres admitem o envolvimento sexual com mais do que um(a) parceiro(a) durante as férias:

“Sim, mas eu estou sempre a querer ter mais de um parceiro sexual.” (Susan, 31 anos, casada)

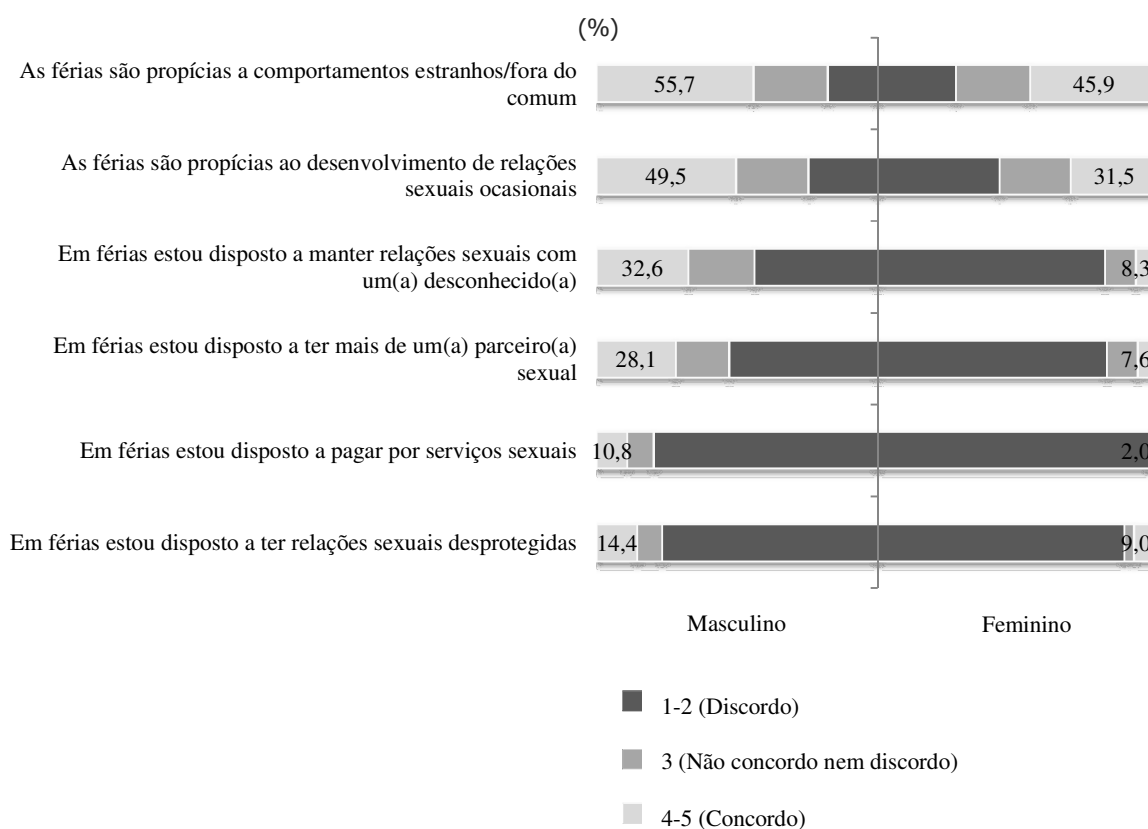
De referir ainda que, tanto homens como mulheres, negam práticas sexuais desprotegidas, ou seja, sem recurso ao preservativo. O uso deste método contraceptivo sugere uma preocupação crescente com as IST's. Ainda assim, são os homens que demonstram maior negligência no uso do preservativo durante as férias (14,4%). Este aspecto alerta para a maior ocorrência de comportamentos de risco entre o público masculino uma vez que é ele que demonstra também maior propensão para o envolvimento sexual com desconhecidos, incluindo um ou mais parceiros, e para o recurso ao sexo comercial. Estudos recentes revelam, a propósito, que os homens continuam a dominar a decisão sobre o uso do preservativo, argumentando sobre a diminuição do prazer sexual em relações protegidas:

“Contemporary gender roles mean men have some power over choices around sexuality made by women – about if, when and how to have sex, condom use and family planning (...)” (Ilkcaracan e Jolly, 2007:29).

“The beach boys have mixed feelings about condoms. Most say they do not like using condoms because it reduces their sexual pleasure” (Herold *et al.*, 2001:989).

Já no contexto das relações convencionais e, de acordo com os discursos dos entrevistados, o uso do preservativo é negligenciado tanto por homens como por mulheres. Porém, neste caso são sobretudo as mulheres, por estarem mais implicadas em relacionamentos estáveis, que apontam a confiança no marido/companheiro como factor determinante para a não utilização deste método contraceptivo.

Figura 7.3 – Comportamentos em Férias, segundo o Género



Fonte: Elaboração própria.

Vide: Anexo IV, Tabela 15.

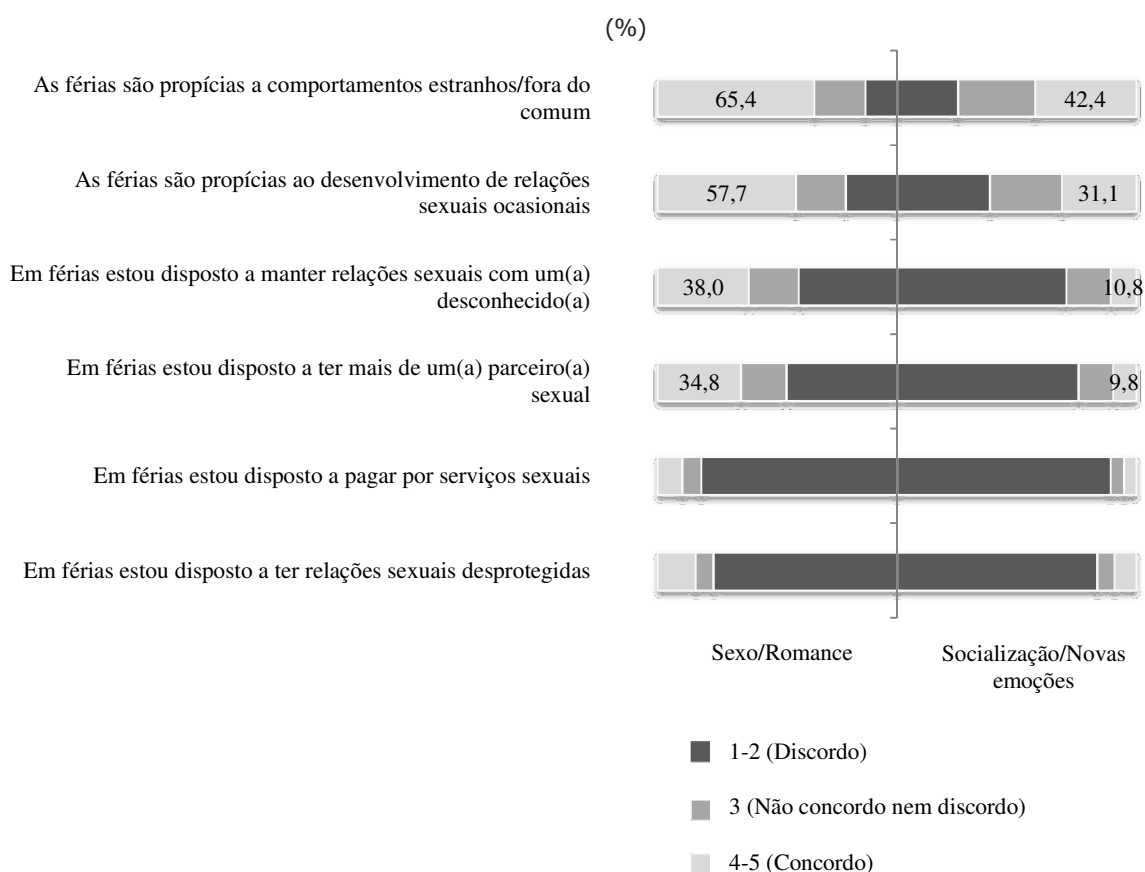
Numa análise por cluster (Figura 7.4) conclui-se que, de um modo geral, o cluster “Sexo/Romance” avalia de forma mais positiva os comportamentos em férias, permitindo atestar a validade da H3 (as práticas sexuais e os discursos variam segundo a motivação de viagem¹⁶). O mesmo será dizer que este cluster apresenta maiores níveis de concordância para as variáveis: “Em férias estou disposto a ter mais de um(a) parceiro(a) sexual” (34,8%), “Em férias estou disposto a manter relações sexuais com um(a) desconhecido(a)” (38,0%), “As férias são propícias ao desenvolvimento de relações sexuais ocasionais”

¹⁶ Importa relembrar que foram as motivações de viagem que deram origem à formação dos clusters.

(57,7%) e “As férias são propícias a comportamentos estranhos/fora do comum” (65,4%). Ainda assim, as respostas revelam que os maiores níveis de concordância dizem respeito a variáveis que remetem mais para o campo imagético das férias e menos para os comportamentos sexuais efectivos.

Relativamente às variáveis “Em férias estou disposto a ter relações sexuais desprotegidas” e “Em férias estou disposto a pagar por serviços sexuais”, não se evidenciam diferenças estatisticamente significativas entre os dois clusters, pois ambos negam esses comportamentos ($p=0,602$ e $p=0,308$, respectivamente), (*Vide*: Tabela 16, Anexo IV).

Figura 7.4 – Comportamentos em Férias, por Cluster



Fonte: Elaboração própria.
Vide: Anexo IV, Tabela 16.

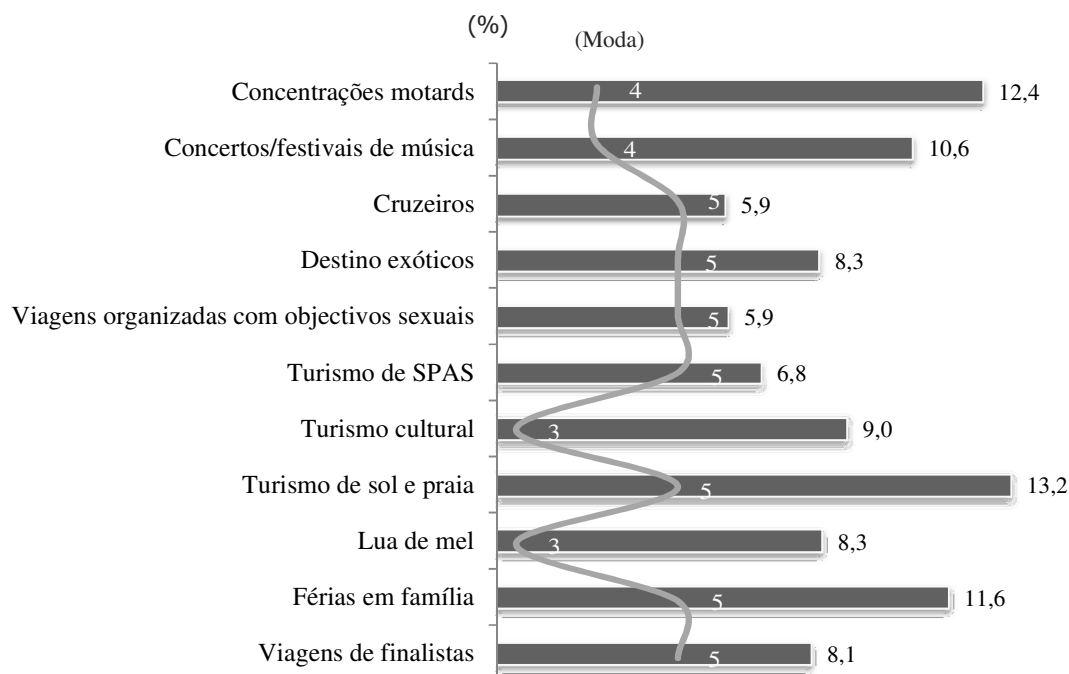
Quanto à ocorrência de experiências sexuais durante as férias (Figura 7.5), a maioria dos participantes da Concentração afirma tê-las em contextos turísticos de sol e praia (13,2%), concentrações motards (12,4%), férias familiares (11,6%) e concertos/festivais de música (10,6%). Alguns afirmam ter participado em experiências sexuais em cruzeiros (5,9%) ou em viagens organizadas com objectivos sexuais (5,9%). Dada a dispersão das respostas, consideramos relevante o facto de 5,9% dos visitantes da Concentração (cerca de 1770 indivíduos do total de visitantes da Concentração Motard de Faro 2010) já ter viajado ou feito férias por motivos sexuais.

No que diz respeito à valorização das experiências sexuais (Figura 7.5), a grande maioria dos participantes da Concentração Motard de Faro admite que os mais diversos contextos turísticos – viagens de cruzeiro, destinos exóticos, viagens organizadas com objectivos sexuais, turismo de SPAS, destinos de sol e praia, férias em família e viagens de finalistas - proporcionam experiências muito positivas (a moda das respostas centra-se mesmo no valor 5 da escala de importância). Este resultado surge em conformidade com a literatura que defende a importância do sexo na vida quotidiana dos indivíduos e mais concretamente em contexto de lazer, onde os indivíduos podem experimentar a sua sexualidade longe da rotina e do stress do dia-a-dia (Bauer e McKercher, 2003; Carr e Poria, 2010; Coelho, 2009b; Ryan e Hall, 2001).

Curiosamente, as concentrações motards, apesar de apresentarem uma moda de respostas correspondente a “positiva”, são na verdade um dos contextos em que os indivíduos melhor avaliam as suas experiências sexuais (*Vide*: Tabela 17, Anexo IV). Por oposição, os destinos de turismo cultural e as luas-de-mel são os contextos em que as experiências sexuais são avaliadas de forma menos positiva: neste caso, a moda das respostas centra-se no “nem negativa nem positiva”. Ainda assim, no cômputo geral, as experiências sexuais tidas nos vários contextos turísticos são avaliadas de forma positiva ou muito positiva¹⁷ (*Vide*: Tabela 17, Anexo IV).

¹⁷ Importa referir que no que toca à ocorrência e valorização das relações sexuais em contexto turístico, apenas a análise por clusters apresentou diferenças estatisticamente significativas ($p > 0,05$).

Figura 7.5 – Ocorrência e Valorização de Relações Sexuais em Contexto Turístico*



* Na ocorrência de relações sexuais foram consideradas as respostas: “tive apenas 1 vez” e “tive mais que 1 vez”.
 — Valorização das experiências sexuais - Moda das respostas (1 – Muito Negativa; 5 – Muito positiva)

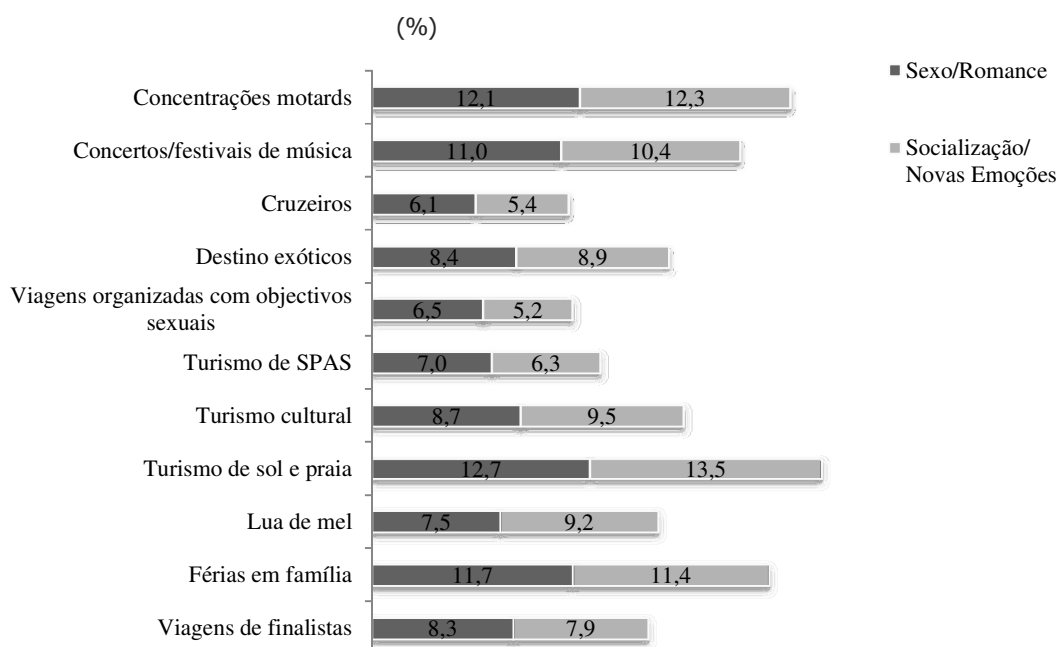
Fonte: Elaboração própria.

Numa análise por cluster (Figura 7.6), verifica-se que o cluster “Sexo/Romance” é o que mais declara ter participado em experiências sexuais em diversos contextos¹⁸ (1189 observações, contra as 979 observações do cluster “Socialização/Novas emoções”). Esta evidência atesta o significado do próprio cluster: uma vez que este grupo é aquele que atribui mais importância ao sexo e ao romance, é natural que seja também o que declara maior ocorrência de relações sexuais nos mais diversos cenários. Com efeito, o cluster “Sexo/Romance” afirma ter participado em experiências sexuais sobretudo em destinos turísticos de sol e praia (12,7%), em concentrações motards (12,1%), em férias de família

¹⁸ O número de observações registadas diz respeito aos diversos contextos onde os elementos de cada cluster afirmam ter tido experiências sexuais “apenas uma vez” ou “mais do que uma vez”.

(11,7%) e em concertos/festivais de música (11,0%). Já o cluster “Socialização/Novas emoções” afirma ter participado em experiências sexuais sobretudo em destinos turísticos de sol e praia (13,5%) e em concentrações motards (12,3%). Relativamente às viagens organizadas com objectivos sexuais, são os indivíduos pertencentes ao cluster “Sexo/Romance” que mais declaram a ocorrência dessa experiência (6,5%).

Figura 7.6 – Ocorrência de Relações Sexuais em Contexto Turístico, por Cluster*

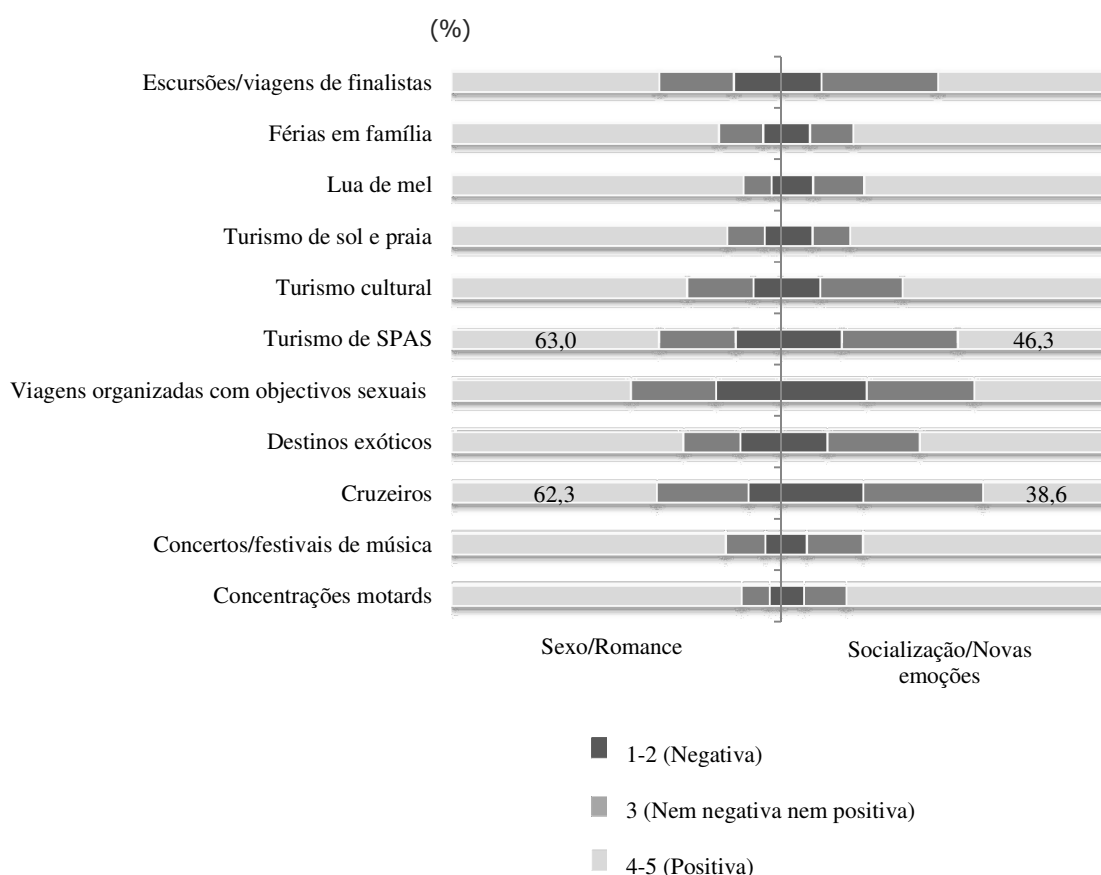


* Na ocorrência de relações sexuais foram consideradas as respostas: “tive apenas 1 vez” e “tive mais que 1 vez”.
Fonte: Elaboração própria.

No que respeita à valorização das relações sexuais em contexto turístico (Figura 7.7), é também o cluster “Sexo/Romance” que mais se mostra satisfeito. Mais uma vez e, sendo a principal característica deste cluster o facto de viajar com motivações românticas e/ou sexuais, é natural que evidencie maior satisfação quanto à ocorrência de relações sexuais

nos mais diversos contextos turísticos. Ainda assim, esta maior satisfação é aparente. Na verdade, as únicas variáveis que demonstram diferenças estatisticamente significativas entre os clusters são as experiências sexuais em turismo de SPAS e em cruzeiros ($p=0,045$ e $p=0,014$, respectivamente). São nos SPAS e nos cruzeiros que o cluster “Sexo/Romance” mais se mostra satisfeito por comparação com o cluster “Socialização/Novas emoções” (Vide: Tabela 17, Anexo IV). De um modo geral, são as experiências sexuais em destinos turísticos de sol e praia e em concentrações motards que são avaliadas de forma mais positiva pelos dois clusters.

Figura 7.7 – Valorização das Relações Sexuais em Contexto Turístico, por Cluster



Fonte: Elaboração própria.
 Vide: Anexo IV, Tabela 17.

Segundo a literatura, a satisfação com as relações e encontros sexuais em contexto de férias é genericamente superior àquela que os indivíduos demonstram no quotidiano (Bauer e McKercher, 2003; Ryan e Hall, 2001; Carr e Poria, 2010). A fuga à rotina e ao stress do trabalho, bem como o tempo livre para o ócio e lazer justificam que os indivíduos avaliem de forma mais positiva a experimentação da sexualidade em contexto turístico. Nesse sentido, as respostas dos entrevistados também não constituem excepção. A grande maioria (independentemente do género, idade ou nacionalidade) afirma, de facto, que a sua actividade sexual aumenta durante as férias e a avaliação que fazem dessas experiências é substancialmente mais positiva, por comparação com as práticas do quotidiano:

“É muito melhor. Devido a uma pessoa andar relaxada e sem o stress do trabalho.”
(Pedro, 26 anos, solteiro)

“Estando longe de casa e sem preocupações sinto-me com mais apetite sexual.” (André,
34 anos, divorciado)

“Sim, porque estamos mais tempo um com o outro, estamos mais relaxados.” (Eunice, 32
anos, divorciada)

Os factores apontados pelos entrevistados enquanto determinantes de uma vida sexual activa durante as férias são sobretudo o ambiente relaxante, o clima aliado à praia, as saídas nocturnas para bares e discotecas e o poder participar em eventos/festivais eróticos (o que permite concretizar o terceiro objectivo específico que norteou esta investigação), (*Vide*: Tabela 18, Anexo IV). De entre as variáveis estudadas e, tal como sucedeu na análise dos factores que determinam uma vida sexual activa no quotidiano, é também a variável “não ter companheiro(a)” que apresenta dissemelhanças de acordo com a nacionalidade dos entrevistados: são sobretudo os estrangeiros que consideram que não ter companheiro(a) determina uma sexualidade mais activa durante as férias. Mais uma vez esta evidência encontra suporte na situação conjugal dos indivíduos, já que todos os homens de nacionalidade estrangeira são solteiros ou divorciados. Com efeito, são eles que apresentam uma maior disponibilidade para diversificação sexual durante as férias.

Os destinos turísticos exercem aqui um papel determinante. Ao fazerem uso de técnicas de marketing bem estruturadas, potenciam a materialização dos desígnios dos turistas e contribuem para o seu “place attachment” (Gu e Ryan, 2008). A promoção dos destinos por recurso a imagens onde o predomina o “céu azul e jovens casais de corpos escaldantes em ambiente romântico” (Ryan e Hall, 2001:IX) são garante da satisfação e do retorno dos turistas. Neste caso, o Algarve não é excepção. Enquanto destino corresponde com exactidão aos anseios dos turistas: proporciona um ambiente relaxante àqueles que pretendem visitar uma região onde o clima é ameno durante todo o ano, onde as praias primam pela excelência, onde a vida nocturna é diversificada e animada, e onde os turistas podem encontrar eventos erotizados como é o caso por exemplo da Concentração Motard de Faro ou do Salão Erótico de Portimão. Por estes motivos e, uma vez que o Algarve cumpre com os requisitos apontados pelos entrevistados como determinantes de uma sexualidade mais activa durante as férias, a satisfação com o destino e com as experiências que nele desenvolvem é garantida:

“[A sexualidade aumenta em contexto turístico] por ver pessoas diferentes, descontraídas, pelo clima de férias, pela diversão, por estar mais afastado do stress do quotidiano de trabalho/ casa/ filhos...” (Carlos, 41 anos, casado)

“É sempre bom fazer sexo em diferentes locais, no quarto de hotel ou até na praia, quando estamos longe de tudo e de todos. É excitante.” (Susan, 31 anos, casada)

Ainda assim, sobressaem dois tipos de comportamento em contexto turístico que importa destacar. Por um lado, temos os indivíduos que investem na sua sexualidade com os companheiros das relações convencionais e, neste caso evidencia-se mais um “romance tourism” (Pruitt e LaFont, 1995 *cit in* Herold *et al.*, 2001) que se assemelha ao cluster “Sexo/Romance” identificado neste estudo. Neste grupo incluem-se sobretudo homens e mulheres casadas ou a viver em união de facto.

Por outro lado, temos ainda aqueles que procuram nas viagens turísticas uma oportunidade para encontros sexuais ocasionais e, neste caso, verifica-se mais um “sex tourism”

(Oppermann, 1998; Ryan e Hall, 2001; Ryan e Kinder, 1996). Ainda que o “sex tourism” também possa ser comparável ao cluster “Sexo/Romance”, os resultados obtidos no inquérito – muito por força da censura de que foram alvo e que, de resto, já foi provada – concluem ser residual o número de visitantes que viajam exclusivamente por motivos sexuais. Aliás, os resultados do inquérito comprovaram a existência de uma relação estreita entre sexo e romance, evidenciando que aqueles que viajam com motivações sexuais, fazem-no com os companheiros habituais, investindo nas relações amorosas previamente estabelecidas. Porém, uma análise cuidada ao discurso dos entrevistados mostra que, afinal, não é tão residual o número de indivíduos que viaja com motivações puramente sexuais. De acordo com as entrevistas realizadas, é significativo o número de indivíduos que personificam o turismo sexual, ainda que neste grupo predominem os homens solteiros ou aqueles que, apesar de casados/viverem em união de facto, manifestam um maior descontentamento com a relação estabelecida e com a actividade sexual daí resultante. Nesse sentido, estes indivíduos viajam com motivações sexuais por considerarem que os destinos turísticos proporcionam uma “suposta maior oferta” (João, 22 anos, solteiro) sendo que, em contexto turístico, “a galinha do vizinho é melhor que a minha” (José, 40 anos, casado).

Finalmente, a Concentração Motard de Faro, sendo um evento de carácter lúdico que proporciona fuga à rotina e diversão, é muito semelhante àquilo que as viagens turísticas oferecem aos seus visitantes. Partindo deste pressuposto, considera-se que os comportamentos adoptados no evento não divergem dos comportamentos tidos em contexto turístico. O próximo capítulo permite, assim, perceber as semelhanças entre os dois *settings*, bem como entre as relações que neles se estabelecem. Para o efeito, serão analisados os dados resultantes do inquérito e da entrevista *on-line*, bem como a opinião dos informantes privilegiados (José Amaro – Presidente do Moto Clube Faro, e Arnaldo Brasa - Relações Públicas e Secretário-geral do Moto Clube Faro) sobre a temática. Note-se, a respeito, que a opinião dos informantes privilegiados é crucial não só como forma de validação dos resultados do estudo, bem como para compreender mais em profundidade os comportamentos adoptados no recinto da Concentração Motard de Faro. Melhor que ninguém, os membros da organização conhecem esta realidade e as opiniões que formulam são extremamente úteis à análise efectuada nesta investigação.

CAPÍTULO VIII – EXPERIMENTAÇÃO DA SEXUALIDADE NA CONCENTRAÇÃO MOTARD DE FARO

A Concentração Motard de Faro é um evento lúdico que se distingue dos demais eventos realizados no Algarve, não só por promover a cultura motard, como também pela capacidade que tem de atrair a esta região um grande número de turistas nacionais e estrangeiros. Com efeito e, devido aos impactos deste evento no sector do turismo e na economia regional, importa perceber quem são os seus visitantes (*Vide*: Capítulo IV), bem como o tipo de comportamentos e atitudes que adoptam durante o período em que decorre a Concentração.

Relativamente às atitudes no evento e, de acordo com os resultados do inquérito aplicado aos visitantes da Concentração Motard de Faro (Figura 8.1), a grande maioria concorda que o ambiente que se vive neste espaço, aliado ao consumo, por vezes, excessivo de álcool, contribui para uma maior desinibição. Muitos concordam ainda que o anonimato conferido pelo evento, que reúne participantes oriundos das mais diversas zonas geográficas, facilita comportamentos excessivos, que quebram as regras e conferem um sentimento de liberdade aos participantes.

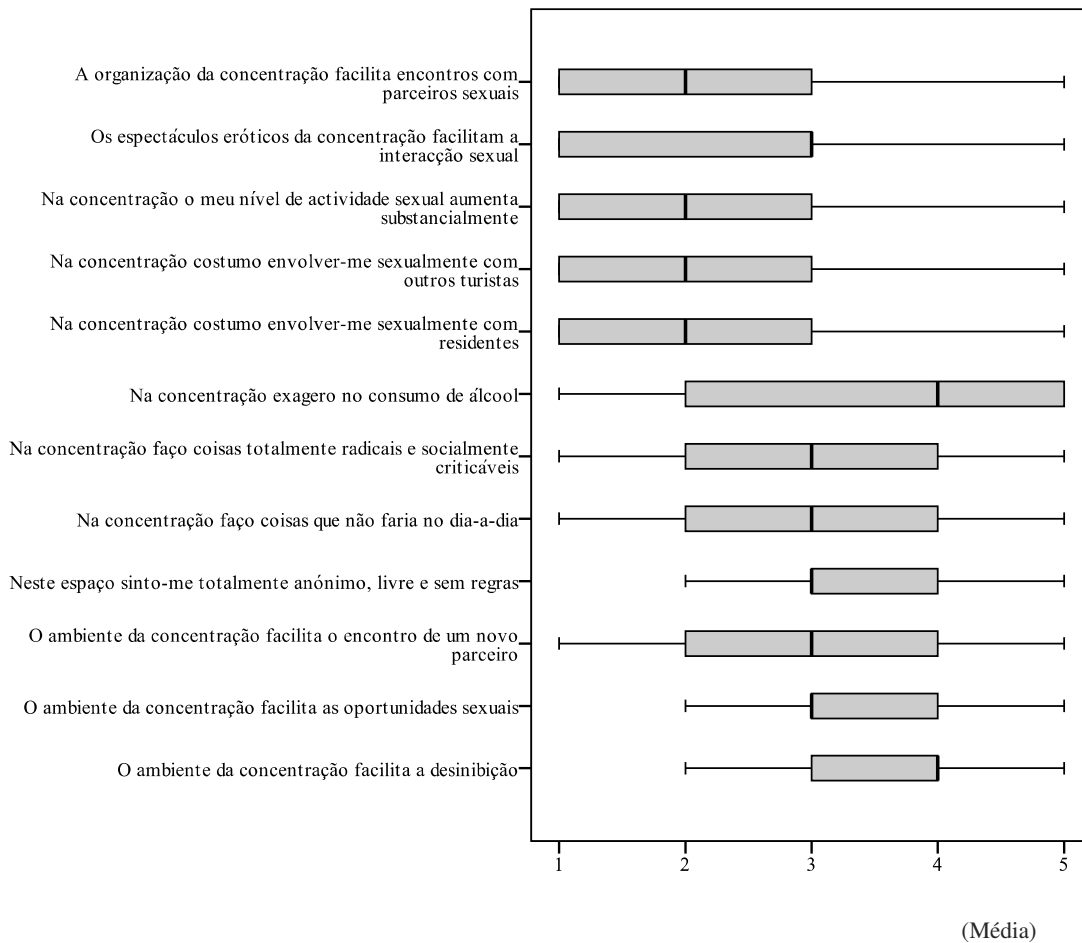
No entanto, quando questionados sobre a possibilidade de envolvimento sexual com outros turistas ou residentes durante a Concentração, a grande maioria afirma que tal não sucede. Este facto poderá, eventualmente, ser explicado pela grande afluência de visitantes que viajam com o/a esposo(a)/companheiro(a) (27,4%), comprometendo as oportunidades sexuais com terceiros, bem como daqueles que estão sozinhos na Concentração (10,0%) e que esperam encontrar um(a) parceiro(a). Também o discurso dos entrevistados segue no mesmo sentido:

“[As oportunidades sexuais são] fracas. Não saio da Concentração e lá dentro existem poucas mulheres disponíveis.” (André, 34 anos, divorciado)

Tal facto corrobora a tese de que muitos dos participantes da Concentração, ao fazerem-se acompanhar do(a) parceiro(a) habitual, pretendem sobretudo investir numa relação sexual previamente estabelecida, mais do que procurar encontros ocasionais. Ainda que a prática sexual seja uma evidência, trata-se mais de um “turismo romântico” (Pruitt e LaFont, 1995 *cit in* Herold *et al.*, 2001). Assim, a Concentração Motard de Faro é mais um espaço para a vivência da sexualidade em casal, do que para o estabelecimento de relações sexuais fortuitas. Claro está que a companhia de viagem, se por um lado, permite um investimento nas relações convencionais, por outro, constitui um obstáculo às oportunidades de quem procura companhia e é adepto do turismo sexual (Oppermann, 1998; Ryan e Hall, 2001; Ryan e Kinder, 1996).

A maioria dos inquiridos afirma ainda que o ambiente vivido na Concentração não contribui para aumentar o seu nível de actividade sexual; não acreditam que os espectáculos eróticos facilitem as interacções sexuais, talvez pelo carácter banalizador que lhe atribuem; e não concordam que a organização da Concentração facilite encontros com parceiros sexuais. Este tipo de posicionamento está em concordância com o verificado anteriormente: a Concentração Motard de Faro é um espaço privilegiado de desinibição, de alguns excessos, mas onde a sexualidade é vivida maioritariamente pelos visitantes que se fazem acompanhar dos(as) parceiros(as) de relações convencionais. Mais, a actividade sexual dos inquiridos não parece aumentar com a frequência da Concentração. Com efeito, é interessante perceber como num ambiente aparentemente desregrado e disruptor de todas as rotinas, parece manter-se um investimento nas relações amorosas/sexuais com o(a) companheiro(a) habitual.

Figura 8.1 – Atitudes na Concentração Motard de Faro



Escala de resposta: 1 – Discordo totalmente; 5 – Concordo totalmente.

Fonte: Elaboração própria.

Vide: Anexo V, Tabela 19.

Porém, é interessante notar que no que toca ao aumento da actividade sexual durante a Concentração, as entrevistas realizadas demonstram uma realidade distinta da que se depreende pela análise dos resultados do inquérito. As relações sexuais durante o período em que decorre a Concentração Motard de Faro divergem das que acontecem no quotidiano, mas não apresentam diferenças significativas face às experiências tidas em férias. Os eventos de carácter lúdico são lugares de escape e evasão, de ruptura com o quotidiano, onde as regras socialmente impostas são momentaneamente esquecidas. Nesse

sentido, aproximam-se dos pressupostos sustentados pelos destinos turísticos, sendo que, à semelhança do que acontece em contexto turístico, os entrevistados afirmam que a sua actividade sexual aumenta durante a Concentração Motard de Faro e avaliam de forma positiva essas experiências:

“É a mesma coisa que estar de férias.” (Eunice, 32 anos, divorciada)

“São ótimas quando são dentro da Concentração.” (José, 40 anos, casado)

“A nossa vida sexual na Concentração de Faro aumenta sempre. Adoro o facto de que as pessoas na tenda ao lado possam ouvir tudo o que fazemos – acho muito excitante!”
(Susan, 31 anos, casada)

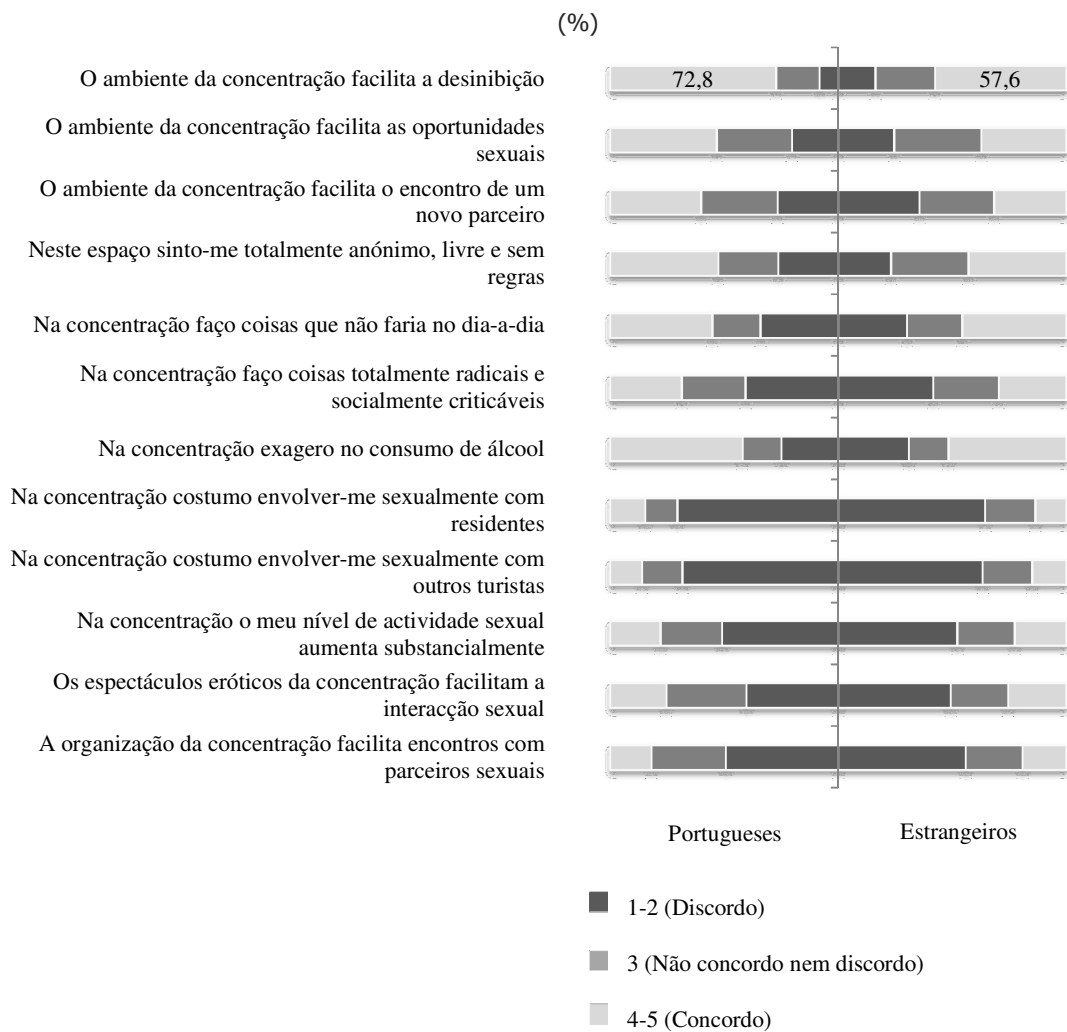
Na opinião dos entrevistados, os factores que mais contribuem para o aumento do apetite sexual durante a Concentração Motard de Faro são o ambiente, a música, o álcool e o estar sozinho no evento (estas evidências permitem concretizar o terceiro objectivo específico que mediou esta investigação), (*Vide*: Tabela 20, Anexo V), tal como sugere o estudo de Herold *et al.* (2001). Note-se, a propósito, que o estar sozinho no evento contribui para aumentar o apetite sexual, mas a concretização dos encontros é reduzida tendo em conta o número de participantes disponíveis. As variáveis em análise não apresentam dissemelhanças segundo o género, idade ou nacionalidade dos indivíduos.

Ainda assim, importa perceber se existem diferenças nas atitudes durante o evento de acordo com o grupo de pertença.

No que diz respeito a uma análise por nacionalidade (Figura 8.2), apenas o ambiente enquanto facilitador de desinibição apresenta diferenças estatisticamente significativas ($p=0,008$), (*Vide*: Tabela 21, Anexo V). Neste caso, são os portugueses que mais admitem que o ambiente vivido facilita a desinibição e faz com que se sintam livres e sem regras, aspectos estes que se associam ao consumo, normalmente exagerado, de álcool. Provavelmente, o facto de serem nacionais faz com que se “sintam em casa” e uma vez que

o evento já lhes é familiar (muitos são participantes de repetição), contribui para este maior sentimento de liberdade.

Figura 8.2 – Atitudes na Concentração Motard de Faro, segundo a Nacionalidade

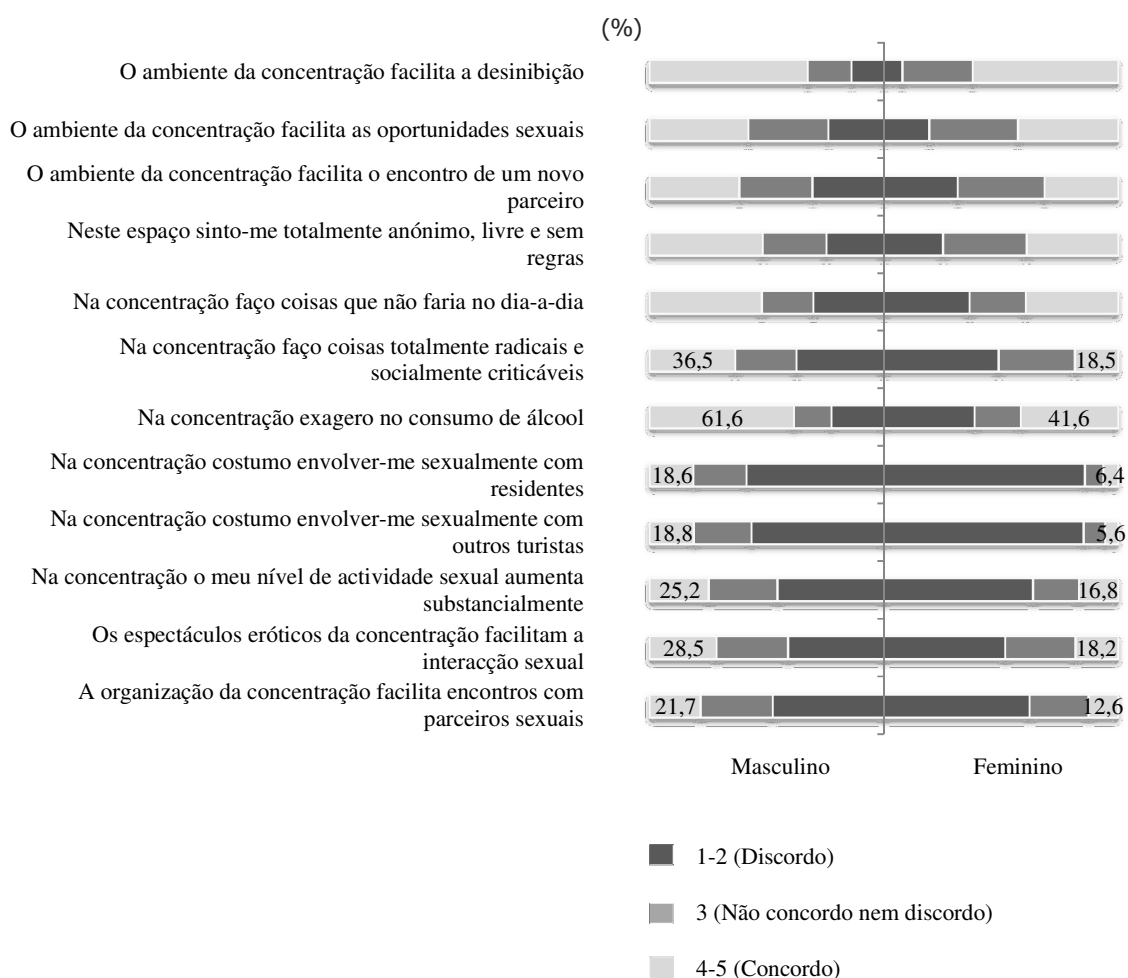


Fonte: Elaboração própria.

Vide: Anexo V, Tabela 21.

A análise das atitudes no evento de acordo com a pertença de género apresenta, todavia, diferenças mais significativas ($p < 0,05$), tal como se pode constatar através da observação da Figura 8.3. De um modo geral, os homens tendem a avaliar de forma mais positiva as suas atitudes no evento. Note-se o caso particular das variáveis: “Na Concentração o meu nível de actividade sexual aumenta substancialmente”, “Na Concentração exagero no consumo de álcool”, “Na Concentração costumo envolver-me sexualmente com residentes”, “Na Concentração costumo envolver-me sexualmente com outros turistas”, “Na Concentração faço coisas totalmente radicais e socialmente criticáveis”, “Os espectáculos eróticos facilitam a interacção sexual” e “A organização da Concentração facilita encontros com parceiros sexuais”. Estas variáveis apresentam uma discrepância significativa de respostas tendo em conta a pertença de género (*Vide*: Tabela 22, Anexo V). São os homens que apresentam um maior grau de concordância face a estas possibilidades, ainda que, de um modo geral, a tendência das respostas se situe no “não concordo nem discordo” ou no “discordo”. Porém, um destaque particular deve ser dado à variável “Na Concentração exagero no consumo de álcool”, em que uma percentagem considerável de indivíduos do género masculino admite o consumo exagerado de bebidas alcoólicas (61,6%).

Figura 8.3 – Atitudes na Concentração Motard de Faro, segundo o Género



Fonte: Elaboração própria.

Vide: Anexo V, Tabela 22.

A este respeito importa destacar que, de acordo com as entrevistas realizadas, o consumo exagerado de álcool, mas também de drogas, facilita as interacções sexuais. Esta opinião é indistinta para homens e mulheres. Seja com o(a) parceiro(a) convencional ou em encontros ocasionais, a maioria dos entrevistados considera que o álcool e/ou drogas influenciam as relações sexuais durante a Concentração Motard de Faro. No mesmo sentido, Herold *et al.* (2001) referem que “the lively music and dancing combining with drinks which have a high alcoholic content help to lower the tourist’s inhibitions” (Herold *et al.*, 2001:986). O

consumo destas substâncias surge como elemento facilitador da desinibição (os indivíduos sentem-se alheios à realidade e à rotina do dia-a-dia), actuando de forma directa sobre a forma como os indivíduos expressam e experienciam a sexualidade no evento:

“É claro que influencia. As pessoas libertam-se mais e fazem coisas que não fariam caso não bebessem ou tomassem drogas.” (Juan, 25 anos, solteiro)

“Sim bastante, o álcool e as drogas é que fazem mover o sexo nesses momentos.” (Jorge, 40 anos, divorciado)

“O álcool e as drogas reduzem as inibições, facilitando as conversas com outras pessoas, bem como relaxar e divertir-se.” (Susan, 31 anos, casada)

Também os informantes privilegiados admitem uma relação de causalidade entre o consumo de álcool e/ou drogas e a forma como os indivíduos experimentam a sua sexualidade durante o evento. Ao permitir uma maior desinibição, faz com que os contactos sejam mais acessíveis:

“(…) Talvez se beber umas cervejinhas a pessoa talvez ficará um pouco mais desinibida. Se calhar, diz-se coisas que não se dizia no sistema normal e assim, ao beber uns copos, a pessoa sente-se mais livre. E isso leva a que possa haver outro tipo de contactos entre as pessoas.” (José Amaro)

O consumo destas substâncias contribui ainda para a ocorrência de práticas sexuais mais radicais ou fora do comum. Uma dessas práticas é-nos relatada pelo Presidente do Moto Clube Faro:

“(…) Aí há uns três anos, junto a uma das tendas principais, ali em pleno público estava um inglês e uma inglesa no seu acto sexual. As pessoas passavam, olhavam e eles, por sua

vez, não ligavam nada. Deu-lhes para ali, se calhar também estavam com um copo a mais... e pronto, ali ficaram.” (José Amaro)

Face ao comportamento descrito, a organização do evento preferiu não assumir qualquer posição. Este aspecto reforça mais uma vez a ideia de que o ambiente que se vive na Concentração Motard de Faro, sendo “convitativo” – como de resto afirma um dos membros da organização – incita práticas sexuais convencionais mas também as menos tradicionais. “Ali existem milhares de pessoas, acho eu que já foram feitos centenas de filhos ali naquela Concentração (...) é uma referência” (José Amaro). Ao mesmo tempo, o cenário erotizado que se produz já está de tal forma veiculado, que acaba por banalizar os comportamentos mais atípicos:

“Quando se exagera em alguma coisa pois a gente avisa. Naquele caso, não era nada fora do vulgar e não estava a ferir ninguém.” (José Amaro)

Ainda que se verifique alguma permissividade no que toca aos comportamentos dos participantes, importa destacar que a organização se demite de qualquer responsabilidade no que toca ao favorecimento de encontros sexuais. Tal como o Presidente afirma, “se eles estiverem interessados nisso eles é que se desenrascam.” (José Amaro). Todavia, questões relativas a bares de alterne, casas de prostituição, formas de arranjar uma acompanhante/prostituta, etc., são de certa forma frequentes, sobretudo entre os homens com idades acima dos 40 anos:

“Acontece muito com pessoas de uma idade mais avançada. (...) Nestes quatro dias, a viverem aqui temos metade da população [de Faro], portanto há sempre uma pergunta dessas ou outra, sem dúvida alguma. Mas isso também acontece no dia-a-dia, sempre com as pessoas mais velhas, pessoas de 40, 40 e tal anos. Eu continuo a achar que isso é tudo uma questão de frustração das pessoas.” (Arnaldo Brasa)

A este respeito, importa destacar que a procura de encontros fortuitos e, nomeadamente as questões colocadas aos membros da organização no sentido de facilitarem esses mesmos encontros, derivam em boa parte do reduzido número de mulheres desacompanhadas no evento. A grande maioria das mulheres que vem à Concentração faz-se acompanhar pelo namorado, esposo ou companheiro habitual, limitando de facto as oportunidades dos homens que estão sozinhos e que esperam encontrar companhia. A comprovar está o facto de muitos homens que viajam sozinhos sentirem necessidade de procurar encontros sexuais fora do recinto da Concentração e, até mesmo, fora da cidade de Faro, como afirma o Presidente do Moto Clube:

“Se calhar alguns vão daqui para bares mais eróticos e irão para a zona de Albufeira, ou uma coisa assim. Agora aqui em Faro não há assim nada.” (José Amaro)

As mulheres, por seu turno, tendem a negar comportamentos mais atípicos e a avaliar de forma mais positiva aspectos que remetem para o campo imagético do evento, como é o caso da variável “O ambiente da Concentração facilita as oportunidades sexuais”: 42,8% concordam com esta relação, por comparação com 42,1% dos homens que também o admitem (*Vide*: Tabela 22, Anexo V). Mas ainda que as mulheres apresentem um maior nível de concordância, não podemos assumir que as respostas sejam significativamente diferentes ($p=0,352$). Por oposição, avaliam de forma mais negativa variáveis relacionadas com os seus comportamentos sexuais efectivos, nomeadamente o envolvimento sexual com desconhecidos: apenas 6,4% e 5,6% admitem o envolvimento sexual com residentes e turistas, respectivamente, durante a Concentração.

Esta negação por parte do público feminino relativamente aos comportamentos sexuais tidos como mais “atípicos” pode advir de duas ordens de razões: pode tratar-se uma questão moral (devido às condutas socialmente aceites para homens e mulheres e, neste caso, a resposta a estas questões sofreu de censura), ou pode derivar do facto de serem as mulheres que mais afirmam estar acompanhadas pelos seus esposos/companheiros, portanto, com menor propensão para o envolvimento sexual/amoroso com desconhecidos

(47,3% das mulheres afirmam estar na Concentração com os seus esposos/companheiros e apenas 17,6% dos homens afirmam estar na mesma condição).

Interessante é ainda notar que, comparativamente com os homens, as mulheres negam ou apresentam respostas mais próximas do tipo “não concordo nem discordo” em variáveis como: “Na Concentração faço coisas totalmente radicais ou socialmente criticáveis”, “Na Concentração faço coisas que não faria no dia-a-dia” e “Na Concentração exagero no consumo de álcool”. De facto, esta negação evidencia uma maior contenção nos comportamentos por parte do público feminino, em virtude do socialmente aceite. Já o “não concordo nem discordo” revela a dificuldade das mulheres em verbalizar ou reconhecer as suas atitudes quando as mesmas surgem associadas a comportamentos socialmente censuráveis. Por oposição, os homens demonstram maior lascividade nas atitudes, conivente com o ambiente libertador que a Concentração proporciona. Persiste o duplo padrão sexual de que nos fala Jackson e Scott (2004) e Coelho (2009b), ao mesmo tempo que podemos admitir que uma visão “essencialista” (Weeks, 1989) continua a estabelecer modelos de comportamento diferentes para homens e mulheres.

Esta maior contenção nos comportamentos das mulheres, aliada ao facto de se fazerem acompanhar, regra geral, pelos seus esposos/companheiros, é portanto decisiva no que toca à ocorrência de comportamentos sexuais mais atípicos. As evidências apresentadas permitem mais uma vez corroborar a H2 (as práticas sexuais e os discursos variam segundo o género) e concretizar o primeiro objectivo específico desta investigação (as práticas sexuais e os discursos variam segundo o género, mesmo em contexto de férias e, de forma concreta, no *setting* da Concentração).

Ainda assim, a contenção nos comportamentos femininos e, mais especificamente, nos discursos, é aparente face a algumas questões. Senão veja-se o exemplo da influência dos shows eróticos (striptease e concurso “Miss T-shirt Molhada”) sobre as interacções sexuais. Enquanto os resultados do inquérito evidenciaram que os homens admitem uma maior relação de causalidade entre estes dois atributos, já as entrevistas apontam noutro sentido. No masculino, prevalece a opinião de uma relação não causal entre os shows eróticos e a actividade sexual, fundamentalmente por duas ordens de razões: em primeiro lugar, porque lhe atribuem um carácter banalizador e, em segundo lugar, porque o reduzido número de

mulheres desacompanhadas limita a concretização de encontros sexuais ocasionais, principalmente para os homens solteiros que procuram companhia no evento. Citando os entrevistados é possível constatar essa evidência:

“Não...gosto de ver mas não me excitam.” (José, 40 anos, casado)

“Não, eu gosto de ver os shows eróticos e do ambiente da Concentração, mas como depois a percentagem de mulheres é pouca, não favorece a actividade sexual.” (André, 34 anos, divorciado)

No feminino, por oposição, destaca-se uma relação de causalidade entre o visionamento dos espectáculos eróticos e o aumento da actividade sexual durante o período da Concentração Motard de Faro. Com efeito, a resposta a esta questão foi também alvo de censura no inquérito.

A revolução sexual feminina tem influência directa sobre este posicionamento, na medida em que o “mercado do sexo”, tradicionalmente consumido por homens, passa a ser também do domínio feminino. Tal como refere Attwood (2005), “the downmarket packaging of sex is associated with men, [but] the New Woman they hope to address themselves (...) in opposition to these traditions (Attwood, 2005: 399). Com efeito, são sobretudo as mulheres que assumem uma relação causal entre o visionamento de shows eróticos e o aumento da actividade sexual:

“Sim, favorecem a actividade.” (Maria, 28 anos, casada)

“As pessoas que assistem aos shows eróticos na Concentração de Faro apreciam-nos e sentem que estimulam o seu apetite sexual.” (Susan, 31 anos, casada)

Um estudo realizado por Ryan e Martin (2001) acerca da relação entre turistas e *strippers* na Austrália, ainda que focalizado nos turistas masculinos, sugere que o striptease enquanto show erótico-sexual confere poder às mulheres - sentem-se dominadoras no *frontstage*,

num espectáculo onde são elas que ditam as regras. Nesse sentido, o poder exercido pelas *strippers* pode, de facto, ser uma fonte de inspiração para as mulheres que assistem aos shows eróticos na Concentração Motard de Faro.

De acordo com a perspectiva de Foucault sobre o poder (1994a, 1994b, 1994c), as mulheres podem fazer também uma espécie de actuação cínica: produzem ruptura a partir do interior do sistema de dominação (dominação masculina socialmente estabelecida), subvertendo esse poder e transpondo-o para dentro das relações sexuais que estabelecem. Ao subverterem o poder tradicionalmente masculino, tornam-se os agentes da dominação e conferem prazer aos relacionamentos que desenvolvem. Ainda assim, o prazer que daí decorre pode ser analisado no feminino, mas também no masculino, tal como notam Ryan e Martin (2001):

“The striptease show with its erotic-sexual play shows the woman to be far more dominant, and perhaps for some men it fulfils a fantasy of domination by females (...)”
(Ryan e Martin, 2001:158).

Ainda assim, de acordo com os informantes privilegiados, este comportamento nem sempre é bem visto por parte do público masculino:

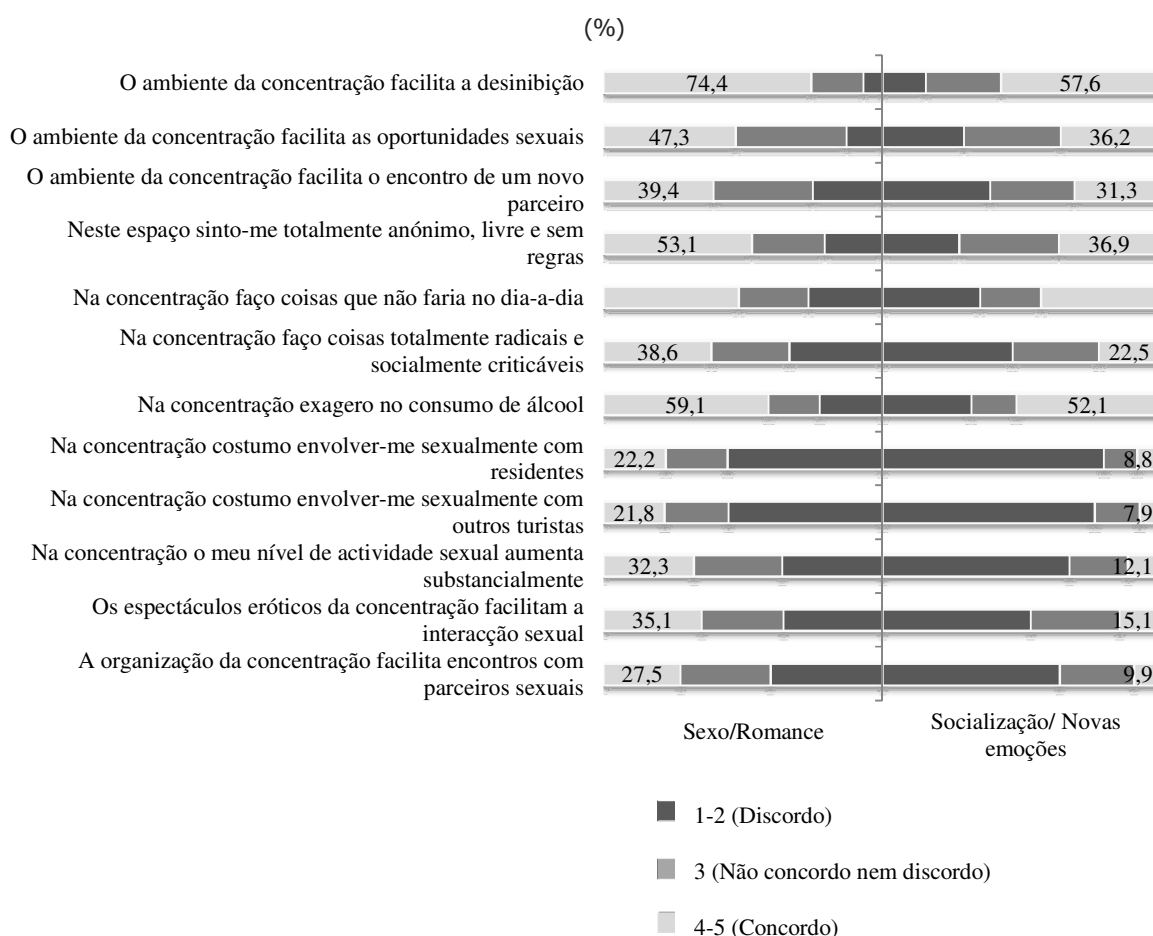
“Acho que as mulheres são mais mal comportadas do que os homens. (...) Penso que isso também é frustração da pouca saída das pessoas. Quanto mais convivência nós temos menos ligamos às coisas. (...) Vejo nas mulheres um comportamento mais agressivo do que nos próprios homens, sem dúvida alguma.” (Arnaldo Brasa)

Em boa verdade e, de acordo com a opinião dos membros do Moto Clube, o visionamento de shows eróticos não está tão enraizado entre as mulheres, à semelhança do que acontece com os homens, daí lhe atribuírem uma maior importância e significado.

Finalmente e à semelhança das análises realizadas para as outras questões, importa também perceber se existem diferenças nas atitudes adoptadas no evento, de acordo com o segmento de pertença. Numa análise por cluster (Figura 8.4), é possível constatar que o cluster “Sexo/Romance” é aquele que apresenta um maior nível de concordância face às variáveis apresentadas. Este maior nível de concordância apresenta, de facto, diferenças estatisticamente significativas quando comparado com as respostas dadas pelo cluster “Socialização/Novas emoções” ($p < 0,05$), permitindo mais uma vez certificar a validade da H3 (as práticas sexuais e os discursos variam segundo a motivação de viagem). Apenas a variável “Faço coisas que não faria no dia-a-dia” não apresenta diferenças estatisticamente significativas entre os segmentos ($p = 0,118$), significando que o ambiente da Concentração é percebido por todos os inquiridos como desregrado e disruptor das regras socialmente definidas (Vide: Tabela 23, Anexo V). Por esse motivo, a grande maioria sente-se livre para agir da forma que bem entende, longe do olhar acusador dos *moral makers*, na acepção beckeriana (Becker, 1985 in Xiberras, 1993).

Destaque-se também o facto do cluster “Sexo/Romance” ser aquele que mais admite sentir-se desinibido no evento, o que ingere mais álcool e o que mais concorda com o facto do ambiente da Concentração facilitar as oportunidades sexuais. Estes aspectos poderão estar relacionados, por exemplo, com o facto deste segmento ser o que mais adopta experiências sexuais em concentrações motards - 12,3% do total de experiências sexuais realizadas por este grupo são em concentrações motards -, bem como o que melhor avalia essas experiências (88,1% considera essas experiências positivas ou muito positivas).

Figura 8.4 – Atitudes na Concentração Motard de Faro, por Cluster



Fonte: Elaboração própria.

Vide: Anexo V, Tabela 23.

Uma observação mais atenta permite constatar que, à semelhança do cluster “Socialização/Novas emoções”, também o cluster “Sexo/Romance” nega o envolvimento sexual com residentes ou turistas: 55,6% e 55,3%, respectivamente, não admitem este tipo de envolvimento. Esta constatação reforça a ideia anteriormente exposta de que os visitantes da Concentração Motard de Faro, mais do que procurar novos parceiros sexuais, pretendem investir nas relações convencionais ou previamente instituídas.

Com efeito, os resultados expostos permitem-nos concluir que as atitudes em férias e no evento são semelhantes, atestando a validade da H1 (os comportamentos sexuais em férias são semelhantes aos comportamentos sexuais no evento). Nesse sentido, divergem das atitudes adoptadas no quotidiano, o que permite concretizar o segundo objectivo específico desta investigação (perceber se os comportamentos sexuais em férias divergem dos que são adoptados no quotidiano).

As atitudes são também determinantes da própria imagem que os indivíduos concebem sobre o destino e, em particular, sobre a Concentração Motard de Faro. Por sua vez, as opiniões que tecem, em consonância com os atributos do destino, influenciam a sua satisfação e intenção de retorno, aspectos cruciais para o posicionamento estratégico do Algarve enquanto região turística. O capítulo que se segue diz assim respeito à opinião dos inquiridos sobre o Algarve e a Concentração Motard de Faro (satisfação e intenções futuras), bem como à opinião dos informantes privilegiados sobre o evento enquanto cenário erótico produzido.

CAPÍTULO IX – DESTINO ENQUANTO CENÁRIO ERÓTICO PRODUZIDO: EMERGÊNCIA DE UM NOVO SEGMENTO DE MERCADO

As considerações tecidas nos capítulos anteriores permitiram evidenciar que a Concentração Motard de Faro é um evento que atrai milhares de participantes de várias zonas geográficas, sobretudo aqueles que partilham o gosto pela cultura motard. Na opinião dos membros do Moto Clube Faro, o gosto pelas motas é precisamente o mote da viagem dos participantes, não só dos portugueses, como também dos estrangeiros que estão dispostos a percorrer milhares de quilómetros para chegar ao Vale das Almas, local onde se realiza anualmente a Concentração Motard de Faro.

Para além da paixão pelo motociclismo, os participantes são motivados ainda pelas oportunidades de socialização, pelo contacto com diferentes culturas, pela quebra da rotina quotidiana e pelo carácter disruptor do evento face às regras socialmente estabelecidas. Nas palavras de um dos membros do Moto Clube,

“Acima de tudo eles vêm pelo gosto pelas motas, pelo prazer de vir, de viajar, de conhecer outras pessoas... acima de tudo, por isso. Pelo convívio. Uma Concentração o que é? Acaba por ser um convívio entre pessoas que partilham o mesmo gosto. (...) Estão todos aqui à procura da mesma coisa: beber uns copos, conversar, divertirem-se.”
(Arnaldo Brasa).

De acordo com a literatura (Bauer e McKercher, 2003), fugir da rotina do dia-a-dia, procurar novidade e mudança, socializar e divertir-se estão na base das motivações de todos os que viajam para fora do seu local de residência habitual, seja em férias, seja para participar num evento desta natureza. Ainda assim, e tendo em conta que as motivações dos motards não divergem muito das que são preconizadas pelo turista convencional, importa saber por que motivo o cenário da Concentração Motard de Faro se constrói por referência

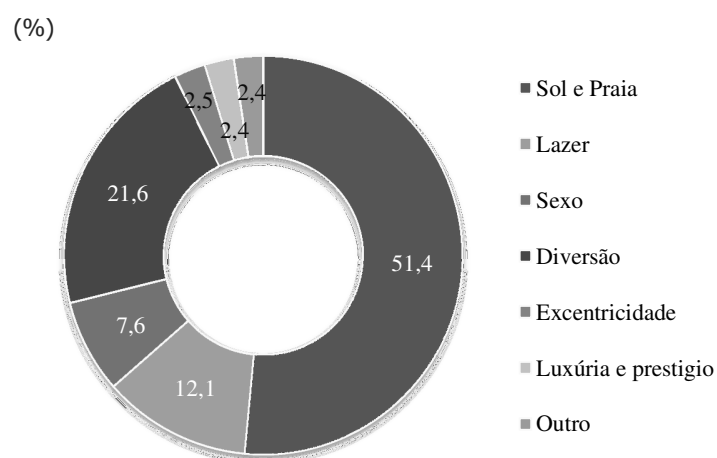
a um ambiente erotizado, nomeadamente através dos espectáculos oferecidos aos visitantes (shows de striptease e o concurso Miss T-shirt Molhada). Mais ainda, importa perceber se os visitantes associam este evento ao erotismo/sensualidade e, mais especificamente, à sexualidade.

Por outro lado e, tendo em conta que a Concentração Motard de Faro se inscreve numa região que é turística por natureza (não é por acaso que muitos dos participantes aliam a vinda à Concentração a umas mini-férias no Algarve) e para a qual traz benefícios económicos relevantes, importa também compreender de que forma o destino é percebido e avaliado pelos visitantes deste evento. Com efeito, este capítulo encontra-se dividido em três pontos: o primeiro é dedicado à imagem e satisfação para com o Algarve, o segundo foca a imagem e satisfação relativamente à Concentração Motard de Faro, e o terceiro diz respeito às intenções futuras dos visitantes. Este capítulo, que sistematiza percepções dos motards numa lógica mais conclusiva, clarifica a dúvida que embora não formalizada, mediou este estudo: será a Concentração Motard de Faro o principal driver do desenvolvimento de um destino turístico eminentemente sexual, e/ou será este um nicho de mercado em potencial?

1 – O Algarve enquanto Destino Turístico: Imagem e Satisfação

No que toca à imagem do destino (Figura 9.1), a maioria dos visitantes da Concentração Motard de Faro associa o Algarve ao sol e praia (51,4%) e à diversão (21,6%). Alguns associam também a região ao lazer (12,1%) ou ao sexo (7,6%).

Figura 9.1 – Imagem do Algarve*



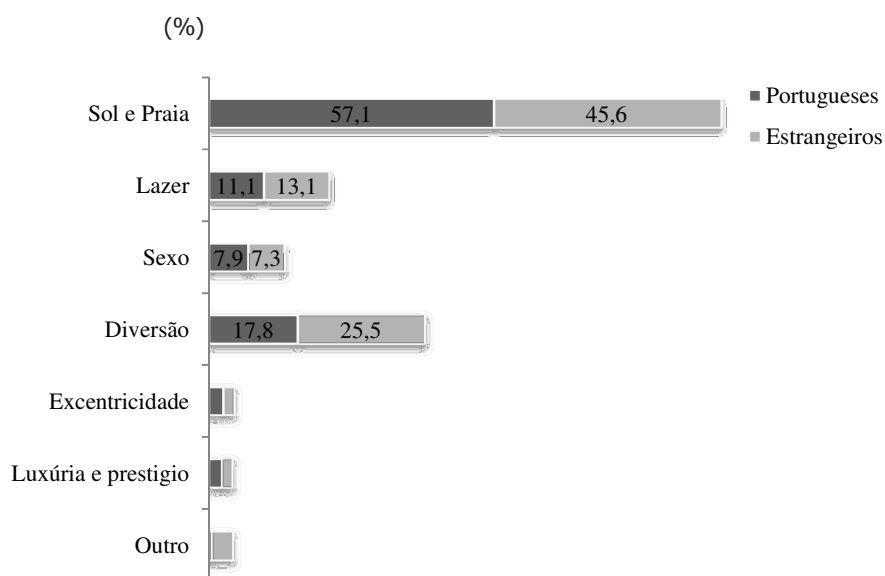
* Resulta de uma resposta de escolha múltipla.

Fonte: Elaboração própria.

Numa análise segundo a nacionalidade (Figura 9.2), evidencia-se que os portugueses associam a imagem do Algarve sobretudo ao sol e praia (57,1%) e à diversão (17,8%), enquanto os estrangeiros associam fundamentalmente ao sol e praia (45,6%), à diversão (25,5%), mas também ao lazer (13,1%). O sexo, por seu lado, é considerado como sendo determinante da imagem do Algarve, sobretudo pelos portugueses (7,9%).

As variáveis sexo, diversão, excentricidade, luxúria e prestígio apresentam diferenças estatisticamente significativas na análise por segmentos ($p < 0,05$). Com efeito, o sexo, a excentricidade e a luxúria e prestígio são apontadas sobretudo pelos portugueses enquanto determinantes da imagem do Algarve; já a diversão é eleita sobretudo pelos estrangeiros (Vide: Tabela 24, Anexo VI).

Figura 9.2 – Imagem do Algarve, segundo a Nacionalidade*



* Resulta de uma resposta de escolha múltipla.

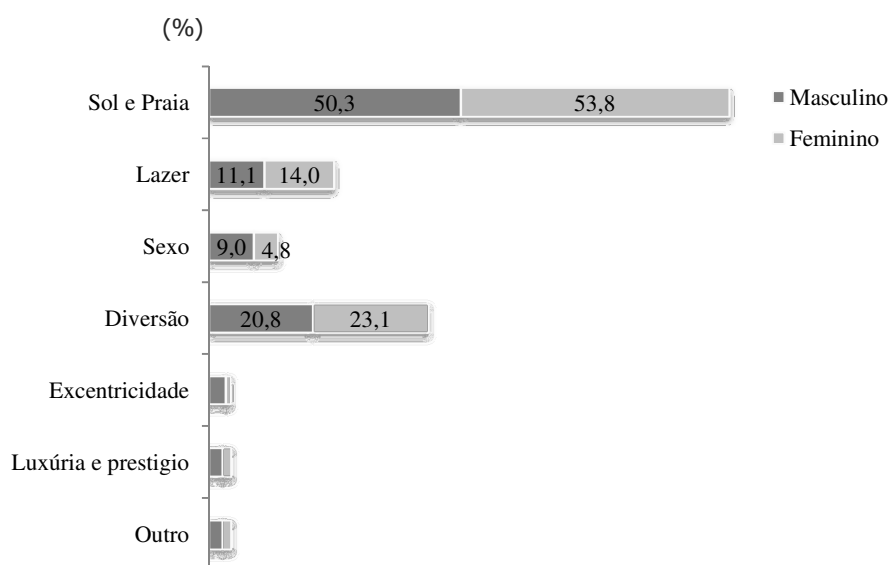
Fonte: Elaboração própria.

Vide: Anexo VI, Tabela 24.

No que se refere a uma análise segundo o género (Figura 9.3), verifica-se que as mulheres associam a imagem do Algarve sobretudo ao sol e praia (53,8%), à diversão (23,1%) e ao lazer (14,0%), enquanto os homens associam sobretudo ao sol e praia (50,3%), à diversão (20,8%), ao lazer (11,1%) e ainda ao sexo (9,0%). Mais uma vez e, cumprindo com os “requisitos” do duplo padrão sexual (Jackson e Scott, 2004 e Coelho, 2009b), também aqui se constata que são os homens que mais associam esta região turística ao sexo. As mulheres, por sua vez, refugiam-se nos atributos convencionais do destino, preferindo não admitir uma relação causal com os atributos mais atípicos.

Uma análise às diferenças entre os segmentos (Vide: Tabela 25, Anexo VI) demonstra que apenas a variável sol e praia apresenta diferenças estatisticamente significativas ($p=0,030$): são as mulheres que mais associam este atributo à imagem do Algarve.

Figura 9.3 – Imagem do Algarve, segundo o Género*



* Resulta de uma resposta de escolha múltipla.

Fonte: Elaboração própria.

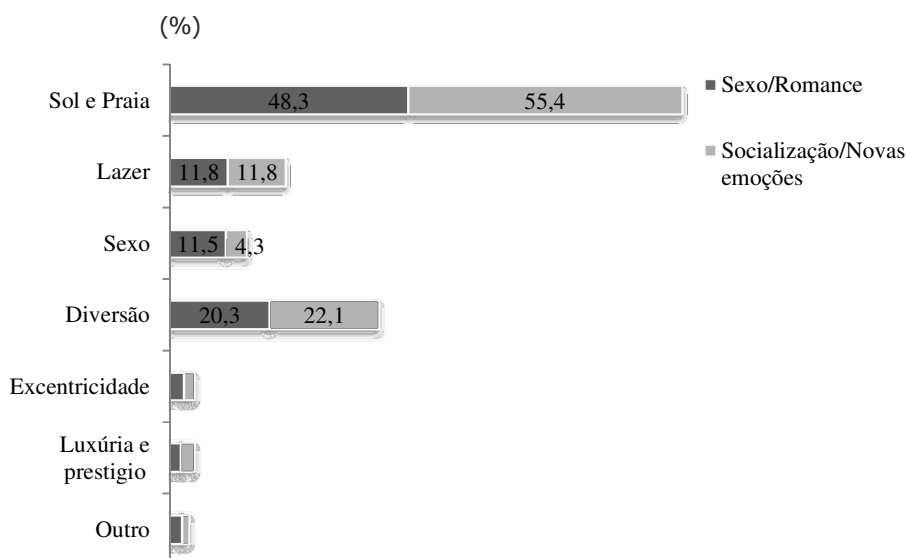
Vide: Anexo VI, Tabela 25.

Uma análise por cluster (Figura 9.4) permite constatar que cluster “Sexo/Romance” associa a imagem do Algarve sobretudo ao sol e praia (48,3%), à diversão (20,3%), ao lazer (11,8%) e ainda ao sexo (11,5%). Já o cluster “Socialização/Novas emoções” associa a imagem do Algarve principalmente ao sol e praia (55,4%), à diversão (22,1%) e ao lazer (11,8%).

Porém, uma análise às diferenças entre os segmentos indica que apenas o sexo evidencia diferenças estatisticamente significativas ($p=0,001$). Com efeito, o sexo é, de facto, mais apontado enquanto determinante da imagem do Algarve pelo cluster “Sexo/Romance” (Vide: Tabela 26, Anexo VI), o que, de resto, está em conformidade com aquilo que foi exposto nos capítulos anteriores. O cluster “Sexo/Romance” viaja com motivações

românticas e/ou sexuais; por isso mesmo, é o que mais se envolve neste tipo de actividades no destino e é o que mais associa o sexo a esta região turística.

Figura 9.4 – Imagem do Algarve, por Cluster*



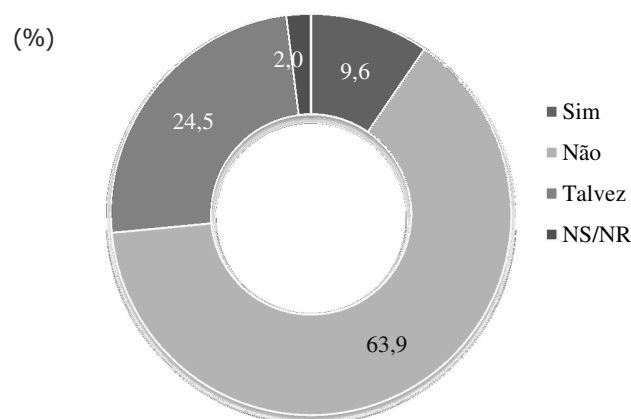
* Resulta de uma resposta de escolha múltipla.

Fonte: Elaboração própria.

Vide: Anexo VI, Tabela 26.

A maioria não acredita, porém, que o Algarve se esteja a tornar num destino de turismo sexual (63,9%), embora alguns afirmem que existe essa possibilidade (24,5%). São poucos os que estão convictos de que o Algarve se está a tornar um destino de turismo sexual (9,6%), (Figura 9.5).

Figura 9.5 – O Algarve está a tornar-se um destino de turismo sexual?

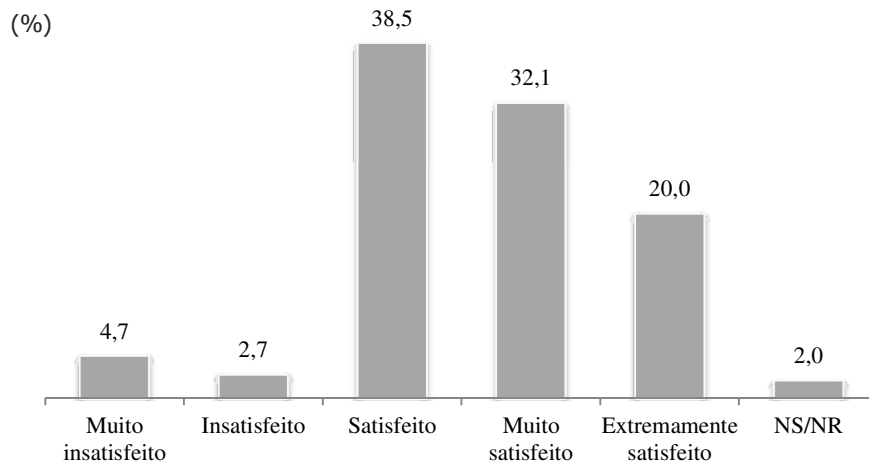


Fonte: Elaboração própria.

Uma análise por nacionalidade, género e cluster evidencia que apenas existem diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) na opinião sobre o Algarve enquanto destino de turismo sexual, entre homens e mulheres (*Vide*: Tabela 27, Anexo VI). De facto, são os homens que mais consideram que o Algarve está a tornar-se um destino de turismo sexual (12,0%). Por oposição, apenas 4,7% das mulheres admitem tal possibilidade.

Independentemente dos aspectos que associam à imagem da região, o facto é que os visitantes da Concentração Motard de Faro estão satisfeitos (38,5%) ou muito satisfeitos (32,1%) com o Algarve (Figura 9.6). Uma percentagem significativa (20,0%) afirma ainda estar extremamente satisfeita com a região, sendo pouco expressivos aqueles que revelam alguma insatisfação (7,4%).

Figura 9.6 – Satisfação Global com o Algarve

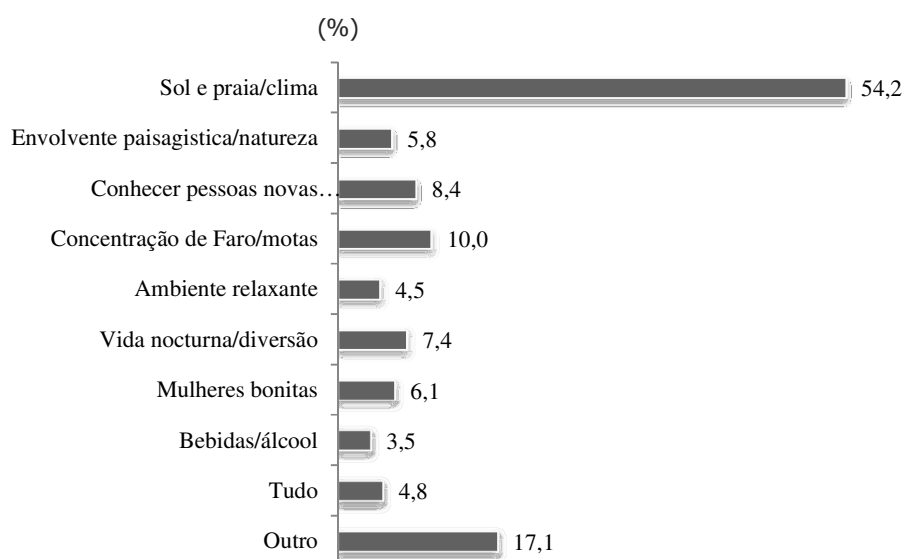


Fonte: Elaboração própria.

A satisfação com o Algarve é fruto, sobretudo, do bom clima, aliado às praias de qualidade excepcional que a região oferece (54,2%), bem como da Concentração Motard que se realiza anualmente em Faro (10,0%), (Figura 9.7). Com efeito, mais uma vez se denota a importância deste evento para a atracção de turistas ao Algarve. Ainda que se trate de um segmento muito particular de turistas (motards), a satisfação com a região advém muito da importância que atribuem à Concentração de Faro. O facto de muitos destes visitantes (27,5%) aliarem a participação no evento a umas mini-férias na região (Figura 4.5), demonstra também as oportunidades turísticas regionais criadas pela existência da Concentração de Faro. Nesse sentido, e tendo em conta que a Concentração tem sido responsável por trazer à região cerca de 30.000 visitantes numa base anual, não é de negligenciar este segmento.

De referir ainda que os aspectos mencionados pelos visitantes, como sendo os da sua preferência no Algarve, não apresentam diferenças estatisticamente significativas nas análises por nacionalidade, género e cluster ($p > 0,05$), (Vide: Tabela 28, Anexo VI).

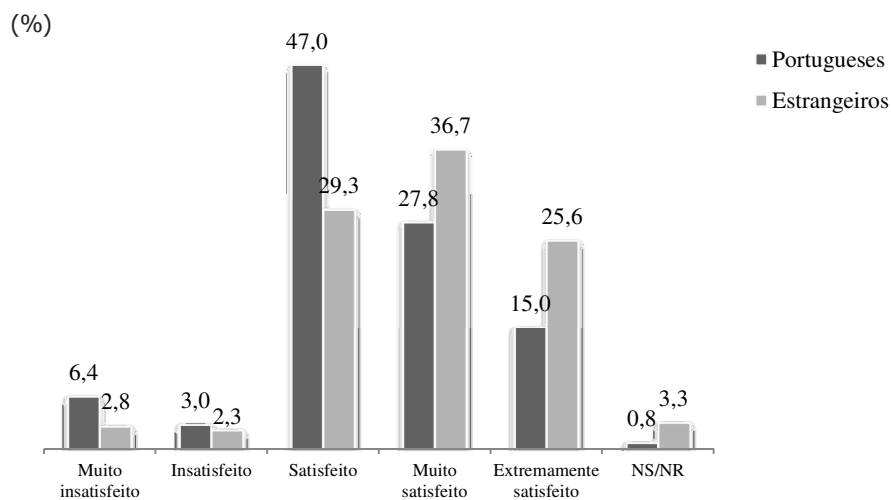
Figura 9.7 – O que gosta mais no Algarve



Fonte: Elaboração própria.

Já os níveis de satisfação para com a região apresentam diferenças estatisticamente significativas na análise por segmentos. No que diz respeito à nacionalidade (Figura 9.8), é possível observar que os visitantes portugueses da Concentração Motard de Faro mostram-se satisfeitos com a região (47,0%). O facto da maioria se considerar “satisfeita” resulta de que muitos já são turistas de repetição na Concentração e mesmo no Algarve (75,2%), sendo que as suas expectativas e satisfação decorrem da familiaridade com o destino e com o evento. Os estrangeiros, por seu lado, mostram-se muito satisfeitos (36,7%), sendo também significativa a percentagem daqueles que se consideram extremamente satisfeitos com a região (25,6%). Esta maior satisfação, decorre muito provavelmente do facto de 38,1% serem turistas de primeira vez no Algarve e na Concentração, para quem as expectativas e satisfação resultantes são tendencialmente superiores. Neste sentido, o grau de satisfação global com o Algarve apresenta diferenças estatisticamente significativas ao nível da nacionalidade dos indivíduos ($p=0,000$): os estrangeiros revelam um grau de satisfação superior, por comparação com os portugueses (*Vide*: Tabela 29, Anexo VI).

Figura 9.8 – Satisfação Global com o Algarve, segundo a Nacionalidade

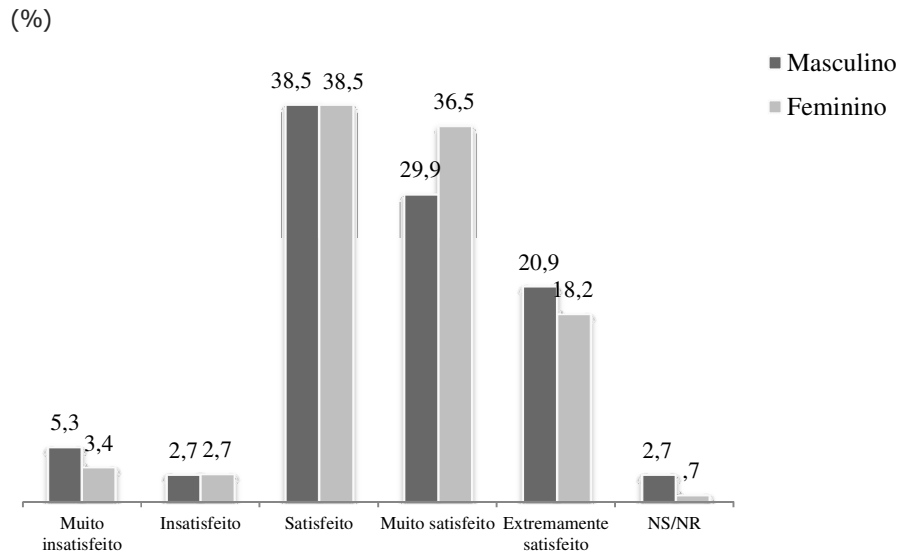


Fonte: Elaboração própria.

Vide: Anexo VI, Tabela 29.

Uma análise por género (Figura 9.9) revela que os visitantes da Concentração Motard de Faro do género masculino e feminino estão ambos satisfeitos com o Algarve (38,5%, respectivamente). Porém, aqueles que se mostram muito satisfeitos pertencem sobretudo ao género feminino (36,5%), e aqueles que se dizem extremamente satisfeitos pertencem sobretudo ao género masculino (20,9%). Ainda assim e, de um modo geral, é possível afirmar que não existem diferenças estatisticamente significativas na satisfação com o Algarve de acordo com a pertença de género ($p=0,795$), (Vide: Tabela 30, Anexo VI).

Figura 9.9 – Satisfação Global com o Algarve, segundo o Género

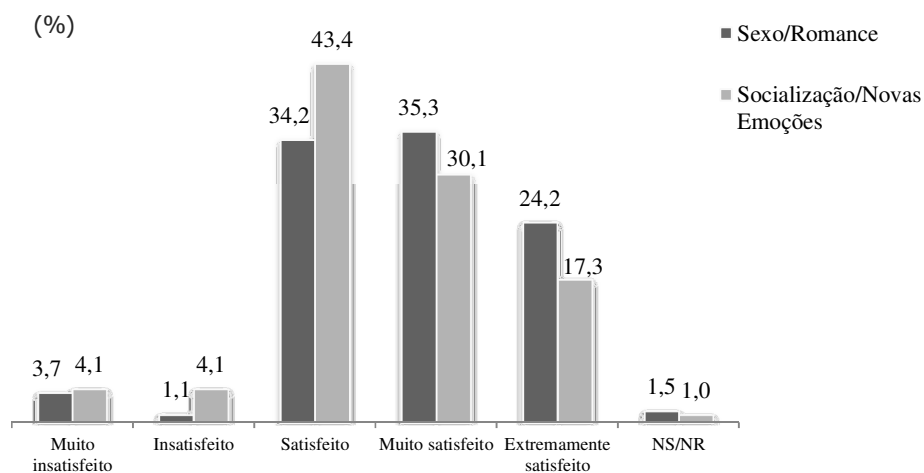


Fonte: Elaboração própria.

Vide: Anexo VI, Tabela 30.

Já no que respeita a uma análise por cluster (Figura 9.10), evidenciam-se diferenças na satisfação revelada para com a região. O cluster “Socialização/Novas emoções” afirma estar satisfeito com o Algarve (43,4%), enquanto o cluster “Sexo/Romance” revela níveis de satisfação superiores: 35,3% estão muito satisfeitos, 34,2% estão satisfeitos e 24,2% estão extremamente satisfeitos. Com efeito, evidenciam-se diferenças estatisticamente significativas no que toca à satisfação com o Algarve de acordo com os clusters ($p=0,010$): são sobretudo aqueles que viajam com motivações sexuais e/ou românticas que se mostram mais satisfeitos com a região (Vide: Tabela 31, Anexo VI), permitindo validar a H4 (quem viaja com motivações sexuais/românticas apresenta maiores níveis de satisfação).

Figura 9.10 – Satisfação Global com o Algarve, por Cluster



Fonte: Elaboração própria.

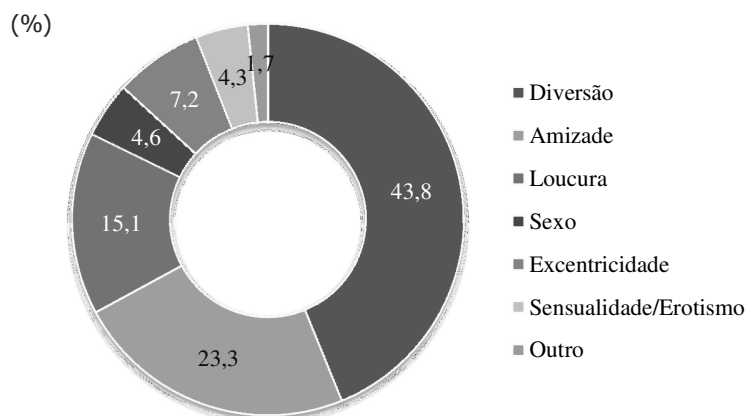
Vide: Anexo VI, Tabela 31.

Se o Algarve não é percebido como um destino turístico sexual, a verdade é que o sexo e o romance alavancam o turismo derivado da Concentração. Por isso mesmo, no ponto seguinte apresenta-se a imagem percebida da Concentração.

2 – A Concentração Motard de Faro: Imagem e Satisfação

Relativamente à imagem que os participantes têm da Concentração Motard de Faro (Figura 9.11), a maioria associa o evento à diversão (43,8%), à amizade (23,3%) e ao ambiente de loucura (15,1%) que esta proporciona. Apenas uma minoria associa o evento ao sexo (4,6%) e à sensualidade/erotismo (4,3%).

Figura 9.11 – Imagem da Concentração Motard de Faro*



* Resulta de uma resposta de escolha múltipla.

Fonte: Elaboração própria.

Ainda assim, o ambiente vivido na Concentração gira muito em torno da sexualidade e do erotismo. Senão, veja-se o exemplo das actividades de diversão/entretenimento disponibilizadas pelos elementos da organização: diversos shows de striptease e o concurso “Miss T-Shirt Molhada” marcam presença anualmente na Concentração Motard de Faro.

Na opinião dos dirigentes do Moto Clube, o sensual e o erótico fazem parte da cultura motard. Por isso mesmo, os espectáculos eróticos são já tradição na Concentração Motard de Faro, muito por influência daquilo que acontece em eventos semelhantes no estrangeiro. No fundo, os shows eróticos são percebidos pelos elementos da organização como mais um espectáculo de entretenimento, entre tantos outros oferecidos aos participantes. Trata-se mais de agradar o público - que, pese embora, este tipo de espectáculo deixasse de existir, continuaria fiel ao evento – do que propriamente promover comportamentos ou atitudes mais excêntricas entre os participantes:

“O show erótico faz parte do universo motociclista, o sensual, a paixão... no fundo representa a paixão. (...) Porque é uma componente engraçada, que diverte as pessoas. Tanto os homens como as mulheres até gostam de ver um bom striptease (...). Mas isso é uma pequena parte do que é a Concentração. Mas, em qualquer altura, também se pode tirar que não é por causa disso que as pessoas deixam de vir. As pessoas vêm aqui por um todo e não por uma coisa que diverge um bocadinho das outras.” (José Amaro)

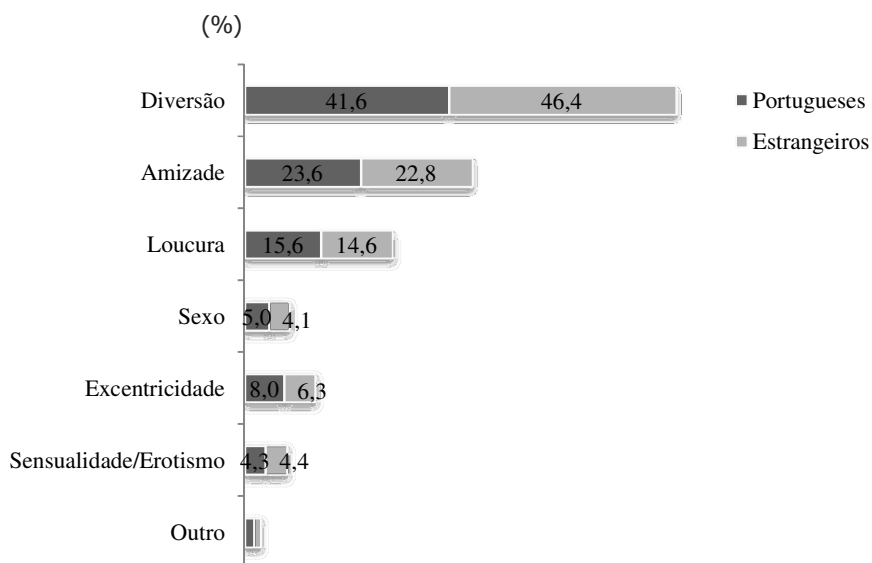
Com efeito, o facto de a Concentração ser sobretudo um evento homossocial, onde o erotismo e a sexualidade pairam apenas no campo da performance, do espectáculo e, que pouco têm a ver com práticas efectivas (nomeadamente práticas mais atípicas), faz com que a maioria dos participantes não associe o evento ao sexo e à sensualidade/erotismo.

Ainda que os participantes continuem a vir mesmo com a ausência destes espectáculos no cartaz, “acabar com (...) uma tradição que começou, é um bocado «aborrecido»” (Arnaldo Brasa). Com efeito, segundo o Relações Públicas do Moto Clube, os espectáculos eróticos servem mais para atrair novos visitantes do que propriamente para fidelizar turistas tradicionais:

“(...) Começámos a juntar este tipo de espectáculos como sendo mais um espectáculo, sem ter nada a ver com o que muita gente às vezes pensa. (...) Por uma questão talvez de atrair público, não com outro intuito (...)” (Arnaldo Brasa)

No que se refere à imagem do evento por nacionalidade (Figura 9.12), evidencia-se que tanto os portugueses como os estrangeiros associam a Concentração Motard de Faro principalmente à diversão (41,6% e 46,4%, respectivamente), à amizade (23,6% e 22,8%, respectivamente) e à loucura (15,6% e 14,6%, respectivamente). Estas variáveis não apresentam, portanto, diferenças significativas do ponto de vista estatístico, na análise por nacionalidade ($p > 0,05$), (Vide: Tabela 32, Anexo VI).

Figura 9.12 – Imagem da Concentração Motard de Faro, segundo a Nacionalidade*



* Resulta de uma resposta de escolha múltipla.

Fonte: Elaboração própria.

Vide: Anexo VI, Tabela 32.

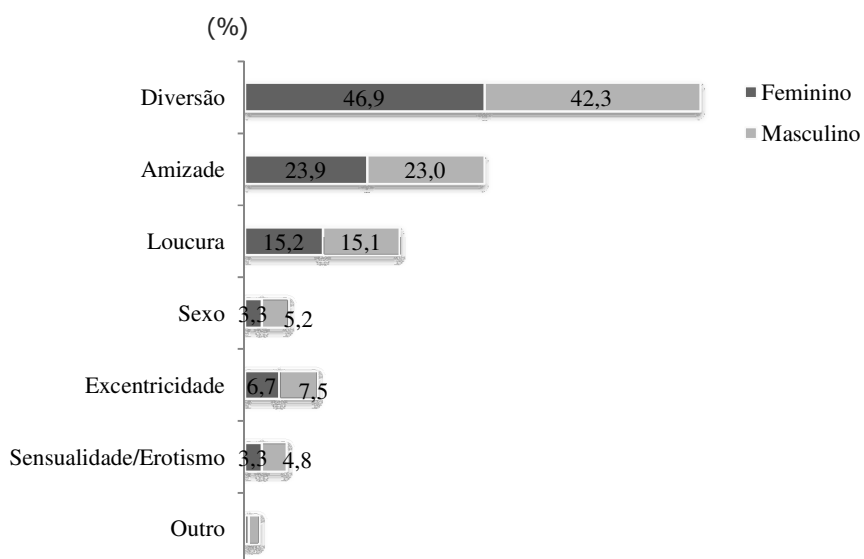
Relativamente à análise segundo o género (Figura 9.13), verifica-se que as mulheres associam a imagem da Concentração Motard de Faro essencialmente à diversão (46,9%), à amizade (23,9%) e à loucura (15,2%), enquanto os homens associam sobretudo à diversão (42,3%), à amizade (23,0%) e à loucura (15,1%), e ainda à excentricidade (7,5%).

Um teste às diferenças entre os segmentos (Vide: Tabela 33, Anexo VI) demonstra que apenas a variável diversão apresenta diferenças estatisticamente significativas ($p=0,004$): são as mulheres que mais associam este atributo à imagem da Concentração.

No que diz respeito à variável sexo e ainda que não existam diferenças significativas nas respostas de acordo com o género ($p=0,327$), são os homens que tendem a associar a Concentração a este atributo (5,2%), evidenciando mais uma vez uma certa contenção dos

discursos por parte do público feminino no que toca a aspectos que rompem com o socialmente aceite.

Figura 9.13 – Imagem da Concentração Motard de Faro, segundo o Género*



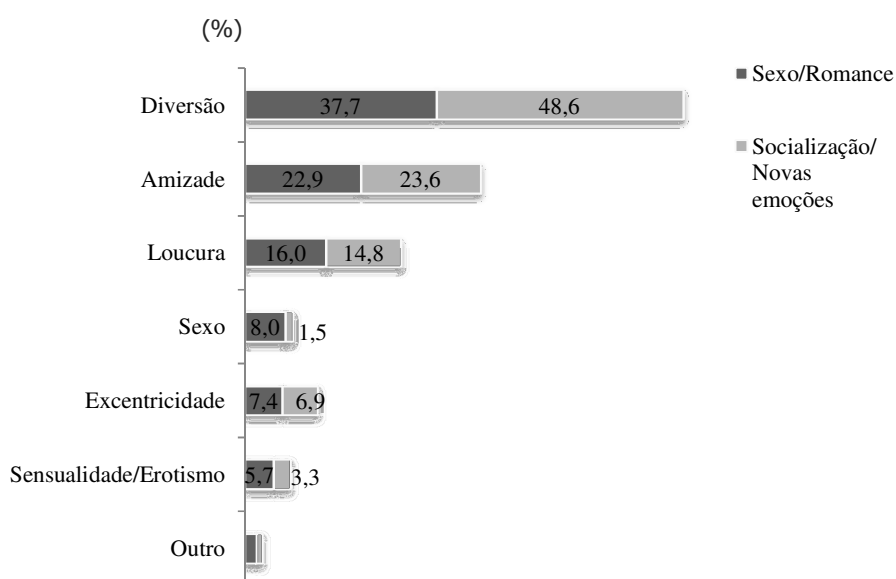
* Resulta de uma resposta de escolha múltipla.

Fonte: Elaboração própria.
Vide: Anexo VI, Tabela 33.

Numa análise por cluster (Figura 9.14), é possível constatar que o cluster “Sexo/Romance” associa a imagem da Concentração Motard de Faro principalmente à diversão (37,7%), amizade (22,9%), loucura (16,0%) e sexo (8,0%), Enquanto o cluster “Socialização/Novas emoções” associa fundamentalmente à diversão (48,6%), amizade (23,6%), loucura (14,8%) e excentricidade (6,9%).

Porém, uma análise às diferenças entre os segmentos indica que apenas a diversão e o sexo evidenciam diferenças estatisticamente significativas ($p=0,003$ e $p=0,001$, respectivamente). Com efeito, a diversão é apontada enquanto determinante da imagem da Concentração, sobretudo pelo cluster “Socialização/Novas emoções”, enquanto o sexo é eleito principalmente pelo cluster “Sexo/Romance” (Vide: Tabela 34, Anexo VI). Estas respostas atestam o significado dos próprios clusters. Se o primeiro vem motivado pelas oportunidades de diversão e socialização, e o segundo vem principalmente com o objectivo de investir nas relações amorosas/sexuais pré-estabelecidas, é natural que atribuam a imagem do evento a aspectos que, na verdade, materializam as suas motivações de viagem.

Figura 9.14 – Imagem da Concentração Motard de Faro, por Cluster*

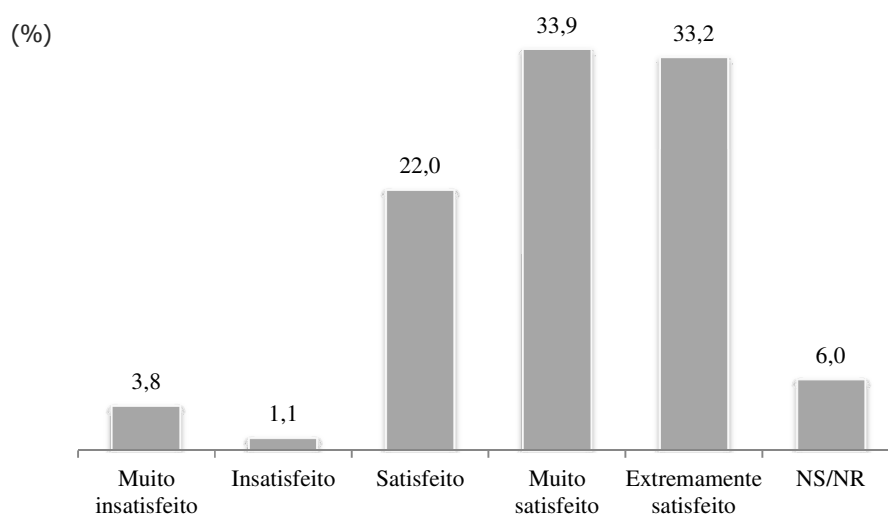


* Resulta de uma resposta de escolha múltipla.

Fonte: Elaboração própria.
Vide: Anexo VI, Tabela 34.

Como vimos anteriormente, a imagem que os indivíduos têm sobre o destino/evento aliada aos atributos que este oferece, é determinante da sua satisfação. Assim, no que toca à satisfação com a Concentração Motard de Faro (Figura 9.15), os visitantes afirmam estar muito (33,9%) ou extremamente satisfeitos (33,2%). Alguns revelam-se ainda satisfeitos (22,0%), sendo pouco expressiva a percentagem daqueles que demonstram alguma insatisfação com o evento (9,8%).

Figura 9.15 – Satisfação Global com a Concentração Motard de Faro



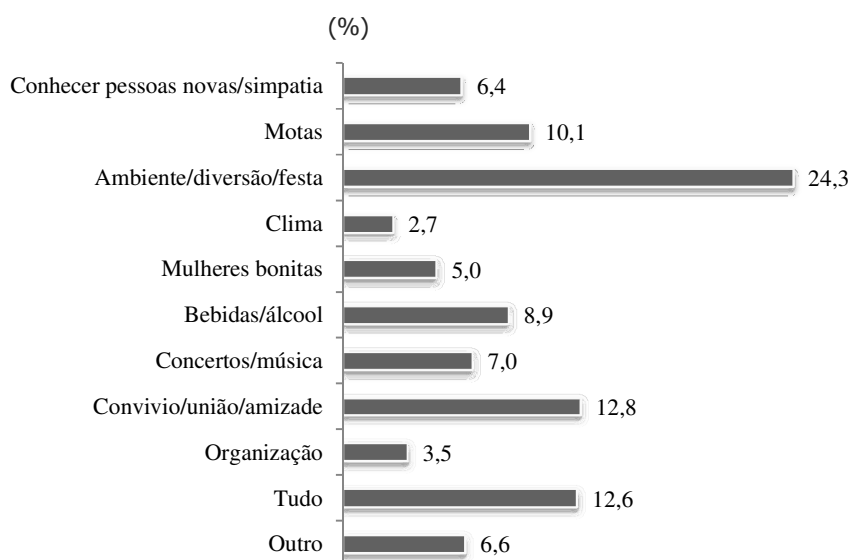
Fonte: Elaboração própria.

A satisfação com a Concentração é determinada pelo ambiente festivo e de diversão que o evento proporciona (24,3%), pelo convívio, amizade e espírito de união entre os motards (12,8%), e pela possibilidade de reunir no mesmo espaço uma grande diversidade de marcas e modelos de motas (10,0%), (Figura 9.16). Os testes às diferenças não evidenciam dissemelhanças no que toca às análises por nacionalidade, género e cluster ($p > 0,05$), (*Vide:*

Tabela 35, Anexo VI). Mais, a satisfação dos visitantes deriva de um conjunto de aspectos que, no fundo, estão na base das suas motivações de viagem. Mas esta satisfação, na opinião dos membros do Moto Clube, deriva também da própria forma como o evento está organizado, onde tudo é pensado ao pormenor:

“Nós primamos aqui por uma coisa, nós vamos ao pormenor de tudo. (...) E eu acho que isto faz a diferença para as pessoas que nos visitam.” (Arnaldo Brasa)

Figura 9.16 – O que gosta mais na Concentração Motard de Faro

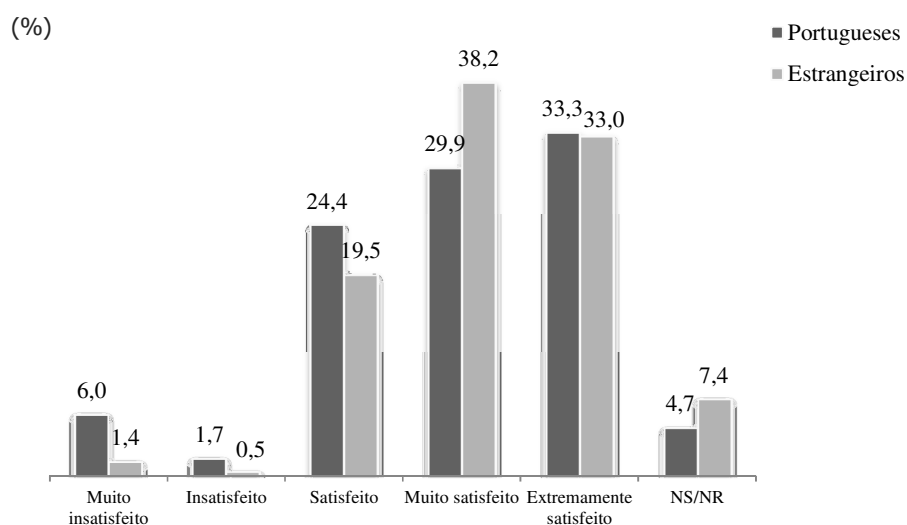


Fonte: Elaboração própria.

Porém, os níveis de satisfação para com o evento apresentam algumas discrepâncias de acordo com os segmentos em análise que importa reter. Numa análise por nacionalidade (Figura 9.17), que tanto os portugueses como os estrangeiros estão muito satisfeitos (29,9%

e 38,2%, respectivamente) ou extremamente satisfeitos (33,3% e 33,0%, respectivamente) com a Concentração Motard de Faro. Quanto aos níveis de insatisfação, são sobretudo os portugueses que se revelam mais exigentes, demonstrando mesmo alguma insatisfação para com o evento (7,7% estão insatisfeitos). Ainda assim, as diferenças observadas não são significativas do ponto de vista estatístico ($p=0,111$), pelo que se pode concluir que, independentemente da nacionalidade, a maioria dos visitantes está satisfeita com a Concentração Motard de Faro (Vide: Tabela 36, Anexo VI).

Figura 9.17 – Satisfação Global com a Concentração Motard de Faro, segundo a Nacionalidade



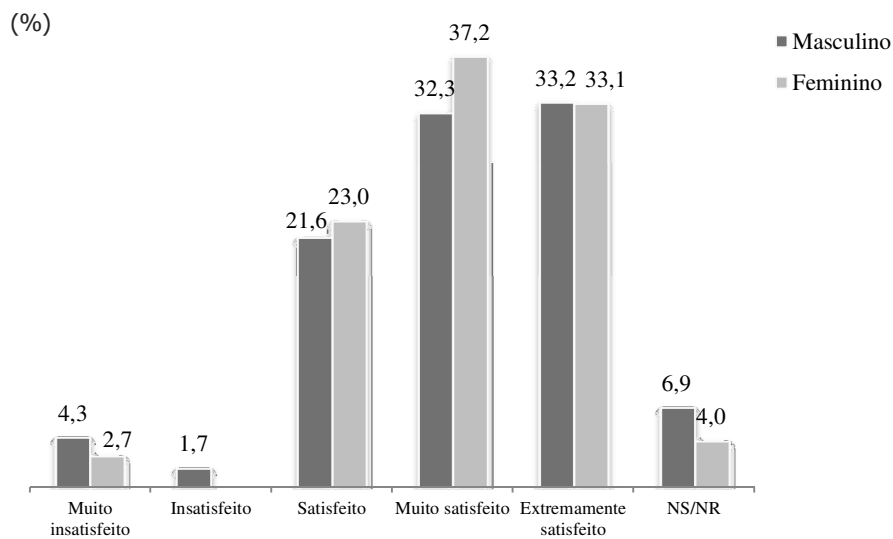
Fonte: Elaboração própria.

Vide: Anexo VI, Tabela 36.

Uma análise por género (Figura 9.18) revela que a grande maioria dos visitantes está muito ou extremamente satisfeita com a Concentração Motard de Faro, independentemente da

pertença de género. Ainda que as mulheres revelem níveis de satisfação ligeiramente superiores aos dos homens (37,2% estão muito satisfeitas e 23,0% estão satisfeitas), não se pode admitir que estas diferenças sejam estatisticamente significativas ($p=0,744$), (*Vide*: Tabela 37, Anexo VI).

Figura 9.18 – Satisfação Global com a Concentração Motard de Faro, segundo o Género



Fonte: Elaboração própria.

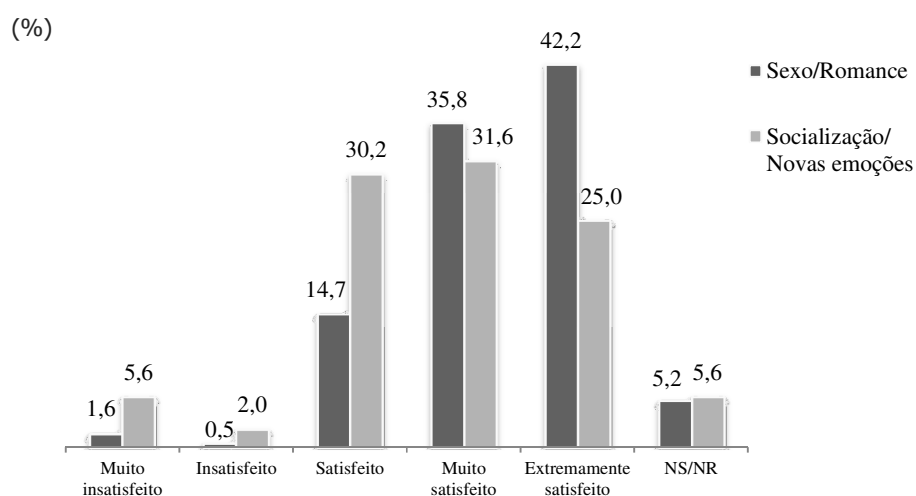
Vide: Anexo VI, Tabela 37.

Já uma análise por cluster (Figura 9.19) revela algumas diferenças no que toca à satisfação com a Concentração Motard de Faro. O Cluster “Sexo/Romance” é aquele que se mostra mais satisfeito (35,8% estão muito satisfeitos e 42,2% estão extremamente satisfeitos), permitindo mais uma vez atestar a validade da H4 (quem viaja com motivações sexuais/românticas apresenta maiores níveis de satisfação).

Por oposição, o cluster “Socialização/Novas emoções” apresenta níveis de satisfação inferiores (31,6% estão muito satisfeitos, 30,2% estão satisfeitos e 25,0% estão extremamente satisfeitos). No mesmo sentido, é o cluster “Socialização/Novas emoções” que revela maiores índices de insatisfação, ainda que esta insatisfação se cifre apenas em 7,6%.

Uma análise às diferenças (*Vide*: Tabela 38, Anexo VI) permite concluir, portanto, que o cluster “Sexo/Romance” é o que está mais satisfeito com a Concentração Motard de Faro ($p=0,000$). Com efeito, aqueles que viajam com motivações sexuais e/ou românticas são os que se mostram mais agrados com o ambiente e a oferta que evento proporciona.

Figura 9.19 – Satisfação Global com a Concentração Motard de Faro, por Cluster



Fonte: Elaboração própria.

Vide: Anexo VI, Tabela 38.

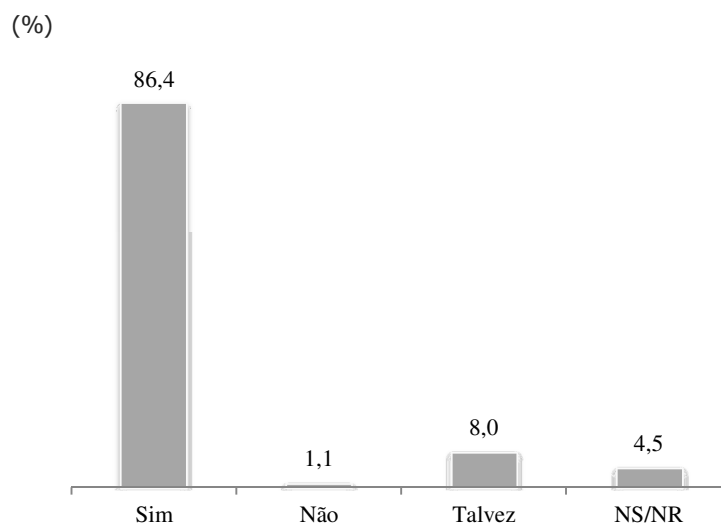
Se o destino em geral, e a Concentração em particular, não são ainda percebidos como cenários erótico-sexuais produzidos, a grande satisfação revelada e a prevalência da sensualidade/erotismo como elementos diferenciadores do evento, conduzem necessariamente a um crescimento deste nicho de mercado, uma vez que a satisfação determina níveis de fidelização e repetição do destino/evento.

A literatura sugere, portanto, que níveis elevados de satisfação conduzem a níveis elevados de fidelização (Evans *et al.*, 2006; Oppermann, 2000; Jones e Sasser, 1995; Woodside e Lysonski, 1989; Oom do Vale *et al.*, 2006). Com efeito, estando os visitantes da Concentração Motard de Faro muito ou extremamente satisfeitos com o Algarve e com o evento, espera-se que tencionem regressar. Os resultados expostos no ponto que se segue não constituem exceção, corroborando os resultados das investigações enunciadas.

3 – Intenções Futuras dos Visitantes da Concentração Motard de Faro

A intenção de regressar ao Algarve (Figura 9.20) é congruente com o grau de satisfação com a região (Figura 9.6). A grande maioria dos visitantes da Concentração Motard de Faro, estando muito satisfeitos com a região, pretendem por isso regressar (86,4%). Apenas 1,1% dos visitantes não demonstram intenção de regresso, sendo que 8,0% estão mesmo indecisos quanto à possibilidade de voltar. Note-se, a este respeito, que a maioria dos que não pretendem regressar ou que estão indecisos, são de nacionalidade estrangeira (*Vide*: Tabela 39, Anexo VI), pelo que estas intenções comportamentais devem-se mais à distância face à área de residência habitual do que a uma manifesta insatisfação para com a região (no geral, apenas 0,8% dos insatisfeitos não querem ou não sabem se regressam), (*Vide*: Tabela 40, Anexo VI).

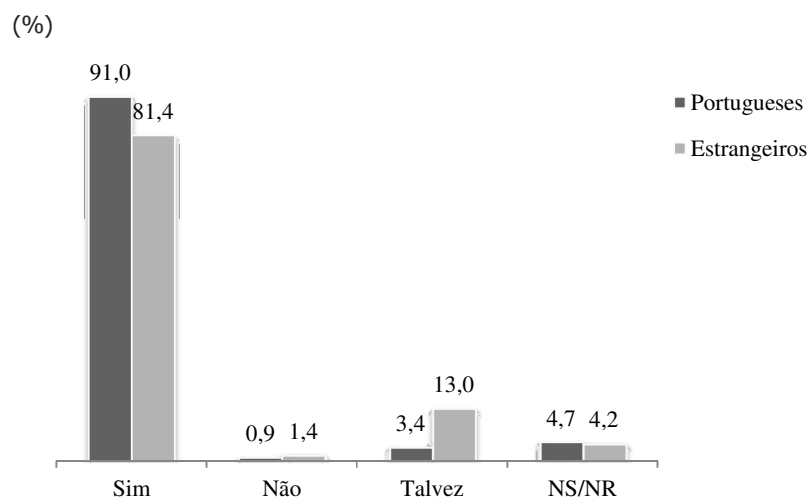
Figura 9.20 – Intenção de Regressar ao Algarve



Fonte: Elaboração própria.

Assim, no que se refere à intenção de regressar ao Algarve por nacionalidade (Figura 9.21), verifica-se que são sobretudo os portugueses que estão mais certos do regresso (91,0% afirmam que regressarão certamente). Ainda que os estrangeiros revelem maiores níveis de satisfação para com a região (Figura 9.8), a sua probabilidade de regresso não é tão grande quanto a dos portugueses (81,4% dos estrangeiros afirmam que tencionam regressar). As diferenças evidenciadas ($p=0,000$), (*Vide*: Tabela 39, Anexo VI) podem estar relacionadas com a proximidade face ao local de residência habitual. Quer isto dizer que, ainda que os portugueses não revelem níveis de satisfação tão elevados para com o Algarve (Figura 9.8), a sua intenção de regresso é superior à declarada pelos estrangeiros pois, pelo facto de viverem em Portugal, a distância entre o seu local de residência habitual e o Algarve é mais curta, tornando a deslocação mais acessível.

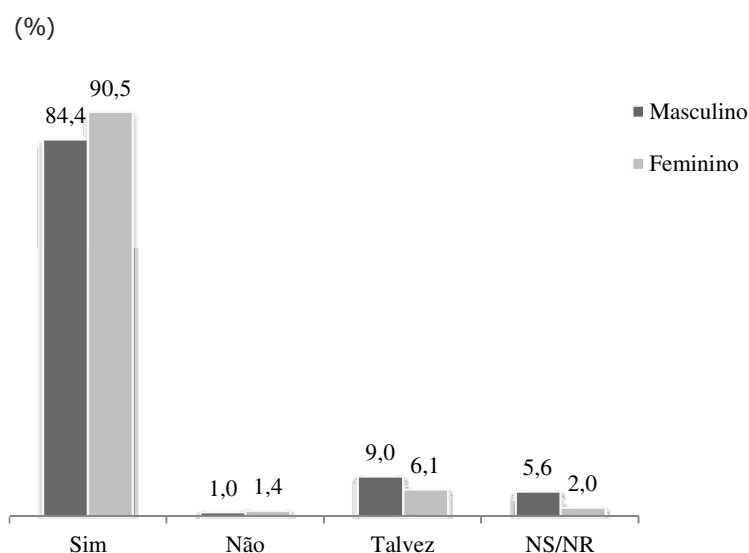
Figura 9.21 – Intenção de Regressar ao Algarve, segundo a Nacionalidade



Fonte: Elaboração própria.
Vide: Anexo VI, Tabela 39.

Quanto à intenção de regresso ao Algarve segundo o género (Figura 9.22), não se evidenciam diferenças estatisticamente significativas entre os dois segmentos ($p=0,311$). Tanto os visitantes do género masculino, como os do género feminino tencionam regressar à região (84,4% e 90,5%, respectivamente), (Vide: Tabela 41, Anexo VI).

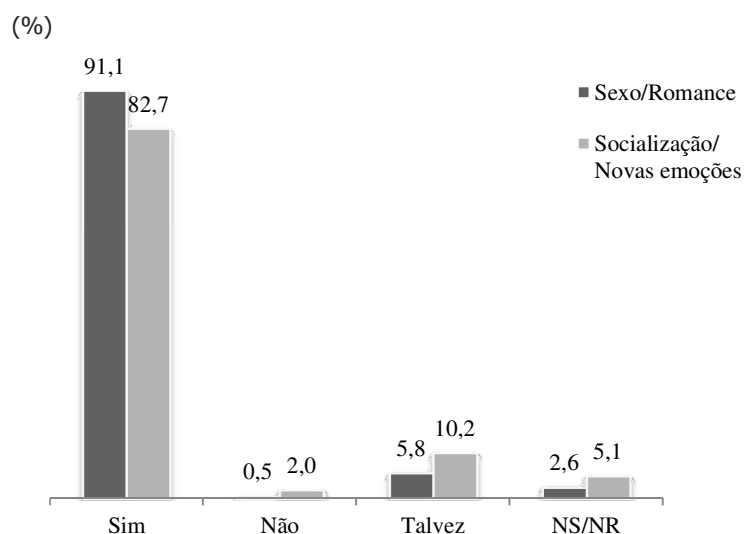
Figura 9.22 – Intenção de Regressar ao Algarve, segundo o Género



Fonte: Elaboração própria.
 Vide: Anexo VI, Tabela 41.

Numa análise por cluster (Figura 9.23), destacam-se diferenças quanto à intenção de regressar ao Algarve ($p=0,039$), (Vide: Tabela 42, Anexo VI). O cluster “Sexo/Romance” é aquele que mais demonstra propensão de regresso (91,1%), facto coincidente com a satisfação que revela para com a região (Figura 9.10). Estando mais satisfeitos são também aqueles que mais tencionam regressar, o que permite atestar a validade da H5 (quem viaja com motivações sexuais/românticas apresenta maiores níveis de fidelização). Já o cluster “Socialização/Novas emoções”, embora também demonstre querer regressar ao Algarve (82,7%), revela uma menor intenção, quando comparado com o cluster “Sexo/Romance”. O cluster “Socialização/Novas emoções” é também aquele que se mostra mais indeciso quanto à intenção de regresso (10,2% afirmam que talvez regressem). Este aspecto é também coincidente com a satisfação que este cluster revela para com a região (Figura 9.10), já que é o que demonstra menores níveis de satisfação.

Figura 9.23 – Intenção de Regressar ao Algarve, por Cluster



Fonte: Elaboração própria.

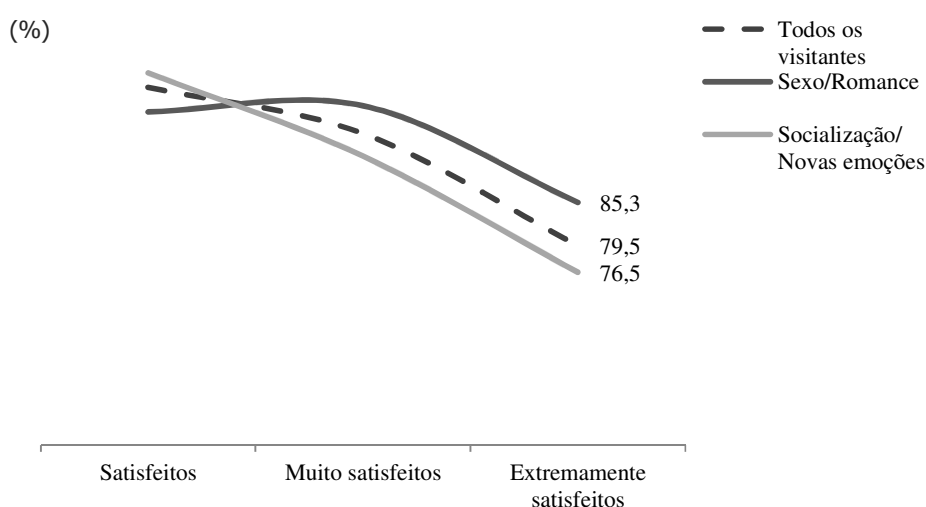
Vide: Anexo VI, Tabela 42.

A intenção de regresso dos mais satisfeitos é crucial para calcular o nível de fidelização dos turistas à região (Evans *et al.*, 2006). Tendo em conta que o regresso dos mais satisfeitos é certo para 79,5% dos turistas que visitam a Concentração Motard de Faro (Figura 9.24), e sabendo que o evento acolhe anualmente cerca de 30.000 participantes, então pode esperar-se que pelo menos 23.850 destes indivíduos sejam fiéis ao Algarve. O cluster “Sexo/Romance” é o que mais contribui para esta fidelização: o regresso ao Algarve é certo para 85,3% dos indivíduos satisfeitos que pertencem a este grupo. Assim, e tendo em conta que o número de indivíduos pertencentes ao cluster “Sexo/Romance” ascende a 12.690 indivíduos (42,3% do total de visitantes), espera-se que o Algarve acolha pelo menos 10.825 turistas que procuram sexo e romance, numa base anual e por força deste evento.

Já o número de visitantes pertencentes ao cluster “Socialização/Novas emoções” ascende a 13.110 indivíduos, representando 43,7% do total de participantes da Concentração Motard

de Faro. O regresso ao Algarve é certo para 76,5% dos indivíduos que pertencem a este grupo e que estão satisfeitos, por isso pode esperar-se que a região acolha anualmente cerca de 10.029 turistas que procuram socializar e viver novas emoções, devido à existência deste evento.

Figura 9.24 – Intenção de Regressar ao Algarve dos Mais Satisfeitos



Fonte: Elaboração própria.

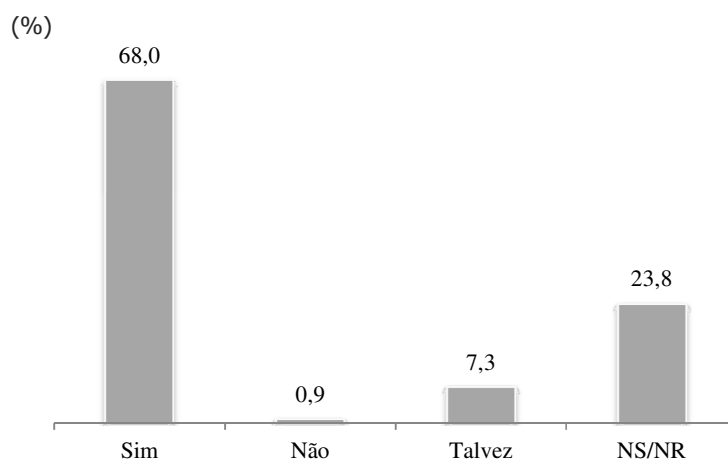
Vide: Anexo VI, Tabela 43.

Relativamente à Concentração Motard de Faro (Figura 9.25), a grande maioria dos visitantes também tenciona regressar (68,0%). Ainda que a intenção de regresso à Concentração seja ligeiramente inferior à intenção de regresso ao Algarve (86,4%), não significa porém que o evento assuma menos importância para os inquiridos do que a própria região. Antes pelo contrário. Não devemos esquecer que 60,8% dos visitantes vêm exclusivamente para participar na Concentração, ao passo que 27,5% vêm motivados pela Concentração e pela possibilidade de fazer férias na região (Figura 4.5). Na verdade, é possível assumir que esta modesta diferença entre a intenção de regresso à Concentração e

ao Algarve se deve à impossibilidade de prever o retorno a um evento que tem duração de quatro dias, enquanto o retorno à região pode efectivar-se em qualquer altura do ano.

São poucos, portanto, aqueles que não pretendem regressar à Concentração ou que ainda estão indecisos quanto a essa possibilidade (0,9% e 7,3%, respectivamente). À semelhança da intenção de regresso ao Algarve, também os que não sabem ou não pretendem regressar à Concentração Motard de Faro são maioritariamente de nacionalidade estrangeira (*Vide*: Tabela 44, Anexo VI), demonstrando que o não regresso à Concentração também depende mais da distância face ao local de alojamento dos participantes do que de uma insatisfação declarada (no geral, apenas 0,9% dos insatisfeitos não querem ou não sabem se regressam), (*Vide*: Tabela 45, Anexo VI).

Figura 9.25 – Intenção de Regressar à Concentração Motard de Faro

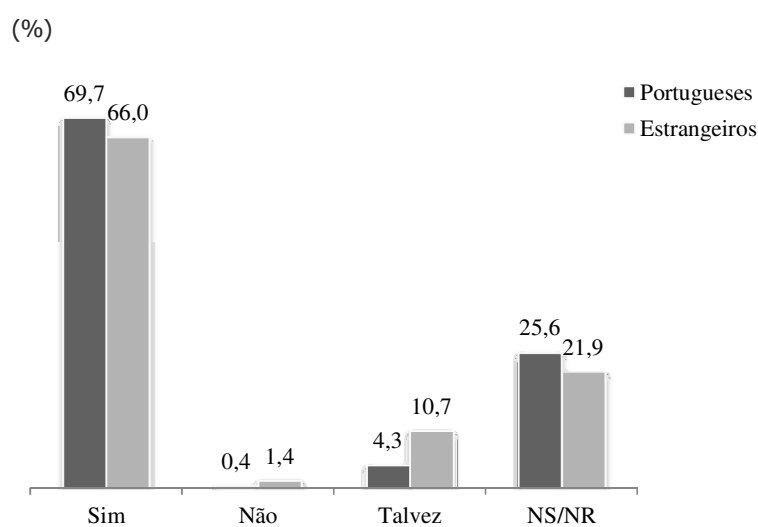


Fonte: Elaboração própria.

Assim, no que diz respeito à intenção de regressar à Concentração Motard de Faro segundo a nacionalidade (Figura 9.26), evidenciam-se diferenças estatisticamente significativas entre os segmentos ($p=0,007$), (*Vide*: Tabela 44, Anexo VI). A grande maioria pretende

regressar, sobretudo os portugueses (69,7%). No mesmo sentido, apesar de muitos estrangeiros pretenderem também regressar (66,0%), alguns estão incertos quanto a essa possibilidade (10,7%), muito por força da distância face ao seu local de residência habitual.

Figura 9.26 – Intenção de Regressar à Concentração Motard de Faro, segundo a Nacionalidade

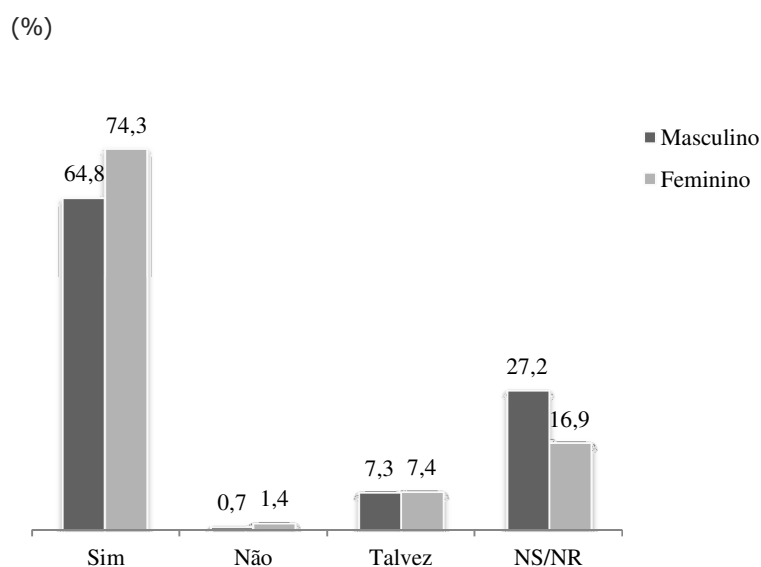


Fonte: Elaboração própria.

Vide: Anexo VI, Tabela 44.

Já uma análise por género (Figura 9.27) demonstra que a grande maioria dos visitantes da Concentração Motard de Faro pretende regressar. Tanto para os indivíduos do género masculino, como do género feminino, o regresso à Concentração é imperativo (64,8% e 74,3%, respectivamente). Com efeito, não se verificam diferenças estatisticamente significativas na análise por género ($p=0,893$), o que demonstra claramente o efeito de fidelização que a Concentração Motard de Faro exerce sobre os seus visitantes, independentemente da pertença de género (Vide: Tabela 46, Anexo VI).

Figura 9.27 – Intenção de Regressar à Concentração Motard de Faro, segundo o Género



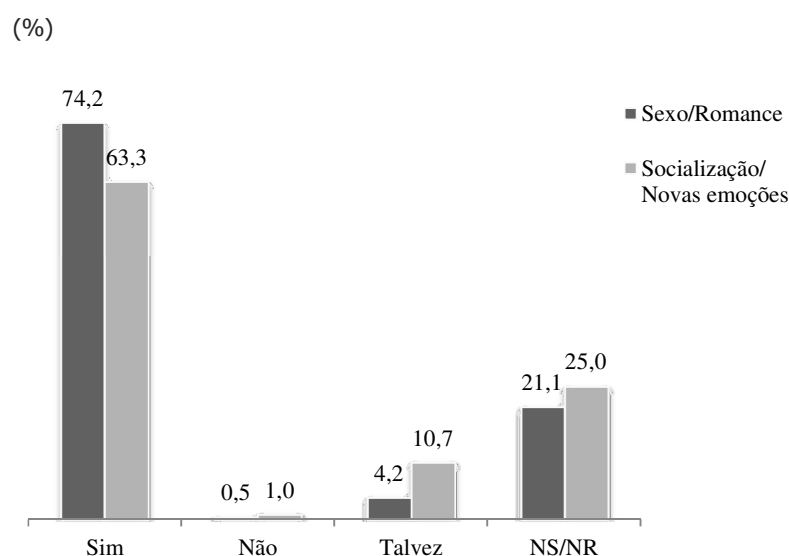
Fonte: Elaboração própria.

Vide: Anexo VI, Tabela 46.

Finalmente e, no que se refere a uma análise por cluster (Figura 9.28), verificam-se diferenças estatisticamente significativas quanto à intenção de regresso à Concentração Motard de Faro ($p=0,007$). Com efeito, o cluster “Sexo/Romance” é aquele que maior certeza demonstra quanto à intenção de regresso (74,2%). Este facto é coincidente com a satisfação que este grupo revela para com o evento (Figura 9.19). Estando mais satisfeitos, são também os que mais tencionam regressar, o que possibilita mais uma vez atestar a validade da H5 (quem viaja com motivações sexuais/românticas apresenta maiores níveis de fidelização). Por oposição, o cluster “Socialização/Novas emoções”, ainda que pretenda regressar (63,3%), é também aquele que revela maior incerteza quanto a essa possibilidade (10,7%). Este facto relaciona-se também com a satisfação que este grupo revela perante o evento (Figura 9.19). Estando menos satisfeitos (por comparação com o cluster

“Sexo/Romance”), são também os que menor propensão de regresso evidenciam (*Vide*: Tabela 47, Anexo VI).

Figura 9.28 – Intenção de Regressar à Concentração Motard de Faro, por Cluster



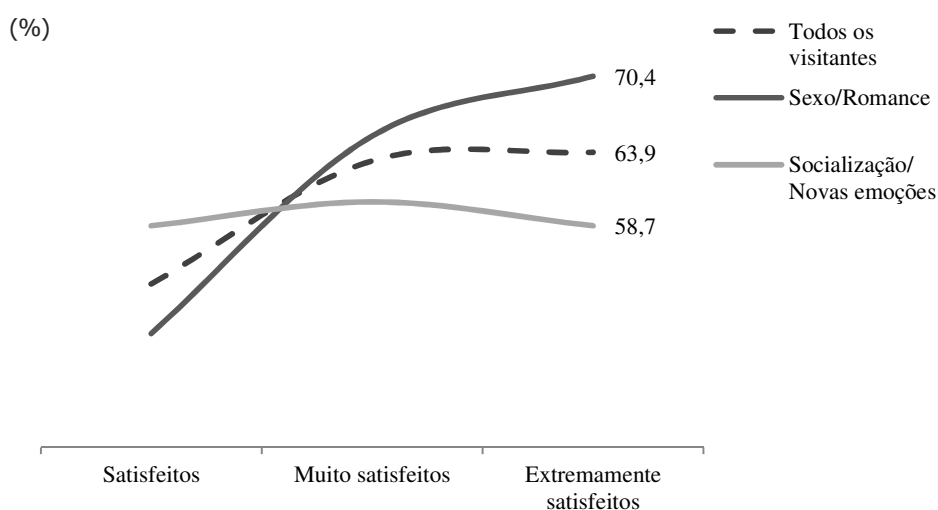
Fonte: Elaboração própria.
Vide: Anexo VI, Tabela 47.

À semelhança da intenção de regresso dos mais satisfeitos ao Algarve, verifica-se que o cluster “Sexo/Romance” por ser o que revela maiores níveis de satisfação para com a Concentração é também aquele que maior intenção de retorno demonstra. Tendo em conta que o regresso dos mais satisfeitos à Concentração é certo para 70,4% dos indivíduos do grupo “Sexo/Romance” (Figura 9.29) e, sabendo que a este grupo pertencem cerca de 12.690 indivíduos (42,3% do total de visitantes da Concentração Motard de Faro), então pode esperar-se que pelo menos 8.934 dos visitantes que procuram sexo/romance sejam fiéis à Concentração Motard de Faro (Evans *et al.*, 2006).

Já o número de visitantes pertencentes ao cluster “Socialização/Novas emoções” ascende a 13.110 indivíduos, representando 43,7% do total de participantes da Concentração Motard de Faro. O regresso à Concentração é certo para 58,7% dos indivíduos que pertencem a este grupo e que estão satisfeitos, por isso pode esperar-se que o evento receba numa base anual cerca de 7.696 turistas que procuram socializar e viver novas emoções.

No cômputo geral, 63,9% dos participantes da Concentração estão satisfeitos e regressam certamente, ou seja, 19.170 indivíduos são fiéis ao evento.

Figura 9.29 – Intenção de Regressar à Concentração Motard de Faro dos Mais Satisfeitos



Fonte: Elaboração própria.

Vide: Anexo VI, Tabela 48.

O regresso à Concentração e, conseqüentemente, ao Algarve é certo para a maioria dos visitantes, sendo que a recomendação, na opinião dos informantes privilegiados, é também imperativa:

“Se calhar não é o turista que poderia ter mais-valias (o turista de Inverno, o turista do golfe...), eh pá, não. Mas é o turista que pode trazer o pai dele que será esse, pode trazer o avô, pode trazer o amigo. Se eles gostarem vão recomendar (...).” (Arnaldo Brasa)

Ainda que o visitante da Concentração Motard de Faro não seja o turista convencional, como o próprio Relações Públicas do Moto Clube admite, significa claros benefícios para a região. Nesse sentido, os impactos decorrentes deste evento ao nível económico, turístico e até social, são mais do que evidentes:

“Estamos a falar de ter aqui diariamente cerca de 30 mil pessoas (...) que, por sua vez, irão grande parte deles para hotéis, restaurantes, praias e passearem pelo Algarve inteiro. Este evento é um evento do Algarve, não está já sujeito ao concelho de Faro.” (Arnaldo Brasa)

Com efeito, não é de negligenciar a importância da Concentração Motard de Faro enquanto promotora do sector do turismo na região e, a nível mais macro, enquanto impulsionadora do desenvolvimento regional. Por outro lado, uma atenção particular deve ser dirigida ao segmento “Sexo/Romance”. Ainda que este grupo seja constituído por um menor número de indivíduos quando comparado com o grupo “Socialização/Novas emoções”, os dados apontam para que seja um segmento em expansão no Algarve, a julgar pela intenção de regresso manifestada. Nesse sentido, o desafio passa por criar infra-estruturas e desenvolver actividades dirigidas a um grupo com características particulares, no qual as entidades públicas e privadas representam um papel fundamental. A este respeito, os membros da organização lamentam a falta de apoios por parte das entidades públicas:

“(...) Existe uma falta de apoio total das entidades públicas. (...) Nós este ano do Turismo vamos receber zero. O ano passado recebemos 10 mil euros, que é uma gota de água dentro do oceano. Estamos a falar de um investimento no ano passado de um milhão e seiscentos mil euros. (...) Eu gostava que tivéssemos um pouco mais de apoio, tenho pena de não termos.” (Arnaldo Brasa)

Pese embora a falta de apoios, o sucesso do evento é manifesto: atrai anualmente cerca de 30 mil participantes, sendo que no ano de 2011, com a comemoração da 30ª Concentração Motard de Faro, é esperado que esse número ascenda aos 35/40 mil. O ambiente que se vive é, portanto, “fantástico”, garantindo a satisfação dos visitantes e de todos aqueles que estão envolvidos na organização. Tal como afirma um dos membros do Moto Clube:

“Em nenhum outro encontro deste tipo, competição, seja o que for, você tem a amizade e a entejada que existe aqui. Isto tem a ver um bocado com o espírito das motas. Estão todos aqui à procura da mesma coisa: beber uns copos, conversar, divertirem-se. Aliás, (...) eu tenho muito orgulho em pertencer a esta equipa, mas muito orgulho mesmo! (...) Estamos todos a trabalhar pela mesma causa e é mesmo por isso que eu sinto orgulho. (...) Sinto-me honrado, é a palavra mais correcta. (...) Deste ambiente não lhe consigo dizer mais nada, só lhe consigo dizer isto: faz pessoas virem da Irlanda [para ajudar na organização do evento], faz pessoas que tiveram cinco AVC's estarem aqui, e todos de idades diferentes e todos a darem-se bem, que é a parte mais difícil. É fantástico pronto, não há palavras. As pessoas tinham de vir ver isto para conseguirem compreender. Há coisas que na vida só vivendo para compreender.” (Arnaldo Brasa)

O entusiasmo revelado pelos organizadores é transversal aos participantes que, directa ou indirectamente despoletam movimentos turísticos numa região que, por natureza, é eminentemente turística. O cariz sexual deste evento foi de alguma forma desmistificado nesta investigação. Se é verdade que o ambiente propicia o sexo e o romance, é verdade também que muitos desses comportamentos não podem ser antevistos como desviantes daquilo que se presume ser os hábitos de todos os que participam neste evento. O certo é que no campo imagético, o sexo/romance despoleta a vontade de viajar para o sul de Portugal, participando na Concentração. Sendo também estes os que maiores índices de satisfação e fidelização revelam, afiguram-se como elemento estruturante da necessidade de manter o evento enquanto potenciador de novas formas de turismo no Algarve.

As principais conclusões, limitações e perspectivas de trabalho futuro apresentam-se no capítulo seguinte.

CAPÍTULO X – CONCLUSÕES

A concretização deste trabalho de investigação nasce da vontade explícita de estudar o comportamento dos indivíduos no quotidiano, em contexto turístico e, mais concretamente, na Concentração Motard de Faro. Claro está que o comportamento humano é demasiado complexo e abrangente, pelo que este estudo pretendeu analisar apenas os relacionamentos de carácter mais íntimo, como é o caso da sexualidade.

Ao longo dos últimos anos, muitos têm sido os autores que se dedicaram ao estudo das relações entre sexualidade e turismo, e entre sexualidade e género, sendo que a Sociologia não foge a esse campo de análise. Com efeito, os estudos realizados debruçam-se essencialmente sobre a construção social do género, a forma como homens e mulheres vivem a sua sexualidade, e a influência que o turismo tem exercido na atracção de visitantes motivados pela procura de sexo e/ou romance. Neste último caso, o turismo sexual tem mediado a atenção de grande parte dos investigadores.

Porém, a conjugação dos três eixos de análise – género, sexualidade e turismo – ainda não foi constituída enquanto objecto de estudo, nomeadamente no que diz respeito à experimentação da sexualidade por um grupo com características tão particulares como é o caso dos motards. Assim, o principal objectivo deste trabalho de investigação foi perceber a forma como os indivíduos (mais concretamente os motards) expressam e experimentam a sua sexualidade na vida quotidiana, em destinos turísticos como é o caso do Algarve e, em particular, no *setting* da Concentração Motard de Faro.

A opção por estudar as formas de expressão e experimentação sexuais dos motards prende-se sobretudo com a necessidade de romper os estereótipos associados a este grupo de indivíduos. Em senso comum, são considerados extravagantes, loucos e selvagens, muito por força do espírito motard a que estão vinculados. Aliás, a personificação deste estereótipo é bem visível no filme de Walt Becker, *Wild Hogs (Porcos & Selvagens*, na versão portuguesa), que retracts de forma hilariante as aventuras e desventuras de um grupo de quatro amigos amantes do motociclismo.

A Concentração Motard de Faro, por sua vez, sendo o maior evento do género na Europa, caracteriza-se por receber anualmente milhares de visitantes oriundos das mais diversas zonas geográficas. Com efeito, parece reunir as características necessárias para um ambiente de loucura e excentricidade: congrega no mesmo espaço milhares de indivíduos amantes do motociclismo, que procuram diversão num ambiente “sem regras”, e onde o consumo de álcool e/ou drogas potencia comportamentos mais libertinos. Ao mesmo tempo, verifica-se a produção de um cenário erotizado, congruente com a própria cultura motard: “o show erótico faz parte do universo motociclista, o sensual, a paixão...”.

Assim, será que num ambiente aparentemente desregrado e disruptor das regras socialmente estabelecidas, os indivíduos apresentam comportamentos promíscuos? Ou, pelo contrário, verifica-se um investimento numa sexualidade mais tradicional e conservadora?

Rompendo os estereótipos associados aos motards a à própria Concentração, os resultados desta investigação sugerem dois padrões distintos de visitantes. Embora a paixão pelas motas seja transversal a todos os que visitam a Concentração Motard de Faro, existem aqueles que vêm motivados sobretudo pelas oportunidades de diversão e socialização, e aqueles para quem o evento constitui uma hiper-realidade, onde podem viver de forma mais “livre” experiências sexuais e/ou românticas. Neste caso, a experimentação da sexualidade surge mais como um investimento em relações pré-estabelecidas do que a concretização de encontros sexuais fortuitos. Assim, a Concentração Motard de Faro é mais um espaço para a vivência da sexualidade em casal, do que para o estabelecimento de relações sexuais ocasionais.

O facto de se tratar de um evento homossocial condiciona, em grande medida, este tipo de comportamentos. A grande maioria dos visitantes pertence ao género masculino, sendo que as mulheres que participam na Concentração vão sobretudo para acompanhar os maridos/parceiros. Assim, o reduzido número de mulheres desacompanhadas dificulta as oportunidades dos homens que esperam encontrar companhia no evento. Nessa medida, as experiências sexuais que ocorrem na Concentração Motard de Faro configuram mais um “turismo romântico”, pelo investimento em relações estáveis, e menos um “turismo sexual”, onde à partida não existem vínculos afectivos.

Os resultados desta investigação sugerem ainda que os comportamentos adoptados no evento divergem dos que ocorrem no quotidiano, mas não apresentam diferenças significativas quando comparados com as experiências tidas em férias. De facto, o cenário turístico e o ambiente proporcionado pela Concentração Motard de Faro são semelhantes, na medida em que oferecem aos seus visitantes a possibilidade de fuga à rotina quotidiana e, nesse sentido, uma maior liberdade para a experimentação sexual. Por oposição, o stress e a rotinização da vida quotidiana constroem a experimentação plena da sexualidade.

Este estudo permite também perceber que existem claras divergências no que toca à expressão e experimentação sexuais, de acordo com a pertença de género. Ainda que grande parte dos indivíduos assumam uma relação estreita entre o ambiente turístico/cenário da Concentração e o desenvolvimento de condutas mais atípicas, que quebram as regras socialmente aceites, no geral, a maioria tende a negar o envolvimento nesse tipo de condutas. Mais ainda, esta tendência de negação surge normalmente associada ao género feminino e, quando a negação não é declarada, as suas respostas posicionam-se mais face a um “não concordo nem discordo”, na tentativa de dissimular ou de não assumir uma posição.

Porém, as entrevistas realizadas (precisamente com o objectivo de testar se as respostas ao inquérito foram alvo de censura) permitiram constatar que, de facto, as mulheres se sentiram constrangidas no momento de assumir comportamentos sexuais mais atípicos (como por exemplo, o envolvimento com desconhecidos, com mais de um parceiro em simultâneo, ou ainda o recurso ao sexo pago). O facto de se fazerem acompanhar pelos cônjuges/parceiros no momento do preenchimento do inquérito foi muito provavelmente o principal motivo desse constrangimento. Já ao nível das entrevistas, verificou-se uma maior abertura para abordar a temática e assumir comportamentos mais “excêntricos”.

Ainda que a censura ao inquérito seja evidente, especialmente no feminino, os resultados deste estudo sugerem que ainda persiste um duplo padrão sexual, fruto das regras socialmente estabelecidas que reproduzem, em grande medida, a dominação masculina. Nesse sentido, é legítimo que o homem procure uma maior diversificação sexual, como forma de quebrar a rotina, enquanto o mesmo comportamento não é bem visto

relativamente à mulher. Este duplo padrão é especialmente evidente na distinção entre mulheres puras e “putas”. As primeiras servem para casar e as segundas para se divertirem.

Com maior ou menor diversificação sexual, certo é que a Concentração Motard de Faro que, no fundo, não é mais do que uma forma de materialização da experiência turística no Algarve, permite viver uma realidade extra-ordinária. Nesse sentido, as experiências sexuais que ocorrem durante o evento são descritas como bastante positivas, principalmente por aqueles que viajam com motivações sexuais e/ou românticas.

Decorrente da satisfação com a experimentação sexual está também a satisfação com o próprio evento e mesmo com o Algarve. Quer isto dizer que quem viaja com motivações sexuais e/ou românticas, tende a avaliar a Concentração Motard de Faro e o Algarve de forma mais positiva, por comparação com aqueles que viajam com o objectivo de socializar/viver novas emoções. Com efeito, os que apresentam motivações sexuais e/ou românticas são também os que maior intenção de regresso manifestam.

Os resultados sugerem, portanto, a emergência de um novo segmento de mercado no Algarve, derivado da Concentração, onde a experimentação sexual e o romance despoletam a escolha do Sul de Portugal. Estando muito satisfeitos, são também os que mais demonstram querer regressar e, na medida em que muitos aliam a participação na Concentração Motard de Faro a umas mini-férias na região, não é de negligenciar este segmento. Mais ainda, quem sai satisfeito passa a palavra ao seu grupo de amigos e familiares, pelo que este evento para além dos efeitos económicos que gera directamente, constitui uma singular alavanca do turismo na região. Mesmo porque, por força deste evento chegam e ficam para férias no Algarve turistas com preferências claramente distintas dos habituais turistas da região.

Finalmente, importa referir que a inovação conferida por este estudo, sem paralelo a nível nacional e que apenas encontra suporte em estudos realizados no estrangeiro, se por um lado é um enorme desafio, por outro apresenta alguns constrangimentos.

Uma das principais limitações decorre da recolha de dados. Sendo que esta limitação apesar de obviada pelas entrevistas, não deixa de, em alguns casos, sugerir alguma censura social nas respostas. Apesar de o inquérito ser confidencial e respondido pelo próprio de forma

livre, esta espontaneidade num clima de liberdade, como é o caso do ambiente inato à Concentração, foi um obstáculo à concretização da recolha, já que alguns dos inquéritos recolhidos foram invalidados porque as respostas que continham evidenciavam pouca seriedade no seu preenchimento.

Uma outra limitação igualmente importante decorre do facto deste estudo se circunscrever à Concentração Motard de Faro. Embora fosse este o contexto de análise, avaliar os comportamentos neste evento, estabelecendo paralelismos com outros eventos do mesmo tipo, dentro e fora do país, teria sido crucial para enriquecer a leitura de resultados. Leitura esta que sairia também favorecida se esta análise se estendesse numa avaliação temporal desta Concentração.

Por outro lado, a duração limitada do evento exigiu uma actuação rápida no terreno, bem como o desenvolvimento de estratégias mais ou menos seguras para manter o contacto com os informantes. Nessa medida, o inquérito revelou-se a técnica de recolha de dados mais eficaz para o desenvolvimento deste estudo. Porém, devido às suas limitações, foi necessária a realização de uma entrevista em profundidade. De entre os contactos obtidos, apenas uma minoria respondeu à entrevista *on-line*, o que aliás era esperado tendo em conta a recolha de dados à distância. Para obviar estas limitações e também no sentido de validar os dados recolhidos, a realização de uma entrevista aos informantes privilegiados, nomeadamente aos membros do Moto Clube Faro, foi crucial e determinante.

Ainda assim, uma monitorização deste estudo seria importante. Não só para perceber se os comportamentos descritos se mantêm em futuras edições do evento, como também para compreender se o segmento que procura sexo/romance está efectivamente em expansão como esta pesquisa sugere. Para além disso, seria interessante analisar os comportamentos sexuais em férias também junto de outros grupos, como é o caso do turista convencional que visita o Algarve. Os resultados obtidos seriam certamente uma mais-valia para a promoção do destino, bem como para traçar estratégias de fidelização e captação de novos turistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alasuutari, Pertti, Bickman, Leonard e Brannen, Julia (2008) *The SAGE Handbook of Social Research Methods*, London, Sage Publications.

Attwood, Feona (2005) Fashion and Passion: Marketing Sex to Women, *Sexualities*, 8:392, disponível em [URL]: <http://sexualities.sagepub.com/cgi/content/abstract/8/4/392>

Bardin, Laurence (1997) *Análise de Conteúdo*, Lisboa, Edições 70.

Bauer, Thomas e McKercher, Bob (2003) *Sex and Tourism: journeys of romance, love and lust*, New York, The Haworth Hospitality Press.

Berger, Peter e Luckmann, Thomas (1998) *A Construção Social da Realidade*, 15ª Edição, Petrópolis, Editora Vozes.

Bourdieu, Pierre (1999) *A Dominação Masculina*, Oeiras, Celta Editora.

Bozon, Michel (2004) *Sociologia da Sexualidade*, Rio de Janeiro, FGV Editora.

Butler, Judith (1999) *Gender Trouble: Feminism and Subversion of Identity*, Londres, Routledge.

Campenhoudt, Luc Van (2003) *Introdução à análise dos fenómenos sociais*, Lisboa, Gradiva.

Carmo, Isabel e Fráguas, Fernanda (2002) *Putas de Prisão*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

Carr, Neil e Poria, Yaniv (2010) *Sex and the sexual during people's leisure and tourism experiences*, Newcastle, Cambridge Scholars Publishing.

Chodorow, Nancy (1989) *Feminism and Psychoanalytic Theory*, USA, Yale University Press.

Chodorow, Nancy (1978) *The Reproduction of Mothering: Psychoanalysis and the Sociology of Gender*, USA, University of California Press.

Coelho, Bernardo (2009a) *Corpo Adentro: Prostitutas acompanhantes em processo de invenção de si*, Lisboa, Difel.

Coelho, Bernardo (2009b) *The erotization of leisure or the escape from everyday intimate life*, working paper, CIES, ISCTE.

Connell, R. W. (2005) *Masculinities*, California, University of California Press.

Connell, R. W. (1987) *Gender and Power*, California, Stanford University Press.

Correia, Antónia, Pimpão, Adriano e Crouch, Geoffrey (2007a) *Perceived Risk and Novelty Seeking Behavior – the case of low cost tourists in Algarve (Portugal)*, 5th Bi-Annual Symposium of Consumer Psychology of Tourism, Hospitality, and Leisure, 4-6 June, Charleston, South Carolina, USA.

Correia, Antónia, Valle, Patrícia Oom do e Moço, Cláudia (2007b) Why people travel to exotic places? *International Journal of Culture, Tourism and Hospitality Research*, Vol. 1 Iss: 1.

Coutinho, Clara (2011) *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*, Coimbra, Almedina.

De Beauvoir, Simone (1989) *The Second Sex*, New York, Vintage Books Edition.

Denzin, Norman e Lincoln, Yvonna (1994) *Handbook of Qualitative Research*, USA, Sage Publications.

Evans, Martin, Jamal, Ahmad e Foxall, Gordon (2006) *Consumer Behaviour*, England, John Wiley & Sons, Inc.

Ferreira, Pedro Moura e Cabral, Manuel Villaverde (2010) *Sexualidades em Portugal: Comportamentos e Riscos*, Lisboa, Editorial Bizâncio, Lda.

Foucault, Michel (1994a) *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*, Relógio D'Água Editores.

Foucault, Michel (1994b) *História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres*, Relógio D'Água Editores.

Foucault, Michel (1994c) *História da Sexualidade III: O Cuidado de Si*, Relógio D'Água Editores.

Freud, Sigmund (2000 [1962]) *Three Essays on the Theory of Sexuality*, EUA, Basic Books.

Freud, Sigmund (1965) *The Psychopathology of Everyday Life*, New York, W. W. Norton e Company.

Gagnon, John, Michael, Robert, Laumann, Edward e Kolata, Gina (1995) *Sex in America: A Definitive Survey*, USA, Warner Books Edition.

Gagnon, John e Simon, William (1970) *The Sexual Scene*, New Jersey, Transaction Books.

Ghiglione, Rodolphe e Matalon, Benjamin (1997) *O Inquérito: Teoria e Prática*, Oeiras, Celta Editora.

Giddens, Anthony (2002) *As Consequências da Modernidade*, Oeiras, Celta Editora.

Giddens, Anthony (2000) *Sociologia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Giddens, Anthony (1992) *A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*, São Paulo, Editora Unesp.

Gilbert, David e Hudson, Simon (2000) Tourism demand constraints: A skiing participation, *Annals of Tourism Research*, 27.

Goffman, Erving (1993) *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*, Lisboa, Relógio D'Água Editores.

Gonzalez, Ana e Bello, Laurentino (2002) The construct “lifestyle” in market segmentation: The behaviour of tourist consumers, *European Journal of Marketing*, 36 (1/2).

Gu, Huimin e Ryan, Chris (2008) Place attachment, identity and community impacts of tourism – the case of a Beijing hutong, *Tourism Management*, 29.

Guerra, Isabel (2010) *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: Sentidos e formas de uso*, Cascais, Príncípa Editora.

Haeger, Heather e Deil-Amen, Regina (2010) *Female College Students Working in the Sex Industry: A Hidden Population*, disponível em [URL]: <http://journals.naspa.org/njawhe/vol3/iss1/2/>.

Herold, Edward, Garcia, Rafael e DeMoya, Tony (2001) Female tourists and beach boys: romance or sex tourism? *Annals of Tourism Research*, 28:4.

Ilkcaracan, Pinar e Jolly, Susie (2007) *Gender and Sexuality: Overview Report*, disponível em [URL]: <http://www.bridge.ids.ac.uk/reports/CEP-Sexuality-OR.pdf>.

Jackson, Stevi e Scott, Sue (2010) *Theorizing Sexuality*, New York, McGraw-Hill.

Jackson, Stevi e Scott, Sue (2004) Sexual Antinomies in Late Modernity, *Sexualities*, 7:233.

Jackson, Stevi e Scott, Sue (2002) *Gender: A Sociological Reader*, Londres, Routledge.

Jennings, Gayle (2010) *Tourism Research*, Wiley.

Jones, Thomas e Sasser, Earl (1995) Why Satisfied Customers Defect, *Harvard Business Review*, November-December 1995.

Kinsey, Alfred (1953) *Sexual Behavior in the Human Female*, USA, Indiana University Press.

Kinsey, Alfred (1948) *Sexual Behavior in the Human Male*, USA, Indiana University Press.

Lessard-Hébert, Michelle *et al.* (1994) *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*, Lisboa, Instituto Piaget.

Martins, Victor e Correia, Antónia (2003) *Estudo Sobre o Golfe no Algarve*, INOVALGARVE, Algarve Golfe, Região de Turismo do Algarve, Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve, Associação dos Hotéis e Empreendimentos Turísticos do Algarve.

Matos, Margarida [coordenação] *et al.* (2011a) *Saúde sexual e reprodutiva dos estudantes do ensino superior: problemas emergentes e modelo compreensivo*, dados nacionais 2010, Projecto Aventura Social, disponível em [URL]: http://aventurasocial.com/arquivo/1303147187_2bHBSC%20Universitarios%202010_11.pdf.

Matos, Margarida [coordenação] *et al.* (2011b) *Saúde sexual e reprodutiva dos estudantes do ensino superior: relatório do estudo – dados nacionais 2010*, Projecto Aventura Social, disponível em [URL]: http://aventurasocial.com/arquivo/1303148036_Relatorio_HBSC_SSREU.pdf.

McCracken, Grant (1988) *The Long Interview*, California, Sage Publications.

Michel, Frank (2009) *Planeta Sexo: Turismos sexuais, mercantilização e desumanização dos corpos*, Porto, Campo das Letras.

Moreira, Carlos (2007) *Teorias e Práticas de Investigação*, Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Newman, Isadore e Benz, Carolyn (1998) *Qualitative-Quantitative Research Methodology: Exploring the Interactive Continuum*, Southern Illinois University Press.

Oom do Vale, Patrícia *et al.* (2006) Tourist Satisfaction and Destination Loyalty Intention: A Structural and Categorical Analysis, *Journal of Business Science and Applied Management*, 1(1).

Oppermann, Martin (2000) Tourism destination loyalty, *Journal of Travel Research*, 39.

Oppermann, Martin (1998) *Sex Tourism and Prostitution: aspects of leisure, recreation and work*, New York, Cognizant Communication Corporation.

Parsons, Talcott e Bales, Robert (1956) *Family, Socialization and Interaction Process*, Glencoe, Free Press.

Patton, Michael (1990) *Qualitative Evaluation and Research Methods* (2ª ed.), Newbury Park, CA: Sage Publications, Inc.

Pestana, Maria Helena e Gageiro, João (2005) *Análise de Dados para Ciências Sociais: A Complementaridade do SPSS*, Lisboa, Edições Sílabo.

Pimpão, Adriano, Correia, Antónia, Moital, Miguel, Cruz, Rita, Lança, Milene e Silva, Oriana (2009) *Perfil do Turista Nacional que Visita o Algarve*, Universidade do Algarve, Turismo do Algarve (ERTA), Faro.

Pritchard, Annete e Morgan, Nigel (2000) Privileging the male gaze: gendered tourism landscapes, *Annals of Tourism Research*, 27:4.

Pritchard, Annete, Morgan, Nigel, Sedgley, Diane, Khan, Elizabeth e Jenkins, Andrew (2000) Sexuality and holiday choices: conversations with gay and lesbian tourists, *Leisure Studies*, 19:4, Routledge.

Reisman, Judith (2003) *Kinsey: Crimes e Consequences*, USA, The Institute for Media Education.

Ribeiro, Fernando Bessa e Sacramento, Octávio (2007) *Turismo sexual e economia informal no nordeste brasileiro: o caso da praia de Ponta Negra*, XII Congresso Internacional de Antropologia de Iberoamérica, Turismo, Cultura y Desarrollo, Salamanca.

Ribeiro, Fernando Bessa e Sacramento, Octávio (2006) *A ilusão da conquista: sexo, amor e interesse entre gringos e garotas em Natal*, Cronos, vol. 7 (1).

Ribeiro, Manuela *et al.* (2007) *Vidas na Raia: Prostituição feminina em regiões de fronteira*, Porto, Edições Afrontamento.

- Riley, Roger e Love, Lisa (2000) The state of qualitative tourism research. *Annals of Tourism Research*, 27(1).
- Roster, Catherine (2007) “Girl Power” and Participation in Macho Recreation: The Case of Female Harley Riders, *Leisure Science*, 29:443-461.
- Ryan, Chris e Hall, Michael (2001) *Sex Tourism: marginal people and liminalities*, Londres, Routledge.
- Ryan, Chris e Martin, Amber (2001) Tourists and Strippers: Liminal Theater, *Annals of Tourism Research*, 28:1.
- Ryan, Chris e Kinder, Rachel (1996) Sex, tourism and sex tourism: fulfilling similar needs? *Tourism Management*, 17:7.
- Salant, Priscilla e Dillman, Don (1994) *How to conduct your own survey*, USA, John Wiley & Sons, Inc.
- Sarantakos, Sotirios (2005) *Social Research*, (3ª ed.), Melbourne, Palgrave Macmillan.
- Sayers, Janet (1986) *Sexual Contradictions: Psychology, Psychoanalysis and Feminism*, New York, Tavistock Publications.
- Simmel, George (2009 [1908]) *Sociology: Inquiries into the construction of social forms*, Volume 1, Netherlands, Brill.
- Soares, Clara (2011) O que os homens querem, *Revista Visão*, nº 954, 16-22 de Junho de 2011.
- Sombart, Werner (1990) *Amor, Luxo e Capitalismo*, Bertrand Editora.
- Stone, Philip e Sharpley, Richard (2008) Consuming Dark Tourism: A Thanatological Perspective, *Annals of Tourism Research*, 35:2.

Tavares, Manuela *et al.* (2009) *Feminismo(s) e Marxismo: um casamento “mal sucedido”?*, disponível em [URL]: http://www.esquerda.net/virus/index.php?option=com_content&task=view&id=79&Itemid=26

Trauer, Brigit e Ryan, Chris (2005) Destination image, romance and place experience – an application of intimacy theory in tourism, *Tourism Management*, 26.

Xiberras, Martine (1993) *As Teorias da Exclusão: para uma construção do imaginário do desvio*, Lisboa, Instituto Piaget.

Weeks, Jeffrey (1989) *Sex, Politics e Society*, New York, Longman.

Wickens, Eugenia (2002) The sacred and the profane: a tourist typology, *Annals of Tourism Research*, 29:3.

Wiederman, Michael e Whitley Jr., Bernard (2009) *Handbook for Conducting Research on Human Sexuality*, London, LEA Publishers.

Woodside, Arch e Lysonski, Steven (1989) A General model of traveller destination choice, *Journal of Travel Research*, 27(4).

ANEXOS

ANEXO I
Inquérito






Caro(a) Senhor(a):

O objectivo deste questionário é estudar a sexualidade lúdica dos turistas durante as férias. Toda a informação recolhida, sendo de carácter anónimo e confidencial, destina-se exclusivamente ao tratamento estatístico no âmbito de uma tese de mestrado. Agradecemos, desde já, a sua colaboração.

Parte A - LOGÍSTICA DA VIAGEM

- ▶ 1. Qual é o seu local de residência permanente? Portugal ₁ Cidade/Localidade: _____ ;
Estrangeiro ₂ Cidade/Localidade: _____ ; País: _____.
- ▶ 2. Durante a sua estada onde vai ficar alojado? Na Concentração ₁ Hotel ₂ Casa arrendada ₃ Casa própria/familiares ₄
Parque de campismo fora da Concentração ₅ Outro ₆ Qual? _____
- ▶ 3. No total, quantos dias/noites vai estar fora de casa nesta viagem? ____ dias; ____ noites.
- ▶ 4. Qual é o principal objectivo da sua viagem? Participar na Concentração ₁ Concentração e visitar familiares/amigos ₂
Concentração e motivos profissionais ₃ Concentração e férias no Algarve ₄ Outro ₅ Qual? _____
- ▶ 5. Com quem está a viajar?
Esposo(a)/Companheiro(a) ₁ Família ₂ Amigo(s) ₃ Sozinho ₄ Em grupo ₅ Outro ₆ Qual? _____
- ▶ 6. É a primeira vez que vem à Concentração? Sim ₁ Não ₂
- ▶ 6.1. Qual o meio de transporte que usou para chegar aqui?
Mota ₁ Carro ₂ Autocarro ₃ Outro ₄ Qual? _____

Parte B - ATITUDES EM FÉRIAS

- ▶ 7. Qual a importância que atribui a cada um dos seguintes aspectos na escolha de um destino turístico?
- | | Nada importante | Pouco importante | Moderadamente importante | Muito importante | Extremamente importante |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Fugir da rotina do dia-a-dia | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Viver novas emoções/sensações | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Divertir-se | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Procurar novidade e mudança | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Socializar | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Ter uma aventura | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Fortalecer os laços amorosos com o(a) esposo(a)/companheiro(a) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Estar com a família/amigos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Encontrar um novo amor/desenvolver um romance de férias | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Relacionar-se a nível emocional e/ou físico com um desconhecido | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Originalidade e exotismo | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Ambiente relaxante | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Paisagem e natureza | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Clima | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Praia | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Vida nocturna | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Clubes nocturnos, bares de strip-tease, casas de alterne | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Sexo | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Romance | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Hospitalidade | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Segurança | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
- ▶ 8. Refira até que ponto concorda com cada uma das seguintes afirmações:
- | | Discordo Totalmente | Discordo | Não concordo nem discordo | Concordo | Concordo Totalmente |
|--|---|---|---|---|---|
| |  |  |  |  |  |
| As férias são propícias a comportamentos excêntricos/fora do comum | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| As férias são propícias ao desenvolvimento de relações sexuais ocasionais | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Em férias estou disposto a manter relações sexuais com um(a) desconhecido(a) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Em férias estou disposto a ter mais de um(a) parceiro(a) sexual | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Em férias estou disposto a pagar por serviços sexuais | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Em férias estou disposto a ter relações sexuais desprotegidas (sem preservativo) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

▶ 9. Já teve experiências sexuais nos seguintes contextos?

▶ 9.1. Se já teve, de que forma valoriza essas experiências?

| | Nunca tive | Apenas 1 vez | Mais do que 1 vez | Muito negativa | Negativa | Nem negativa nem positiva | Positiva | Muito positiva |
|--|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|---------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Excursões da escola/viagens de finalistas | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Férias em família | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Lua de mel | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Turismo de sol e praia | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Turismo cultural | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Turismo de SPAS | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Viagens organizadas com objectivos sexuais | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Destinos exóticos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Cruzeiros | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Concertos/festivais de música | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Concentrações motards | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

Parte C - ATITUDES NO EVENTO

▶ 10. Relativamente à Concentração, refira até que ponto

concorda com cada uma das seguintes afirmações:

Discordo Totalmente Discordo Não concordo nem discordo Concordo Concordo Totalmente

| | Discordo Totalmente | Discordo | Não concordo nem discordo | Concordo | Concordo Totalmente |
|---|--------------------------|--------------------------|---------------------------|--------------------------|--------------------------|
| O ambiente da Concentração facilita a desinibição | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| O ambiente da Concentração facilita as oportunidades sexuais | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| O ambiente da Concentração facilita o encontro de um novo parceiro | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Neste espaço sinto-me totalmente anónimo, livre e sem regras | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Na Concentração faço coisas que não faria no dia-a-dia | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Na Concentração faço coisas totalmente radicais e socialmente criticáveis | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Na Concentração exagero no consumo de álcool | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Na Concentração costumo envolver-me sexualmente com residentes | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Na Concentração costumo envolver-me sexualmente com outros turistas | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Na Concentração o meu nível de actividade sexual aumenta substancialmente | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Os espectáculos eróticos da Concentração facilitam a interacção sexual | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| A organização da Concentração facilita encontros com parceiros sexuais | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

Parte D - IMAGEM DO DESTINO E SATISFAÇÃO

▶ 11. Na sua opinião, o Algarve é um destino turístico associado à/ao:

Sol e Praia ₁ Lazer ₂ Sexo ₃ Diversão ₄ Excentricidade ₅ Luxúria e prestígio ₆ Outro ₇ Qual? _____

▶ 12. Na sua opinião, o Algarve está a tornar-se um destino de turismo sexual?

Sim ₁ Não ₂ Talvez ₃ Porquê? _____

▶ 13. Em relação à Concentração Motard de Faro, quais os aspectos que considera que melhor descrevem a imagem/ambiente vivido neste evento?

Diversão ₁ Amizade ₂ Loucura ₃ Sexo ₄ Excentricidade ₅ Sensualidade/erotismo ₆ Outro ₇ Qual? _____

▶ 14. Qual o seu grau de satisfação global?

a) Com o Algarve: Muito insatisfeito ₁ Insatisfeito ₂ Satisfeito ₃ Muito satisfeito ₄ Extremamente satisfeito ₅

b) Com a Concentração: Muito insatisfeito ₁ Insatisfeito ₂ Satisfeito ₃ Muito satisfeito ₄ Extremamente satisfeito ₅

▶ 15. O que MAIS gosta no Algarve? _____

▶ 16. O que MAIS gosta na Concentração? _____

▶ 17. Tenciona regressar ao Algarve? Sim ₁ Não ₂ Talvez ₃ ▶ 18. E regressar à Concentração? Sim ₁ Não ₂ Talvez ₃

Parte E - CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-DEMOGRÁFICA

▶ 19. Idade: ▶ 20. Género: Feminino ₁ Masculino ₂ ▶ 21. Nacionalidade: _____

▶ 22. Estado Civil: Solteiro ₁ Casado/União de facto ₂ Divorciado ₃ Viúvo ₄

▶ 23. Habilitações literárias: Básico ₁ Secundário ₂ Superior ₃ ▶ 24. Profissão: _____

▶ 25. Situação perante o emprego: Empregado ₁ Desempregado ₂ Reformado ₃ Estudante ₄ Outro ₅ Qual? _____

▶ 26. Por favor ajude-nos a garantir a fiabilidade das suas respostas. Deixe-nos o seu e-mail caso esteja disponível para colaborar no processo de validação desta recolha. E-mail: _____

Obrigado pela sua colaboração!

ANEXO II

Tabelas de Apoio ao Capítulo IV

Tabela 1 – Caracterização Sócio-demográfica dos Visitantes

| | N | % |
|-----------------------------------|---------|-------|
| Género | | |
| Feminino | 148 | 33,0 |
| Masculino | 301 | 67,0 |
| Total | 449 | 100,0 |
| Idade Média | | |
| | 35 anos | |
| Idade em Escalões | | |
| 18-28 anos | 109 | 24,3 |
| 29-34 anos | 109 | 24,3 |
| 35-41 anos | 113 | 25,2 |
| 42 ou mais anos | 97 | 21,6 |
| NS/NR | 21 | 4,7 |
| Total | 449 | 100,0 |
| Nacionalidade | | |
| Portuguesa | 234 | 52,1 |
| Espanhola | 99 | 22,0 |
| Britânica | 81 | 18,0 |
| Irlandesa | 8 | 1,8 |
| Alemã | 9 | 2,0 |
| Francesa | 3 | 0,7 |
| Holandesa | 3 | 0,7 |
| Brasileira | 3 | 0,7 |
| Outra | 9 | 2,0 |
| Total | 449 | 100,0 |
| Estado Civil | | |
| Solteiro | 138 | 30,7 |
| Casado/união de facto | 255 | 56,8 |
| Divorciado | 49 | 10,9 |
| Viúvo | 4 | 0,9 |
| NS/NR | 3 | 0,7 |
| Total | 449 | 100,0 |
| Habilitações Literárias | | |
| Básico | 34 | 7,6 |
| Secundário | 223 | 49,7 |
| Superior | 170 | 37,9 |
| NS/NR | 22 | 4,9 |
| Total | 449 | 100,0 |
| Situação Perante o Emprego | | |
| Empregado | 370 | 82,4 |

| | | |
|-----------------------------------|-----|-------|
| Desempregado | 38 | 8,5 |
| Reformado | 11 | 2,4 |
| Estudante | 15 | 3,3 |
| Situação Perante o Emprego | | |
| Outro | 2 | 0,4 |
| NS/NR | 13 | 2,9 |
| Total | 449 | 100,0 |

Tabela de apoio à Figura 4.1.

Tabela 2 – Logística da Viagem dos Visitantes

| | N | % |
|---|----------|-------|
| Companhia de viagem | | |
| Esposo(a)/companheiro(a) | 123 | 27,4 |
| Família | 34 | 7,6 |
| Amigo(s) | 201 | 44,8 |
| Sozinho | 45 | 10,0 |
| Em grupo | 40 | 8,9 |
| Outro | 3 | 0,7 |
| NS/NR | 3 | 0,7 |
| Total | 449 | 100,0 |
| Meio de Transporte Utilizado | | |
| Mota | 325 | 72,4 |
| Carro | 53 | 11,8 |
| Autocarro | 6 | 1,3 |
| Avião | 47 | 10,5 |
| Outro | 10 | 2,2 |
| NS/NR | 8 | 1,8 |
| Total | 449 | 100,0 |
| Local de Alojamento | | |
| Na concentração | 357 | 79,5 |
| Hotel | 28 | 6,2 |
| Casa arrendada | 13 | 2,9 |
| Casa própria/familiares | 15 | 3,3 |
| Parque de campismo fora da concentração | 29 | 6,5 |
| Outro | 3 | 0,7 |
| NS/NR | 4 | 0,9 |
| Total | 449 | 100,0 |
| Estada Média | | |
| | 5 noites | |

Tabela de apoio à Figura 4.4.

Tabela 3 – Grau de Importância dos Factores Intrínsecos

| Todos os Visitantes | |
|---|------|
| Grau de Importância dos Factores Intrínsecos | Moda |
| Fugir da rotina do dia-a-dia | 5 |
| Viver novas emoções/sensações | 4 |
| Divertir-se | 5 |
| Procurar novidade e mudança | 4 |
| Socializar | 5 |
| Ter uma aventura | 4 |
| Estar com a família/amigos | 5 |
| Fortalecer os laços amorosos com o(a) esposo(a)/companheiro(a) | 5 |
| Encontrar um novo amor/desenvolver um romance de férias | 1 |
| Relacionar-se a nível emocional e/ou físico com um desconhecido | 1 |
| Sexo | 5 |
| Romance | 1 |

Tabela de apoio à Figura 4.7.

Tabela 4 – Correlação entre os Factores Intrínsecos

| | Viver novas emoções/sensações | Socializar | Ter uma aventura | Fortalecer os laços amorosos com o(a) esposo(a)/companheiro(a) | Estar com a família/amigos | Encontrar um novo amor/desenvolver um romance de férias | Relacionar-se a nível emocional e/ou físico com um desconhecido | Sexo | Romance |
|---|-------------------------------|------------|------------------|--|----------------------------|---|---|--------|---------|
| Viver novas emoções/sensações | 1,000 | 0,356 | 0,290 | 0,084 | 0,153 | 0,022 | -0,024 | -0,064 | -0,032 |
| Socializar | 0,356 | 1,000 | 0,346 | -0,016 | 0,294 | 0,079 | 0,084 | -0,087 | 0,013 |
| Ter uma aventura | 0,290 | 0,346 | 1,000 | 0,013 | 0,085 | 0,199 | 0,174 | -0,074 | -0,094 |
| Fortalecer os laços amorosos com o(a) esposo(a)/companheiro(a) | 0,084 | -0,016 | 0,013 | 1,000 | 0,278 | -0,197 | -0,207 | -0,003 | 0,173 |
| Estar com a família/amigos | 0,153 | 0,294 | 0,085 | 0,278 | 1,000 | 0,014 | 0,012 | -0,090 | 0,063 |
| Encontrar um novo amor/desenvolver um romance de férias | 0,022 | 0,079 | 0,199 | -0,197 | 0,014 | 1,000 | 0,701 | 0,069 | -0,051 |
| Relacionar-se a nível emocional e/ou físico com um desconhecido | -0,024 | 0,084 | 0,174 | -0,207 | 0,012 | 0,701 | 1,000 | 0,082 | -0,077 |
| Sexo | -0,064 | -0,087 | -0,074 | -0,003 | -0,090 | 0,069 | 0,082 | 1,000 | 0,276 |
| Romance | -0,032 | 0,013 | -0,094 | 0,173 | 0,063 | -0,051 | -0,077 | 0,276 | 1,000 |

Tabela 5 – Grau de Importância dos Factores Intrínsecos, segundo a Nacionalidade

| Grau de Importância dos Factores Intrínsecos, segundo a Nacionalidade | Nacionalidade | | | | | | | | Kruskal-Wallis Test (Sig.) |
|---|-----------------|------|------|--------------|------------------|------|------|--------------|----------------------------|
| | Portugueses (%) | | | | Estrangeiros (%) | | | | |
| | 1-2 | 3 | 4-5 | Total | 1-2 | 3 | 4-5 | Total | |
| Fugir da rotina do dia-a-dia | 12,9 | 8,6 | 78,5 | 100,0 | 14,7 | 18,9 | 66,4 | 100,0 | 0,033 |
| Viver novas emoções/sensações | 6,0 | 17,2 | 76,8 | 100,0 | 12,8 | 13,3 | 73,9 | 100,0 | 0,225 |
| Divertir-se | 2,6 | 3,5 | 93,9 | 100,0 | 4,6 | 9,3 | 86,1 | 100,0 | 0,043 |
| Procurar novidade e mudança | 13,5 | 24,8 | 61,7 | 100,0 | 11,8 | 31,5 | 56,7 | 100,0 | 0,764 |
| Socializar | 7,1 | 17,8 | 75,1 | 100,0 | 11,0 | 26,3 | 62,7 | 100,0 | 0,019 |
| Ter uma aventura | 31,1 | 18,7 | 50,2 | 100,0 | 20,3 | 15,5 | 64,2 | 100,0 | 0,007 |
| Estar com a família/amigos | 14,2 | 16,0 | 69,8 | 100,0 | 23,5 | 19,7 | 56,8 | 100,0 | 0,003 |
| Fortalecer os laços amorosos com o(a) esposo(a)/companheiro(a) | 32,7 | 17,3 | 50,0 | 100,0 | 34,2 | 15,1 | 50,7 | 100,0 | 0,925 |
| Encontrar um novo amor/desenvolver um romance de férias | 74,1 | 8,0 | 17,9 | 100,0 | 73,9 | 10,0 | 16,1 | 100,0 | 0,200 |
| Relacionar-se a nível emocional e/ou físico com um desconhecido | 70,2 | 14,2 | 15,6 | 100,0 | 73,6 | 8,5 | 17,9 | 100,0 | 0,390 |
| Sexo | 31,2 | 18,1 | 50,7 | 100,0 | 49,4 | 14,2 | 36,4 | 100,0 | 0,000 |
| Romance | 30,8 | 22,0 | 47,2 | 100,0 | 54,2 | 12,3 | 33,5 | 100,0 | 0,000 |

Tabela de apoio à Figura 4.8

Tabela 6 – Grau de Importância dos Factores Intrínsecos, segundo o Género

| Grau de Importância dos Factores Intrínsecos, segundo o Género | Género | | | | | | | | Kruskal-Wallis Test (Sig.) |
|---|---------------|------|------|--------------|--------------|------|------|--------------|----------------------------|
| | Masculino (%) | | | | Feminino (%) | | | | |
| | 1-2 | 3 | 4-5 | Total | 1-2 | 3 | 4-5 | Total | |
| Fugir da rotina do dia-a-dia | 16,2 | 14,9 | 68,9 | 100,0 | 8,8 | 10,8 | 80,4 | 100,0 | 0,042 |
| Viver novas emoções/sensações | 9,8 | 16,6 | 73,6 | 100,0 | 8,1 | 12,9 | 79,0 | 100,0 | 0,669 |
| Divertir-se | 4,3 | 7,1 | 88,6 | 100,0 | 2,1 | 4,7 | 93,2 | 100,0 | 0,062 |
| Procurar novidade e mudança | 15,2 | 27,0 | 57,8 | 100,0 | 7,7 | 29,9 | 62,4 | 100,0 | 0,332 |
| Socializar | 9,3 | 21,5 | 69,2 | 100,0 | 8,2 | 22,8 | 69,0 | 100,0 | 0,501 |
| Ter uma aventura | 23,5 | 15,9 | 60,6 | 100,0 | 30,8 | 19,6 | 49,6 | 100,0 | 0,016 |
| Estar com a família/amigos | 20,7 | 16,9 | 62,4 | 100,0 | 14,7 | 19,6 | 65,7 | 100,0 | 0,677 |
| Fortalecer os laços amorosos com o(a) esposo(a)/companheiro(a) | 40,0 | 16,6 | 43,4 | 100,0 | 20,4 | 15,5 | 64,1 | 100,0 | 0,000 |
| Encontrar um novo amor/desenvolver um romance de férias | 67,4 | 10,4 | 22,2 | 100,0 | 87,0 | 6,2 | 6,8 | 100,0 | 0,000 |
| Relacionar-se a nível emocional e/ou físico com um desconhecido | 63,6 | 14,4 | 22,0 | 100,0 | 88,5 | 5,4 | 6,1 | 100,0 | 0,000 |
| Sexo | 40,0 | 15,6 | 44,4 | 100,0 | 40,3 | 17,4 | 42,3 | 100,0 | 0,867 |
| Romance | 44,3 | 17,0 | 38,7 | 100,0 | 38,0 | 17,9 | 44,1 | 100,0 | 0,308 |

Tabela de apoio à Figura 4.9.

Tabela 7 – Grau de Importância dos Atributos do Destino

| Todos os Visitantes | |
|---|------|
| Grau de Importância dos Atributos do Destino | Moda |
| Originalidade e exotismo | 1 |
| Ambiente relaxante | 4 |
| Paisagem e natureza | 4 |
| Clima | 4 |
| Praia | 4 |
| Vida Nocturna | 4 |
| Clubes nocturnos, bares de striptease, casas de alterne | 1 |
| Hospitalidade | 5 |
| Segurança | 5 |

Tabela de apoio à Figura 4.10.

Tabela 8 – Grau de Importância dos Atributos do Destino, segundo a Nacionalidade

| Grau de Importância dos Atributos do Destino, segundo a Nacionalidade | Nacionalidade | | | | | | | | Kruskal-Wallis Test (Sig.) |
|---|-----------------|------|------|--------------|------------------|------|------|--------------|----------------------------|
| | Portugueses (%) | | | | Estrangeiros (%) | | | | |
| | 1-2 | 3 | 4-5 | Total | 1-2 | 3 | 4-5 | Total | |
| Originalidade e exotismo | 37,5 | 25,5 | 37,0 | 100,0 | 45,7 | 26,2 | 28,1 | 100,0 | 0,011 |
| Ambiente relaxante | 18,1 | 21,7 | 60,2 | 100,0 | 16,9 | 18,4 | 64,7 | 100,0 | 0,345 |
| Paisagem e natureza | 11,8 | 26,8 | 61,4 | 100,0 | 16,9 | 27,8 | 55,3 | 100,0 | 0,117 |
| Clima | 10,0 | 15,7 | 74,3 | 100,0 | 10,9 | 21,8 | 67,3 | 100,0 | 0,968 |
| Praia | 17,5 | 19,7 | 62,8 | 100,0 | 26,5 | 23,1 | 50,4 | 100,0 | 0,078 |
| Vida Nocturna | 19,0 | 21,7 | 59,3 | 100,0 | 25,5 | 22,2 | 52,3 | 100,0 | 0,202 |
| Clubes nocturnos, bares de striptease, casas de alterne | 61,1 | 13,3 | 25,6 | 100,0 | 70,1 | 8,5 | 21,4 | 100,0 | 0,020 |
| Hospitalidade | 11,8 | 17,0 | 71,2 | 100,0 | 14,9 | 19,6 | 65,5 | 100,0 | 0,087 |
| Segurança | 7,5 | 7,9 | 84,6 | 100,0 | 13,5 | 17,8 | 68,7 | 100,0 | 0,000 |

Tabela de apoio à Figura 4.11.

Tabela 9 – Grau de Importância dos Atributos do Destino, segundo o Género

| Grau de Importância dos Atributos do Destino, segundo o Género | Género | | | | | | | | Kruskal-Wallis Test (Sig.) |
|--|---------------|------|------|--------------|--------------|------|------|--------------|----------------------------|
| | Masculino (%) | | | | Feminino (%) | | | | |
| | 1-2 | 3 | 4-5 | Total | 1-2 | 3 | 4-5 | Total | |
| Originalidade e exotismo | 40,3 | 24,2 | 35,5 | 100,0 | 43,5 | 28,9 | 27,6 | 100,0 | 0,299 |
| Ambiente relaxante | 19,9 | 19,9 | 60,2 | 100,0 | 13,0 | 20,5 | 66,5 | 100,0 | 0,168 |
| Paisagem e natureza | 18,4 | 25,9 | 55,7 | 100,0 | 6,1 | 29,9 | 64,0 | 100,0 | 0,044 |
| Clima | 13,7 | 18,8 | 67,5 | 100,0 | 4,1 | 18,4 | 77,5 | 100,0 | 0,004 |
| Praia | 25,9 | 19,1 | 55,0 | 100,0 | 13,5 | 25,7 | 60,8 | 100,0 | 0,055 |
| Vida Nocturna | 23,6 | 20,9 | 55,5 | 100,0 | 19,1 | 24,0 | 56,9 | 100,0 | 0,701 |
| Clubes nocturnos, bares de striptease, casas de alterne | 58,7 | 12,3 | 29,0 | 100,0 | 79,2 | 8,3 | 12,5 | 100,0 | 0,000 |
| Hospitalidade | 16,5 | 16,2 | 67,3 | 100,0 | 6,8 | 22,6 | 70,6 | 100,0 | 0,057 |
| Segurança | 13,2 | 13,5 | 73,3 | 100,0 | 4,8 | 10,9 | 84,3 | 100,0 | 0,001 |

Tabela de apoio à Figura 4.12.

Tabela 10 – Grau de Importância dos Factores Intrínsecos, por Cluster

| Grau de Importância dos Factores Intrínsecos, por Cluster | Kruskal-Wallis Test (Sig.) |
|---|----------------------------|
| Viver novas emoções/sensações | 0,000 |
| Socializar | 0,000 |
| Ter uma aventura | 0,000 |
| Fortalecer os laços amorosos com o(a) esposo(a)/companheiro(a) | 0,000 |
| Estar com a família/amigos | 0,000 |
| Encontrar um novo amor/desenvolver um romance de férias | 0,000 |
| Relacionar-se a nível emocional e/ou físico com um desconhecido | 0,000 |
| Sexo | 0,000 |
| Romance | 0,000 |

Tabela 11 – Características Sócio-demográficas e Tripográficas dos Clusters

| | Sexo/Romance | Socialização/ Novas emoções | Kruskal- Wallis Test (Sig.) |
|---------------------------------------|--------------|--------------------------------|-----------------------------------|
| Género (%) | | | |
| Feminino | 30,5 | 36,2 | 0,236 |
| Masculino | 69,5 | 63,8 | |
| Total | 100,0 | 100,0 | |
| Idade Média | | | |
| | 33 anos | 37 anos | 0,000 |
| Idade em Escalões (%) | | | |
| 18-28 anos | 27,9 | 23,0 | 0,000 |
| 29-34 anos | 35,3 | 15,3 | |
| 35-41 anos | 21,1 | 31,1 | |
| 42 ou mais anos | 11,1 | 27,6 | |
| NS/NR | 4,6 | 3,0 | |
| Total | 100,0 | 100,0 | |
| Nacionalidade (%) | | | |
| Portuguesa | 61,1 | 44,9 | 0,002 |
| Estrangeira | 38,9 | 55,1 | |
| Total | 100,0 | 100,0 | |
| Estado Civil (%) | | | |
| Solteiro | 34,2 | 26,0 | 0,157 |
| Casado/união de facto | 53,2 | 61,7 | |
| Divorciado | 10,5 | 11,7 | |
| Viúvo | 1,1 | 0,0 | |
| NS/NR | 1,0 | 0,6 | |
| Total | 100,0 | 100,0 | |
| Habilitações Literárias (%) | | | |
| Básico | 10,5 | 4,6 | 0,017 |
| Secundário | 53,2 | 46,9 | |
| Superior | 34,7 | 42,9 | |
| NS/NR | 1,6 | 5,6 | |
| Total | 100,0 | 100,0 | |
| Situação Perante o Emprego (%) | | | |
| Empregado | 86,9 | 80,1 | 0,064 |
| Desempregado | 7,4 | 8,2 | |
| Reformado | 0,5 | 3,6 | |
| Estudante | 2,1 | 5,6 | |
| Outro | 1,1 | 0,0 | |
| NS/NR | 2,0 | 2,5 | |

| | | | |
|--|-------|-------|-------|
| Total | 100,0 | 100,0 | |
| Companhia de Viagem (%) | | | |
| Esposo(a)/companheiro(a) | 33,2 | 22,4 | 0,124 |
| Família | 1,6 | 11,7 | |
| Amigo(s) | 48,9 | 42,3 | |
| Sozinho | 5,8 | 13,3 | |
| Em grupo | 8,9 | 8,8 | |
| Outro | 0,5 | 1,0 | |
| NS/NR | 1,1 | 0,5 | |
| Total | 100,0 | 100,0 | |
| Principal Objectivo da Visita (%) | | | |
| Participar na Concentração | 66,8 | 55,1 | 0,005 |
| Concentração e visitar familiares/amigos | 8,9 | 7,7 | |
| Concentração e motivos profissionais | 1,6 | 1,5 | |
| Concentração e férias no Algarve | 21,1 | 32,1 | |
| Outro | 1,1 | 3,6 | |
| NS/NR | 0,5 | 0,0 | |
| Total | 100,0 | 100,0 | |
| Tipo de Turista (%) | | | |
| Turista de 1ª vez na Concentração | 27,9 | 34,2 | 0,171 |
| Turista de Repetição na Concentração | 71,6 | 64,8 | |
| NS/NR | 0,5 | 1,0 | |
| Total | 100,0 | 100,0 | |

ANEXO III
Tabelas de Apoio ao Capítulo VI

Tabela 12 – Factores que Determinam uma Vida Sexual Activa no Quotidiano

| ANOVA | | | | |
|--|-------|-------------|------------|--------------------|
| Factores que determinam uma vida sexual activa no quotidiano | Média | Sig. Género | Sig. Idade | Sig. Nacionalidade |
| Ter companheiro/a | 3,87 | 0,757 | 0,289 | 0,960 |
| Não ter companheiro/a | 3,40 | 0,188 | 0,423 | 0,001 |
| Estar emocionalmente envolvido com alguém | 3,33 | 1,000 | 0,701 | 0,686 |
| Haver menor preconceito face ao sexo livre | 3,87 | 0,805 | 0,929 | 0,529 |
| Ir a locais românticos | 3,27 | 0,502 | 0,463 | 0,195 |
| Saídas nocturnas (bares, discotecas, etc.) | 3,67 | 0,494 | 0,977 | 0,632 |
| Participar em eventos/festivais eróticos | 3,53 | 0,818 | 0,762 | 0,797 |
| Álcool | 2,87 | 0,757 | 0,821 | 0,595 |
| Drogas | 2,40 | 0,925 | 0,204 | 0,476 |
| Sol e praia | 3,67 | 1,000 | 0,860 | 0,485 |
| Ambiente relaxante | 3,87 | 0,702 | 0,360 | 0,868 |

ANEXO IV
Tabelas de Apoio ao Capítulo VII

Tabela 13 – Comportamentos em Férias

| Todos os Visitantes | |
|--|------|
| Comportamentos em Férias | Moda |
| As férias são propícias a comportamentos estranhos/fora do comum | 4 |
| As férias são propícias ao desenvolvimento de relações sexuais ocasionais | 4 |
| Em férias estou disposto a manter relações sexuais com um(a) desconhecido(a) | 1 |
| Em férias estou disposto a ter mais de um(a) parceiro(a) sexual | 1 |
| Em férias estou disposto a pagar por serviços sexuais | 1 |
| Em férias estou disposto a ter relações sexuais desprotegidas | 1 |

Tabela de apoio à Figura 7.1.

Tabela 14 – Comportamentos em Férias, segundo a Nacionalidade

| Comportamentos em Férias, segundo a Nacionalidade | Nacionalidade | | | | | | | | Kruskal-Wallis Test (Sig.) |
|--|-----------------|------|------|--------------|------------------|------|------|--------------|----------------------------|
| | Portugueses (%) | | | | Estrangeiros (%) | | | | |
| | 1-2 | 3 | 4-5 | Total | 1-2 | 3 | 4-5 | Total | |
| As férias são propícias a comportamentos estranhos/fora do comum | 16,0 | 24,7 | 59,3 | 100,0 | 26,8 | 28,2 | 45,0 | 100,0 | 0,005 |
| As férias são propícias ao desenvolvimento de relações sexuais ocasionais | 26,2 | 23,6 | 50,2 | 100,0 | 35,9 | 27,7 | 36,4 | 100,0 | 0,028 |
| Em férias estou disposto a manter relações sexuais com um(a) desconhecido(a) | 51,1 | 21,2 | 27,7 | 100,0 | 61,7 | 17,2 | 21,1 | 100,0 | 0,022 |
| Em férias estou disposto a ter mais de um(a) parceiro(a) sexual | 60,0 | 18,9 | 21,1 | 100,0 | 65,2 | 13,5 | 21,3 | 100,0 | 0,353 |
| Em férias estou disposto a pagar por serviços sexuais | 84,9 | 8,2 | 6,9 | 100,0 | 85,8 | 5,2 | 9,0 | 100,0 | 0,911 |
| Em férias estou disposto a ter relações sexuais desprotegidas | 81,7 | 7,4 | 10,9 | 100,0 | 78,7 | 6,6 | 14,7 | 100,0 | 0,129 |

Tabela de apoio à Figura 7.2.

Tabela 15 – Comportamentos em Férias, segundo o Género

| Comportamentos em Férias, segundo o Género | Género | | | | | | | | Kruskal-Wallis Test (Sig.) |
|--|---------------|------|------|--------------|--------------|------|------|--------------|----------------------------|
| | Masculino (%) | | | | Feminino (%) | | | | |
| | 1-2 | 3 | 4-5 | Total | 1-2 | 3 | 4-5 | Total | |
| As férias são propícias a comportamentos estranhos/fora do comum | 17,9 | 26,4 | 55,7 | 100,0 | 27,7 | 26,4 | 45,9 | 100,0 | 0,030 |
| As férias são propícias ao desenvolvimento de relações sexuais ocasionais | 24,7 | 25,8 | 49,5 | 100,0 | 43,2 | 25,3 | 31,5 | 100,0 | 0,000 |
| Em férias estou disposto a manter relações sexuais com um(a) desconhecido(a) | 43,9 | 23,5 | 32,6 | 100,0 | 80,7 | 11,0 | 8,3 | 100,0 | 0,000 |
| Em férias estou disposto a ter mais de um(a) parceiro(a) sexual | 52,9 | 19,0 | 28,1 | 100,0 | 81,4 | 11,0 | 7,6 | 100,0 | 0,000 |
| Em férias estou disposto a pagar por serviços sexuais | 79,7 | 9,5 | 10,8 | 100,0 | 96,6 | 1,4 | 2,0 | 100,0 | 0,000 |
| Em férias estou disposto a ter relações sexuais desprotegidas | 76,8 | 8,8 | 14,4 | 100,0 | 87,6 | 3,4 | 9,0 | 100,0 | 0,005 |

Tabela de apoio à Figura 7.3.

Tabela 16 – Comportamentos em Férias, por Cluster

| Comportamentos em Férias, por Cluster | Cluster | | | | | | | | Kruskal-Wallis Test (Sig.) |
|--|------------------|------|------|--------------|---------------------------------|------|------|--------------|----------------------------|
| | Sexo/Romance (%) | | | | Socialização/ Novas emoções (%) | | | | |
| | 1-2 | 3 | 4-5 | Total | 1-2 | 3 | 4-5 | Total | |
| As férias são propícias a comportamentos estranhos/fora do comum | 13,3 | 21,3 | 65,4 | 100,0 | 25,5 | 32,1 | 42,4 | 100,0 | 0,000 |
| As férias são propícias ao desenvolvimento de relações sexuais ocasionais | 21,4 | 20,9 | 57,7 | 100,0 | 38,8 | 30,1 | 31,1 | 100,0 | 0,000 |
| Em férias estou disposto a manter relações sexuais com um(a) desconhecido(a) | 41,1 | 20,9 | 38,0 | 100,0 | 70,7 | 18,5 | 10,8 | 100,0 | 0,000 |
| Em férias estou disposto a ter mais de um(a) parceiro(a) sexual | 46,2 | 19,0 | 34,8 | 100,0 | 75,8 | 14,4 | 9,8 | 100,0 | 0,000 |
| Em férias estou disposto a pagar por serviços sexuais | 81,8 | 8,0 | 10,2 | 100,0 | 89,2 | 5,6 | 5,2 | 100,0 | 0,308 |
| Em férias estou disposto a ter relações sexuais desprotegidas | 76,7 | 7,4 | 15,9 | 100,0 | 83,6 | 7,2 | 9,2 | 100,0 | 0,602 |

Tabela de apoio à Figura 7.4.

Tabela 17 – Valorização das Relações Sexuais em Contexto Turístico, Por Cluster

| Valorização das Relações Sexuais em Contexto Turístico, por Cluster | Cluster | | | | | | | | Kruskal-Wallis Test (Sig.) |
|---|------------------|------|------|--------------|---------------------------------|------|------|--------------|----------------------------|
| | Sexo/Romance (%) | | | | Socialização/ Novas emoções (%) | | | | |
| | 1-2 | 3 | 4-5 | Total | 1-2 | 3 | 4-5 | Total | |
| Excursões/viagens de finalistas | 14,3 | 22,6 | 63,1 | 100,0 | 12,3 | 35,4 | 52,3 | 100,0 | 0,389 |
| Férias em família | 5,4 | 13,4 | 81,2 | 100,0 | 8,8 | 13,2 | 78,0 | 100,0 | 0,382 |
| Lua de mel | 2,8 | 8,6 | 88,6 | 100,0 | 9,8 | 15,5 | 74,7 | 100,0 | 0,059 |
| Turismo de sol e praia | 4,9 | 11,4 | 83,7 | 100,0 | 9,6 | 11,4 | 79,0 | 100,0 | 0,464 |
| Turismo cultural | 8,3 | 20,2 | 71,5 | 100,0 | 11,9 | 25,0 | 63,1 | 100,0 | 0,503 |
| Turismo de SPAS | 13,7 | 23,3 | 63,0 | 100,0 | 18,5 | 35,2 | 46,3 | 100,0 | 0,045 |
| Viagens organizadas com objectivos sexuais | 19,7 | 25,8 | 54,5 | 100,0 | 26,1 | 32,6 | 41,3 | 100,0 | 0,258 |
| Destinos exóticos | 12,3 | 17,3 | 70,4 | 100,0 | 14,1 | 28,1 | 57,8 | 100,0 | 0,179 |
| Cruzeiros | 9,8 | 27,9 | 62,3 | 100,0 | 25,0 | 36,4 | 38,6 | 100,0 | 0,014 |
| Concertos/festivais de música | 4,7 | 12,1 | 83,2 | 100,0 | 7,9 | 17,0 | 75,1 | 100,0 | 0,130 |
| Concentrações motards | 3,4 | 8,5 | 88,1 | 100,0 | 7,0 | 12,9 | 80,1 | 100,0 | 0,058 |

Tabela de apoio à Figura 7.7.

Tabela 18 – Factores que Determinam uma Vida Sexual Activa Durante as Férias

| ANOVA | | | | |
|--|-------|-------------|------------|--------------------|
| Factores que determinam uma vida sexual activa durante as férias | Média | Sig. Género | Sig. Idade | Sig. Nacionalidade |
| Ter companheiro/a | 3,87 | 0,116 | 0,762 | 0,197 |
| Não ter companheiro/a | 3,33 | 0,336 | 0,409 | 0,015 |
| Estar emocionalmente envolvido com alguém | 3,27 | 0,906 | 0,797 | 0,709 |
| Haver menor preconceito face ao sexo livre | 3,80 | 0,393 | 0,470 | 0,725 |
| Ir a locais românticos | 3,33 | 1,000 | 0,685 | 0,230 |
| Saídas nocturnas (bares, discotecas, etc.) | 4,00 | 0,343 | 0,717 | 0,203 |
| Participar em eventos/festivais eróticos | 3,93 | 0,912 | 0,253 | 0,623 |
| Álcool | 3,47 | 0,857 | 0,917 | 0,892 |
| Drogas | 3,20 | 0,559 | 0,637 | 0,536 |
| Sol e praia | 3,93 | 0,837 | 0,158 | 0,797 |
| Ambiente relaxante | 4,07 | 0,837 | 0,615 | 0,960 |

ANEXO V
Tabelas de Apoio ao Capítulo VIII

Tabela 19 – Atitudes na Concentração Motard de Faro

| Todos os Visitantes | |
|---|------|
| Atitudes na Concentração Motard de Faro | Moda |
| O ambiente da concentração facilita a desinibição | 4 |
| O ambiente da concentração facilita as oportunidades sexuais | 3 |
| O ambiente da concentração facilita o encontro de um novo parceiro | 3 |
| Neste espaço sinto-me totalmente anónimo, livre e sem regras | 4 |
| Na concentração faço coisas que não faria no dia-a-dia | 4 |
| Na concentração faço coisas totalmente radicais e socialmente criticáveis | 3 |
| Na concentração exagero no consumo de álcool | 4 |
| Na concentração costumo envolver-me sexualmente com residentes | 1 |
| Na concentração costumo envolver-me sexualmente com outros turistas | 1 |
| Na concentração o meu nível de actividade sexual aumenta substancialmente | 1 |
| Os espectáculos eróticos da concentração facilitam a interacção sexual | 3 |
| A organização da concentração facilita encontros com parceiros sexuais | 1 |

Tabela de apoio à Figura 8.1.

Tabela 20 – Factores que Contribuem para o Aumento do Apetite Sexual Durante a Concentração Motard de Faro

| ANOVA | | | | |
|--|-------|-------------|------------|--------------------|
| Factores que contribuem para o aumento do apetite sexual durante a Concentração Motard de Faro | Média | Sig. Género | Sig. Idade | Sig. Nacionalidade |
| Ambiente | 4,13 | 0,702 | 0,478 | 0,099 |
| Música | 3,73 | 0,862 | 0,850 | 0,619 |
| Shows | 3,53 | 0,729 | 0,216 | 0,914 |
| Álcool | 3,67 | 0,602 | 0,133 | 0,205 |
| Drogas | 2,93 | 0,422 | 0,990 | 0,877 |
| Ir com o/a companheiro/a | 3,47 | 0,228 | 0,207 | 0,287 |
| Ir sozinho/a | 3,67 | 0,158 | 0,242 | 0,296 |

Tabela 21 – Atitudes na Concentração Motard de Faro, segundo a Nacionalidade

| Atitudes na Concentração Motard de Faro, segundo a Nacionalidade | Nacionalidade | | | | | | | | Kruskal-Wallis Test (Sig.) |
|---|-----------------|------|------|--------------|------------------|------|------|--------------|----------------------------|
| | Portugueses (%) | | | | Estrangeiros (%) | | | | |
| | 1-2 | 3 | 4-5 | Total | 1-2 | 3 | 4-5 | Total | |
| O ambiente da concentração facilita a desinibição | 8,2 | 19,0 | 72,8 | 100,0 | 16,3 | 26,1 | 57,6 | 100,0 | 0,008 |
| O ambiente da concentração facilita as oportunidades sexuais | 20,3 | 32,9 | 46,8 | 100,0 | 24,5 | 38,2 | 37,3 | 100,0 | 0,087 |
| O ambiente da concentração facilita o encontro de um novo parceiro | 26,6 | 33,5 | 39,9 | 100,0 | 35,6 | 32,7 | 31,7 | 100,0 | 0,053 |
| Neste espaço sinto-me totalmente anónimo, livre e sem regras | 26,3 | 26,3 | 47,4 | 100,0 | 23,1 | 34,0 | 42,9 | 100,0 | 0,429 |
| Na concentração faço coisas que não faria no dia-a-dia | 34,1 | 21,1 | 44,8 | 100,0 | 30,1 | 24,3 | 45,6 | 100,0 | 0,475 |
| Na concentração faço coisas totalmente radicais e socialmente criticáveis | 40,6 | 27,9 | 31,5 | 100,0 | 41,6 | 28,7 | 29,7 | 100,0 | 0,630 |
| Na concentração exagero no consumo de álcool | 24,9 | 17,0 | 58,1 | 100,0 | 30,9 | 17,4 | 51,7 | 100,0 | 0,155 |
| Na concentração costumo envolver-me sexualmente com residentes | 70,5 | 14,1 | 15,4 | 100,0 | 64,4 | 22,0 | 13,6 | 100,0 | 0,806 |
| Na concentração costumo envolver-me sexualmente com outros turistas | 68,3 | 17,6 | 14,1 | 100,0 | 63,3 | 21,7 | 15,0 | 100,0 | 1,000 |
| Na concentração o meu nível de actividade sexual aumenta substancialmente | 50,9 | 27,0 | 22,1 | 100,0 | 52,2 | 25,1 | 22,7 | 100,0 | 0,568 |
| Os espectáculos eróticos da concentração facilitam a interacção sexual | 40,2 | 35,1 | 24,7 | 100,0 | 49,3 | 25,1 | 25,6 | 100,0 | 0,176 |
| A organização da concentração facilita encontros com parceiros sexuais | 49,2 | 32,6 | 18,2 | 100,0 | 55,8 | 25,0 | 19,2 | 100,0 | 0,109 |

Tabela de apoio à Figura 8.2.

Tabela 22 – Atitudes na Concentração Motard de Faro, segundo o Género

| Atitudes na Concentração Motard de Faro, segundo o Género | Género | | | | | | | | Kruskal-Wallis Test (Sig.) |
|---|---------------|------|------|--------------|--------------|------|------|--------------|----------------------------|
| | Masculino (%) | | | | Feminino (%) | | | | |
| | 1-2 | 3 | 4-5 | Total | 1-2 | 3 | 4-5 | Total | |
| O ambiente da concentração facilita a desinibição | 13,9 | 18,7 | 67,4 | 100,0 | 7,9 | 30,0 | 62,1 | 100,0 | 0,982 |
| O ambiente da concentração facilita as oportunidades sexuais | 23,7 | 34,2 | 42,1 | 100,0 | 19,3 | 37,9 | 42,8 | 100,0 | 0,352 |
| O ambiente da concentração facilita o encontro de um novo parceiro | 30,5 | 31,2 | 38,3 | 100,0 | 31,5 | 37,0 | 31,5 | 100,0 | 0,350 |
| Neste espaço sinto-me totalmente anónimo, livre e sem regras | 24,6 | 27,1 | 48,3 | 100,0 | 25,2 | 35,7 | 39,1 | 100,0 | 0,097 |
| Na concentração faço coisas que não faria no dia-a-dia | 30,1 | 22,0 | 47,9 | 100,0 | 36,6 | 23,9 | 39,5 | 100,0 | 0,086 |
| Na concentração faço coisas totalmente radicais e socialmente criticáveis | 37,3 | 26,2 | 36,5 | 100,0 | 48,9 | 32,6 | 18,5 | 100,0 | 0,001 |
| Na concentração exagero no consumo de álcool | 22,4 | 16,0 | 61,6 | 100,0 | 38,7 | 19,7 | 41,6 | 100,0 | 0,000 |
| Na concentração costumo envolver-me sexualmente com residentes | 58,7 | 22,7 | 18,6 | 100,0 | 85,8 | 7,8 | 6,4 | 100,0 | 0,000 |
| Na concentração costumo envolver-me sexualmente com outros turistas | 56,5 | 24,7 | 18,8 | 100,0 | 85,2 | 9,2 | 5,6 | 100,0 | 0,000 |
| Na concentração o meu nível de actividade sexual aumenta substancialmente | 45,5 | 29,3 | 25,2 | 100,0 | 63,6 | 19,6 | 16,8 | 100,0 | 0,000 |
| Os espectáculos eróticos da concentração facilitam a interacção sexual | 41,0 | 30,5 | 28,5 | 100,0 | 51,7 | 30,1 | 18,2 | 100,0 | 0,011 |
| A organização da concentração facilita encontros com parceiros sexuais | 47,5 | 30,8 | 21,7 | 100,0 | 62,2 | 25,2 | 12,6 | 100,0 | 0,002 |

Tabela de apoio à Figura 8.3.

Tabela 23 – Atitudes na Concentração Motard de Faro, por Cluster

| Atitudes na Concentração Motard de Faro, por Clusters | Clusters | | | | | | | | Kruskal-Wallis Test (Sig.) |
|---|------------------|------|------|--------------|---------------------------------|------|------|--------------|----------------------------|
| | Sexo/Romance (%) | | | | Socialização/ Novas emoções (%) | | | | |
| | 1-2 | 3 | 4-5 | Total | 1-2 | 3 | 4-5 | Total | |
| O ambiente da concentração facilita a desinibição | 6,9 | 18,7 | 74,4 | 100,0 | 15,5 | 26,9 | 57,6 | 100,0 | 0,000 |
| O ambiente da concentração facilita as oportunidades sexuais | 12,9 | 39,8 | 47,3 | 100,0 | 29,1 | 34,7 | 36,2 | 100,0 | 0,001 |
| O ambiente da concentração facilita o encontro de um novo parceiro | 25,0 | 35,6 | 39,4 | 100,0 | 38,5 | 30,2 | 31,3 | 100,0 | 0,004 |
| Neste espaço sinto-me totalmente anónimo, livre e sem regras | 20,8 | 26,1 | 53,1 | 100,0 | 27,4 | 35,7 | 36,9 | 100,0 | 0,004 |
| Na concentração faço coisas que não faria no dia-a-dia | 26,6 | 25,0 | 48,4 | 100,0 | 34,9 | 21,9 | 43,2 | 100,0 | 0,118 |
| Na concentração faço coisas totalmente radicais e socialmente criticáveis | 33,4 | 28,0 | 38,6 | 100,0 | 46,6 | 30,9 | 22,5 | 100,0 | 0,001 |
| Na concentração exagero no consumo de álcool | 22,6 | 18,3 | 59,1 | 100,0 | 31,8 | 16,1 | 52,1 | 100,0 | 0,036 |
| Na concentração costumo envolver-me sexualmente com residentes | 55,6 | 22,2 | 22,2 | 100,0 | 79,3 | 11,9 | 8,8 | 100,0 | 0,000 |
| Na concentração costumo envolver-me sexualmente com outros turistas | 55,3 | 22,9 | 21,8 | 100,0 | 76,0 | 16,1 | 7,9 | 100,0 | 0,000 |
| Na concentração o meu nível de actividade sexual aumenta substancialmente | 36,0 | 31,7 | 32,3 | 100,0 | 67,0 | 20,9 | 12,1 | 100,0 | 0,000 |
| Os espectáculos eróticos da concentração facilitam a interacção sexual | 35,6 | 29,3 | 35,1 | 100,0 | 53,1 | 31,8 | 15,1 | 100,0 | 0,000 |
| A organização da concentração facilita encontros com parceiros sexuais | 40,2 | 32,3 | 27,5 | 100,0 | 63,5 | 26,6 | 9,9 | 100,0 | 0,000 |

Tabela de apoio à Figura 8.4.

ANEXO VI
Tabelas de Apoio ao Capítulo IX

Tabela 24 – Imagem do Algarve, segundo a Nacionalidade

| | Portugueses | Estrangeiros | Kruskal-Wallis Test (Sig.) |
|--|-------------|--------------|----------------------------|
| Imagem do Algarve, segundo a Nacionalidade | % | % | |
| Sol e Praia | 57,1 | 45,6 | 0,080 |
| Lazer | 11,1 | 13,1 | 0,067 |
| Sexo | 7,9 | 7,3 | 0,035 |
| Diversão | 17,8 | 25,5 | 0,045 |
| Excentricidade | 2,9 | 2,1 | 0,008 |
| Luxúria e prestígio | 2,6 | 2,1 | 0,000 |
| Outro | 0,6 | 4,3 | 0,000 |
| Total | 100,0 | 100,0 | -- |

Tabela de apoio à Figura 9.2.

Tabela 25 – Imagem do Algarve, segundo o Género

| | Masculino | Feminino | Kruskal-Wallis Test (Sig.) |
|-------------------------------------|-----------|----------|----------------------------|
| Imagem do Algarve, segundo o Género | % | % | |
| Sol e Praia | 50,3 | 53,8 | 0,030 |
| Lazer | 11,1 | 14,0 | 0,118 |
| Sexo | 9,0 | 4,8 | 0,131 |
| Diversão | 20,8 | 23,1 | 0,214 |
| Excentricidade | 3,4 | 0,9 | 0,201 |
| Luxúria e prestígio | 2,7 | 1,7 | 0,877 |
| Outro | 2,7 | 1,7 | 0,877 |
| Total | 100,0 | 100,0 | -- |

Tabela de apoio à Figura 9.3.

Tabela 26 – Imagem do Algarve, por Cluster

| | Sexo/Romance | Socialização/ Novas emoções | Kruskal- Wallis Test (Sig.) |
|--------------------------------|--------------|-----------------------------------|-----------------------------------|
| Imagem do Algarve, por Cluster | % | % | |
| Sol e Praia | 48,3 | 55,4 | 0,345 |
| Lazer | 11,8 | 11,8 | 0,857 |
| Sexo | 11,5 | 4,3 | 0,001 |
| Diversão | 20,3 | 22,1 | 0,871 |
| Excentricidade | 3,0 | 2,1 | 0,754 |
| Luxúria e prestígio | 2,4 | 2,9 | 0,501 |
| Outro | 2,7 | 1,4 | 0,550 |
| Total | 100,0 | 100,0 | -- |

Tabela de apoio à Figura 9.4.

Tabela 27 – O Algarve enquanto Destino de Turismo Sexual, por Segmentos

| O Algarve está a tornar-se um destino de turismo sexual? | Sim | Não | Talvez | NS/NR | Kruskal- Wallis Test (Sig.) |
|--|------|------|--------|-------|-----------------------------------|
| Nacionalidade (%) | | | | | |
| Portugueses | 10,3 | 60,7 | 27,4 | 1,6 | 0,982 |
| Estrangeiros | 8,8 | 67,4 | 21,5 | 2,3 | |
| Género (%) | | | | | |
| Feminino | 4,7 | 66,2 | 27,7 | 1,4 | 0,047 |
| Masculino | 12,0 | 62,8 | 22,9 | 2,3 | |
| Cluster (%) | | | | | |
| Sexo/Romance | 12,6 | 56,8 | 28,0 | 2,6 | 0,931 |
| Socialização/Novas emoções | 5,6 | 71,4 | 22,0 | 1,0 | |

Tabela 28 – O que gosta mais no Algarve, por Segmentos

| O que gosta mais no Algarve, por Segmentos | Kruskal-Wallis Test (Sig.) |
|--|----------------------------|
| Nacionalidade | |
| Portugueses | 0,299 |
| Estrangeiros | |
| Género | |
| Feminino | 0,191 |
| Masculino | |
| Cluster | |
| Sexo/Romance | 0,800 |
| Socialização/Novas emoções | |

Tabela 29 – Satisfação Global com o Algarve, segundo a Nacionalidade

| | Portugueses | Estrangeiros | Kruskal-Wallis Test (Sig.) |
|--|-------------|--------------|----------------------------|
| Satisfação Global com o Algarve, segundo a Nacionalidade | % | % | |
| Muito insatisfeito | 6,4 | 2,8 | 0,000 |
| Insatisfeito | 3,0 | 2,3 | |
| Satisfeito | 47,0 | 29,3 | |
| Muito satisfeito | 27,8 | 36,7 | |
| Extremamente satisfeito | 15,0 | 25,6 | |
| NS/NR | 0,8 | 3,3 | |
| Total | 100,0 | 100,0 | |

Tabela de apoio à Figura 9.8.

Tabela 30 – Satisfação Global com o Algarve, segundo o Género

| | Masculino | Feminino | Kruskal-Wallis Test (Sig.) |
|---|-----------|----------|----------------------------|
| Satisfação Global com o Algarve, segundo o Género | % | % | |
| Muito insatisfeito | 5,3 | 3,4 | 0,795 |
| Insatisfeito | 2,7 | 2,7 | |
| Satisfeito | 38,5 | 38,5 | |
| Muito satisfeito | 29,9 | 36,5 | |
| Extremamente satisfeito | 20,9 | 18,2 | |
| NS/NR | 2,7 | 0,7 | |
| Total | 100,0 | 100,0 | |

Tabela de apoio à Figura 9.9.

Tabela 31 – Satisfação Global com o Algarve, por Cluster

| | Sexo/Romance | Socialização/ Novas emoções | Kruskal-Wallis Test (Sig.) |
|--|--------------|-----------------------------|----------------------------|
| Satisfação Global com o Algarve, por Cluster | % | % | |
| Muito insatisfeito | 3,7 | 4,1 | 0,010 |
| Insatisfeito | 1,1 | 4,1 | |
| Satisfeito | 34,2 | 43,4 | |
| Muito satisfeito | 35,3 | 30,1 | |
| Extremamente satisfeito | 24,2 | 17,3 | |
| NS/NR | 1,5 | 1,0 | |
| Total | 100,0 | 100,0 | |

Tabela de apoio à Figura 9.10.

Tabela 32 – Imagem da Concentração Motard de Faro, segundo a Nacionalidade

| | Portugueses | Estrangeiros | Kruskal- Wallis Test (Sig.) |
|--|-------------|--------------|-----------------------------------|
| Imagem da Concentração Motard de Faro, segundo a Nacionalidade | % | % | |
| Diversão | 41,6 | 46,4 | 0,378 |
| Amizade | 23,6 | 22,8 | 0,441 |
| Loucura | 15,6 | 14,6 | 0,490 |
| Sexo | 5,0 | 4,1 | 0,649 |
| Excentricidade | 8,0 | 6,3 | 0,346 |
| Sensualidade/Erotismo | 4,3 | 4,4 | 0,861 |
| Outro | 1,9 | 1,4 | 0,866 |
| Total | 100,0 | 100,0 | -- |

Tabela de apoio à Figura 9.12.

Tabela 33 – Imagem da Concentração Motard de Faro, segundo o Género

| | Masculino | Feminino | Kruskal- Wallis Test (Sig.) |
|---|-----------|----------|-----------------------------------|
| Imagem da Concentração Motard de Faro, segundo o Género | % | % | |
| Diversão | 42,3 | 46,9 | 0,004 |
| Amizade | 23,0 | 23,9 | 0,465 |
| Loucura | 15,1 | 15,2 | 0,699 |
| Sexo | 5,2 | 3,3 | 0,327 |
| Excentricidade | 7,5 | 6,7 | 0,818 |
| Sensualidade/Erotismo | 4,8 | 3,3 | 0,439 |
| Outro | 2,1 | 0,7 | 0,257 |
| Total | 100,0 | 100,0 | -- |

Tabela de apoio à Figura 9.13.

Tabela 34 – Imagem da Concentração Motard de Faro, por Cluster

| | Sexo/Romance | Socialização/ Novas emoções | Kruskal- Wallis Test (Sig.) |
|---|--------------|-----------------------------------|-----------------------------------|
| Imagem da Concentração Motard de Faro, por Cluster | % | % | |
| Diversão | 37,7 | 48,6 | 0,003 |
| Amizade | 22,9 | 23,6 | 0,791 |
| Loucura | 16,0 | 14,8 | 0,480 |
| Sexo | 8,0 | 1,5 | 0,001 |
| Excentricidade | 7,4 | 6,9 | 0,881 |
| Sensualidade/Erotismo | 5,7 | 3,3 | 0,254 |
| Outro | 2,3 | 1,2 | 0,776 |
| Total | 100,0 | 100,0 | -- |

Tabela de apoio à Figura 9.14.

Tabela 35 – O que gosta mais na Concentração Motard de Faro, por Segmentos

| O que gosta mais na Concentração Motard de Faro, por Segmentos | Kruskal- Wallis Test (Sig.) |
|---|-----------------------------------|
| Nacionalidade | |
| Portugueses | 0,742 |
| Estrangeiros | |
| Género | |
| Feminino | 0,284 |
| Masculino | |
| Cluster | |
| Sexo/Romance | 0,169 |
| Socialização/Novas emoções | |

Tabela 36 – Satisfação Global com a Concentração Motard de Faro, segundo a Nacionalidade

| | Portugueses | Estrangeiros | Kruskal-Wallis Test (Sig.) |
|--|-------------|--------------|----------------------------|
| Satisfação Global com a Concentração Motard de Faro, segundo a Nacionalidade | % | % | |
| Muito insatisfeito | 6,0 | 1,4 | 0,111 |
| Insatisfeito | 1,7 | 0,5 | |
| Satisfeito | 24,4 | 19,5 | |
| Muito satisfeito | 29,9 | 38,2 | |
| Extremamente satisfeito | 33,3 | 33,0 | |
| NS/NR | 4,7 | 7,4 | |
| Total | 100,0 | 100,0 | |

Tabela de apoio à Figura 9.17.

Tabela 37 – Satisfação Global com a Concentração Motard de Faro, segundo o Género

| | Masculino | Feminino | Kruskal-Wallis Test (Sig.) |
|---|-----------|----------|----------------------------|
| Satisfação Global com a Concentração Motard de Faro, segundo o Género | % | % | |
| Muito insatisfeito | 4,3 | 2,7 | 0,744 |
| Insatisfeito | 1,7 | 0,0 | |
| Satisfeito | 21,6 | 23,0 | |
| Muito satisfeito | 32,3 | 37,2 | |
| Extremamente satisfeito | 33,2 | 33,1 | |
| NS/NR | 6,9 | 4,0 | |
| Total | 100,0 | 100,0 | |

Tabela de apoio à Figura 9.18.

Tabela 38 – Satisfação Global com a Concentração Motard de Faro, por Cluster

| | Sexo/Romance | Socialização/ Novas emoções | Kruskal- Wallis Test (Sig.) |
|--|--------------|--------------------------------|-----------------------------------|
| Satisfação Global com a Concentração Motard de Faro, por Cluster | % | % | |
| Muito insatisfeito | 1,6 | 5,6 | 0,000 |
| Insatisfeito | 0,5 | 2,0 | |
| Satisfeito | 14,7 | 30,2 | |
| Muito satisfeito | 35,8 | 31,6 | |
| Extremamente satisfeito | 42,2 | 25,0 | |
| NS/NR | 5,2 | 5,6 | |
| Total | 100,0 | 100,0 | |

Tabela de apoio à Figura 9.19.

Tabela 39 – Intenção de Regressar ao Algarve, segundo a Nacionalidade

| | Portugueses | Estrangeiros | Kruskal- Wallis Test (Sig.) |
|--|-------------|--------------|-----------------------------------|
| Intenção de Regressar ao Algarve, segundo a Nacionalidade | % | % | |
| Sim | 91,0 | 81,4 | 0,000 |
| Não | 0,9 | 1,4 | |
| Talvez | 3,4 | 13,0 | |
| NS/NR | 4,7 | 4,2 | |
| Total | 100,0 | 100,0 | |

Tabela de apoio à Figura 9.21.

Tabela 40 – Intenção de Regressar ao Algarve, segundo o Grau de Satisfação

| | Muito insatisfeito | Insatisfeito | Satisfeito | Muito satisfeito | Extremamente satisfeito | NS/NR | Total |
|--|--------------------|--------------|------------|------------------|-------------------------|-------|-------|
| Intenção de Regressar ao Algarve, segundo o Grau de Satisfação | | | | | | | % |
| Sim | 3,6 | 2,1 | 32,8 | 28,6 | 18,1 | 1,2 | 86,4 |
| Não | 0,0 | 0,4 | 0,4 | 0,0 | 0,3 | 0,0 | 1,1 |
| Talvez | 0,2 | 0,2 | 4,2 | 2,2 | 1,2 | 0,0 | 8,0 |
| NS/NR | 0,9 | 0,0 | 1,1 | 1,3 | 0,4 | 0,8 | 4,5 |
| Total | 4,7 | 2,7 | 38,5 | 32,1 | 20,0 | 2,0 | 100,0 |

Tabela 41 – Intenção de Regressar ao Algarve, segundo o Género

| | Masculino | Feminino | Kruskal-Wallis Test (Sig.) |
|--|-----------|----------|----------------------------|
| Intenção de Regressar ao Algarve, segundo o Género | % | % | |
| Sim | 84,4 | 90,5 | 0,311 |
| Não | 1,0 | 1,4 | |
| Talvez | 9,0 | 6,1 | |
| NS/NR | 5,6 | 2,0 | |
| Total | 100,0 | 100,0 | |

Tabela de apoio à Figura 9.22.

Tabela 42 – Intenção de Regressar ao Algarve, por Cluster

| | Sexo/Romance | Socialização/ Novas emoções | Kruskal-Wallis Test (Sig.) |
|---|--------------|-----------------------------|----------------------------|
| Intenção de Regressar ao Algarve, por Cluster | % | % | |
| Sim | 91,1 | 82,7 | 0,039 |
| Não | 0,5 | 2,0 | |
| Talvez | 5,8 | 10,2 | |
| NS/NR | 2,6 | 5,1 | |
| Total | 100,0 | 100,0 | |

Tabela de apoio à Figura 9.23.

Tabela 43 – Intenção de Regressar ao Algarve dos Mais Satisfeitos

| | Satisfeito | Muito satisfeito | Extremamente satisfeito | Total |
|---|------------|------------------|-------------------------|-------|
| Intenção de Regressar ao Algarve dos Mais Satisfeitos | | | | % |
| Todos os visitantes | 32,8 | 28,6 | 18,1 | 79,5 |
| Sexo/Romance | 31,1 | 31,6 | 22,6 | 85,3 |
| Socialização/ Novas emoções | 34,2 | 26,5 | 15,8 | 76,5 |

Tabela de apoio à Figura 9.24.

Tabela 44 – Intenção de Regressar à Concentração Motard de Faro, segundo a Nacionalidade

| | Portugueses | Estrangeiros | Kruskal-Wallis Test (Sig.) |
|--|-------------|--------------|----------------------------|
| Intenção de Regressar à Concentração Motard de Faro, segundo a Nacionalidade | % | % | |
| Sim | 69,7 | 66,0 | 0,007 |
| Não | 0,4 | 1,4 | |
| Talvez | 4,3 | 10,7 | |
| NS/NR | 25,6 | 21,9 | |
| Total | 100,0 | 100,0 | |

Tabela de apoio à Figura 9.26.

Tabela 45 – Intenção de Regressar à Concentração Motard de Faro, segundo o Grau de Satisfação

| | Muito insatisfeito | Insatisfeito | Satisfeito | Muito satisfeito | Extremamente satisfeito | NS/NR | Total |
|---|--------------------|--------------|------------|------------------|-------------------------|-------|-------|
| Intenção de Regressar à Concentração Motard de Faro, segundo o Grau de Satisfação | | | | | | | % |
| Sim | 1,4 | 0,2 | 14,1 | 24,6 | 25,2 | 2,5 | 68,0 |
| Não | 0,0 | 0,3 | 0,4 | 0,0 | 0,2 | 0,0 | 0,9 |
| Talvez | 0,2 | 0,4 | 3,1 | 2,5 | 0,9 | 0,2 | 7,3 |
| NS/NR | 2,2 | 0,2 | 4,4 | 6,8 | 6,9 | 3,3 | 23,8 |
| Total | 3,8 | 1,1 | 22,0 | 33,9 | 33,2 | 6,0 | 100,0 |

Tabela 46 – Intenção de Regressar à Concentração Motard de Faro, segundo o Género

| | Masculino | Feminino | Kruskal-Wallis Test (Sig.) |
|---|-----------|----------|----------------------------|
| Intenção de Regressar à Concentração Motard de Faro, segundo o Género | % | % | |
| Sim | 64,8 | 74,3 | 0,893 |
| Não | 0,7 | 1,4 | |
| Talvez | 7,3 | 7,4 | |
| NS/NR | 27,2 | 16,9 | |
| Total | 100,0 | 100,0 | |

Tabela de apoio à Figura 9.27.

Tabela 47 – Intenção de Regressar à Concentração Motard de Faro, por Cluster

| | Sexo/Romance | Socialização/ Novas Emoções | Kruskal- Wallis Test (Sig.) |
|--|--------------|--------------------------------|-----------------------------------|
| Intenção de Regressar à Concentração Motard de Faro, por Cluster | % | % | |
| Sim | 74,2 | 63,3 | 0,007 |
| Não | 0,5 | 1,0 | |
| Talvez | 4,2 | 10,7 | |
| NS/NR | 21,1 | 25,0 | |
| Total | 100,0 | 100,0 | |

Tabela de apoio à Figura 9.28.

Tabela 48 – Intenção de Regressar à Concentração Motard de Faro dos Mais Satisfeitos

| | Satisfeito | Muito satisfeito | Extremamente satisfeito | Total |
|---|------------|---------------------|----------------------------|-------|
| Intenção de Regresso à Concentração Motard de Faro dos Mais Satisfeitos | | | | % |
| Todos os visitantes | 14,1 | 24,6 | 25,2 | 63,9 |
| Sexo/Romance | 10,1 | 27,5 | 32,8 | 70,4 |
| Socialização/ Novas emoções | 18,9 | 20,9 | 18,9 | 58,7 |

Tabela de apoio à Figura 9.29.

ANEXO VII

Guião de Entrevista aos Motards

Guião de Entrevista aos Motards

Objectivo Geral: Compreender a forma como os indivíduos percebem e experienciam a sua sexualidade na vida quotidiana, em contexto turístico e na Concentração Motard de Faro.

| Blocos | Objectivos específicos | Questões | Tempo previsto |
|---|---|---|----------------|
| 1º Bloco Apresentação do entrevistado e legitimação da entrevista | Apresentar os objectivos da entrevista; Identificar o entrevistado ao nível das características sócio-demográficas | 1 - Idade; 2 - Género; 3 - Nacionalidade; 4 - Local de residência; 5 - Estado civil; 6 - Habilitações literárias; 7 - Profissão; 8 - Situação perante o emprego. | 2 min. |
| 2º Bloco Percepções acerca da sexualidade | Conhecer as percepções dos entrevistados acerca da sexualidade | 9 - O sexo é importante para si? Em que medida? 10 - O sexo influencia a sua auto-estima? De que forma? 11 - O sexo só faz sentido para si, se surgir no âmbito de uma relação amorosa/emocional? Porquê? 12 - Como avalia o comportamento sexual das pessoas do sexo oposto ao seu? São mais permissivas e aventureiras ou mais inibidas e recatadas? 13 - Qual é a sua opinião sobre uma vida sexual rotineira? 13.1 - Quais são, na sua perspectiva, as implicações/consequências de uma vida sexual rotineira (por exemplo na vida do casal)? 13.2 - Na sua opinião, manter um relacionamento amoroso com alguém, leva a uma maior rotina na sexualidade? Porquê? 13.3 - Quais as estratégias que acha que devem ser usadas para quebrar a rotina? 13.4 - Qual é a sua opinião sobre a possibilidade de recorrer a encontros sexuais ocasionais (com outros parceiros que não o habitual), no sentido de quebrar a rotina? 14 - E como vê o recurso à prostituição? 14.1 - Acredita que as pessoas recorrem à prostituição para procurar determinados prazeres que não encontram em “casa”? 15 - Qual é a sua opinião sobre a monogamia (ter um único parceiro amoroso/sexual) e a poligamia (ter mais do que um parceiro amoroso/sexual)? 15.1 - Com qual das duas categorias (monogamia ou poligamia) se identifica mais? Porquê? | 15 min. |

| | | | |
|--|---|--|----------------|
| <p>3º Bloco Experiências sexuais no cotidiano</p> | <p>Perceber a forma como os indivíduos experienciam a sexualidade na vida cotidiana</p> | <p>16 - Com que idade perdeu a virgindade? 16.1 - E com quem foi? 17 - De uma forma breve, como descreveria o seu percurso amoroso/sexual? 17.1 - Como caracteriza a sua vida sexual? Considera-se uma pessoa sexualmente activa? 17.2 - Comparativamente com os/as seus/suas amigos/as, como caracteriza a sua vida sexual? 18 - Pode contar-nos a experiência sexual “mais radical”/fora do comum que já teve? 18.1 - Foi com o/a companheiro/a habitual? 18.2 - Se não, com quem foi? 19 - Na sua opinião, quais são os factores que determinam uma vida sexual activa no quotidiano? (escala de concordância) - Ter companheiro/a - Não ter companheiro/a - Estar emocionalmente envolvido com alguém - Menor preconceito face ao sexo livre - Ir a locais românticos - Saídas nocturnas (bares, discotecas, etc.) - Participar em eventos/festivais eróticos - Álcool - Drogas - Sol e praia - Ambiente relaxante 20 - Quantos parceiros sexuais teve nos últimos 12 meses? 20.1 - Algum desses parceiros é seu/sua parceiro/a habitual (ex: namorado/a, marido, esposa ou alguém com quem vive em união de facto)? 20.2 - Se nos últimos 12 meses teve mais algum parceiro sexual para além do habitual, indique quem foi. 20.3 - Se nos últimos 12 meses teve mais algum parceiro sexual para além do habitual, descreva essa/s experiência/s sexual/ais? 21 - Já alguma vez foi infiel? 21.1 - Se sim, quais os motivos que o/a levaram a ser infiel? 22 - Já alguma vez pagou por serviços sexuais? 22.1 - Se sim, porque sentiu necessidade de o fazer ou o que o motivou? 22.1 - Com que frequência paga por serviços sexuais? 22.3- Como descreve essas experiências? 23 - Costuma usar preservativo? 23.1 - Se sim, com quem costuma usar? 23.2 - Se não, porque não usa? 24 - Existe/m algum/ns aspecto/s na sua vida sexual que gostaria de mudar? 24.1 - Se sim, que aspecto(s)?</p> | <p>15 min.</p> |
|--|---|--|----------------|

| | | | |
|--|---|--|----------------|
| <p>4º Bloco Experiências sexuais em férias</p> | <p>Perceber a forma como os indivíduos experienciam a sexualidade em férias</p> | <p>25 - Quando está de férias num determinado destino turístico sente que a sua actividade sexual aumenta? Porquê? 26 - Na sua opinião, quais são os factores que determinam uma vida sexual activa durante as férias? (escala de concordância) - Ter companheiro/a - Não ter companheiro/a - Estar emocionalmente envolvido com alguém - Menor preconceito face ao sexo livre - Ir a locais românticos - Saídas nocturnas (bares, discotecas, etc.) - Participar em eventos/festivais eróticos - Álcool - Drogas - Sol e praia - Ambiente relaxante 27 - Como avalia as experiências sexuais em férias comparativamente com as que tem no quotidiano (ao nível do prazer que sente, diversidade de experiências, diversidade de parceiros/as, etc.)? 28 - Em férias adopta algum comportamento ou prática sexual diferente daqueles que tem no dia-a-dia? 28.1 - Se sim, quais são esses comportamentos ou práticas? 29 - Em férias estaria disposto a ter mais de um parceiro sexual? Porquê? 30 - Em férias estaria disposto a pagar por serviços sexuais? Porquê? 31 - Em férias estaria disposto a ter relações sexuais sem preservativo? Porquê?</p> | <p>10 min.</p> |
| <p>5º Bloco Experiências sexuais na Concentração Motard de Faro</p> | <p>Perceber a forma como os indivíduos experienciam a sexualidade durante a Concentração Motard de Faro</p> | <p>32 - Comparativamente com as suas experiências em férias, como avalia as experiências sexuais durante o período da Concentração (ao nível do prazer que sente, diversidade de experiências, diversidade de parceiros/as, etc.)? 33 - Comparativamente com a sua vida quotidiana, como avalia as experiências sexuais durante o período da Concentração? (ao nível do prazer que sente, diversidade de experiências, diversidade de parceiros/as, etc.)? 34 - Considera que o álcool e/ou drogas influenciam as relações sexuais na Concentração? De que forma (inibem ou favorecem as relações)? 35 - Considera que os shows eróticos e o ambiente que se vive na Concentração influenciam a sua actividade sexual? De que forma (inibem ou favorecem a sua actividade sexual)? 36 - Na sua opinião, quais são os factores que mais contribuem para aumentar o apetite sexual durante a Concentração? (Escala de Concordância) - Ambiente - Música - Shows - Álcool - Drogas - Ir com o/a companheiro/a - Ir sozinho/a</p> | <p>10 min.</p> |

ANEXO VIII
Sinopses das Entrevistas aos Motards

| Dimensões/ Categorias | João | Pedro | André | António | Jorge | José |
|--|---|------------|---|--|--|---|
| I – Caracterização do entrevistado | | | | | | |
| 1 – Idade | 22 | 26 | 34 | 36 | 40 | 40 |
| 2 - Nacionalidade | Portuguesa | Portuguesa | Portuguesa | Portuguesa | Portuguesa | Portuguesa |
| 3 – Estado civil | Solteiro | Solteiro | Divorciado | Casado/união de facto | Divorciado | Casado/união de facto |
| 4 – Habilidades literárias | Secundário | Secundário | Secundário | Secundário | Secundário | Secundário |
| 5 – Profissão | Estudante | | Desenhador | Militar | Comerciante | Promotor de vendas |
| II – Percepções acerca da sexualidade | | | | | | |
| 6 – Importância do sexo | É muito importante para mim. O sexo comanda a vida. | | Sim, na medida que é um dos prazeres da vida. | Sim, faz parte de uma boa condição de vida. | Sim, é bastante importante, começo e passo o dia muito bem-disposto quando o faço logo de manhã. | Sim...na medida em que devemos ter uma boa sexualidade com qualidade e com precaução aquando se faça fora do/a parceiro/a. Deve, no mínimo, ser concretizado diariamente, pelo menos entre cônjuges para uma boa relação. |
| 7 – Influência do sexo sobre a auto-estima | O sexo influencia muito a auto-estima pois faz-nos sentir muito melhor. | | Sim, na forma de ajudar a aliviar tensões do dia-a-dia e ao melhorar a performance, fico com muito mais auto-estima. | Sim claro, quando fazemos sexo com alguma frequência sentimo-nos melhor. | Sim, influencia, quando o faço de forma regular ando bem-disposto. | Sim...Sinto-me melhor durante o dia. |
| 8 – Sexo unicamente nas relações amorosas/emocionais | Não! O sexo deve ser feito quando o mesmo for desejado! | | Não, como não tenho no momento uma relação, o sexo pode surgir a qualquer momento, sem qualquer interesse amoroso ou emocional, mas simplesmente para | Sim, porque havendo essa relação amorosa entregamos tudo à outra pessoa e só assim vejo o sexo com bons olhos. | Para mim o sexo é feito a dois e, para isso, tem que haver estímulo e atracção entre os dois. | São...às vezes, fora das relações também é normal acontecer. |

| | | | | | | |
|---|---|--|---|--|---|---|
| | | | dar e receber prazer. | | | |
| 9- Percepção do comportamento sexual das pessoas do sexo oposto | Depende das mulheres em questão. Há um pouco de tudo mas, regra geral as mulheres são aventureiras, assim como os homens. | | Acho que apesar das mulheres já estarem muito mais aventureiras hoje em dia, tendo em conta as da minha faixa etária, considero-as inibidas e recatadas estando sempre à espera do homem para dar o primeiro passo. | As senhoras, por norma, são mais aventureiras. | São mais inibidas e têm vergonha de expressar as vontades... | Depende da nacionalidade...as portuguesas e algumas europeias ainda são muito frias. No fim de casar relevam para último o plano a sexualidade. |
| 10 – Opinião sobre a vida sexual rotineira | É algo que não deve acontecer, pois tal facto irá fomentar o desinteresse um pelo outro! | | Acho que não deve de existir. A pessoa estando numa relação deve de andar sempre a criar ambientes e situações diferentes que leve o casal a desfrutar de uma vida sexual dinâmica. | Chata. | É boa. Devia de ser feito todos os dias, da mesma maneira que acordamos e lavamos os dentes... cabe agora aos casais saber estimular a relação diária para não saturar de fazer sempre o mesmo (mesma posição, mesmo ritmo, etc.). Devemos fazer no chão, cozinha, sala, usando doces, fruta, enfim, usando a imaginação. | É ótima e mantém um relacionamento. |
| 11 - Implicações de uma vida sexual rotineira | Um possível desinteresse um pelo outro, pois pode haver uma saturação de fazer sempre o mesmo. | | Uma vida sexual rotineira vai levar ao desejo de aventuras fora do casal. | Monotonias nunca foram boas. Nesse sentido, pode começar por o casal deixar de ter relações sexuais visto serem sempre a mesma coisa. | Se não souberem variar começam a cansar-se um do outro e a perder o apetite sexual. | São boas. Claro que devemos mudar as posições, inventar, em fim... uma rotina mas diferente. |
| 12 – Rotina no relacionamento amoroso | Pode levar a uma sexualidade mais activa, mas rotina no sexo jamais! | | Sim, porque apesar de poder experimentar tudo e em todo o lugar, as pessoas vão se acomodar ao que gostam mais. | Depende... se for uma pessoa que se entrega só ao parceiro faz sentido porque estão mais tempo juntos e, com essa entrega, valorizam cada minuto | Uma coisa não implica a outra... mas normalmente o homem é mais exigente. | Nem sempre...muitas vezes temos mais sexo antes de casar. |

| | | | | | | |
|---|---|------|--|--|---|---|
| | | | | juntos com bom sexo. Se for uma pessoa que gosta de ter vários parceiros, quando encontrar o seu parceiro definitivo, sente necessidade de ter os outros e, possivelmente, continuará a procurar fora. | | |
| 13 – Estratégias para quebrar a rotina | Ser inovador, aventureiro, experimentar coisas novas. | | Ir de férias para sítios exóticos, ir passar uma noite a um motel, visitar sex-shops ou feiras de sexo e tirar umas ideias ou comprar um brinquedo para depois experimentar. | Novas experiências e novas posições, utilização de brinquedos sexuais. Tem que haver procura de ambas as partes. | Fazer sexo em vários lugares da casa, mudar de posições, usar utensílios sexuais (vibradores, óleos, etc.). | Lugares diferentes , posições diferentes, enfim... modificar. |
| 14 – Encontros sexuais ocasionais para quebrar a rotina | Acho que é uma ideia para quebrar a rotina. | | Na minha opinião, deve-se quebrar a rotina dentro da relação e não recorrer a encontros sexuais ocasionais. | Não concordo. Acho uma grande falta de respeito não só pelo parceiro, como pela própria pessoa pois existe a questão das DST. | Neste caso sou machista e não gosto de repartir o que tenho com outros. | Depende do/a parceiro/a. Se for frio/a certamente será quebrada a rotina... |
| 15 - Opinião sobre a prostituição | Acho que não deveria existir, pois o sexo é algo tão bom que não deve ser pago! | | O recurso à prostituição acaba por ser na mesma infidelidade, mas que na vida amorosa não vai afectar a relação. | Pagar para sexo? Não aceito! Para isso fala-se com o parceiro e até pode ser uma boa quebra de rotina, pague-se ao parceiro e finge-se que é prostituição, quem sabe... | Sou a favor. Normalmente quem procura esses serviços são pessoas que têm dificuldade em arranjar mulheres ou homens, ou pessoas que querem satisfazer as suas taras ou prazeres sexuais e que, normalmente, as suas mulheres não aceitam fazer nada mais que o tradicional. | Muitas vezes é porque não têm outra alternativa, outras é porque preferem essa vida. Nada contra. |
| 15.1 - Prostituição | Sim. | Sim. | Sim. | Sim. | Sim. | Sim. |

| | | | | | | |
|---|--|-----------|---|--|--|---|
| como procura de prazer que não existe em casa | | | | | | |
| 16 – Monogamia vs poligamia | Quanto à monogamia, desde que haja vontade e motivação, é bom para os dois. Quanto à poligamia, não faço ideia, mas deve ser algo bastante engraçado, o facto de ter várias parceiras! | | Penso que é só um assunto cultural. Por outro lado, ao nível de DST's, acho que é mais controlada [a monogamia]. | A nossa sociedade é que nos fez ser monogâmicos, logo tenho que a seguir se quiser ser aceite. Mas no Médio Oriente, as famílias continuam felizes a aceitarem com bons olhos o facto de se ter várias mulheres porque a religião e a sociedade deles assim permite. Nós, seres humanos racionais, somos por natureza poligâmicos, sem dúvida. | Penso que é psicológico...fazer sexo com um ou mais parceiros, quem nunca fez com várias parceiras normalmente tem sempre vontade de o experimentar. | Para quem aceita [a poligamia] é bom! |
| 17 – Identificação com monogamia ou poligamia | Visto eu ser um aventureiro, identifico-me mais com a poligamia. | | Monogamia, estando numa relação, e poligamia, não estando numa relação. Sou fiel mas sem estar numa relação é normal ter vários encontros com pessoas diferentes. | Monogâmico por causa da sociedade, tal como falei há pouco, que me fez aceitar ser apenas de uma outra pessoa e ela só minha. Não sei se era capaz de me entregar a duas mulheres ao mesmo tempo | Hehehehe, se tiver com a minha mulher prefiro a monogamia e se tiver com amigas prefiro a poligamia... | As duas. |
| III – Experiências sexuais no quotidiano | | | | | | |
| 18 – Iniciação sexual | 13 | 15 | 18 | 21 | 16 | 14 |
| 19 – Pessoa com quem perdeu a virgindade | Amiga. | Namorada. | Namorada. | Amiga. | Ex-namorada. | Uma mulher casada infeliz no casamento. |
| 20 – Caracterização do percurso amoroso/sexual | Sexualmente muito activo. Tive bastantes parceiras até agora e sou sempre muito aberto a tudo o que | | Acho que comecei um pouco tarde, devido aos estudos e ao facto de ser um pouco inibido. Depois, desfrutei de | Quando perdi a virgindade tomei-lhe o gosto e fiz com algumas amigas minhas. Mas, assim | Tem sido positivo mas difícil de encontrar a pessoa certa. | Até casar foi ótimo, depois da minha parte continuou a ser bom... |

| | | | | | | |
|---|--|-----------------------|--|--|---|--|
| | tenha a ver com o sexo! | | algumas aventuras em férias e na noite. Aos 22 anos conheci a minha ex. e fui fiel durante 9 anos tendo uma vida sexual activa e não rotineira. Agora, depois do divórcio, voltei a andar pela noite, não querendo ou não achando uma parceira certa. | que encontrei a mulher com quem estou casado, nunca mais fiz sexo com outra pessoa a não ser a minha esposa. | | |
| 21 – Auto-avaliação da vida sexual/sexualidade activa/comparação com a vida sexual dos amigos | Muito boa, sou uma pessoa sexualmente bastante activa; Não faço ideia de como é a vida sexual dos meus amigos! | | Considero-me uma pessoa sexualmente activa e caracterizo a minha vida sexual como boa; Se falarmos de amigos casados, a minha vida é francamente melhor e mais activa e em relação aos amigos "singles" não existem grandes diferenças pois frequentamos os mesmos locais. | Tem alturas; Não falo muito nisso com eles pois achamos sempre que os outros vivem com as mesmas "dificuldades" que nós. Mas, como gostamos de nos fazer sentir superiores, dizemos sempre que somos bastante activos. | Sim, bem activa. Normalmente faço duas a três vezes ao dia, quando tenho parceira para acompanhar; Por acaso, com os amigos que acompanho é igual, mas tenho outros amigos que nem chegam cá perto, só pensam nisso uma ou duas vezes por semana. | Sim; A nível de cônjuge, péssima; fora do cônjuge, boa. |
| 22 – Experiências sexuais radicais/fora do comum; parceiros(as) nessa experiência | Sexo com três parceiras dentro de um teleférico no Parque das Nações; Amigas. | | Passar a noite a ter relações com duas mulheres num motel com piscina, colchão de água, espelhos...; Amigas. | Foi na rua na zona industrial em que apareceu a polícia e eu tive que tapar a minha amiga. Tapei-me também e eles foram embora. Eu peguei no carro a mostrar que também ia embora, mas voltei para o mesmo sitio e terminámos o que fomos lá fazer, claro!; Amiga. | Foi com duas amigas que conheci no dia e fizemos sexo os três numa tenda...; Encontro ocasional. | Uma viagem a Barcelona para passar um fim-de-semana com uma cliente. |
| 23 – Número de parceiros sexuais nos | 1; Amiga. | 3; Parceira habitual; | 6; Amigas, encontros | 1; Parceira habitual. | 2; Parceira habitual e | 4; Parceira habitual, |

| | | | | | | |
|---|---|---|--|--|---|--|
| últimos 12 meses; parceiros(as) nessa experiência | | amigas. | ocasionais. | | encontro ocasional. | amiga , cliente, desconhecida. |
| 24 – Descrição das experiências sexuais com outros parceiros que não o habitual, nos últimos 12 meses | Procurar aventura e novos momentos. | É tudo diferente. | Desfrutar dos momentos ao máximo; jantares e saídas com amigas. | | Problemas na relação e necessidade de ter relações sexuais | Foram ótimas, muito melhores que em casa e com mais intensidade. |
| 25 - Infidelidade | Não. | Sim; A curiosidade. | Sim; Não saber se as relações eram duradouras ou não e querer descobrir experiências novas. | Não. | Sim; Insatisfeito com a relação sexual da companheira. | Sim; Falta de sexo em casa. |
| 26 – Pagamento por serviços sexuais | Não. | Não. | Sim; Raramente; O que me motivou foi o facto de ir a bares com prostitutas e sentir-me atraído para satisfazer os meus desejos sexuais; Boas, para sentir prazer, mas com pouco glamour. | Não. | Sim; Ocasionalmente; Porque, além de sair mais barato, no outro dia não telefonam a chatear a cabeça; Simplesmente para aliviar as partes, ou seja, dar descanso à nossa mulher que lhe dói a cabeça. | Não. |
| 27 – Uso do preservativo | Sim; Uso sempre. | Não; Fizemos análises os dois e temos muita confiança um no outro. | Sim; Em todas as relações. | Sim; Parceira habitual. | Sim; Fora da relação uso sempre. | Sim; Com outras parceiras que não a habitual. |
| 28 – Aspectos a mudar na vida sexual | Não. | Não. | Não. | Sim; Mais quebra de rotina. | Não. | Sim; O casamento, pois brevemente acabará em divórcio. |
| IV – Experiências sexuais em férias | | | | | | |
| 29 – Aumento da actividade sexual em férias | Sim, talvez por haver uma suposta maior oferta. | Sim, devido a uma pessoa andar relaxada e sem o stress do trabalho. | Sim, estando longe de casa e sem preocupações sinto-me com mais apetite sexual. | Sim, porque como o local é diferente do habitual, o próprio local transmite sensualidade, ao ponto | Ainda mais??? Estou sempre com vontade. | Sim...derivado ao tema da "galinha do vizinho ser melhor que a minha". |

| | | | | | | |
|--|--|-----------------|---|--|--|--|
| | | | | de, se houver oportunidade, faço sexo com a minha mulher. | | |
| 30 – Avaliação das experiências sexuais em férias | São semelhantes. | É muito melhor. | As experiências sexuais em férias são intensas na altura, mas sem sentido às vezes devido aos excessos de aditivos e de não ter a sobrecarga do quotidiano. | São melhores, até pelos locais escolhidos. | São iguais. | Muito melhores. |
| 31 – Comportamentos sexuais diferentes durante as férias | Não. | Sim. | Não. | Não. | Não. | Sim; Sempre diferentes... locais, posições e, por vezes, companheira. |
| 32 – Ter mais de um parceiro sexual | Não sei. | | Sim, devido ao facto de não estar numa relação. | Não, porque tenho a minha mulher que me satisfaz sexualmente. | Se for sozinho... | Sim...pelo facto da minha parceira ser fria. |
| 33 – Pagar por serviços sexuais | Não, pois o melhor da vida não deve ser pago. | | Sim, se for o caso de acontecer. | Não, pois não estou disposto a pagar por sexo, nem de férias nem normalmente. | Não... só se tiver necessidade de fazer sexo e não encontrar parceiro. | Não. |
| 34 – Ter relações sem preservativo | Não. Por questões de saúde. | | Não, não ponho a minha vida em perigo. “Mais vale perder a queca da vida, do que a vida numa queca”. | Não pois, para além das DST, existe a possibilidades da gravidez e já tenho um filhote. Chega bem! | Não. | Não. |
| V – Experiências sexuais na Concentração Motard de Faro | | | | | | |
| 35 – Experiências sexuais na Concentração por comparação com as férias | Muito bom. | | Fracas. Não saio da Concentração e lá dentro existem poucas mulheres disponíveis. | Não fiz, não posso falar. | Negativo!!! Só cerveja... | São óptimas quando são dentro da Concentração. |
| 36 - Experiências sexuais na Concentração por | É diferente, pois o ambiente torna as coisas muito diferentes. | | Fracas, não saio da Concentração e lá dentro existem poucas mulheres disponíveis. | Não fiz, não posso falar. | | Óptimas...mais à vontade. |

| | | | | | | |
|------------------------------------|--|--|--|---|--|--|
| comparação com a vida quotidiana | | | | | | |
| 37 – Influência do álcool/drogas | Acho que sim, pois desinibem as pessoas. | | Sim, claro que favorecem, desde que o pessoal não abuse. | Claro que sim, favorecem em muito as relações sexuais, até porque existe álcool e droga e os gostos são os mesmos. Tudo aliado, favorece. | Sim bastante, o álcool e as drogas é que fazem mover o sexo nesses momentos. | Não... quando se quer fazer sexo é por atracção. |
| 38 – Influência dos shows eróticos | Acho que influenciam sim! | | Não, eu gosto de ver os shows eróticos e do ambiente da Concentração, mas como depois a percentagem de mulheres é pouca, não favorece a actividade sexual. | Favorecem, como é óbvio, pois a sensualidade demonstrada nos shows pode dar azo a querer experimentar. | Não. | Não...gosto de ver mas não me excitam. |

| Dimensões/ Categorias | Carlos | Rui | Juan* | Alexandro* | Michel* |
|---|---|---|---|---|---|
| I – Caracterização do entrevistado | | | | | |
| 1 – Idade | 41 | 43 | 25 | 35 | 37 |
| 2 - Nacionalidade | Portuguesa | Portuguesa | Espanhola | Espanhola | Francesa |
| 3 – Estado civil | Casado/união de facto | Casado/união de facto | Solteiro | Solteiro | Divorciado |
| 4 – Habilitações literárias | Secundário | Secundário | Secundário | Secundário | Básico |
| 5 – Profissão | Caixa | Desenhador | Militar | Mecânico | Educador Social |
| II – Percepções acerca da sexualidade | | | | | |
| 6 – Importância do sexo | Sim, na mesma medida em que é importante para todos os animais vivos. | Muito. Das coisas mais importantes da minha vida. | Sim é muito importante. | O sexo é importante a todos os níveis mas especialmente para estabelecer uma boa relação com o/a parceiro/a. | Apenas o suficiente, quando é necessário. Depois de duas separações, vejo a relação entre o homem e a mulher de outra maneira. |
| 7 – Influência do sexo sobre a auto-estima | Talvez. | Bastante. Descomprime e deixa uma sensação de bem-estar. | Sim, quando praticamos sexo, sentimo-nos desejados, realizados, excitados...enfim, felizes. | Não creio que influencie. | Bem-estar, satisfação comum. A necessidade de se divertir e dar prazer ao parceiro. Muito bom para o coração e os neurónios... |
| 8 – Sexo unicamente nas relações amorosas/emocionais | Sexo é sexo, amor é amor! | Não. Sexo é importante e devemos praticá-lo sempre que estejamos "in the mood". | Sim porque a etapa das relações sexuais ocasionais já passou. | Quando estamos apaixonados sentimos que queremos muito estar com o/a nosso/a parceiro/a. Sobretudo, sentimo-nos queridos. | O sexo só faz sentido para mim quando há uma ligação ou harmonia entre os dois parceiros. |
| 9- Percepção do comportamento sexual das pessoas do sexo oposto | Todas as pessoas são diferentes, e fazer a pergunta dessa maneira pode induzir a respostas diferentes e válidas para os dois sexos. | Ainda falta percorrer um longo caminho de abertura de mentalidades. | Inibidas e recatadas. | Nada a dizer. | As mulheres são mais receptivas e intuitivas do que os homens. O sistema de paridade no sexo é mais orientado para as mulheres. Elas são mais claras quando falam sobre sexo num contexto mais amplo. |
| 10 – Opinião sobre a vida sexual rotineira | À falta de melhor... seguro mas com menor nível de emoção. | Sou contra. | A vida sexual não deve ser rotineira, há que inovar. | Como bem diz a pergunta, é rotineira. | A rotina destrói o casal. Devemos constantemente seduzir, seduzir e seduzir o/a |

| | | | | | |
|---|---|--|--|--|---|
| | | | | | nosso/a parceiro/a... E mesmo assim, isso não vai impedir que alguns homens procurem sexo fora de casa. |
| 11 - Implicações de uma vida sexual rotineira | | Eu acho que pode ser o fim de uma relação. | Uma vida sexual rotineira pode acabar minando a relação. | Pouca motivação. | O casamento é um compromisso com a sociedade que permite tranquilizar as famílias. O casamento não protege o casal da rotina, ainda mais quando já estão juntos há muito tempo. Caso contrário, seria necessário fazer promessas de casamento todos os dias ao/à nosso/a parceiro/a. |
| 12 – Rotina no relacionamento amoroso | “Vira o disco e toca o mesmo”. É melhor ir visitando uma loja de música para ir comprando cd's novos... | Pode levar, a questão é manter um diálogo aberto com a parceira, de forma a combater essa situação. | Suponho que depende dos membros do casal. No meu caso, não é rotineira. | Não. | |
| 13 – Estratégias para quebrar a rotina | “Vira o disco e toca o mesmo”. É melhor ir visitando uma loja de música para ir comprando cd's novos... | Fazer sexo em locais fora do habitual (sempre que for possível), ser o mais desinibido que se possa. | Surpreender, inovar, avaliar e estudar a companheira, usar brinquedos, etc. | Novos lugares, jogos, etc. | Sedução, respeito, confiar sempre um no outro, para não promover discussões. |
| 14 – Encontros sexuais ocasionais para quebrar a rotina | Desde que com sexo seguro... | Não me parece mal. | Cada um é livre de fazer o que bem entende. Eu não o faria. | Não sou a favor. | |
| 15 - Opinião sobre a prostituição | Em casos extremos. Nem todas as pessoas têm um corpo atlético ou são bonitas e apetecíveis ao sexo oposto. Poderão ser estas pessoas e as mais inseguras psicologicamente, que procuram esse tipo de serviço. | Eu não o pratico, mas não condeno. | Quando se exerce de forma livre e voluntária é um trabalho mas, caso contrário, é exploração sexual e deveria ser muito mais controlado. | Bem, é algo sobre o qual cada um é livre de decidir. | As prostitutas sempre existiram na nossa sociedade. Eu acho que a prostituição pode encorajar algumas pessoas a querer conhecer o prazer, mesmo que pagando por isso. Ela também pode resolver alguns problemas, como é o caso da necessidade sexual. Porém, os seres humanos criticam sempre os actos sexuais, sejam com uma |

| | | | | | |
|--|--|---|---|--|---|
| | | | | | prostituta ou com outra pessoa qualquer. A sociedade tem uma opinião de censura e isso é lamentável. |
| 15.1 - Prostituição como procura de prazer que não existe em casa | Sim. | Sim. | Não. | Sim. | Sim. |
| 16 – Monogamia vs poligamia | Poligamia seria um conceito interessante a explorar... | | A monogamia faz com que conheças cada fibra, cada poro, cada estado de lua do teu parceiro, sabes o que ele gosta, quando e como quer, além de prevenir doenças sexualmente transmissíveis. A poligamia serve apenas para desanuviar. | Sou muito tradicional. Sou a favor da monogamia. | Se fomos nós que inventámos a poligamia em séculos anteriores, é porque há uma razão válida. Eu preferia uma poligamia reconhecida do que o vulgar adultério ou infidelidade. Quando se trai, normalmente finge-se que não aconteceu nada para não magoar quem está connosco. |
| 17 – Identificação com monogamia ou poligamia | Actualmente mono. | Monogamia. Vivo com a mesma companheira há 23 anos e "tá-se bem". | Monogamia, porque sou fiel e adoro conhecer melhor a minha parceira a cada dia que passa. | Monogamia. | |
| III – Experiências sexuais no quotidiano | | | | | |
| 18 – Iniciação sexual | 18 | 16 | 15 | 14 | 18 |
| 19 – Pessoa com quem perdeu a virgindade | Namorada. | Ex-namorada. | Namorada. | Namorada | Prostituta. |
| 20 – Caracterização do percurso amoroso/sexual | Normal. | Eu suponho que é um percurso normal. | Bem, eu já passei por todas as etapas, como toda a gente. Houve alturas em que tive relações com cinco ou seis mulheres diferentes por mês, até que assentei a cabeça e conheci o amor. | Solteiro que estou, pouco posso dizer a este respeito... | |
| 21 – Auto-avaliação da vida sexual/sexualidade activa/comparação com a vida sexual dos | Sim; Normal. | Boa. Sim, sem dúvida; Não faço a mínima ideia. | Sim; Mais activa do que a dos meus amigos. | Procuo ser sexualmente activo, mas como estou solteiro... É menos intensa do que a dos meus amigos. | As avaliações sobre o que quer que seja não fazem parte do meu comportamento. |

| | | | | | |
|---|--|---|--|------------------------------|---|
| amigos | | | | | |
| 22 – Experiências sexuais radicais/fora do comum; parceiros(as) nessa experiência | Sexo num automóvel em andamento; Amiga. | Ex-namorada. | Todas as relações sexuais são radicais, depende com quem se faça; Com várias. | Tive muitas; Ex-namorada. | Ainda não tive; Parceira habitual. |
| 23 – Número de parceiros sexuais nos últimos 12 meses; parceiros(as) nessa experiência | 1; Parceira habitual. | 1; Parceira habitual. | 1; Parceira habitual | 0 | 1; Parceira habitual. |
| 24 – Descrição das experiências sexuais com outros parceiros que não o habitual, nos últimos 12 meses | | | | | |
| 25 - Infidelidade | Sim. | Sim; A falta de sexo. | Não. | Não. | Sim. |
| 26 – Pagamento por serviços sexuais | Sim; Raramente; Uma experiência diferente. | Não. | Sim; Raramente; Álcool, juventude, festa e amigos... Divertidas. | Não. | Sim; Raramente; Não gostei, senti uma terrível sensação de culpa. |
| 27 – Uso do preservativo | Sim; Ocasional. | Não; Porque não ando por norma a trocar de parceira. | Sim; Parceira habitual. | Sim; Parceira habitual. | Sim. |
| 28 – Aspectos a mudar na vida sexual | Sim; Mais variedade. | Não. | Sim; Quero sempre mais. | Sim. | Sim. |
| IV – Experiências sexuais em férias | | | | | |
| 29 – Aumento da actividade sexual em férias | É possível. Por ver pessoas diferentes, descontraídas, pelo clima de férias, pela diversão, por estar mais afastado do stress do quotidiano de trabalho/ casa/ filhos... | Existe mais escolha. | Não, a minha actividade sexual é maior quando estou em casa, na intimidade. | Não. | |
| 30 – Avaliação das | Normal. | Acabam por ser mais | A minha vida sexual é mais | Estás mais relaxado e isso | |

| | | | | | |
|--|--|---|--|----------------------------------|------------------------------|
| experiências sexuais em férias | | stressantes mas, ao mesmo tempo, mais loucas. | ou menos igual em férias. | incentiva a praticar mais sexo. | |
| 31 – Comportamentos sexuais diferentes durante as férias | Não. | Não. | Não. | Sim. | Sim. |
| 32 – Ter mais de um parceiro sexual | | Sim, tenho mais tempo livre. | Não, porque estou feliz e satisfeito com a minha parceira. | Não. | |
| 33 – Pagar por serviços sexuais | | Não, não me parece que seja necessário. | Não, porque estou feliz e satisfeito com a minha parceira. | Não. | |
| 34 – Ter relações sem preservativo | Não, a não ser com a companheira habitual. | Não, é perigoso! | Não. A ter relações sexuais sem preservativo seria porque a minha companheira usa outro tipo de contraceptivo, ou, chegado o momento, para ter filhos. | Não. | |
| V – Experiências sexuais na Concentração Motard de Faro | | | | | |
| 35 – Experiências sexuais na Concentração por comparação com as férias | É igual. | Fracas. | Pratiquei menos sexo do que o habitual. | Nunca tive sexo na Concentração. | |
| 36 - Experiências sexuais na Concentração por comparação com a vida quotidiana | É igual. | Muito fracas. | Pratiquei menos sexo do que o habitual. | Nunca tive sexo na Concentração. | |
| 37 – Influência do álcool/drogas | O álcool ou a droga podem ser desinibidores. | Eu acho que inibem. | É claro que influencia. As pessoas libertam-se mais e fazem coisas que não fariam caso não bebessem ou tomassem drogas. | Suponho que influencia. | Deve ser bem gerido. |
| 38 – Influência dos | De maneira nenhuma. | Não. | No meu caso, mantém-se | Sim, influencia. | Eu não vou para ver os shows |

| | | | | | |
|----------------|--|--|----------|--|---|
| shows eróticos | | | igual :) | | eróticos. Vou para passar bons momentos com os meus amigos motards. |
|----------------|--|--|----------|--|---|

| Dimensões/ Categorias | Ivan* | Julio* | Maria | Eunice | Susan* |
|---|--|---|--|--|---|
| I – Caracterização do entrevistado | | | | | |
| 1 – Idade | 37 | 42 | 28 | 32 | 31 |
| 2 - Nacionalidade | Espanhola | Espanhola | Portuguesa | Portuguesa | Britânica |
| 3 – Estado civil | Solteiro | Solteiro | Casada/união de facto | Divorciada | Casada/união de facto |
| 4 – Habilitações literárias | Superior | Superior | Secundário | Secundário | Secundário |
| 5 – Profissão | Funcionário Público | Chefe de Centro | Gerente de loja | Esteticista | Vendedora |
| II – Percepções acerca da sexualidade | | | | | |
| 6 – Importância do sexo | Sim, muito importante. | Sim, muito importante. | Sim, para poder existir um bom equilíbrio entre o casal e ao nível pessoal também. | Sim é, na medida em que completa uma relação. | O sexo é muito importante para mim. Sou infeliz quando não tenho sexo suficiente. |
| 7 – Influência do sexo sobre a auto-estima | Sim, dá-nos mais segurança. | Sim, positivamente. | Sim, positivamente. Sentir-me desejada eleva o ego. | Sim, sinto-me desejada. | Sim, sinto-me bem quando faço sexo, mas se não fizer durante alguns dias começo a ficar preocupada que o meu marido me ache gorda e pouco atraente. |
| 8 – Sexo unicamente nas relações amorosas/emocionais | Não, adoro sexo por sexo... | Não, pode acontecer noutras situações/ocasiões. | Não. | Não, também existe sexo e atracção física porque, no meu ver, o amor é uma coisa que vem se construindo ao longo de uma relação. | Não, o sexo pode acontecer em qualquer cenário, não tem de ser necessariamente numa relação amorosa. |
| 9- Percepção do comportamento sexual das pessoas do sexo oposto | Pela paixão que colocam na relação, as mulheres são mais permissivas e aventureiras que os homens. | Igual, depende da pessoa. | Depende de cada pessoa, independentemente do género. | Somos iguais. | Hoje em dia, os homens sentem-se intimidados pelas mulheres fortes e aventureiras. Eles estavam acostumados a ser os dominadores num relacionamento. Hoje, eles assustam-se quando uma mulher tenta conseguir o que quer deles. |
| 10 – Opinião sobre a vida sexual rotineira | Aborrecimento. | Qualquer coisa que tenha a ver com rotina, para mim é negativo. | Não é muito boa... | Podia estar melhor, mas a vida profissional assim não nos permite. | A rotina é boa, o hábito não! |

| | | | | | |
|---|---|--|--|---|--|
| 11 - Implicações de uma vida sexual rotineira | Perda de interesse e traição. | Más. | Isto acontece, na minha perspectiva, quando tudo o resto na vida do casal se transforma em rotina. | O stress da vida, o pouco tempo que se está com a pessoa. | Uma vida sexual rotineira contribui para a felicidade numa relação. O sexo é parte integrante de uma relação amorosa. |
| 12 – Rotina no relacionamento amoroso | Sim, porque na novidade é que está o interesse. | Não faz sentido, mas isso depende sempre do/a parceiro/a. | Não. | Não, porque só cai na rotina se o casal deixar. | Sim, mas quando se conhece bem o parceiro encontra-se forma de melhor o agradar. |
| 13 – Estratégias para quebrar a rotina | Cada um deve ser livre de fazer o que quiser. | Espontaneidade, vontade de surpreender, desejo... | Imaginação... | | Experimentar coisas novas, vestir-se de forma sensual, brincar com os papéis, se o relacionamento é muito forte convidar uma terceira pessoa para a cama, às vezes. Tentar sempre que o sexo seja interessante. |
| 14 – Encontros sexuais ocasionais para quebrar a rotina | Perfeito desde que o/a parceiro/a esteja de acordo. | Acho mal, as coisas devem ser resolvidas em casal, ou então mais vale terminar o relacionamento. | Conversado e com regras bem definidas é aceitável, se o casal souber conviver com isso. | Não faz sentido. Há outras maneiras de quebrar a rotina e não envolver terceiros. | Pode ser uma coisa perigosa de se fazer, mas acho que a maioria das pessoas honestas que admita essa possibilidade, considerando-a como uma opção quando está num relacionamento de longo prazo, pode ter prazer com isso. |
| 15 - Opinião sobre a prostituição | Não me interessa. | Acho bem desde que as raparigas estejam seguras e saudáveis. | Não tão bem... | Não condeno, cada um sabe de si. | Quando eu era (muito) mais jovem considerei ser prostituta. Eu gostava da ideia de ser paga para fazer algo que gosto e em que acho que sou boa. Se a prostituição compreende dois adultos predispostos e que dão consentimento às suas acções, não há nada de errado nisso. |
| 15.1 - Prostituição como procura de prazer que não existe em casa | Não. | Não. | Sim. | Sim. | Sim. |
| 16 – Monogamia vs poligamia | A monogamia é uma hipocrisia criada pela | Eu prefiro ter apenas uma parceira, mas quando o | Não tenho opinião sobre estas duas situações sem | Monogamia - encontra a pessoa certa que te dá | Acho que a monogamia é uma ideia irrealista e a |

| | | | | | |
|---|--|---|----------------------------------|---|---|
| | igreja; a poligamia é o instinto natural dos seres humanos. | relacionamento não funciona, deve-se iniciar um novo. | estarem dentro de um contexto... | sexualmente, amorosamente e ainda companheirismo. Poligamia - até podes gostar da pessoa mas se ela/e não te completa em alguma coisa... | maioria das pessoas acha difícil permanecer fiel a uma única pessoa. Eu acho que a sociedade deve mudar a sua visão sobre a poligamia - o mundo seria um lugar melhor se houvesse um pouco mais de liberdade. |
| 17 – Identificação com monogamia ou poligamia | Poligamia! Dá-me uma grande sensação de liberdade. | Monogamia. | Monogamia. | Monogamia, porque tenho um parceiro que me completa em tudo. Não preciso de mais ninguém. | Eu gostaria de dizer monogamia. Agora estou num relacionamento amoroso com um homem muito bom e não durmo com mais ninguém, mas no passado eu era mais poligâmica... |
| III – Experiências sexuais no quotidiano | | | | | |
| 18 – Iniciação sexual | 17 | 15 | 16 | 18 | 14 |
| 19 – Pessoa com quem perdeu a virgindade | Amiga. | Amiga. | Namorado. | Namorado. | Namorado. |
| 20 – Caracterização do percurso amoroso/sexual | A minha vida romântica e sexual é escassa, nunca é suficiente. | Boa e satisfatória mas às vezes escassa. | Normal. | Desde que comecei a minha vida sexual a seguir ao namorado em que perdi a virgindade, comecei a namorar com a pessoa que me casei. Depois do divórcio tive 4 relacionamentos sem importância, até encontrar a pessoa que estou agora. | A minha primeira experiência sexual foi, como julgo que seja para todas as mulheres, má e dolorosa. Para além disso, o meu namorado nessa altura traiu-me e contagiou-me com uma DST. Conheci um novo homem aos 15 anos e casei-me com ele. Estivemos juntos durante 10 anos e durante esse tempo tive muitos casos com outros homens. De facto, um dos homens com quem o trai foi o meu actual marido. Também dormi com a minha melhor amiga e o seu marido na noite anterior a eles se casarem. Agora, estou a tentar |

| | | | | | |
|---|---|--|---|--|---|
| | | | | | convencer o meu marido a convidar uma rapariga para se juntar a nós na cama. |
| 21 – Auto-avaliação da vida sexual/sexualidade activa/comparação com a vida sexual dos amigos | Sim; Tenho amigos que têm uma vida sexual mais activa que a minha, mas também tenho outros com uma vida menos activa. Depende dos casos... | Sim; Fora aquilo que os outros pensam, eu acho que a minha vida sexual é igual à dos meus amigos, nem mais nem menos. | Sim, agitada; Agitada. | Podia estar melhor se não fossem os horários que temos e o pouco tempo livre. Considero-me uma pessoa activa; Eu sou mais desconfiada, gosto de fazer surpresas sexuais ao meu parceiro, sem grandes tabus e falo à vontade com ele sobre sexualidade. | Sou sexualmente bastante activa. Quando não tenho sexo suficiente costumo masturbar-me; Acho que temos a mesma quantidade de sexo que a maioria dos nossos amigos. No entanto, como sou muito aberta em falar sobre sexo e sobre o quanto adoro fazer sexo, as pessoas assumem que eu faço mais do que elas. |
| 22 – Experiências sexuais radicais/fora do comum; parceiros(as) nessa experiência | Três homens e três mulheres numa cama. Amigos. | Estar com mais de uma mulher num lugar bastante público; Amigas. | Sexo dentro de um A4; Parceiro habitual. | Estar com um homem e mais uma mulher ao mesmo tempo; Um amigo "colorido". | Sexo a três com a minha melhor amiga e o marido dela. Foi uma experiência fantástica. |
| 23 – Número de parceiros sexuais nos últimos 12 meses; parceiros(as) nessa experiência | 8; Amigas. | 1; Parceira habitual. | 1; Parceiro habitual. | 1; Parceiro habitual. | 1; Parceiro habitual. |
| 24 – Descrição das experiências sexuais com outros parceiros que não o habitual, nos últimos 12 meses | Reconfortante e cheia de prazer. | | | | |
| 25 - Infidelidade | Sim; Sensação de desfrutar do sexo por prazer e sem compromisso. | Não. | Não. | Não. | Sim; Eu era infeliz com o meu anterior marido. Ele era muito mais velho que eu e bastante controlador. Queria ser eu a controlar na cama, por isso traí. |
| 26 – Pagamento por serviços sexuais | Não. | Sim; Raramente; Em momentos em que não | Não. | Não. | Não. |

| | | | | | |
|--|--|---|--|--|--|
| | | tinha parceira e me apetecia ter relações sexuais sem compromisso; Medianamente satisfatórias. | | | |
| 27 – Uso do preservativo | Sim; Encontros ocasionais. | Não; Raramente uso porque estou sempre com a mesma pesos e ela toma as suas precauções (egoísta, eu sei!). | Não; Porque só o faço com o meu marido. | Não; Porque tenho o mesmo parceiro há três anos e confio nele e ele em mim. | Não; Porque tomo outros contraceptivos e estou numa relação amorosa de confiança. O meu marido detesta a sensação dos preservativos. |
| 28 – Aspectos a mudar na vida sexual | Não. | Sim; Gostava de ter mais sexo com a minha companheira, bem como algo menos convencional. | Não. | Sim; Termos mais tempo para nós. | Sim; Gostava que o meu marido fosse mais confiante na cama. Ele é tímido. Sente-se intimidado com o meu apetite sexual e preocupa-se por poder desapontar-me. Mas ele não pode desapontar-me porque eu adoro-o. |
| IV – Experiências sexuais em férias | | | | | |
| 29 – Aumento da actividade sexual em férias | Sim, as pessoas sentem-se mais livres. | Sim, porque estás mais relaxado e mais propenso a ter relações. | Sim, há menos preocupação. | Sim, porque estamos mais tempo um com o outro, estamos mais relaxados. | Sim, porque estamos mais relaxados, longe de casa e normalmente um pouco bêbados. |
| 30 – Avaliação das experiências sexuais em férias | Ao estar mais relaxado desfruto mais. | Melhores. | | É muito melhor quando estamos de férias, não há o stress do dia-a-dia. | É sempre bom fazer sexo em diferentes locais, no quarto de hotel ou até na praia, quando estamos longe de tudo e de todos. É excitante. |
| 31 – Comportamentos sexuais diferentes durante as férias | Sim; Mais festa, mais tempo livre para desfrutar do sexo. | Sim; Nada em especial, mas estou mais relaxado e com mais tempo livre. | Não. | Não. | Não. |
| 32 – Ter mais de um parceiro sexual | Sim, porque cada noite é noite de festa... | Sim, se a parceira não se importar. Caso contrário, sou adepto da monogamia. | Talvez. | Não, porque não me iria dar mais prazer. | Sim, mas eu estou sempre a querer ter mais de um parceiro sexual. |
| 33 – Pagar por serviços sexuais | Não, prefiro pensar que a pessoa que está comigo | Não. | Não. | Não, porque acho que não há necessidade. | Sim, desde que eu e o meu marido queiramos alguém |

| | | | | | |
|--|---|---|---|--|---|
| | está porque quer e porque quer desfrutar de bons momentos comigo. | | | | para se juntar a nós no sexo. Uma experiência a três. |
| 34 – Ter relações sem preservativo | Não, com a saúde não se brinca. | Só com a minha companheira. Se for uma relação esporádica uso preservativo. | Não. Obviamente por uma questão de protecção. | Como tenho o meu namorado há 3 anos sim, mas se não tivesse e conhecesse alguém, então seria com preservativo. | Não com pessoas que eu não conheço! |
| V – Experiências sexuais na Concentração Motard de Faro | | | | | |
| 35 – Experiências sexuais na Concentração por comparação com as férias | Muitas coisas em pouco tempo. | Boas. | Normais. | É a mesma coisa que estar de férias. | A nossa vida sexual na Concentração de Faro aumenta sempre. Adoro o facto de que as pessoas na tenda ao lado possam ouvir tudo o que fazemos – acho muito excitante! Mas, a não ser que entremos uma rapariga simpática para se juntar a nós, sou sempre só eu e o meu marido. |
| 36 - Experiências sexuais na Concentração por comparação com a vida quotidiana | As pessoas vão para aproveitar o evento e sabem o que têm a fazer tem de ser por pouco tempo, pelo que há que aproveitar ao máximo as oportunidades que surgem. | Boas. | Normais. | A mesma coisa, nada muda. | A nossa vida sexual na Concentração de Faro aumenta sempre. Adoro o facto de que as pessoas na tenda ao lado possam ouvir tudo o que fazemos – acho muito excitante! Mas, a não ser que encontremos uma rapariga simpática para se juntar a nós, sou sempre só eu e o meu marido. |
| 37 – Influência do álcool/drogas | Sim, promovem as relações. | Sim, estou mais relaxado por estar de férias e por ter tomado algo. | Não posso pronunciar-me pois não consumo. | A minha nada muda mas, na minha opinião, favorecem a relações. | O álcool e as drogas reduzem as inibições, facilitando as conversas com outras pessoas, bem como relaxar e divertir-se. |
| 38 – Influência dos shows eróticos | Sim, promovem as relações. | Não. Influi sim o estar confortável e relaxado. | Sim, favorecem a actividade. | Eu acho que não influenciam em nada, é só um show. | As pessoas que assistem aos shows eróticos na Concentração de Faro |

| | | | | | |
|--|--|--|--|--|---|
| | | | | | apreciam-nos e sentem que estimulam o seu apetite sexual. |
|--|--|--|--|--|---|

* Tradução própria.

Nota: Os nomes dos entrevistados são fictícios.

ANEXO IX

Guião de Entrevista aos Membros do Moto Clube Faro

Guião de Entrevista aos Membros do Moto Clube Faro

Objectivo Geral: Aferir acerca da opinião dos membros do Moto Clube Faro sobre a Concentração enquanto espaço lúdico de carácter erotizado e do seu contributo para o sector do turismo na região.

| Blocos | Objectivos específicos | Questões | Tempo previsto |
|---|---|--|----------------|
| 1º Bloco Apresentação e legitimação da entrevista | Apresentar os objectivos da entrevista | | 1 min. |
| 2º Bloco Motivações de visita | Conhecer as percepções dos entrevistados acerca das motivações de visita dos participantes na Concentração Motard de Faro | 1 - Na sua opinião, quais são os principais motivos que trazem os motards à Concentração? | 4 min. |
| 3º Bloco Concentração enquanto espaço lúdico de carácter erotizado | Aferir acerca das percepções dos entrevistados sobre a Concentração enquanto espaço lúdico de carácter erotizado | 2 – Por que motivo a Concentração oferece um ambiente erotizado (através dos espectáculos de striptease e do concurso Miss T-shirt Molhada) aos seus visitantes, quando aquilo que os motiva para vir ao evento é o convívio e o espírito motard? 3 – Considera que os shows eróticos disponibilizados pela organização da Concentração fazem aumentar a actividade sexual dos participantes durante o evento? Em que medida? 4 – E qual é a influência do álcool e/ou drogas na actividade sexual dos participantes? 5 – Já teve conhecimento de práticas sexuais mais radicais/fora do comum desenvolvidas pelos participantes dentro do recinto da Concentração? Pode contar-nos essas experiências? 6 – Já teve conhecimento de algum participante que tivesse recorrido aos membros da organização para saber informações acerca de bares de alterne, casas de prostituição existentes no Algarve, ou mesmo para solicitar o vosso apoio no sentido de facilitarem encontros sexuais com acompanhantes? 7 – Na sua opinião, quais são as principais diferenças entre o comportamento dos homens e das mulheres, durante a Concentração? 8 – Em duas ou três palavras, como descreve o ambiente vivido durante a Concentração? | 15 min. |
| 4º Bloco Importância da Concentração para o desenvolvimento do sector do turismo no Algarve | Perceber a importância que os entrevistados atribuem à Concentração enquanto evento dinamizador do turismo no Algarve | 9 – Qual a importância da Concentração para o desenvolvimento do sector do turismo no Algarve? | 4 min. |

ANEXO X

Transcrição das Entrevistas aos Membros do Moto Clube Faro

Entrevista a José Amaro – Presidente do Moto Clube Faro

1 – Na sua opinião, quais são os principais motivos que trazem os motards à Concentração?

O principal motivo é a paixão pelas motas, o gosto pelas viagens, o conhecer novas pessoas e uma das partes também essenciais, no caso deste ano, é a trigésima Concentração, são 30 anos. Até hoje a Concentração correu sempre bem e espero que este ano também corra como nos anos anteriores. E isso é que faz com que as pessoas venham cá a Faro.

2 – Por que motivo a Concentração oferece um ambiente erotizado (através dos espectáculos de striptease e do concurso Miss T-shirt Molhada) aos seus visitantes, quando aquilo que os motiva para vir ao evento é o convívio e o espírito motard?

O show erótico é uma pequenina parte de tudo o que se passa na Concentração. O show erótico faz parte do universo motociclista, o sensual, a paixão... no fundo representa a paixão. Mas isso é uma pequena parte do que é a Concentração. A Concentração é composta por N coisas e isso é uma pequena parte, que não é de facto, o principal da Concentração. Aliás, os shows neste momento são mais em termos de espectáculo. Por exemplo no caso dos strips, já não existe aquele striptease convencional, o striptease normal. São 15 elementos femininos em palco, só três ou quatro é que são strippers e o resto são bailarinas. Vemos aquilo mais no aspecto do espectáculo do que em sentido erótico.

3 – E porque acha importante ter essa componente dentro da Concentração?

Porque é uma componente engraçada, que diverte as pessoas. Tanto os homens como as mulheres até gostam de ver um bom striptease, que não é o caso ali, que não há striptease praticamente. Quem quiser ver um striptease vai a uma casa de striptease não vai a uma Concentração, onde não há ambiente para isso. Mas ali torna-se, de facto, um ambiente agradável. Nem sempre o fizemos, começámos a fazer o show erótico, se não me engano, na décima Concentração. Levámos montes de anos sem fazer mas depois metemos incluído na Concentração. Mas, em qualquer altura, também se pode tirar que não é por causa disso

que as pessoas deixam de vir. As pessoas vêm aqui por um todo e não por uma coisa que diverge um bocadinho das outras.

4 – Considera que os shows eróticos disponibilizados pela organização da Concentração fazem aumentar a actividade sexual dos participantes durante o evento? Em que medida?

Não, não tem influência nenhuma, acho que não. Aquilo é mais um meio de divertimento do que outra coisa qualquer.

5 – E qual é a influência do álcool e/ou drogas na actividade sexual dos participantes?

Sim, talvez no aspecto... eu não me meto em drogas e não fumo, e beber, bebo pouco... talvez no aspecto do álcool, não estou a dizer num grau elevado de alcoolemia, mas talvez se beber umas cervejinhas a pessoa talvez fique um pouco mais desinibida. Se calhar, diz-se coisas que não se dizia no sistema normal e assim, ao beber uns copos, a pessoa sente-se mais livre. E isso leva a que possa haver outro tipo de contactos entre as pessoas.

6 – Já teve conhecimento de práticas sexuais mais radicais/fora do comum desenvolvidas pelos participantes dentro do recinto da Concentração? Pode contar-nos essas experiências?

Ali existem milhares de pessoas, acho eu que já foram feitos centenas de filhos ali naquela Concentração, penso eu e tenho a certeza. Já com certeza foram feitos montes de filhos ali, é uma referência. Até nisso o Moto Clube Faro e a Concentração ficam ligados a determinados nascimentos, visto que existem muitas pessoas também. E o clima também é propício e o ambiente também é propício, portanto... mas não quer dizer que as pessoas venham com esse propósito. Mas faz parte da vida...

Em termos do fora do normal, posso-lhe dizer por exemplo que aí há uns três anos, junto a uma das tendas principais, ali em pleno público estava um inglês e uma inglesa no seu acto sexual. As pessoas passavam, olhavam e eles, por sua vez, não ligavam nada. Deu-lhes para ali, se calhar também estavam com um copo a mais... e pronto, ali ficaram. As pessoas passavam e não ligavam muito a eles e eles, por sua vez, também não ligavam muito às pessoas. Os membros da organização viram mas não fizeram nada. Quando se exagera em

alguma coisa pois a gente avisa. Naquele caso, não era nada fora do vulgar e não estava a ferir ninguém. Agora vamos lá ver, muitas das vezes na tenda grande, devido à música ou isso, as pessoas às vezes despem-se na brincadeira. Se se despem em termos de gozo e porque aquilo se proporcionou, a gente não leva a mal e entra até na brincadeira e tudo... agora se a pessoa se vai despir em termos exibicionistas, aí é totalmente diferente, é cortado logo na hora. Depende da forma como as pessoas se comportam, com certeza.

7 – Já teve conhecimento de algum participante que tivesse recorrido aos membros da organização para saber informações acerca de bares de alterne, casas de prostituição existentes no Algarve, ou mesmo para solicitar o vosso apoio no sentido de facilitarem encontros sexuais com acompanhantes?

Não, não, a mim nunca me aconteceu isso. Se eles estiverem interessados nisso eles é que se desenrascam. Aqui a grande maioria, ou 99,9% vêm para a Concentração. Dá-lhes gozo estar ali, é todo aquele ambiente que se cria e acho que não. Se calhar alguns vão daqui para bares mais eróticos e irão para a zona de Albufeira, ou uma coisa assim. Agora aqui em Faro não há assim nada.

8 – Em duas ou três palavras, como descreve o ambiente vivido durante a Concentração?

É bom, acho que é um ambiente bom. É um ambiente livre mas com determinados condicionalismos logicamente, porque há regras a cumprir. Mas acho que as pessoas que vêm até Faro se sentem um pouco livres. Sentem ali talvez um pouco da liberdade que se calhar lhes falta na vida civil. Primeiro é a quebra da rotina, depois entram num local onde a grande maioria das pessoas comunga um interesse e uma paixão que é as motas e a liberdade, e ali sentem-se de facto no seu mundo, independentemente da sua profissão. Ali temos desde pescadores a advogados, a juristas, a médicos, tudo... Por exemplo, ainda hoje eu estive aqui com um espanhol que é tenente-coronel do exército espanhol e vem sempre à Concentração. Quem o ver aí como eu o vi hoje, e andei a dar uma volta com ele, ninguém lhe passa pela cabeça que ele é um tenente-coronel do exército espanhol. E, no entanto, já está cá, chegou quinze dias antes e ele anda aí em calções com a esposa por todo o lado. Ele está aí num hotel hospedado mas na segunda vai deixar o hotel e vai acampar para lá

porque lá é que ele gosta de estar. Gosta de apanhar o pó para ver aquilo e de estar metido naquele ambiente. É completamente diferente estar lá dentro do que estar cá fora.

9 – Qual a importância da Concentração para o desenvolvimento do sector do turismo no Algarve?

Basta dizer que no ano passado tivemos aqui mais espanhóis do que portugueses. Andará à volta de 60,0% o número de estrangeiros que vêm neste momento à Concentração. E mesmo os portugueses, muitos do Norte, muita gente mesmo.

Entrevista a Arnaldo Brasa – Relações Públicas e Secretário-geral do Moto Clube Faro

1 – Na sua opinião, quais são os principais motivos que trazem os motards à Concentração?

Acima de tudo eles vêm pelo gosto pelas motas, pelo prazer de vir, de viajar, de conhecer outras pessoas... acima de tudo, por isso. Pelo convívio. Uma Concentração o que é? Acaba por ser um convívio entre pessoas que partilham o mesmo gosto.

2 – Por que motivo a Concentração oferece um ambiente erotizado (através dos espectáculos de striptease e do concurso Miss T-shirt Molhada) aos seus visitantes, quando aquilo que os motiva para vir ao evento é o convívio e o espírito motard?

Isso acabou por ser uma consequência até do que se faz lá fora. A gente no fundo acabámos por “copiar” o que se faz lá fora. Pessoalmente a mim já nada me diz. Há muitas coisas ali que já não me dizem nada. Só que, por vezes, acabar com, chamemos-lhe quase com uma tradição que começou, é um bocado “aborrecido”, chamemos-lhe assim. As pessoas sentem falta de qualquer coisa. Eu penso que isto acabou por ser um bocado uma cópia do que se fazia lá fora. Nós íamos lá fora e víamos que havia este tipo de espectáculos, e depois começamos a juntar este tipo de espectáculos como sendo mais um espectáculo, sem ter nada a ver com o que muita gente às vezes pensa. Somos casados, temos filhos, alguns têm filhas... eu não tenho, mas tenho um filho com 29 anos. Alguns têm filhas com 20 e tal anos e não estavam a ver bem a filha numa situação daquelas, não seria uma coisa muito agradável. A gente não quer para os nossos às vezes o que vê nos outros. Mas penso que acaba por ser um bocado isso, sabe... pelo menos aqui em Faro acabou por ser isso, nós vimos isso noutros sítios e acabámos por “copiar” o espectáculo em si. Por uma questão talvez de atrair público, não com outro intuito, mas talvez sendo mais um espectáculo para atrair público, dentro de todo o resto.

3 – Mas se vocês decidissem acabar com este tipo de espectáculo, acha que viriam menos pessoas?

Eu não diria, acho que não. Mas é assim, está um bocadinho enraizado nas pessoas que aqui vêm haver aquele tipo de show. Eu posso lhe dizer uma coisa, nós agora trabalhamos com empresas portuguesas, embora as senhoras que trabalham lá sejam de diferentes países, Brasil e Leste. Mas nós há uns anos atrás trabalhávamos muito com francesas, começámos por trazer esse espectáculo da França, porque tínhamos um sócio em França, que por acaso até é francês.

4 – E comparativamente com outros espectáculos que vocês oferecem, acha que as pessoas se divertem mais nos shows eróticos?

Não creio. Eu acho que é assim, as pessoas mais velhas, sendo muito honesto, levam talvez o espectáculo mais a sério e os mais novos levam aquilo mais na brincadeira, tanto se lhes dá como se lhes deu. E eu ainda há bocado queria dizer-lhe isso, nós há uns anos trazíamos para cá umas artistas francesas e uma delas tinha sido Miss Penthouse. Foi o melhor espectáculo que já tivemos aqui, em que ela só fez topless, tão simples quanto tudo. E aquilo começou de uma forma, pronto, a dançar, e depois no fim acabou em topless. Toda a gente estava à espera de ver mais alguma coisa, e não. Era mesmo um espectáculo. Sem dúvida alguma que foi talvez dos melhores espectáculos que tivemos. Mas pronto, as pessoas estão ali sempre “tira, tira, tira”... eu penso que aquilo às vezes também é um bocado, acho eu, talvez um bocadinho de uma mistura de álcool, talvez alguns frustrados. Num espectáculo destes há de tudo. O comportamento dos homens com as mulheres, por vezes, e sabe disso, quando vamos a uma discoteca seja onde for, porque às vezes as pessoas até fazem disto como isto sendo uma coisa do outro mundo. Mas se você for a uma discoteca vê que há comportamentos pouco dignos de algumas pessoas com uma cultura média ou até acima da média. Nós aqui temos gente de todo o estrato social, portanto isto depois depende. Mas penso que o show erótico é uma coisa dispensável, sou-lhe sincero.

5 – Na sua opinião, quais são as principais diferenças entre o comportamento dos homens e das mulheres, durante a Concentração?

Acho que as mulheres são mais mal comportadas do que os homens. Eu vejo muitas vezes o Dia da Mulher e vejo mulheres já com uma certa idade, às vezes, 40 e tal, 50 anos, quando há aqueles shows eróticos masculinos, vê-se que elas vibram com aquilo de uma forma um bocado... penso que isso também é frustração da pouca saída das pessoas. Quanto mais convivência nós temos menos ligamos às coisas. Você no trabalho que tem ou eu no trabalho que tenho, às vezes as coisas passam muito ao lado porque são demasiado banais, já faz parte. Sei lá, eu se lidar todos os dias com cerveja, a cerveja não me diz nada, se lidar todos os dias com dinheiro, o dinheiro acaba por não me dizer nada (embora me faça falta). Penso que isso é às vezes um bocado frustração das pessoas, mas vejo nas mulheres um comportamento mais agressivo do que nos próprios homens, sem dúvida alguma.

6 – Considera que os shows eróticos disponibilizados pela organização da Concentração fazem aumentar a actividade sexual dos participantes durante o evento? Em que medida?

Eu acho que não, de forma alguma. Isso depende da forma como as pessoas vêm. É quase que incompreensível que o homem veja outra mulher e vá depois com a parceira, pensar na outra mulher, quer dizer... Eu estou-lhe a falar com à-vontade porque eu sou casado há 29 anos com a mesma mulher e não vejo isso como sendo uma coisa que possa contribuir para alguma actividade sexual. Não consigo perceber mesmo. Sinceramente não. Isto no meu ponto de vista, mas isto há tarados de todo o tipo, há tarados para tudo. Mas não vejo o que é que isso numa pessoa normal possa influenciar. Aquilo não passa de um show, de um espectáculo. Isso é como um próprio filme. Por vezes um filme erótico, com algum erotismo, é mais estimulante do que um filme mesmo mais pornográfico. É como na praia, toda a gente anda na praia e faz topless, não é nada de especial. Então é o sítio que muda a visão da pessoa? Eu moro na praia e vejo N pessoas, mulheres principalmente, a fazerem topless o dia inteiro. Às vezes até há pessoas que estão nuas... mas pronto, eu não me via naquela posição, sou-lhe sincero. Não me diz nada sinceramente. Mas depende da intenção

com que uma pessoa está. É por isso que há campos de nudistas e não é por isso que lhes estimula isto ou aquilo...

7 – E qual é a influência do álcool e/ou drogas na actividade sexual dos participantes?

Eu acho que nós somos a mesma pessoa com álcool ou sem álcool. Acho é que as pessoas talvez fiquem um pouco mais desinibidas. Penso que altera o comportamento das pessoas, isso é mais do que evidente. Acabam por ficar mais desinibidas... isso também depende da droga, isto é como tudo. Um gajo que fuma ali um charro, um charro é uma coisa tão banal hoje em dia... Eu tenho putos aqui com vinte e tal anos que fumam o seu cigarrinho e que não deixam de ser competentes por isso. Portanto isto tem tudo a ver com o estado de espírito da pessoa. A droga tanto faz uma pessoa suicidar-se, como faz se calhar a pessoa trabalhar melhor, ou praticar sexo. Isso tem a ver com o estado de espírito da pessoa. Pode estar mais inibido e vê uma rapariga e fala com outro à-vontade, porque ela lhe vai desculpar porque ele está bêbado... se calhar poderá contribuir um bocado para isso. Agora quanto ao resto acho que não.

8 – Já teve conhecimento de práticas sexuais mais radicais/fora do comum desenvolvidas pelos participantes dentro do recinto da Concentração? Pode contar-nos essas experiências?

Eu sou-lhe sincero, nunca me apercebi mas, como é óbvio, não vamos agora esconder a cabeça na areia, que não seja uma coisa que não se pratique. Até porque isto é convidativo. E para algumas pessoas então que só estão habituadas e que só vivem em grandes cidades, isto é convidativo. Mas nunca me apercebi de nada, sinceramente. Nunca vi loucura nenhuma, nem nunca ninguém me disse que estava uma loucura assim ou assado, eh pá, não... Tudo mais ou menos dentro do normal. Pois, as pessoas estarão à-vontade, poderão estar mais desinibidas aqui ou além, mas nunca dei por nada, sinceramente.

9 – Já teve conhecimento de algum participante que tivesse recorrido aos membros da organização para saber informações acerca de bares de alterne, casas de prostituição existentes no Algarve, ou mesmo para solicitar o vosso apoio no sentido de facilitarem encontros sexuais com acompanhantes?

Acontece muito com pessoas de uma idade mais avançada. Mas não propriamente só aqui. Aqui é normal, nós estamos a falar de termos aqui metade da cidade de Faro. Nestes quatro dias, a viverem aqui temos metade da população, portanto há sempre uma pergunta dessas ou outra, sem dúvida alguma. Mas isso também acontece no dia-a-dia, sempre com as pessoas mais velhas, pessoas de 40, 40 e tal anos. Eu continuo a achar que isso é tudo uma questão de frustração das pessoas. Não vejo isso de uma outra forma. Eu aceito bem ver um espectáculo, não aceito às vezes é a venda do corpo dessa forma. Não aceito muito bem, não convivo muito bem com isso. Nós somos uns animais racionais e fomos feitos para outra coisa, fomos feitos para ter prazer e para o gosto de ter prazer. Já basta que tenhamos de pagar por tudo o resto, não é? Que também é prazer, o quer ir à praia, o querer ir ao cinema, sei lá... Por isso eu não concordo muito com isso, sinceramente não. Nunca me aconteceu também alguém me procurar para arranjar uma companheira, nem com artistas tão pouco. Foi uma coisa que comigo nunca me aconteceu. Já me aconteceu perguntarem-me onde é que podem comprar um bocado de haxixe ou uma coisa dessas, mas nunca me aconteceu uma situação dessas de procurarem uma mulher.

10 – Em duas ou três palavras, como descreve o ambiente vivido durante a Concentração?

Eu acho que é fantástico. Como em tudo há a parte podre, chamemos-lhe assim, há a parte que não presta no meio disto tudo. As pessoas que vêm para aqui desde o vandalizar, desde o querer arranjar chatices com as outras pessoas... mas isso é tão minoritário no meio disto tudo, é tão insignificante que a gente nem se lembra que eles existem. Eu acho que é fantástico e é tão simples quanto isto: temos aqui N de culturas e N são mesmo muitas, temos a Europa inteira aqui, desde os países nórdicos, aos países do Mediterrâneo. E é assim, nunca há chatice entre as pessoas. Pessoas com diferentes idiomas, cada um fala a sua língua, muitos não falam outra língua senão a deles, sejam alemães, sejam portugueses... não somos só nós, nós somos os que falamos mais línguas, ao menos

esforçamo-nos por isso. Em nenhum outro encontro deste tipo, competição, seja o que for, você tem a amizade e a entreaajuda que existe aqui. Isto tem a ver um bocado com o espírito das motas. Estão todos aqui à procura da mesma coisa: beber uns copos, conversar, divertirem-se. Não vejo problemas nem com as mulheres de ninguém, nem com o gajo que se meteu com a mulher de alguém... mas sabe que isto há sempre estúpidos, a gente às vezes olha por olhar. Uma mulher olha para um homem quando é bonito, como um homem olha para uma mulher quando é bonita. Eu acho que isso não é comer ninguém nem ofender ninguém. Claro que depois depende do companheiro ou da companheira. “Que é que tas a olhar?”, às vezes pode acontecer... Mas os problemas são muito poucos ao pé de um ambiente destes. Acho que é um ambiente fantástico. Aliás, eu ainda ontem disse, eu tenho muito orgulho em pertencer a esta equipa, mas muito orgulho mesmo! Falo agora na montagem, estamos aqui 20 ou 30 pessoas por dia, e eu sinto mesmo orgulho, acredite. Estamos todos a trabalhar pela mesma causa e é mesmo por isso que eu sinto orgulho. Aí há dias vieram dois irlandeses, um numa semana e outro noutra, de propósito para virem ajudar na montagem. E também um senhor que estava a apanhar lenha que tinha tido cinco AVC's. Isto para ele é uma terapia, está a ver? Sinto orgulho, a sério. Acho que me sinto honrado por pertencer a este grupo. Sinto-me honrado, é a palavra mais correcta. Emociona-me mesmo muito ver que as pessoas conseguem vir do país deles, de tão longe, e virem para aqui trabalhar a troco de zero. Deste ambiente não lhe consigo dizer mais nada, só lhe consigo dizer isto: faz pessoas virem da Irlanda, faz pessoas que tiveram cinco AVC's estarem aqui, e todos de idades diferentes e todos a darem-se bem, que é a parte mais difícil. É fantástico pronto, não há palavras. As pessoas tinham de vir ver isto para conseguirem compreender. Há coisas que na vida só vivendo para compreender.

11 – Qual a importância da Concentração para o desenvolvimento do sector do turismo no Algarve?

Eu acho que é muita. Muitas das pessoas que vêm a Faro, se calhar 30,0% é a primeira vez que vêm a Faro. E vêm por um motivo, que é uma Concentração. Se aplicarmos esse número desses 30,0% que vêm pela primeira vez, se forem bem recebidos aqui irão voltar de certeza. O que é lamentável é que nós tenhamos tão pouco apoio, seja do Turismo, seja da Câmara. A Câmara para fazer um evento destes gastaria uns largos milhares, e não o

conseguiria fazer tão bem quanto nós o fazemos. O Turismo para fazer uma promoção destas gastaria uns largos milhares, e não conseguiria fazer uma promoção tão boa quanto nós o fazemos. Porque nós temos uma preocupação em receber bem e as pessoas voltam. Se você for a um sítio e for bem recebida de certeza que irá lá voltar. Agora é assim, o turismo só se complementa com tudo. Nós primamos aqui por uma coisa, nós vamos ao pormenor de tudo. Nós cortamos a ervinha toda, se você entrar aí dentro vai ver que isso não tem nada a ver com o que estava durante o resto do ano. E eu acho que isto faz a diferença para as pessoas que nos visitam. Se calhar não é o turista que poderia ter mais-valias (o turista de Inverno, o turista do golfe...), eh pá, não. Mas é o turista que pode trazer o pai dele que será esse, pode trazer o avô, pode trazer o amigo. Se eles gostarem vão recomendar, eu acho que isto é tudo uma bola de neve, no fundo. Mas existe uma falta de apoio total das entidades públicas. As pessoas é que têm vergonha de dizer e têm por vezes medo das represálias. Estamos a falar de ter aqui diariamente cerca de 30 mil pessoas, não estamos a falar de ter aqui 30 mil pessoas que não saem daqui. Estamos a falar de ter aqui 30 mil pessoas que, por sua vez, irão grande parte deles para hotéis, restaurantes, praias e passearem pelo Algarve inteiro. Este evento é um evento do Algarve, não está já sujeito ao concelho de Faro. Há N concentrações durante o ano inteiro no Algarve, mas você só vê motas quando há a Concentração de Faro. Você tem mais motas em Olhão do que tem quando há a Concentração de Olhão, por exemplo. E isto teria de ser aproveitado... Para você ter uma ideia, nós este ano do Turismo vamos receber zero. O ano passado recebemos 10 mil euros, que é uma gota de água dentro do oceano. Estamos a falar de um investimento no ano passado de um milhão e seiscentos mil euros. E este ano poderemos pensar num investimento de quase dois milhões de euros. Este ano vamos ter Iron Maiden, que é um espectáculo que custa para um produtor qualquer entre 500 a 750 mil euros de produção. Mas claro que nós o vamos ter muito mais barato porque temos algumas relações de amizade com o Steve Harris, que é o líder da banda. No fundo, os espectáculos são a coisa mais cara que temos aqui. Nós temos que repensar um bocado até que ponto é que valerá a pena investir tanto em espectáculos, quando na maioria das vezes quem está a assistir aos espectáculos serão 50,0% dos participantes, talvez. O resto anda tudo por aí passeando ou estão na tenda A e na tenda B, e aqui e além. Mas isso é que é lamentável. Eu gostava que tivéssemos um pouco mais de apoio, tenho pena de não termos.

ANEXO XI

Sinopses das Entrevistas aos Membros do Moto Clube Faro

| Dimensões/ Categorias | José Amaro – Presidente do Moto Clube Faro | Arnaldo Brasa – Relações Públicas e Secretário-geral do Moto Clube Faro |
|---|--|--|
| I – Motivações de visita | | |
| 1 – Motivos que trazem os motards à Concentração | O principal motivo é a paixão pelas motas, o gosto pelas viagens, o conhecer novas pessoas e uma das partes também essenciais, no caso deste ano, é a trigésima Concentração, são 30 anos. | Acima de tudo eles vêm pelo gosto pelas motas, pelo prazer de vir, de viajar, de conhecer outras pessoas... acima de tudo, por isso. Pelo convívio. Uma Concentração o que é? Acaba por ser um convívio entre pessoas que partilham o mesmo gosto. Estão todos aqui à procura da mesma coisa: beber uns copos, conversar, divertirem-se. |
| II - Concentração enquanto espaço lúdico de carácter erotizado | | |
| 2 – Ambiente vivido na Concentração | É bom, acho que é um ambiente bom. Sentem ali talvez um pouco da liberdade que se calhar lhes falta na vida civil. Primeiro é a quebra da rotina, depois entram num local onde a grande maioria das pessoas comunga um interesse e uma paixão que é as motas e a liberdade, e ali sentem-se de facto no seu mundo, independentemente da sua profissão. | Eu acho que é fantástico. Como em tudo há a parte podre, chamemos-lhe assim, há a parte que não presta no meio disto tudo. As pessoas que vêm para aqui desde o vandalizar, desde o querer arranjar chatices com as outras pessoas... mas isso é tão minoritário no meio disto tudo, é tão insignificante que a gente nem se lembra que eles existem. (...) temos aqui N de culturas (...), temos a Europa inteira aqui, desde os países nórdicos, aos países do Mediterrâneo. E é assim, nunca há chatice entre as pessoas. Em nenhum outro encontro deste tipo, competição, seja o que for, você tem a amizade e a entreaduda que existe aqui. Isto tem a ver um bocado com o espírito das motas. Estão todos aqui à procura da mesma coisa: beber uns copos, conversar, divertirem-se. Aliás, (...) eu tenho muito orgulho em pertencer a esta equipa, mas muito orgulho mesmo! (...) Estamos todos a trabalhar pela mesma causa e é mesmo por isso que eu sinto orgulho. (...) Acho que me sinto honrado por pertencer a este grupo. Sinto-me honrado, é a palavra mais correcta. Deste ambiente não lhe consigo dizer mais nada, só lhe consigo dizer isto: faz pessoas virem da Irlanda, faz pessoas que tiveram cinco AVC's estarem aqui, e todos de idades diferentes e todos a darem-se bem, que é a parte mais difícil. É fantástico pronto, não há palavras. As pessoas tinham de vir ver isto para conseguirem compreender. Há |

| | | |
|---|---|---|
| | | coisas que na vida só vivendo para compreender. |
| 3 – Ambiente erotizado na Concentração | <p>O show erótico faz parte do universo motociclista, o sensual, a paixão... no fundo representa a paixão. Mas isso é uma pequena parte do que é a Concentração.</p> <p>Por exemplo no caso dos strips, já não existe aquele striptease convencional, o striptease normal. São 15 elementos femininos em palco, só três ou quatro é que são strippers e o resto são bailarinas. Vemos aquilo mais no aspecto do espectáculo do que em sentido erótico.</p> <p>Porque é uma componente engraçada, que diverte as pessoas. Tanto os homens como as mulheres até gostam de ver um bom striptease (...). Quem quiser ver um striptease vai a uma casa de striptease não vai a uma Concentração, onde não há ambiente para isso. Nem sempre o fizemos, começamos a fazer o show erótico, se não me engano, na décima Concentração.</p> <p>Mas, em qualquer altura, também se pode tirar que não é por causa disso que as pessoas deixam de vir. As pessoas vêm aqui por um todo e não por uma coisa que diverge um bocadinho das outras.</p> | <p>Isso acabou por ser uma consequência até do que se faz lá fora. No fundo acabámos por “copiar” o que se faz lá fora. (...) Há muitas coisas ali que já não me dizem nada. Só que, por vezes, acabar com (...) uma tradição que começou, é um bocado “aborrecido” (...).</p> <p>Nós íamos lá fora e víamos que havia este tipo de espectáculos, e depois começamos a juntar este tipo de espectáculos como sendo mais um espectáculo, sem ter nada a ver com o que muita gente às vezes pensa. (...) Por uma questão talvez de atrair público, não com outro intuito (...).</p> <p>(...) está um bocadinho enraizado nas pessoas que aqui vêm haver aquele tipo de show.</p> <p>(...) as pessoas mais velhas, sendo muito honesto, levam talvez o espectáculo mais a sério e os mais novos levam aquilo mais na brincadeira (...).</p> <p>(...) nós há uns anos trazíamos para cá umas artistas francesas e uma delas tinha sido Miss Penthouse. Foi o melhor espectáculo que já tivemos aqui, em que ela só fez topless, tão simples quanto tudo. E aquilo começou de uma forma, pronto, a dançar, e depois no fim acabou em topless. Toda a gente estava à espera de ver mais alguma coisa, e não. Era mesmo um espectáculo.</p> <p>(...) eu penso que aquilo às vezes também é um bocado, acho eu, talvez um bocadinho de uma mistura de álcool, talvez alguns frustrados. Num espectáculo destes há de tudo.</p> <p>Mas penso que o show erótico é uma coisa dispensável (...).</p> |
| 4 – Ambiente erotizado enquanto garante do aumento da actividade sexual | Não, não tem influência nenhuma, acho que não. Aquilo é mais um meio de divertimento do que outra coisa qualquer. | <p>Eu acho que não, de forma alguma. Isso depende da forma como as pessoas vêm. É quase que incompreensível que o homem veja outra mulher e vá depois com a parceira, pensar na outra mulher, quer dizer...</p> <p>Isto no meu ponto de vista, mas isto há tarados de todo o tipo, há tarados para tudo. Mas não vejo o que é que isso numa pessoa normal possa influenciar.</p> |
| 5 – Influência do álcool e/ou drogas no aumento da actividade sexual | (...) talvez se beber umas cervejinhas a pessoa talvez ficará um pouco mais desinibida. Se calhar, diz-se coisas que não se dizia no sistema normal e assim, ao beber uns copos, a pessoa sente-se mais livre. E isso leva a que possa haver outro tipo de contactos entre as pessoas. | <p>Penso que altera o comportamento das pessoas, isso é mais do que evidente. Acabam por ficar mais desinibidas...</p> <p>Portanto isto tem tudo a ver com o estado de espírito da pessoa. A droga tanto faz uma pessoa suicidar-se, como faz se calhar a pessoa trabalhar melhor, ou praticar sexo.</p> <p>Pode estar mais inibido e vê uma rapariga e fala com outro à-</p> |

| | | |
|---|--|---|
| | | vontade, porque ela lhe vai desculpar porque ele está bêbado... se calhar poderá contribuir um bocado para isso. Agora quanto ao resto acho que não. |
| 6 – Práticas sexuais mais radicais/ fora do comum | <p>Ali existem milhares de pessoas, acho eu que já foram feitos centenas de filhos ali naquela Concentração (...) é uma referência. Até nisso o Moto Clube Faro e a Concentração ficam ligados a determinados nascimentos (...). E o clima também é propício e o ambiente também é propício, portanto... mas não quer dizer que as pessoas venham com esse propósito.</p> <p>Em termos do fora do normal, posso-lhe dizer por exemplo que aí há uns três anos, junto a uma das tendas principais, ali em pleno público estava um inglês e uma inglesa no seu acto sexual. As pessoas passavam, olhavam e eles, por sua vez, não ligavam nada. Deu-lhes para ali, se calhar também estavam com um copo a mais... e pronto, ali ficaram. Os membros da organização viram mas não fizeram nada. Quando se exagera em alguma coisa pois a gente avisa. Naquele caso, não era nada fora do vulgar e não estava a ferir ninguém.</p> | Eu sou-lhe sincero, nunca me apercebi mas, como é óbvio, não vamos agora esconder a cabeça na areia, que não seja uma coisa que não se pratique. Até porque isto é convidativo. (...) as pessoas estarão à-vontade, poderão estar mais desinibidas aqui ou além, mas nunca dei por nada, sinceramente. |
| 7 – Posicionamento da organização na promoção de encontros sexuais | Não, não, a mim nunca me aconteceu isso. Se eles estiverem interessados nisso eles é que se desenrascam. Aqui a grande maioria, ou 99,9% vem para a Concentração. Dá-lhes gozo estar ali, é todo aquele ambiente que se cria (...). Se calhar alguns vão daqui para bares mais eróticos e irão para a zona de Albufeira, ou uma coisa assim. Agora aqui em Faro não há assim nada. | Acontece muito com pessoas de uma idade mais avançada. (...) Nestes quatro dias, a viverem aqui temos metade da população [de Faro], portanto há sempre uma pergunta dessas ou outra, sem dúvida alguma. Mas isso também acontece no dia-a-dia, sempre com as pessoas mais velhas, pessoas de 40, 40 e tal anos. Eu continuo a achar que isso é tudo uma questão de frustração das pessoas. Já me aconteceu perguntarem-me onde é que podem comprar um bocado de haxixe ou uma coisa dessas, mas nunca me aconteceu uma situação dessas de procurarem uma mulher. |
| 8 – Comportamentos na Concentração de acordo com o género | | Acho que as mulheres são mais mal comportadas do que os homens. (...) penso que isso também é frustração da pouca saída das pessoas. Quanto mais convivência nós temos menos ligamos às coisas. (...) vejo nas mulheres um comportamento mais agressivo do que nos próprios homens, sem dúvida alguma. |
| III - Importância da Concentração para o desenvolvimento do sector do turismo no Algarve | | |
| 9 - Importância da | Basta dizer que no ano passado tivemos aqui mais espanhóis do que | Eu acho que é muita. Muitas das pessoas que vêm a Faro, se calhar |

| | | |
|--|--|---|
| <p>Concentração para o desenvolvimento do sector do turismo no Algarve</p> | <p>portugueses. Andará à volta de 60,0% o número de estrangeiros que vêm neste momento à Concentração. E mesmo os portugueses, muitos do Norte, muita gente mesmo.</p> | <p>30,0% é a primeira vez que vêm a Faro. E vêm por um motivo, que é uma Concentração. Se aplicarmos esse número desses 30,0% que vêm pela primeira vez, se forem bem recebidos aqui irão voltar de certeza. O que é lamentável é que nós tenhamos tão pouco apoio, seja do Turismo, seja da Câmara. A Câmara para fazer um evento destes gastaria uns largos milhares, e não o conseguiria fazer tão bem quanto nós o fazemos. O Turismo para fazer uma promoção destas gastaria uns largos milhares, e não conseguiria fazer uma promoção tão boa quanto nós o fazemos. Porque nós temos uma preocupação em receber bem e as pessoas voltam.</p> <p>Nós primamos aqui por uma coisa, nós vamos ao pormenor de tudo. (...) E eu acho que isto faz a diferença para as pessoas que nos visitam.</p> <p>Se calhar não é o turista que poderia ter mais-valias (o turista de Inverno, o turista do golfe...), eh pá, não. Mas é o turista que pode trazer o pai dele que será esse, pode trazer o avô, pode trazer o amigo. Se eles gostarem vão recomendar (...).</p> <p>Mas existe uma falta de apoio total das entidades públicas.</p> <p>Estamos a falar de ter aqui diariamente cerca de 30 mil pessoas (...) que, por sua vez, irão grande parte deles para hotéis, restaurantes, praias e passearem pelo Algarve inteiro. Este evento é um evento do Algarve, não está já sujeito ao concelho de Faro.</p> <p>(...) nós este ano do Turismo vamos receber zero. O ano passado recebemos 10 mil euros, que é uma gota de água dentro do oceano. Estamos a falar de um investimento no ano passado de um milhão e seiscentos mil euros. E este ano poderemos pensar num investimento de quase dois milhões de euros. (...) Eu gostava que tivéssemos um pouco mais de apoio, tenho pena de não termos.</p> |
|--|--|---|